

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LARISSA IONE

THE MOONBOUND



CLAN VAMPIRES

Bound by Night



"FAST. FRESH. FABULOUSLY DARK.

VAMPIRE FANS WILL DEVOUR LARISSA IONE'S RIVETING
Bound by Night IN ONE RAVENOUS SITTING!"

—LARA ADRIAN, *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR



LARISSA IONE

THE MOONBOUND  CLAN VAMPIRES

Bound by
Night

Uma mulher em busca de sangue

Nicole Martin tinha apenas oito anos quando os escravos vampiros se rebelaram e mataram sua família. Agora, ela dedica sua vida a encontrar uma vacina contra o vampirismo, na esperança de acabar com suas memórias – juntamente com todos os sanguessugas no planeta. Mas há uma coisa que ela não pode destruir: sua atração incrível e inconstestável pelo único homem que ela mais deve odiar e temer...

Um vampiro em busca de vingança

Um membro do renegado Clã de vampiro MoonBound, Riker é assombrado por seus próprios demônios. Quando ele reconhece Nicole e se lembra de como a família dela escravizou seus entes queridos, seu coração arde por vingança. Mas quando ele sequestra Nicole e a prende em um de seus esconderijos secretos, seu inimigo mortal se torna a obsessão de sua alma, sua maior tentação, e, talvez, a sua única salvação – uma amante de sangue quente que poderia curá-lo com seu toque... ou enterrá-lo para sempre.



PROLOGO

Os vampiros estavam se comportando de forma estranha hoje. Não que alguém acreditasse em Nicole quando ela lhes disse isso. Não, todos os adultos simplesmente sorriam, afagava sua cabeça e dizia a ela para subir e brincar até que seu irmão mais velho chegasse para levá-la ao jardim zoológico.

Meio-irmão, ela disse a eles, e novamente, eles sorriram e a enxotaram de lá. Embora, ela nunca tenha lembrado a sua mãe sobre a coisa meio-irmão. Chuck tinha uma mãe diferente, e Nicole não entendia o que era um *caso*; falar sobre Chuck sempre trouxe esta palavra, e isso fazia sua mãe e seu pai brigarem.

Um dos vampiros domésticos, Anthony, sorriu ao passar por ela no hall de entrada com uma elegante bandeja de canapés, mas algo no sorriso dele fez seus braços formigar em arrepios. Como todos os servos, ele sempre manteve os olhos abaixados – *proteja seu olhar*, era como seu pai chamava isso – na presença de humanos, mas não desta vez. Desta vez ele olhou para ela como seu pai olhava para o peru de Ação de Graças.

Descalça e vestindo o vestido rosa de princesa que ela nunca deveria usar lá fora, ela disparou pela porta dos fundos reservada para os servos e correu o mais rápido que pode, cega contra a luz do sol de verão. Ela passou despercebida pelo bar e as mesas carregadas de comida, por entre a multidão de pessoas festejando ao redor da piscina, até que alcançou as coberturas destinadas ao galpão e equipamentos de jardinagem. Riso e tilintar dos copos a seguiram pela mata densa.

Ela correu como um pequeno animal, não se importando que os ramos roçassem sua pele e se prendesse em seu vestido.

Ofegante, ela se agachou no mesmo lugar onde apenas seis meses antes sua babá vampiro havia morrido, seu bebê com ela. Nicole estremeceu com a memória. Ela estava tão animada com o bebê de Terese. Terese era a melhor babá, sempre ensinando Nicole coisas novas, lendo para ela, pedindo a sua opinião sobre as coisas, como se Nicole fosse uma adulta. Terese seria uma ótima mãe para o bebê. Secretamente, Nicole às vezes desejava que Terese fosse *sua* mãe também.

Lágrimas picaram os olhos de Nicole quando ela estendeu a mão e envolveu seu colar em torno de seus dedos, trazendo o anel que Terese lhe dera aos lábios.

É um anel secreto, Terese havia dito quando apertou sua pequena mão. Você pode esconder as coisas dentro dele. Quero que fique com ele. E lembre-se do que eu disse. Seja uma boa menina e uma boa adulta. Você terá muito poder um dia. Use-o bem. Eu te amo, Nikki.

Terese foi morta meia hora depois... por seu próprio companheiro.

Riker.

O próprio nome colocava medo no coração de Nicole. Terese o amava, confiava nele. E ele dirigiu uma lâmina na garganta dela.

Nicole nunca esqueceria a voz quebrada de Terese enquanto ela insistia com ele. Ela definitivamente nunca esqueceu o rosto dele. Seus brilhantes olhos prateados. Seu cabelo cor de areia que Terese disse ser como seda macia. Suas presas, que eram mais longas do que o dedo de Nicole.

Tudo isso assombrou seus pesadelos.

— Nicole Michelle.

Nicole saltou com a voz irritada de seu pai. Ele estava a poucos metros de distância, na sombra manchada do enorme carvalho, os lábios apertados em uma linha proibitiva.

— Quantas vezes eu lhe disse para ficar longe do galpão? Não é saudável para você ficar aqui como um maldito cão de luto pela perda de seu mestre. Terese era apenas um vampiro. Temos um hamster e uma nova babá. É hora de superar isso.

— Mas não gosto da minha nova babá! Chelsea é mal-humorada, e ela não lê para mim na cama antes...

— Nós não a compramos para você para ser sua melhor amiga, — ele retrucou. — E olha o que você fez com seu vestido. Sua mãe vai mandar Chelsea bater em você.

Terese nunca teria espancado Nicole. Com as mãos trêmulas, Nicole automaticamente segurou o anel que Terese deu a ela como seu conforto, mas em um instante, seu pai arrancou a corrente e puxou, tirando o colar, e o anel caiu na grama.

— Chega desse anel! Você deveria jogá-lo fora. Está abaixo de você usar joias de um escravo. E francamente, é perturbador. — Ele atirou a corrente destruída no meio dos arbustos. —Vá para o seu quarto e...

Um grito estridente o interrompeu. Talvez fosse estranho, mas seu primeiro pensamento foi que o pai detestava ser interrompido. Quem fez isso estaria em *grande* problema.

Seu pai se virou quando outro grito se uniu ao primeiro. E depois outro. E outro, até que de repente, tudo o que Nicole podia ouvir era gritos por socorro e de terror.

— Fique aqui, Nicole. — Seu pai se virou para ela por apenas um segundo, mas, nesse momento, ela viu algo no rosto dele que nunca viu antes: o medo. — Esconda. Não importa o que aconteça, não saia.

Ela assentiu com a cabeça, mas ele já havia partido, correndo para a casa principal. Assustada e confusa, ela entalou entre o galpão de armazenamento e um arbusto, e ouviu os gritos e apelos, os gemidos, e sons horríveis de esmagamento pontuados por risadas maníacas. No chão, o anel que Terese lhe dera, estava caído em um emaranhado de grama pisada, e Nicole descobriu que se ela se concentrasse no brilhante rubi oval, ela poderia fingir que os barulhos ao seu redor não eram reais.

De repente, um enorme pé pisou sobre o anel. Tão pesado para se mover, Nicole só poderia ofegar quando as mãos enormes a arrancaram de seu esconderijo e a atiraram contra a parede do galpão. Ela caiu no chão, dor rasgando suas costas, quadris e a perna direita. Ela tentou se levantar, mas seu corpo não estava funcionando direito.

Tremendo, engasgando com um soluço, ela olhou para sua coxa e os ossos salientes em meio a sangue através da carne mutilada. O vestido de princesa estava na grama e manchado de sangue agora. Mesmo através de sua agonia inimaginável

e terror, sua mente pode formar apenas um pensamento com qualquer aparência de clareza: ela estaria em tantos apuros por arruinar suas roupas.

— Eu estive procurando por você, Nicole.

Através de uma névoa de angústia e lágrimas, ela olhou para o vampiro que pairava sobre ela. — B-Boris? — Ela gritou quando o chef de sua família a levantou e, mais uma vez a bateu contra o galpão, desta vez a prendendo lá. — Onde está meu pai? Eu quero a minha mãe. *Mamãe!*

— Chame por todos que você quiser, — Boris disse. — Ela não virá. — Ele tocou seu rosto com o dedo, e uma pontada de frio terror atirou direto em seu coração. — Eu te alimentei desde que era velha o suficiente para comer alimentos sólidos, você é uma pequena humana mimada. Agora é hora de você me alimentar. — Ele respirou fundo, como se estivesse cheirando-a. — Sempre ouvi dizer que as crianças têm gosto melhor do que os adultos. Mais doce. Mais puro. Agora eu vou descobrir por mim mesmo. — Ele sorriu. — Vai doer, desde que eu não tenho presas.

Nicole tentou lutar. Tentou chutar, bater, gritar. Mas Boris era forte, e ela era uma menina de oito anos petrificada, com uma perna quebrada. Seus dentes chatos afundaram em sua pele. O rangido e sons de esmagamento acompanhados de uma tempestade de agonia enquanto mastigava sua garganta. Calor líquido escorria pelo seu pescoço, e quando ela tentou gritar, apenas um ruído borbulhante saiu de sua boca.

Por que ele estava fazendo isso? Por que alguém que já havia feito seus biscoitos para o lanche depois da escola e bolos de morango para seus aniversários queria machucá-la tanto?

Você pode domesticar animais, mas você nunca pode confiar neles ou saber com certeza que eles não vão morder. Você não pode substituir o instinto, seu pai disse uma vez. Os vampiros são animais que devem sempre estar atrelados. Lembre-se Nicole.

Ela não havia acreditado nele. Mas, quando seu corpo ficou misericordiosamente dormente e a resistência enfraqueceu, ela se lembrou do que seu pai dissera quando ela argumentou que seus vampiros domésticos, como Boris e Terese, eram amáveis e leais.

Até mesmo macios e bonitos coelhos de estimação podem morder.

Escuridão se fechou, e no último segundo antes de perder a consciência, Nicole se perguntou se mordidas de coelho doíam tanto como mordidas de vampiro.



UM

— Vai se foder.

Hunter, o líder do clã MoonBound¹, recostou-se na cadeira e deu a Riker um olhar expectante. — Vá se foder...? — Ele fez um gesto de *continue* com os dedos. — Conclua a sentença.

Riker revirou os olhos. — Vá se foder... *senhor*.

Acenando com a cabeça escura em satisfação, Hunter descansou as botas em cima da mesa de carvalho, cheia de ranhuras, que servia como mesa de conferência. — Melhor. — Ele entrelaçou os dedos sobre seu abdômen, sua pele muito bronzeada fazendo sua camiseta branca parecer ainda mais brilhante. — Agora, como eu estava dizendo antes de me dizerem para fazer algo anatomicamente impossível, se podemos invadir a residência de Martin com o suficiente de nossos guerreiros, nós podemos fazer reféns. Os humanos seriam forçados a devolver Neriya para nós.

Outro guerreiro sentado à mesa, Baddon, virou uma caneta em direção ao teto. — Por que não vamos ver se Shadowspawn² pode desembolsar algum músculo para ajudar? — Sem olhar, ele pegou a caneta no ar. — É a fêmea dele que estamos tentando resgatar.

1 Compelido pela lua

2 Descendente das sombras

— Eu já tentei, — Hunter disse severamente. — Eles insistem que porque Neriya foi levada pelos seres humanos quando estava sob nosso cuidado, nós somos responsáveis por trazê-la, ou eles vão declarar guerra na véspera da lua nova.

Katina, guerreira nível sênior do clã, assobiou. — Isso vai contra todos os costumes vampíricos e protocolo que existe. Ninguém declara guerra tão perto da febre da lua. — Ela apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou como se estivesse pronta para se lançar em qualquer um que ousasse discutir com ela. Ela certamente fizera isso antes. Essa mesa viu uma série de brigas ao longo dos anos. Alguns entalhes ainda pertenciam a Riker. — Você sabe que eles não fariam isso na véspera da lua *cheia*, quando os *machos* precisam se alimentar.

— Nenhum clã arriscaria isso, — Baddon disse. — Mas as fêmeas significam pouco para Shadowspawn, exceto como reprodutoras. Eles não dão a mínima se as fêmeas perderem uma alimentação na lua nova.

— Foda-se, — Katina cuspiu. — Deixe-os vir. Nossos guerreiros estão bem treinados e poderosos. Vamos dar-lhes a luta de suas vidas.

Por mais que Riker quisesse concordar com ela, as probabilidades eram a favor do clã inimigo. Eles não só eram mais numerosos que o clã MoonBound em 3 por 1, mas Shadowspawn não tinha código de ética e não fazia distinção entre machos, fêmeas e crianças quando matava em combate ou de outra forma. Tão cruel e frio como Riker poderia ser, até mesmo ele tinha limites, e assassinar mulheres não-combatentes e crianças era uma linha fixa na areia.

— A lenda Wendigo é baseada em Shadowspawn, — Hunter lembrou. — Eles são assassinos, canibais que destruíram clãs acima e abaixo da Costa Oeste. Neriya foi raptada enquanto era uma hóspede em nossa casa. Não cometa erros, se não a devolver a Shadowspawn, vamos sentir a ira dele. Eles estão desesperados para recuperá-la.

Compreensível. As taxas de mortalidade de vampiros durante o parto eram perigosamente altas e a rara capacidade de Neriya para realizar partos com segurança a fazia preciosa no meio do seu povo. Seu dom era a razão pela qual ela estava com MoonBound em primeiro lugar. Shadowspawn havia permitido que os MoonBound a pegassem emprestado para um parto em troca de armas e uma caixa de sangue humano pré-embalada que Baddon roubara de um caminhão de entrega.

— Não tenho medo deles. — Katina se moveu; sua jaqueta de couro rangendo contra o encosto da cadeira. — Riker nos preparou para isso. Podemos ganhar, ainda que tenhamos que espalhar pela floresta e lutar como guerrilheiros até o fim dos tempos.

— Talvez. — O olhar de Hunter foi para a parede oposta da sala de conferências, onde uma pintura mostrando uma batalha sangrenta entre dois clãs de vampiros estava pendurada ao lado de outro vampiro e obras de arte dos nativos americanos. — Mas as nossas mulheres e crianças serão mortos. O que nós ganhamos?

Riker havia perdido uma mulher e uma criança, então ele sabia a resposta para isso.

E ele desejava profundamente não a ter.

Hunter fez sinal para que uma das donzelas do clã trouxesse uma bandeja cheia com um cantil de couro, copos, e um cachimbo cerimonial. Hunter esperou até que ela saísse da sala antes de dizer: — Agora, vamos fazer a coisa da paz.

Paz? Riker não estava nem perto de estar pronto para brindar a uma *boa caça*, e fumar para *abundância de sangue*. O clã estava em perigo por um clã de vampiros rivais, cujos membros eram animais selvagens, e até que a ameaça acabasse, Riker não ia recuar ou se fazer de legal. Nem mesmo com o macho que havia liderado o clã MoonBound por quase 200 anos.

— Você não ouviu uma palavra do que eu disse? — Riker arremessou uma adaga do cinto de armas e afundou a lâmina em cima da mesa, onde ela vibrava tão violentamente quanto o temperamento pulsando em suas veias. — Não dou a mínima se você é o Supremo Rei Alpha comandante do universo conhecido. Você vai me ouvir.

Uma sobancelha de ébano subiu na testa de Hunter, e os outros três guerreiros pararam de se mover e respirar. Todos, exceto Baddon, de qualquer maneira. Ele traçou uma das tatuagens de crânio em seu antebraço e soltou um assobio suave, *santa merda*.

— Alguém parece estressado hoje. — Hunter cruzou os braços sobre o peito largo e estudou Riker com olhos enganosamente calmos, semicerrados, que eram tão negros quanto seu cabelo. — Por que eu não o ouço? E então, me diga por que eu não deveria demiti-lo como meu segundo antes de jogá-lo no poço por um mês.

Reunindo sua formação de atirador de elite militar, Riker respirou de forma lenta e calculada, a fim de roubar alguns preciosos segundos para organizar o seu próximo tiro. Ele passou por cima da linha ao desrespeitar Hunter na frente dos seus guerreiros, e Riker levaria sua punição como um bom vampiro, posteriormente. Agora, ele precisava colocar algum sentido em seu líder de clã cabeça dura.

— Você é um grande líder, Hunter, — Riker disse calmamente. — Mas a batalha urbana e operações secretas são a minha especialidade, e estou lhe dizendo que, neste caso, um furtivo ataque cirúrgico será mais eficaz do que números e força bruta. Se o meu plano de emergência com Neriya não funcionar, você pode reunir o clã para um ataque maior, mas você precisa me deixar fazer isso do meu jeito. Você confiou em mim no comando de nossos guerreiros por mais de trinta anos, então confie em mim o suficiente para lidar com isso agora. Posso tirá-la dos seres humanos que a capturaram. Vamos devolvê-la a Shadowspawn antes que eles tenham a chance de vir atrás de nós. — Riker tirou a adaga da madeira e a embainhou. — E você não quer me demitir, porque ficará emperrado lidando com Myne sozinho. E é também por isso que você não deve me jogar no poço.

Hunter pareceu considerar o que ele disse. Embora Riker estivesse apenas meio que brincando sobre por que Hunter não deveria demiti-lo ou chutá-lo para o poço usado para punições não-letais, havia alguma verdade no que ele dissera. Myne e Hunter, os dois únicos vampiros do sexo masculino puro-sangue do clã, além de Baddon, se davam tão bem quanto dois gatos machos em um saco, e nenhum dos dois admitiria que precisavam um do outro.

— Onde está o bastardo, afinal? — Hunter perguntou, e Riker deu de ombros. Myne não era alguém que compartilhava seus planos.

— Patrulhando, provavelmente. Não é meu dia de observá-lo.

Jaggar, um homem que trabalhou com a CIA antes de ser transformado em um vampiro há cinquenta anos, limpou a garganta. — Riker está certo sobre ser furtivo. Eu me sentiria melhor se tivéssemos uma equipe inteira indo resgatar Neriya, mas até que tenhamos mais informação sobre a situação dela, pode ser sábio deixar Riker ir da maneira que ele quer.

— Especialmente com o aumento de caçadores e caçadores ilegais à espreita na floresta recentemente. — Katina rosnou, suas presas peroladas piscando em forte contraste com sua pele morena. — Um grande grupo de vampiros indo em

direção ao distrito bilionário de Seattle é muito mais provável atrair a atenção deles do que um ou dois.

Exceto pelo o som do relógio cuco na parede atrás de Katina, houve silêncio enquanto Hunter olhava cada um deles nos olhos. Finalmente, como um grande felino subindo de seu lugar de descanso na selva, ele baixou os pés no chão de madeira e desfraldou os seus impressionantes dois metros e quatro de altura. Aqueles que nasceram vampiros em vez de serem transformados eram geralmente mais altos do que a maioria dos seres humanos e vampiros transformados. Eles também mantinham a cor natural dos olhos, ao contrário de vampiros transformados, cujos olhos sempre se tornavam sombra prateada quando suas presas cresciam.

— Darei a Riker uma chance de provar a sua tese. — Ele sacudiu a cabeça em direção à porta. — Fora. Todos, menos Riker. Informe aos outros altos funcionários. Nós deixaremos o resto dos guerreiros saberem o que acontece quando precisarmos.

— E os membros gerais do clã? — Baddon perguntou. — Todo mundo está no limite.

— Vou falar no jantar. Assegurar a todos que não há nada com que se preocupar no momento. — Hunter acenou para a porta novamente. — Vá.

Jaggar, Baddon e Katina saíram, cada um atirou a Riker um olhar simpático quando saíram. Uma vez que a porta se fechou, Riker se levantou e afastou-se da mesa, esperando a bronca.

Ela veio na forma de um gancho de direita no rosto.

Riker bateu na parede com força suficiente para fazer as molduras chocalharem.

— Não me desrespeite na frente dos outros novamente. — Hunter olhou para os nós dos dedos. — Entendido? Você tem uma cara dura para corresponder à sua cabeça dura. — Ninguém passava de irritado para lúdico em uma fração de segundo como Hunter.

Riker degustou sangue, testou sua mandíbula. Nada quebrado ou solto, mas ele sentiria isso por um tempo. — Você não aprendeu isso nas primeiras dez vezes que você me socou?

A verdade era que Hunter se conteve. Riker nunca sentiu todo o peso da ira de seu líder, mas ele já viu. Se Hunter quisesse, ele poderia ter quebrado todos os ossos do crânio de Riker com um único golpe.

Hunter deu de ombros preguiçosamente. — Sou um aprendiz lento.

Isso era um monte de porcaria. O antigo vampiro vinha com um descontraído, não-dou-uma-merda-para-isso, que gostava de vídeo game, *Sports Illustrated*, mas ele era muito mais inteligente do que qualquer um que não o conhecia lhe dava crédito. Sua mente calculadora era uma lâmina afiada, seus sorrisos frequentes, e sua natureza afável e calma, exteriormente, pelo menos. Ele nunca governou com punho de ferro, e não precisa. O respeito por sua liderança mantinha o clã funcionando sem problemas.

— Você não se arrependerá, — Riker assegurou. — Eu posso fazer isso.

Dúvida praticamente ondulava dos poros de Hunter quando ele levantou o cachimbo cerimonial da bandeja. — Se fosse qualquer outra missão, eu não estaria preocupado. Você sabe disso.

— Eu sei, — Riker admitiu. — Mas você sabe que estou certo sobre isso. Estou familiarizado com a casa Martin. Memorizei o terreno. Estudei cada detalhe da segurança deles, tanto dentro como fora da casa.

— Estudou?

— Ok, persegui. Mas meu ponto é...

— Eu sei qual é seu ponto. E sei o quanto o seu ódio pelos Martins tem comido você. O ódio deixa você desleixado. Deixa você se concentrar tão completamente em vingança que te torna cego para os perigos ao seu redor. Te faz...

— Faz-me determinado a ter sucesso.

Hunter se colocou de costas para a parede e apoiou um pé atrás dele, sua pose ocasional, sua expressão tão séria quanto Riker já viu. — Sua companheira era uma escrava na casa dos Martin. Como pode ter certeza que você pode fazer o que precisa ser feito sem que a história venha colorir suas ações? Um urso puto correrá diretamente para o caçador com uma arma.

— Porque esta é a minha casa. — Riker encarou o olhar de seu líder. — Essa é minha família. E se eu estragar, eu perco tudo. — Ele olhou para a representação da batalha de MoonBound com o extinto clã CloudStrike. — Todos nós perderemos tudo.



DOIS

Dois dias após persuadir Hunter a deixá-lo seguir o seu caminho, Riker estava em um cume, nos arredores de Seattle, um cemitério a suas costas e, apropriadamente, um homem morto a seus pés.

Morto, mas não sangrando.

Riker o drenara até a última gota de sangue, um vinho fino, com cerca de vinte e cinco anos nas veias de um caçador de vampiros. Uma onda de alegria inundou o corpo de Riker, porque nada bate tão alto do que derrubar um caçador ou um caçador furtivo. Ambos eram escória, apenas diferentes subespécies de escória.

Escória saborosa.

Ele tocou a ponta da língua em uma presa enquanto olhava para as luzes da cidade que impulsionaram a escravidão vampírica de um fenômeno local em uma paixão mundial. A vida noturna de Seattle, que havia explodido junto com a população nos últimos vinte anos, costumava atraí-lo; havia tanto passatempo em uma metrópole próspera. Mas ele não vivia para se divertir. Não se lembrava da última vez que se divertiu. Não, a vida agora era sobre vingança, assim como Hunter dissera. Como um vampiro, ele comia alimento diariamente, bebia sangue quando necessitava, e, às vezes, como hoje à noite, quando não precisava.

— Ei, cara, você está pronto para voltar ao clã?

— Ainda não. — Riker olhou para o vampiro ao lado dele. — Está na hora.

A juba espessa de Myne de cabelo escuro como breu chicoteou nas têmporas quando ele balançou a cabeça. — Você sabe que sou todo sobre cortar os seres humanos com uma machadinha através da neve, mas...

— Mas você acha que eu sou estúpido.

O encolher lento de ombro de Myne era um grito, *inferno sim*.

— Os seres humanos o torturaram por anos. Debilitaram você. Porra, iam castrá-lo. — Riker olhou com admiração para um dos poucos vampiros que escapou da escravidão humana. Há oitenta anos, desde que os humanos tiveram conhecimento da existência de vampiros, sessenta desde que os escravizaram, e nesse tempo, apenas alguns vampiros tiveram a sorte de encontrar a liberdade antes do grande levante de vinte anos atrás, o que tornou o controle ainda mais rigoroso. Myne foi um dos poucos a escapar da corda da escravidão. — Você abateu mais humanos em vinte e quatro horas do que eu na minha vida. Você mata as pessoas a cada oportunidade que tem. Então me diga, como eu sou estúpido?

— Cara, eu não tenho dedos suficientes para contar todas as maneiras.

— Idiota, — Riker murmurou.

Myne considerou o reluzente horizonte ao longe, estrias borradas dos faróis e lanternas traseiras nas ruas. — Você é estúpido porque pretende fazer isso sozinho. Não posso acreditar que Hunter concordou com seu plano louco. — Seus olhos mochas deslocaram-se para Riker. — E quão fodido é que eu realmente concordo com Hunter pela primeira vez? Nós dois achamos que você está sendo um idiota. Você precisa repensar isso.

— Eu não vou arruinar a missão. Há menos risco de o clã ser descoberto se fazer do meu jeito.

Se Riker agisse sozinho, as autoridades perderiam tempo vasculhando as entranhas da cidade por ele entre os muitos vampiros solitários que viviam ali como baratas. Mas quanto mais membros do clã ele alistasse, maior a chance das autoridades perceberem que eles tinham um grupo organizado em suas mãos. E logo depois, a floresta, geralmente deixada isolada pelo governo, seria rastreada não apenas pelos caçadores habituais, mas também pelo pessoal da Força de Ataque ao Vampiro³ – agentes da lei especializados, cuja missão era matar ou capturar todos os vampiros não escravos no planeta.

3 VAST - Vampire Strike Force

Uma vez que a VAST entrasse em cena, não demoraria muito para que alguém de MoonBound fosse capturado e torturado para revelar a localização do clã. Embora as entradas fossem escondidas por tantas camuflagens físicas e encantos colocados pela mística-protetora do clã, Riker sabia que não havia tal coisa como completamente seguro. Sempre havia uma maneira de quebrar uma parede, penetrar uma fortaleza inimiga, e localizar o escondido. Apenas uma pista descuidada deixada para trás por um membro do clã poderia levar a VAST para a segunda maior população de vampiros livres no Noroeste do Pacífico.

Ao longe, um coioote uivou, e Myne ouviu, quase como se entendesse a criatura. Ele provavelmente entendia. Myne cresceu com sua tribo Nez Perce até que ele era um adolescente, e depois disso, ele viveu com os animais por mais tempo do que viveu com as pessoas.

— O que acontece se você falhar? — Ele perguntou.

— Então o clã vai com o Plano B. A proposta de Hunter. — Que envolvia muito mais pessoas, coordenação e risco.

— Merda. — Myne chutou uma pedra do cume e a observou cair ao longo do banco rochoso. — Deixe-me ajudar a sua bunda gorda. Comigo, o seu esquema insano tem uma aposta de sucesso.

Riker sorriu. — Eu sabia que você não poderia resistir a um desafio.

— Então, você estava contando com a minha oferta para ajudar?

— Sim.

— Você poderia ter apenas, você sabe, pedido.

— Pedido? — Riker bufou. — E jogar fora o meu cartão de macho?

Riker ignorou a série de maldições de Myne quando foi em direção ao aterro, movendo-se para a mansão que ele estava vigiando pela última semana. Myne o seguiu, seus passos tão leves quanto um gato, apesar de seu enorme tamanho. Dois metros de um vampiro crescido, Myne era um dos machos mais altos do clã, tirando Hunter. Não que Riker fosse baixo, mas Myne parecia desfrutar exibindo seu extra de oito centímetros e nove quilos.

Riker apenas sorriu e reivindicou seu cérebro extra e um extra de oito centímetros em outra parte de sua anatomia.

— Então, qual é o meu trabalho? — Myne baixou a mão para o punhal na cintura e deslizou seu polegar ao longo do cabo. — É melhor envolver luta.

— Envolve.

— E alimentação?

— Se você quiser. — Riker agachou atrás de uma árvore de abeto para evitar a varredura de um holofote de segurança apoiado em cima da parede norte da mansão.

— E, porra?

Riker disparou a Myne um, *you are kidding me?* Olhando por cima do ombro. — Mesmo que haja tempo para isso, eu não acho que você transa com seres humanos.

— Vou mergulhar em qualquer lago em uma seca, cara.

Myne estava cheio de merda. Ele pode estar preso em uma seca de sexo perpétua, mas Riker sabia muito bem que o cara fodia apenas vampiras. Ele teve sua cota de sexo com humanas há muito tempo, e Riker só sabia disso porque o cara ficou tão embriagado, que afrouxou a língua. Na manhã seguinte, Myne ficou praticamente suicida – homicida – por ter revelado, e Riker provavelmente salvara a vida dos dois mentindo para ele, dizendo que tudo o que Myne imaginou ter dito foi completamente em sua embriaguez.

Graças a Deus. Riker não tinha certeza se ganharia em uma competição corpo a corpo, mas sabia que ganharia uma presa frouxa.

O punhal de titânio de Myne poderia arrancar os membros de corpos, e cabeças de pescoços com a facilidade de uma motosserra.

— Então. — Os dedos de Myne acariciaram o punho do punhal como um amante. O cara esculpiu a si mesmo no osso da coxa de um caçador décadas atrás. A coisa era tão delicada ao seu toque que praticamente brilhava à luz do luar. — O que faremos primeiro?

Sem esforço, Riker saltou para o topo da cerca de pedra de três metros e meio que cercava a mansão e jardins circundantes. — Vê o canto noroeste da cerca? Onde a pedra foi construída em cima da árvore? — Riker olhou para os ramos. — Aquilo é uma estação de atirador de elite. Construída após a minha companheira morrer. Precisamos tirar o atirador de lá, ou ele nos queimará antes de chegarmos do outro lado do gramado.

— Legal. — Myne sempre preferiu estar camuflado e matar ao longo de uma batalha completamente escondido. Disse que era um misto de habilidade e paciência, e uma forma mais honrosa para caçar um inimigo. Riker pensou que

morto era morto, mas que seja. — Você realmente acha que esse cara, Charles, vai apenas entregar um vampiro em cativeiro porque nós pedimos?

— Charles? Não. É por isso que não estamos nos incomodando com esse idiota. — Ele examinou a propriedade, dando um último inventário das câmeras, os cães e os detalhes de segurança, todos os quais ele esteve familiarizado com por duas décadas. — Estou atrás de uma muito mais... sensível... presa.

Myne aterrissou de cócoras ao lado dele, sussurrando suave. — Quem?

À frente, através de uma das janelas gigantes da mansão, uma figura se moveu. Uma fêmea de cabelo ruivo. Alta. Curvilínea.

Inimigo.

— Dra. Nicole Martin.

Riker sentiu os olhos de Myne semicerrar para ele. — Ela está viva?

— Aparentemente. — Um tremor de ódio deslizou pela espinha de Riker. Até a semana passada, quando viu um artigo de jornal glorificando o retorno da herdeira Martin, ele acreditava que apenas um membro da miserável família, Charles, estava vivo. — Depois que o resto dos Martins foram abatidos na rebelião, ela foi enviada a Paris para viver com parentes de sua mãe até que tivesse idade suficiente para trabalhar na divisão francesa de Daedalus como fisiologista vampiro.

A simples menção da infame Rebelião de Escravos em Seattle deixou a voz degenerada de Myne rouca. — E ela está aqui agora?

Riker assentiu para a mulher na janela. — Bem ali, e toda crescida. E se você terminar de punhetar seu punhal, nós vamos ter uma conversa com ela.

— Você acha que ela vai cooperar?

De jeito nenhum. Ela era uma Martin, afinal, atual CEO da empresa que revolucionara a escravidão vampírica e usava vampiros como roedores de laboratório para avançar a medicina humana. Daedalus era para os vampiros como um matadouro era para o gado, e Riker duvidava que a empresa tivesse desenvolvido qualquer tipo de normas *humanitárias*.

— Por ela, — Riker disse lentamente, — Eu espero que sim.



TRES

Nicole Martin nunca deveria ter deixado Paris. Ela odiava o tempo em Seattle. Odiava a mansão da família.

Odiava os vampiros.

Ela nunca teria acreditado que a situação vampírica poderia ser tão diferente aqui.

Ela jogou um recipiente de comida chinesa no lixo com força suficiente para fazer com que pedaços de arroz voassem e virou para o monitor sobre o balcão preto-e-dourado da cozinha em granito ofensivamente elegante. Seu meio-irmão de cabelos claros, Charles, olhou para ela de sua mesa na sede da Daedalus Corporation.

— Você está bem? — Ele fez um gesto na direção de sua lata de lixo. — Você submeteu aquela pobre comida a um sério abuso.

— Não, eu não estou bem. Sinto falta de Paris. — Há. Ela disse isso. Fingir estar feliz ao voltar para a casa de sua infância era oficialmente uma grande mentira. — Sinto falta do meu laboratório de pesquisa. Sinto falta dos meus amigos.

Claro, a maioria de seus amigos era do tipo casual, da Europa rica e poderosa que só queria o que ela e Daedalus poderia fazer por eles, mas ela realmente

gostava de alguns dos seus colegas. Além disso, rodear-se com as pessoas todos os momentos a mantinha ocupada e manteve as memórias de sua infância na baía.

— Você fará novos amigos, — Chuck assegurou.

— Sêrio? — Ela bufou. — Acho que é mais provável que depois de amanhã, eu seja um pária que ninguém vai querer olhar, muito menos convidar para festas.

— Não se preocupe com a reunião. — Como Nicole, ele herdara os olhos verdes de seu pai, e eles suavizaram ao encontrar seu olhar. — Os parceiros chegarão à verdade sobre o que aconteceu na instalação de Minot.

A dor em seu lábio inferior era um lembrete de que ela estava mordendo-o. Mau hábito, e que tentava quebrar a anos. *Uma dama não se inquieta*, sua mãe costumava dizer. Mais tarde, em privado, a babá de Nicole, Terese, diria que ela era uma criança, e as crianças poderiam ficar inquietas o quanto quisessem. O segredo, ela disse, era a inquietação produtiva.

Nicole estendeu a mão acima de seus frascos de medicação até a pilha cada vez menor de papel em cima do balcão, uma das muitas que ela mantinha ao redor da casa.

— Eles não querem chegar à verdade, Chuck. Eles querem um bode expiatório. — Ela dobrou um canto de uma folha de papel e alisou uma prega nele. — Três dúzias de vampiros do laboratório Minot estão mortos. Em última análise, eu sou responsável por tudo o que minha empresa faz, e eu serei enviada para a Sibéria por isso.

Se tivesse *sorte*, ela seria enviada para o escritório da Sibéria. A outra alternativa, o processo criminal também era uma possibilidade, graças a grupos como a Sociedade Humanitária de Vampiros e Entidade Humanitária de Avanço Vampírico, que teve, nos últimos cinco anos, forjado grandes avanços em relação ao tratamento ético e eliminação de vampiros domésticos.

— Não pense assim. Você tem uma defesa elaborada. — Chuck escreveu alguma coisa no bloco de notas na frente dele. — Quando você apresentar as suas provas, o conselho terá que dar-lhe o benefício da dúvida.

Uh-huh. Certo. O conselho esteve procurando uma maneira de tirá-la da empresa por anos. Sua mãe e seu pai eram os músculos e os cérebros por trás do negócio que construíram do zero, mas Nicole apenas herdou sua posição.

Mesmo Chuck, cuja ilegitimidade não permitiu a ele um lugar garantido no império de seu pai, trabalhara o seu caminho a partir da sala de correspondência

a presidência e então, finalmente, há sete anos, a CEO. A posição era temporária, até que Nicole estivesse pronta para assumir, mas ela estava feliz em deixá-lo dirigir a empresa, então ele permaneceu, e ela se estabeleceu em pesquisa médica.

Até dois meses atrás, quando ela completou vinte e oito anos e as cláusulas legais de vontades de seus pais a reclamou, exigindo que ela governasse o reino ou perdesse tudo. Ela não quis arrastar os nomes de seus pais na lama, por não cumprir as cláusulas, e então, relutantemente, voltou à Seattle para assumir.

Compreensivelmente, havia agora um monte de pessoas invejosas e amargas sentadas no conselho de administração. Pelo menos Chuck havia entendido, e ele voltou elegantemente para a posição anterior a presidência.

Nicole fez uma rápida série de dobras na folha de papel, e a forma de um pássaro começou a tomar forma. — Eu deveria ter pedido mais ajuda quando assumi o cargo de CEO. Daedalus é muito grande, e as minhas sugestões foram para vender tudo, mas as divisões médicas e científicas não têm sido exatamente populares.

Chuck deu um olhar de *não dou uma merda*. — Isso é porque você está pedindo para nós mantermos os ramos menos rentáveis da empresa e nos livrarmos do que nosso pai fundou. — Sua cadeira de couro rangeu quando ele se moveu. — A aquisição, formação e venda de servos vampiros são a pedra angular de Daedalus. Nós fazemos bilhões fornecendo ao público vampiros e todos os acessórios que vão com eles.

Levou esforço para não revirar os olhos. — Oh, por favor. Nós fazemos quase tanto com nossas descobertas científicas. Ou você já não reparou que as pessoas estão praticamente vendendo suas almas para se manter jovem por mais cinquenta anos, ou para se curar de ferimentos graves mais rápido ou ser curado de câncer? Temos de nos concentrar mais plenamente em avanços médicos. Deixar alguém lidar com as tarefas que não refletem positivamente sobre nós.

— Como?

— Como drenar os seres humanos recém-falecidos para empacotar e distribuir seu sangue as lojas de suprimentos vampíricos. Como condicionar e processar vampiros recém-capturados antes de serem enviados para um centro de treinamento. — Nicole poderia odiar vampiros, mas a esterilização, desarmar e torturá-los até que eles quebrassem não caía bem para ela.

— Olha, Nicole, — Chuck disse com um profundo suspiro, longo e sofrido. — Eu entendo porque você quer concentrar os esforços da empresa no lado da pesquisa. Sei quão difícil é para você viver com sua condição médica.

Ela apertou os dentes ante seu idiota tom suave. Suas ideias para a empresa não eram sobre seus problemas médicos. Suas ideias eram de ajudar as pessoas enquanto fugia do comércio de vampiro. — Mas?

Chuck apoiou os antebraços sobre a mesa e se inclinou para a tela, sua expressão era uma máscara de preocupação. — Mas alguns membros da equipe Daedalus acha que é por isso que você ordenou as mortes desses vampiros. Para sabotar a empresa.

— O quê? — O queixo dela caiu. — Você está brincando comigo?

— Vamos, mana. Como se fosse tão ridículo? Você odeia vampiros.

— E isso é motivo suficiente para sabotar a empresa? Você realmente acredita que eu faria isso?

— Claro que não. — Ele enfiou os dedos por seu corte de cabelo de duzentos dólares, deixando sulcos bagunçado. — Estou apenas dizendo o que as pessoas estão dizendo.

O intercomunicador soou e a voz do guarda do portão zumbiu. — Sr. Altrough está aqui para vê-la.

Droga. — Deixe-o entrar. — Ela precisaria de mais papel.

Chuck bateu seu Montblanc no bloco de notas. Ele nunca foi capaz de ficar parado. Não que ela tivesse qualquer espaço para julgar. Ela tinha uma casa e um escritório cheio de arte de origami que falava muito sobre sua incapacidade de relaxar.

— Você finalmente vai dar a Roland uma chance? — Ele perguntou.

Ainda irritada com a revelação casual de Chuck de que as pessoas dentro da empresa acreditavam que ela fosse capaz de um ato tão desprezível, ela retrucou, — Não nessa vida. Mas ele não aceitará um não como resposta.

Nicole duvidava que Roland Altrough, vice-presidente executivo encarregado da divisão de Abastecimento de Sangue da Daedalus, uma das divisões que ela queria acabar, algum dia desistiria de sua perseguição. Pelo menos, não enquanto ela estivesse no comando de Daedalus. Talvez realmente houvesse um lado bom de ser expulsa da empresa.

— Então, por que você vai vê-lo hoje à noite?

— Porque, além de você, ele é a única pessoa do meu lado nessa confusão.

Uma sobranceira clara se levantou. — Então, você acha que se dormir com Roland, ele ficará do seu lado?

— Não estou dormindo com ele. Ele é um porco. — Um porco bonito, mas uma criatura repugnante e misógina, no entanto.

Chuck sorriu. — Menina inteligente. — Atrás dele, uma sombra se aproximava, e o coração de Nicole deu uma guinada. Era apenas Jonathan, servo de longa data de Chuck, mas ela sempre tinha a mesma reação. Vinte anos se passaram desde o ataque, mas ela ainda fica nervosa com a visão de um vampiro.

Quando Jonathan colocou um copo de uísque sobre a mesa, Nicole prendeu a respiração. Chuck deslocou ao mesmo tempo que o vampiro puxou sua mão, e o vidro virou, derramando um líquido âmbar sobre os papéis.

Com um grunhido, Chuck se levantou de sua cadeira e socou o vampiro, o suficiente para fazer Jonathan cambaleiar de forma ineficaz para parede.

— Você é uma merda desajeitada! — Quando Jonathan se esforçava para limpar a bagunça, Chuck o golpeou novamente, e Nicole se sentou atordoada. Chuck sempre teve um temperamento, mas ela nunca o viu atacar alguém assim. Então, novamente, eles viveram em lados opostos dos oceanos por duas décadas, por isso, as coisas poderiam ter mudado... Mas, uma coisa? Ele sempre foi gentil com os funcionários de sua família, especialmente Terese, a quem ele, por vezes, havia trazido sangue extra como um deleite. — Dê o fora. Você pode esquecer sua ração esta semana.

Os olhos prateados do vampiro brilharam, mas se era com decepção ou raiva, ela não poderia dizer. Após Jonathan sair da sala, Nicole encontrou sua voz.

— Isso foi um pouco duro, você não acha?

Chuck olhou para ela como se tivesse crescido outra cabeça nela. — Ele é apenas um vampiro.

— Foi apenas uma bebida derramada, — ela retrucou; ainda chocada com esse lado de seu irmão. Como esse poderia ser a mesma pessoa que contrabandeava chocolates para Terese em seu aniversário? — Não se preocupa que você possa empurrá-lo longe demais?

— Isso é ridículo. O que aconteceu com você – a *todos* nós – não pode acontecer novamente. Temos melhores proteções no lugar agora. — Chuck a encarou com um olhar gotejando com simpatia melosa, o tipo reservado para as pessoas com

uma fobia e que todos os outros achavam estúpido. — Foi há muito tempo. Você precisa superar isso.

Superar isso. Ele não foi o único que mal sobreviveu a um ataque brutal que matou quase todo mundo que ela amava e a deixou com uma condição médica rara que acabaria por matá-la. Neste momento, os remédios desenvolvidos por cientistas da Daedalus ajudavam a controlar a doença que assola seus órgãos, mas, em algum momento, se tornaria resistentes aos medicamentos. Então, ela tem muito sofrimento pela frente, até que finalmente morresse em agonia.

Então, sim, *superar isso* não era uma opção.

— Os ataques a seres humanos pelos seus servos ainda acontecem, — ela apontou, ainda que, concedida, a rebelião não era tão comum. Implantes de microchips que podem ser ativados por dispositivos remotos especiais de pulso mantinham os vampiros com medo por sua saúde e eram muito mais eficazes do que os colares de estilo antigo que só evitava que os vampiros cruzassem as barreiras.

Mas, se a Sociedade Humanitária de Vampiros dissesse algo sobre isso, os novos dispositivos logo seriam banidos. Nicole estremeceu, mais uma vez desejando ainda estar em Paris, onde grupos como o SHV⁴ não eram tolerados e os escravos vampiros eram uma extravagância reservada apenas para os mais ricos dos ricos.

— Não se preocupe, Nikki. Meus servos não ousariam colocar a mão em mim ou na minha família.

O pai de Nicole, provavelmente, acreditava na mesma coisa, até que um vampiro o decapitou, e deixou a cabeça montada em um poste do pilar apenas alguns metros de onde ela estava agora.

Você acredita que Terese nunca a prejudicaria.

Nicole ainda acreditava nisso. A vampira foi como uma irmã mais velha para ela, passando tempo com ela quando sua mãe não podia, ensinando as coisas que seus tutores não ensinavam. A delicadeza de Terese e o anel que Nicole agora usava na mão direita eram o que Nicole se agarrava quando precisava ser lembrada de que nem todos os vampiros eram monstros.

Mas então se lembrou de que Terese havia morrido nas mãos de outro vampiro. Um vampiro que confiara com todo o seu coração. Nicole não o viu muito

⁴ Sociedade Humanitária de Vampiro

naquele dia, mas o que ela viu, a lâmina na garganta de Terese, ali mantida por seu companheiro enquanto Terese implorava e chorava, estava gravado no cérebro de Nicole. Terese era como um passarinho frágil, certamente não párea para o macho muito maior, cujo rosnado fez Nicole ter tanto medo que ela se molhou.

A cena se repetia mais e mais nos pesadelos de Nicole. Às vezes, nesses sonhos, Nicole tentava dominar Riker e salvar Terese. Às vezes, Nicole conseguia gritar, algo que ela não fizera na vida real. Mas o resultado final era sempre o mesmo. Terese morta, e, geralmente, Riker matava Nicole também.

Com os dentes.

Engolindo os pesadelos sangrentos e as demais memórias vívidas da vida real, Nicole pairou seu dedo sobre o botão final do monitor. — Eu tenho que ir, Chuck. Roland me ajudará a avaliar a minha apresentação para o conselho.

Chuck assentiu. — Não fique até tarde demais. Descanse um pouco. E pelo amor de Deus, chegue na hora amanhã. Você precisa de cada minuto que puder conseguir, pois o conselho começa na hora em ponto, você estando lá ou não.

Como se ela precisasse do lembrete de que a trajetória de toda a sua carreira seria determinada uma hora depois do almoço, quando todos do conselho estavam cheios de alimentos e bebidas. *Jesus*. Ela estava enfrentando uma catástrofe absoluta. Este não era o trabalho que ela teria escolhido para ela, especialmente após dedicar sua vida para se tornar um especialista em fisiologia vampírica. Mas o dever da herança foi empurrado em cima dela, e ela sempre se orgulhava de ser a melhor em tudo que faz. Mesmo se não fosse o que queria fazer.

Falhar com a empresa de seus pais, especialmente após a tragédia que os matara, seria devastador.

— Boa noite, Chuck. — Nicole desligou a unidade de comunicação e se encaminhou para a grande sala de estar. Ela estava aqui há quase dois meses, mas ainda tomava a rota longa, evitando a área de jantar, onde sua mãe *faleceu*.

Faleceu. A palavra que todos, menos Nicole, usava para que o que aconteceu soasse tão... Educado, quando não havia nada educado nisso. Elise Martin teve sua garganta brutalmente arrancada, mas só depois que ela teve de suportar a tortura indizível nas mãos de seus agressores.

A porta da frente se abriu, e Nicole fez uma nota mental de dizer algo a Roland que soasse tão casual. Ela deixou isso ir tão longe porque ele viveu aqui como o

zelador durante anos, enquanto Nicole estava na França, mas agora que ela estava de volta, ele precisava aprender a bater.

— Eu estarei logo aí Roland, — ela gritou.

— Não, Nicole... — voz estrangulada de Roland interrompeu, e um repentino nó de mau agouro caiu na barriga.

Ela virou a esquina, derrapando até parar, chocada. O caroço saltou em sua garganta, estrangulando-a, cortando seu grito antes mesmo de começar.

Um homem de cabelos negros que era claramente um vampiro, com presas de metal reluzentes, estava mantendo Roland contra seu peito, um braço enorme envolvido em torno do pescoço de Roland. Os olhos de Roland estavam selvagens, suas lutas quase comicamente fútil.

Mas não foi isso que a deteve. Não, o que a congelou todo o caminho até sua medula foi o monstro ao lado dele.

Engraçado como Boris não era o monstro que viveu em seus mais assustadores pesadelos. Não, o título de rei de seus Pesadelos pertencia ao macho aparecendo como uma sentença de morte na frente dela, um vampiro lindo em jeans desgastado, manchados de sangue, e carregado de armas atreladas debaixo de um longo casaco de couro. Um homem chamado Riker, que há vinte anos havia matado Terese.

Sua própria companheira.

Assassinato em seu suave olhar prateado dizia que ele estava prestes a fazer o mesmo com ela. Uma rajada fria de medo a percorreu, destruindo duas décadas de terapia em questão de segundos.

— Fodidos animais, — Roland disse asperamente. — A escravidão é muito boa para o seu tipo nojento.

O vampiro com presas-punhal sorriu, e Nicole assistiu com horror quando, com um movimento de cabeça e um spray de sangue, o vampiro rasgou a garganta de Roland com os dentes.

Oh, Senhor, por favor, não. De novo não. Um grito silencioso escapou de seus lábios quando ela se virou. Terror a deixou desajeitada e ela bateu seu quadril em uma mesa Elisabetana, enviando uma tigela Tang inestimável cheia com flores de origami ao chão. Ela deu quatro passos antes de um corpo pesado atingi-la como um caminhão e enviá-la esparramada ao chão. O impacto dissonante expulsou o ar de seus pulmões em uma explosão de agonia.

— Não a morda! — A voz masculina soou, e o vampiro em cima dela, seus dentes rasgando sua gola, amaldiçoou.

— Ah, vamos lá, Riker. — A memória de não ser mordida, mas *mastigada* fez Nicole tremer violentamente quando presas raspavam através das cicatrizes que Boris deixou em sua garganta. — Eu não ia matá-la. Apenas ter um gosto.

— Não agora. — Riker gritou algo que soou como, — Ela é minha, — E o macho em cima dela amaldiçoou novamente.

— Você conseguiu um indulto, humana. — As suaves palavras de Presas-afiadas faladas contra a concha de sua orelha soaram mais ameaçadoras, em um sussurro que era como se tivesse rosnado. — Suspensão *temporária*.

Com uma lentidão agonizante, ele saiu de cima dela. Antes que ela pudesse sequer pensar em tentar correr novamente, uma mão apertou o cerco contra seu pulso e a levantou. Nicole tentou se soltar, mas com apenas uma mão, Riker conseguiu mantê-la imóvel.

— Dê-me a vampira chamada Neriya, e eu a deixarei viva.

Neriya?

Riker girou o corpo poderoso no dela e a apertou com força suficiente para sacudir os dentes. — Ouviu? Dê-me a fêmea.

Presas-afiadas deslizou silenciosamente até a janela, mas Nicole manteve sua atenção no vampiro segurando-a com força. — Eu-eu não sei do que você está falando, — ela resmungou.

Os olhos prateados de Riker, que o marcavam como um vampiro transformado em vez de um raro vampiro nascido, brilharam como lâminas de barbear. — Daedalus a capturou há duas semanas. Eu a quero. *Agora*.

A voz dele, deformada de raiva, transformou suas entranhas em líquido. Apesar do que ele disse, não havia dúvida de que ele a mataria de qualquer maneira. Nenhuma mesma.

Mas Nicole ainda não tinha ideia do que ele estava falando. — Eu não sei onde ela está. — Sua voz tremia tanto quanto ela. — Como você sequer sabe que a Daedalus a tem?

— Não importa como nós sabemos. — Sua fúria empolou o ar em torno deles, e ela se preparou para um golpe. Em vez disso, ele rosnou, — Encontre-a.

— Encontrá-la? — Ela repetiu. Como ela deveria fazer isso? Até onde ela sabia, todos os vampiros trazidos do estado selvagem foram marcados com novos nomes,

por isso o nome de Neriya não estaria no arquivo. Encontrá-la levaria tempo, o que era algo que Nicole duvidava que tivesse.

— Sim, — ele disse lentamente, como se ela fosse uma criança. — Encontre-a.

— Por quê? Quem é ela? Sua nova companheira? Você vai matá-la? — Nicole deixou escapar antes que pudesse parar. Ela tinha um terrível hábito de dizer coisas estúpidas quando estava com medo ou nervosa

Riker piscou como se surpreso, mas se recuperou rapidamente, mascarando sua face. — Por que diabos eu iria querer resgatar uma vampira apenas para matá-la? E por que você continua fazendo perguntas? Eu lhe disse o que fazer. Faça.

Blefe. — Vou precisar ir ao meu escritório. Para ter acesso aos arquivos de computador.

— Quão estúpido você acha que nós somos? Seus escritórios estão rastejando com segurança. — Riker apertou seu braço até surgir uma linha fina entre o mero desconforto e a dor. — Você fará isso daqui.

A indignação com a sua ordem perfurou sua bolha de medo e ela endireitou os ombros em desafio. — Eu não negocio com vampiros que invadem minha casa e matam os meus amigos.

Riker sorriu; o sorriso mais frio que já viu, o que dizia alguma coisa, já que, como CEO de um conglomerado multinacional, ela nadava com tubarões sorrindo em uma base diária.

— Veja, é onde você está errada. Esta não é uma negociação. Coopere ou você morre. É simples assim.

O outro vampiro apareceu ao lado de Riker. — Se você vai torturá-la para nos dar o que queremos, você pode querer fazê-lo em outro lugar. Nosso segredo foi descoberto. Dois homens armados se aproximando a leste.

— Eles não estarão sozinhos, — Riker disse.

Os longos dedos de Myne encontrou o cabo da adaga na cintura e um profundo e estrondoso ronronar bombeou de seu peito, o qual ainda estava molhado com o sangue de Roland. — Deixe-os vir.

Ele aprecia isso. Bastardo. E o que *diabos* aconteceu com as presas dele?

— Minhas presas? — Presa-afiada perguntou, e ela percebeu que havia falado em voz alta. — O que, eu tenho algo nelas? Ei, Rike. Tenho um pedaço desse Roland em meus dentes?

De repente, *estupidamente* enfurecida, Nicole atacou, mas Riker a pegou antes que ela pudesse socar Presas-afiadas na boca.

— Última oportunidade Nicole, — ele alertou. — Chame os guardas e faça as chamadas, ou você virá com a gente.

Como se seu corpo de repente se lembrasse de que estava em grave perigo, um novo tremor de medo a assolou. Suas opções eram limitadas, e as poucas eram uma droga. Se fosse com Riker e Presa-afiadas, ela provavelmente morreria. Então, novamente, se assegurasse aos guardas que tudo estava bem, Riker e seu amigo dente-cortador-de-bife provavelmente a matariam depois que ela fizesse as chamadas, de qualquer maneira.

Assim, suas escolhas resultariam na morte... Ou mortes. Isso a deixou com a escolha do momento, e talvez o método de sua morte. Os vampiros a matariam depois que ela terminasse com as chamadas, mas talvez se fosse com eles, ela poderia usar o tempo de viagem para traçar uma maneira de sinalizar para obter ajuda ou encontrar uma oportunidade de usar a única arma que tinha para fugir.

Os olhos de Riker queimaram ao mesmo tempo em que sentiu o gosto de sangue. Droga, ela estava mordendo o lábio novamente. Na frente de um vampiro. Poderia muito bem tocar o sino do maldito jantar.

— Humana, — Riker agarrou. — Chame os guardas.

— Vá para o inferno, — ela disse, com muito mais calma do que sentia. Mas se ia morrer, ela cairia lutando do jeito que não foi capaz quando ela era uma criança.

— Você primeiro. — Ele agarrou o queixo mais ou menos na palma da mão e segurou o rosto dela até que ela foi forçada a olhar para ele. E depois...

Escuridão.



QUATRO

Porra.

Nunca antes a palavra de quatro letras favorita de Riker foi tão apropriada. Porque *porra*, eles estavam fodidos.

Ele pegou Nicole quando ela caiu contra ele, uma vítima de sua capacidade hipnótica. Aterrorizada como ela estava, ele esperava que ela capitulasse diante de suas exigências e facilitasse as coisas. Mas não, nada poderia ser tão fácil para ele, poderia?

— Cara, eu gostaria de ter o seu talento hipnótico, — Myne disse enquanto se movia rapidamente para uma das janelas. — Conveniente para a alimentação.

Riker soltou uma gargalhada. — Você não iria utilizá-lo. Você gosta de alimentos que lutam.

— A adrenalina acrescenta uma nota agradavelmente picante ao sangue, — Myne disse com um desagradável sotaque francês, como se ele fosse um crítico de comida descrevendo um saboroso item de menu em seu restaurante favorito. — Além disso, mais seis caras estão se aproximando do portão principal.

Myne virou um borrão, sua velocidade fazia uma paródia da maioria dos movimentos já melhorados dos vampiros. Ser um vampiro nascido em vez de um transformado vinha com uma tonelada de regalias.

— Nós podemos escorregar para fora pelos fundos. Há uma fileira de sebes que vai nos manter nas sombras. — Riker muitas vezes aproveitara a zona destinada

para esconder o equipamento dos jardineiros quando se esgueirava na propriedade para visitar sua companheira.

Myne encarou a mulher nos braços de Riker. — Eu não gosto disso. Ela vai nos atrasar. — Ele fez uma pausa, provavelmente ouvindo gritos dos guardas do lado de fora. — Deixe-a. Nós podemos trabalhar sobre o outro Martin.

Péssima ideia. A medida que a notícia saísse sobre Riker e Myne, Charles Martin aumentaria as medidas de segurança e tomaria todas as precauções para evitar um incidente semelhante. Não, era Nicole ou nada.

— Nós não seremos capazes de chegar perto do bastardo. — Riker ergueu Nicole com mais segurança contra o seu ombro enquanto Myne pegava duas espadas longas das bainhas em suas costas.

— Teria sido muito mais simples se ela tivesse colaborado, — Myne murmurou, colocando sua coluna a uma parede entre as ripas de uma persiana.

Riker precisava concordar com Myne. Agora, eles precisavam fugir das autoridades transportando um ser humano inconsciente através da floresta. Supondo que eles não fossem caçados e executados na frente das câmeras de TV, isso ainda deixava ter que levar o ser humano à sede do clã. Se tudo tivesse saído como o planejado e Nicole cooperado, VAST ainda seria enviada atrás dos vampiros que invadiram a mansão Martin, mas sequestrar uma das pessoas mais importantes do planeta ia lançá-los em um nível totalmente novo de caçada.

— Não temos uma escolha, — Riker disse. — Se nós não temos Neriya de volta.

— Então nós caímos em cima de Shadowspawn antes que eles saibam que falhamos e venham atrás de nós.

Atacar o clã Shadowspawn antes que eles soubessem o que os atingiria daria a MoonBound uma vantagem distinta, mas, eventualmente, números absolutos do inimigo e total falta de ética resultaria na destruição de MoonBound. Riker nunca correria esse risco.

Não, Nicole era a chave para a sobrevivência da MoonBound, de modo que ela ia com Riker e Myne. Um humano a menos no mundo, especialmente um Martin, só seria uma coisa boa.

Myne ficou na retaguarda enquanto Riker ia para a parte de trás da mansão e os levava a passagem dos antigos servos para a entrada sul. A poeira no chão de madeira arranhada falou de meses, senão anos, de desuso, e a porta pela qual Riker viu sua companheira desaparecer por muitas vezes estava acorrentada e

trancada por dentro. Myne puxou o bloqueio. A coisa estalou com um estalo alto e eles saíram para a noite.

As sebes foram bem cuidadas com perfeição como se congeladas no tempo. Memórias se agarraram a ele enquanto se abaixava entre os arbustos, e ele fez questão de não olhar para o local onde Terese deu seu último suspiro. A cena foi muito bem preservada, e embora soubesse que era impossível, ele não queria correr o risco de ver o sangue de sua companheira espirrado em folhas ou reunido na grama.

Usando a paisagem e sombras como cobertura, eles caminharam em direção ao muro de pedra. Três cães de guarda rottweilers apenas observaram enquanto Riker e Myne eclodiam das sebes e corriam pelo gramado extenso. Riker os controlava com seu dom hipnótico. Eles o amariam para sempre agora, o que era legal, porque ele gostava de cães.

Eles foram somente até mais da metade do caminho antes de quase uma dúzia de seres humanos em uniformes preto-e-vermelho da VAST, ladeá-los. Riker avaliou o inimigo em um instante, e se o sorriso torto de Myne fosse qualquer indicação, ele entendia também. Estes eram os primeiros a responder, suas armas são mortíferas, mas medianas.

— Coloque. O humano. No chão. — Um macho loiro com um corte raspados nas laterais e alto em cima, o qual fazia sua cabeça parecer uma escova de vaso sanitário, avançou do bando, vindo à frente em um agachamento suave. — Faça isso agora ou explodirei sua cabeça.

Cumprindo lentamente, Riker colocou Nicole no chão. Quando se endireitou, ele olhou para Myne com um *vamos fazer* no olhar. Em um instante, Myne estava em movimento. Ele derrubou a escova de vaso sanitário e outro cara antes que Riker pudesse pousar seu primeiro golpe.

Oh, mas quando o fez, o som da mandíbula quebrando do oficial da VAST foi como uma dose de Bourbon. O oficial voou para trás, sua arma lançada para o ar. Riker agarrou-o com uma mão e girou, tocando a coronha do rifle no intestino de outro idiota que cometeu o erro de tentar usar uma arma de choque nele.

Girando, ele atacou outro indivíduo com uma bota no peito, mas quando Riker pousou, ele levou um duro golpe no rim, seguido de uma pernada varrendo a parte de trás do joelho. Ele resmungou ao bater no chão, evitando um tiro de rifle AE-47 do cara VAST. Uma bala dessa arma em particular, modificada pelos Daedalus,

torturaria sua vítima por horas enquanto liberava poderosos choques elétricos pelo corpo, queimando órgãos e carne. Vampiros tinha uma chance de cinquenta por cento de sobreviver. Os seres humanos nenhuma.

Riker empurrou a palma da mão na garganta do rapaz e observou com satisfação quando o ser humano caiu inutilmente, com falta de ar em sua traqueia esmagada. Um súbito jorro de sangue espirrou no gramado em frente de Riker, e ele olhou para ver Myne sobre o corpo decapitado de um dos agentes, suas presas enterradas profundamente na garganta de outro.

Os humanos restantes ou estavam mortos ou não se recuperariam tão cedo.

— Vamos. — Riker esquadrinhou o horizonte por mais humanos, mas até agora, bom. — A próxima onda chegará a qualquer minuto. — E eles têm uma melhor formação, armas mortais, e maiores números.

Nicole ficou onde ele a colocou, ainda inconsciente, seu longo cabelo loiro avermelhado derramava sobre a grama como o sangue, o lábio inferior inchado de mordê-lo. Ele a pegou nos braços, consciente de que não havia pegado uma fêmea dessa forma desde sua companheira. Mas Terese era menor. Mais leve. Muito mais frágil. E onde Terese tinha cheiro de água de rosas, a pele quente de Nicole cheirava a uma pitada de peras frescas.

Que. Inferno. Por que no mundo ele estava comparando as duas? Elas eram opostas. Humana e vampira. Alta e pequena. Escravizadora má e vítima inocente.

— Hunter vai matá-lo, — Myne disse ao se aproximar de Riker.

— Ele não vai me matar.

— Mas ele lhe dará um sermão com Hunterismos. *Um búfalo morto não pode atravessar as planícies*, ou alguma merda assim. Você pode muito bem estar morto. — Myne limpou uma de suas lâminas nas calças antes de embainhá-la. — Você conhece as regras. Nenhum ser humano na sede que não seja alimento.

— Quem diz que não vou comê-la? — Riker deu-lhe um olhar de soslaio. — E desde quando você se importa com as leis vampíricas?

O olhar de Myne foi para Nicole, desprezo-e-fome brilhando em seus olhos. — Desde que eu decidi que não quero vê-lo morto por causa de um humano canalha. — Riker levantou uma sobrancelha e Myne bufou. — Isso não foi uma declaração de amor ou qualquer coisa. O clã precisa de você. Você é um de seus melhores lutadores.

Seus melhores lutadores. Riker não perdeu o modo que Myne não se incluiu como um membro do clã, mesmo após décadas habitando entre eles, lutando ao lado deles.

A mulher gemeu, um ruído delicado que deveria ter puxado um fio no coração de Riker caso tivesse. Claro, era desgastado, mal pendurado, mas o que permaneceu, por vezes, vibrava com um fraco eco simpático de tempos passados.

Momentos em que ele teve uma companheira, um filho a caminho, e a esperança de um futuro.

Mas, graças à família de Nicole, ele agora não tinha nada, então nem mesmo seus gemidos poderia evocar um pinga de simpatia de Riker.

Com um súbito rosnado irritado, ele saltou sobre a cerca. Nicole moveu, enterrando o rosto no pescoço dele, seu nariz frio cutucando a pele. É claro que ela estaria fria com ele a tirando de sua casa quente e levando para as temperaturas em queda, e ela vestia apenas uma camiseta creme e calça cinza, com botas grossas de salto alto. Não que ele se sentisse mal. Não quando ela representava tudo o que ele odiava nos seres humanos. Inferno, dada a sua aparência jovem, ela provavelmente estava usando um dos produtos de sua companheira, um soro antienvelhecimento chamado de *suco de vampiro*, desenvolvido por seus cientistas para estender a expectativa de vida dos humanos.

Infelizmente, o processo levou séculos de expectativa de vida vampírica.

Quantos vampiros perderam suas vidas para a extração do *suco*? Para não mencionar as décadas de experimentação antes que a terapia antienvelhecimento fosse aperfeiçoada.

Riker podia sentir sua raiva crescendo novamente. Odiava os seres humanos. Com a morte de seu irmão humano há dez anos, com a idade de setenta e seis anos, ele perdeu a última conexão com a humanidade. E a raça humana havia perdido seu último membro decente.

Mas se fosse honesto consigo mesmo, podia admitir que os vampiros não era exatamente uma raça de gatinhos mansos também.

Ele se permitiu um sorriso triste enquanto levava Nicole para fora dos jardins e para a floresta, porque ela aprenderia em primeira mão sobre a extração de suco. E pretendia ser o único a mostrar a ela.



CINCO

Ressaca era uma doga.

Gemendo, Nicole rolou de costas. Ela nem sequer tentou conter um estremecimento nas dores em suas articulações e na dor de cabeça latejante. Talvez fosse hora de se despedir do gin e tônica para sempre. Ela não bebia frequentemente, mas quando bebia, muitas vezes se esquecia de que apenas duas bebidas poderiam colocá-la em sua bunda.

A mão pesada caiu sobre seu ombro e ela gemeu novamente. Na última vez que ela sentiu essa porcaria, após uma festa da empresa comemorando seu retorno aos Estados Unidos, foi Chuck quem a encontrou. E quem a provocou impiedosamente por semanas.

— Acorda dorminhoca.

— Foda-se. — Ela encolheu os ombros longe de seu aperto, apertando as pálpebras para excluir qualquer luz que a lançaria direto para Migraineville. Chuck achava que era engraçado ligar todas as luzes em sua casa antes de cair em um sono morto no sofá.

Um pensamento horrível rastejou em seu caminho através da neblina da ressaca: ele também trouxe um de seus servos com ele. Chuck não ir a qualquer lugar sem um vampiro para servi-lo totalmente.

Droga. Ela jurou nunca mais ser pega em um estado vulnerável com um vampiro por perto. Ela disse a ele que eles não eram autorizados em sua casa, e se

ele fosse contra as suas ordens, ela o atribuiria aos confins do nada, em um de seus escritórios de vendas de um único homem no time.

Isso assumindo que o Conselho da Daedalus não a entregaria às autoridades ou encontrasse uma maneira de expulsá-la da empresa.

— É melhor não ter um maldito vampiro com você, — ela murmurou.

Ela jurava que a temperatura do ar caiu dez graus. — Querida, — uma voz rouca e feminina com sotaque do Sul, — Eu tenho todo um exército de vampiros comigo.

Esquecendo a dor, Nicole abriu os olhos. A imagem borrada de um rosto de mulher pairou diante dela. Além de sua cabeça, pontos de luz brilhavam com o que parecia ser um teto feito de pedra e... raízes? Ela piscou, trazendo um pouco de foco para sua visão. A mulher olhou para ela, sua pele escura criando linhas indistintas no fundo, que foi definitivamente composto de pedra, raízes, e que parecia ser de terra batida.

Talvez isto fosse um sonho.

A rocha dura em sua coluna disse o contrário. Mas como ela chegou aqui?

Riker.

O arrombamento em sua mansão voltou para ela em cores vivas em 3-D, o terror na mira de Riker, a sensação de presas raspando seu pescoço, e o cheiro masculino enfumaçado da pele de Riker.

— Onde... — ela engoliu em seco, fazendo uma careta à voz raspando em sua garganta. — Onde estou? Quem é você?

Uma sobrancelha negra apareceu. — Ah, você não pode sequer imaginar? — Um sorriso divertido se juntou a sobrancelha arqueada da mulher. — Você está em uma fortaleza vampírica. E eu sou uma vampira. Basicamente, você escória humana, — ela disse, seu sorriso alargando-se para revelar brilhantes dentes afiados mortais, — Você está em seu pior pesadelo.

O grito penetrante pegou Nicole desprevenida, perfurando sua cabeça com intensidade de laser até que sentiu como se seu cérebro fosse explodir. Somente quando a vampira bateu em Nicole forte o suficiente para rolá-la sobre seu lado que ela percebeu que o grito viera de sua própria garganta.

A fêmea se aproximou com seus olhos brilhando como iscas de pesca prateada capturada na luz solar. — Eu tenho uma condição bizarra que me faz entrar em fúria assassina quando ouço alguém gritando, — ela sussurrou. — Então, não grite.

Nicole assentiu, engolindo o grito fresco que havia se construído em seus pulmões.

— Katina. — Uma familiar voz masculina congelou Nicole no chão frio. — Vou lidar com ela a partir daqui.

A vampira inclinou a cabeça bruscamente e se levantou com vigorosa graça. — Ela é toda sua, Rike. — Katina atrelou Nicole com um olhar tão cheio de fome que ela deveria estar babando. — Mas quando for a hora de comê-la, compartilhe a riqueza. A desprezível parece ter sangue rico.

Desprezível? Nicole plantou as palmas das mãos no chão de terra batida e se sentou. — Você não tem ideia, cadela. — Provavelmente não é a coisa mais brilhante a dizer nesta situação, mas, então, Chuck muitas vezes brincou que o modo padrão do interruptor de tato de Nicole foi desligado.

Riker sentou sobre as pernas na frente dela, e seu coração pulou uma batida. Talvez duas. Ele estava tão imponente como esteve na mansão, e tão grande como ela lembrava quando criança. Sempre antes, quando pensava nele, ela se perguntava se sua memória havia exagerado, se talvez seu pequeno tamanho o fizesse parecer maior.

Mas não, se alguma coisa, ele era maior do que ela se lembrava; uma figura intimidante vestido com calça jeans, uma camiseta preta e uma jaqueta de couro preta que não fez o suficiente para esconder as armas escondidas em seu corpo. Pior, ele ainda era mais bonito, e quão torcido e doente era ela ao achar esse bastardo atraente? Ele era um vampiro. Aquele que matou sua própria *companheira*.

No entanto, ela não podia negar sua beleza selvagem, as maçãs do rosto esculpidas e cheias, lábios vermelhos. Olhos genuínos emoldurados por cílios grossos, alguns tons mais escuros do que o seu cabelo loiro bagunçado. Uma mandíbula tão forte e afiada como uma faca... Ou como as presas de um vampiro.

— Eu seria cuidadosa sobre atirar insultos se eu fosse você, — ele disse. — Não é possível pensar que muitos não possam ser jogados de volta em seu rosto.

Nicole podia pensar em vários. *Demônio sugador de sangue. Monstro com presas. Pesadelo de qualquer dentista.* Provavelmente, é melhor usar sua opção de tato. Chuck ficaria orgulhoso.

— Onde estamos? — Ela afastou seu olhar do dele tempo suficiente para digitalizar os arredores. — Que lugar é este?

Agora que estava sentada e o borrão em sua visão havia desaparecido, ela podia ver que sua impressão inicial estava correta. Ela estava em uma espécie de câmara subterrânea. Luz fraca transmitida através da pequena janela gradeada na porta, permitindo-lhe uma visão arrepiante de correntes e algemas presas a lajes de pedra na parede. Mas o que realmente a assustou foram as fileiras de crânios, alguns humanos, alguns vampiros, no alto de uma parede.

— Você está na sede do meu clã. — Riker passou a língua ao longo de uma presa e sorriu, ela recuou involuntariamente. — No que nós carinhosamente chamamos de sala das presas.

Terror apertou ao redor do peito de Nicole como uma banda de aço. Respiração tornou-se um luxo quando o medo colocou um domínio sobre os seus dois pulmões e suas memórias. Isto era como algo saído de um filme de terror, e enquanto ela esperava nada menos de vampiros, vê-lo em primeira mão, a gelou até os ossos.

Acalme-se. Lembre-se que os vampiros estão com medo de você, assim como você está deles. As palavras de seu terapeuta voltaram para ela em uma corrida, aliviando sua ansiedade, mas só um pouco. Riker não parecia com medo, nenhum um pouco. Mas então, ela dedicou sua vida a aprender sobre a fisiologia vampírica, não a psicologia, talvez por isso deva confiar no que o terapeuta dissera. Plantar algumas dúvidas nele. Algum medo. Talvez nesse momento, ela pudesse recuperar uma medida de controle.

E se acontecesse o pior, ela tinha uma arma.

Limpando a garganta, ela se levantou. Riker levantou com ela, muito mais graciosamente.

— Acho que você não sabe quem eu sou.

— Realmente. — Ele cruzou os grossos braços sobre o peito. — Me esclareça.

Ela ergueu o queixo para olhá-lo diretamente nos olhos. — Desde que você invadiu a minha casa, você deve saber que eu sou um membro de uma das famílias mais poderosas do mundo. — Sua expressão permaneceu impassível, mas ela não vacilou. Mesmo antes de assumir a Daedalus, ela já estava envolvida com a empresa, e ganhou sua coragem em salas de reuniões cheias de executivos duros e encarou advogados com olhos de tubarão. — Mas você cometeu um erro fatal, porque também sou o CEO da Daedalus Corporation. Se as autoridades não estão cientes de que desaparecei, eles estarão em breve, e prometo que muito em breve você terá o peso de todas as agências de aplicação da lei em cima de você. Sem

mencionar VAST e, muito provavelmente, cada caçador de recompensas privado que meu irmão possa contratar.

Riker poderia muito bem ter bocejado, ele parecia tão entediado. — Estou tremendo em minhas botas de pele humana.

Filho de uma... Ele acabou de dizer pele *humana*? Ela olhou para as botas de trabalho de couro marrom. — Elas realmente... — ela não conseguiu terminar a frase.

— Feita da pele macia e flexível de um órfão humano que eu roubei dos braços amorosos de um cuidador? — Quando ela assentiu, ele riu. — O fato de acreditar que somos tais monstros diz muito sobre você.

Certo. Porque o fato de que ele e seu amigo invadiram sua casa, mataram seu colega, e a sequestraram não dá qualquer credibilidade à coisa monstro. — Então, prove que estou errada. Me deixar ir.

— Depois de mandar libertar Neriya.

— Chame-me de cética, mas de alguma forma, eu duvido que você me deixe seguir meu caminho. — Casualmente, ela esfregou o anel de rubi contra sua coxa, levando conforto em seu peso... e na arma escondida dentro. — E te juro, eu não cairei facilmente.

O olhar caiu para seu pescoço. Automaticamente, ela estendeu a mão, como se cobrir sua garganta o impediria de afundar seus dentes nela. — Talvez eu goste de um desafio, — ele declarou.

— Deixe-me ter uma dessas facas amarradas a seu peito, e eu lhe mostrarei um desafio.

A luz da luta brilhou em seus olhos e um sorriso sinistro de seus lábios. — Faça o seu melhor, humana. — Ele chicoteou um punhal de uma bainha e o apertou na palma da mão dela. — Isso deverá ser divertido.

— Divertido? — As pernas trêmulas mal suportando enquanto se afastava dele. — Não tenho uma chance contra você.

— Então, por que você me pediu a faca?

Com um sentido macabro de satisfação, ela a colocou em sua garganta, a pele cicatrizada, onde Boris havia mastigado através de sua carne. — Porque eu prefiro morrer a deixar qualquer um de vocês me tocarem.

Isso era tão verdadeiro, que dirigir uma lâmina em sua própria jugular era um último recurso. Ela simplesmente precisava do punhal para que tivesse uma arma contra outros vampiros após derrubá-lo.

A diversão caiu do rosto dele, e ele soltou uma maldição desagradável. — Não faça isso. Não faça isso.

— Por que não? Você vai me matar de qualquer maneira, certo? — Ela não morreria nas mãos de um vampiro. Eles tentaram matá-la uma vez, não teria sucesso pela segunda vez.

Riker estendeu a mão. — Dê-me a faca. Agora.

Mais uma vez, ele não respondeu a pergunta dela. Novamente, ela fez uma sugestão para um local de férias. — Vá para o inferno.

— Posso tirar de você antes de você poder piscar, fêmea.

Ela pressionou, até que o fio da lâmina a deixou saber que ela havia arranhado a pele. Uma gota de sangue quente escorreu pelo seu pescoço, mas estranhamente, o aperto persistente a energizou. Pela primeira vez desde que foi sequestrada, ela tinha um pouco de controle, mesmo que o controle fosse apenas sobre a sua própria dor.

Ou a própria vida.

O corpo de Riker ficou tenso, um sinal sutil que ela compreendeu tarde demais. Em seguida, ele estava lá, punho em torno da lâmina. Assustada, ela empurrou, dirigindo a ponta da faca mais profundo em sua garganta. — Humana estúpida!

Com um grunhido, Riker afastou a faca e a empurrou contra a parede. A lâmina caiu no chão, mas as presas salientes de Riker eram tão nítidas e, provavelmente, muito mais letais.

O terapeuta de Nicole era um grande tolo se pensasse que os vampiros tinham mais medo de seres humanos do que os seres humanos tinham deles. Dr. Bhatia estava tão errado.

O olhar de Riker abaixou. Para a garganta dela.

Então, a boca dele se moveu para baixo. Para a garganta dela.

O rosto de Boris brilhou diante de seus olhos, e pânico apertou seu coração em um punho frio. Como se voltasse a anos atrás, ela tentou lutar, mas Riker a segurou com facilidade, presa à parede com o peso dele. Como os lábios fechados sobre sua pele, ela parou de respirar e esperou a dilaceração com seus dentes.

Em vez disso, havia apenas uma carícia quente de sua língua e, com isso, a sensação mais estranha e perturbadora de prazer.

Vampiros poderiam liberar uma substância química através da saliva, que criava uma sensação de euforia em suas vítimas, mas duvidava que Riker a utilizaria nela. E mesmo que o fizesse, dada a sua situação, como ela poderia sentir sequer a menor quantidade de prazer? Auto aversão borbulhava dentro dela como uma enxurrada após uma chuva torrencial.

Mas seu desgosto não impediu o formigamento ímpar de consciência que se espalhou a partir de onde a língua de Riker acalmava cada parte do seu corpo que foi tocado. Todo mundo dizia que os vampiros eram inerentemente criaturas sexuais, perigosamente sedutores, mesmo quando não estavam tentando. Inferno, um mercado especial até existia, há escravos sexuais vampiros, os quais Nicole nunca entendera.

Até agora.

Agora ela entendia. Mas desejava não entender.

Em seus pulsos, os dedos de Riker estavam calejados, sua pele quente. Vampiros tinham três a cinco graus de temperatura a mais do que os humanos, e ela sentiu a diferença de temperatura do corpo com cada curso de sua língua e cada ponto de contato pele-a-pele.

Por que ele estava sendo tão... bom, ela não diria que exatamente gentil, mas ele poderia estar causando-lhe muita dor.

Os vampiros são astutos. São predadores que brincam com a comida. Eles se alimentam de sangue, dor e medo.

Um dos muitos sermões de seu pai tocou em seus ouvidos, e ela começou a tremer. Riker não a machucava no momento, mas o faria. Da maneira que Boris tão facilmente a machucou depois de anos sendo gentil com ela.

Um rolo lento de ansiedade ameaçou sufocá-la. Respirou fundo, acalmando-se, desesperada para manter a cabeça clara.

Pense. Difícil de fazer quando havia um vampiro lambendo você.

Pense. O lábio inferior doeu. Ela estava o mordendo novamente.

Pense, caramba! Ela precisava de uma arma, um... *dã.* O anel. Como ela poderia ter perdido seus sentidos com tanta facilidade? Além do fato de que um vampiro a lambia. E depois havia a distração de seus seios formigando e uma dor estranha começando em sua pélvis.

Jesus, se Riker fosse capturado por caçadores, ele estaria marcado para o mercado do sexo, com certeza. Pena que ele não foi capturado há muito tempo, porque se ele fosse, talvez Terese ainda estivesse viva.

O pensamento foi suficiente para trazer Nicole de volta aos seus sentidos, e enquanto corria o polegar sobre o anel de metal frio, ela pensou em como era irônico que Riker fosse ser derrubado pela joia de sua própria companheira.

Sorrindo, Nicole encravou a unha na trava da tampa do rubi.

Isto é por você, Terese.



SEIS

Sessenta segundos atrás, raiva e dor passavam por Riker, tão entrelaçados que não podia separá-los. A ser humana estúpida colocou uma lâmina na própria garganta. Por que isso continua acontecendo com ele? Por que as fêmeas são tão malditamente ansiosas para se matar?

Foda-se tudo, esta não ia morrer. Não até que ele estivesse pronto.

Então, ele colocou a boca sobre a pele cicatrizada de sua garganta com a nobre intenção de selar a ferida. Mas no momento em que provou dela, uma sacudida de pura felicidade o queimou, riscando todo o caminho para sua virilha.

Cheio. Pare.

Ele não se sentia muito na direção de uma agitação sexual por se alimentar em décadas, muito menos com uma mulher que ele desprezava. Uma fêmea humana.

Ele congelou; seu corpo tenso como um arrame, mas seu coração lançava um ataque contra a sua caixa torácica. Suas presas pulsavam no ritmo do pulsar em seu pênis inchaço, ambas as partes do corpo deixaram claro o quanto queriam afundar profundamente nessa carne quente, molhada.

— Pare, — Nicole sussurrou no ouvido dele. — Por favor, pare.

A voz dela tremeu, e vergonha formou um nó na barriga dele. Ele nunca se preocupou com suas vítimas antes, mas, então, ele geralmente afundava suas presas rapidamente, tendo orgulho em uma morte rápida e silenciosa, que poucos da sua espécie poderiam igualar. Era uma habilidade, forças especiais que sobraram de seus dias de militares e amplificou pela velocidade de vampiro, força e sentidos super afinados.

Sua presa raramente tinha tempo para conhecer o gosto amargo de medo. Quando o fizeram, foi porque ele queria.

Esta era diferente. Nicole esteve em um estado prolongado de medo e estaria até eles terem Neriya de volta. Ela pode ser o CEO da empresa mais condenável no planeta, e pode ser cúmplice de crimes contra o seu povo, mas ele nunca foi o tipo de homem que se divertia com o medo de uma mulher.

Mesmo se fosse merecido.

Ele se empurrou, afastando com deliberada e medida compostura, como se recuar fosse inteiramente ideia dele. Os olhos arregalados de Nicole o chutaram bem no intestino, mas ele se preparou, convocando um aspecto duro do seu interior.

Ele não teve que chegar muito longe para isso.

— Aí. Você está curada. Não é necessário agradecer. — Ele lambeu os lábios, saboreando a última gota do sangue rico e sedoso. Ao contrário da maioria dos seres humanos que ele se alimentou, ela tinha sabor de saúde e uma pitada de bom vinho. Ele queria mais. — Não tente isso novamente. Você morre quando digo que você morre. Ajude-nos, e você evitará esse destino.

— Você será enforcado e estacado por isso. — Seus dedos se agitaram na garganta marcada por algum tipo de lesão hedionda, traçando a fina linha carmesim que esteve sangrando um momento atrás.

— Você não é um raio de sol? — Ele respirou fundo, medindo seu nível de medo pelo cheiro. Ela estava com medo, mas não tanto quanto esperava. — O que aconteceu com sua garganta?

A nota ácida de medo cravou. — Por que você quer saber?

O anel em sua mão direita com um pequeno rubi brilhou quando ela cobriu o pescoço com a palma da mão. As cicatrizes esquecidas, ele enlaçou a mão dela, trazendo-a juntamente com o anel rubi decorando um de seus dedos, tão perto que ele sentiu o cheiro metálico de ouro.

— Solte-me. — Nicole lutou contra seu aperto, mas ele apertou seu pulso tão forte quanto seus pulmões sentiam. Ele mal podia respirar, mal conseguia falar.

— Onde você conseguiu esse anel?

— É meu.

Seu sangue, já vibrando com o calor da excitação indesejada, começou a ferver de raiva. — *Onde você conseguiu isso?*

Um brilho de puro ódio não adulterado queimou em seus olhos. — De. Sua. Companheira. — Ela atirou as palavras para ele como armas e, como um exímio atirador, ela acertou cada um dos seus pontos vulneráveis com precisão de um rifle.

Com um grunhido, ele passou os dedos em torno da garganta que ele acabara de curar. — Você tirou isso enquanto ela estava viva, ou roubou do cadáver dela? — Raiva fez sua voz gorjear, o que só o deixou mais irritado. — Você ao menos esperou o corpo dela esfriar antes de despi-la de tudo o que ela amava?

— Como se atreve! — Nicole cuspiu. — Como pode falar de amor quando foi você quem a matou?

Ele piscou em descrença. — Como *eu* me atrevo? *Sua família* a matou no dia em que a colocou em correntes e a forçou a servir seus pés e mãos desprezíveis.

— E isso, — ela disse, — É por isso que eu não acredito nem por um segundo que você vá me libertar. Você pretende se vingar de mim, não é?

A voz dela era tão uniforme quanto a dele, ela estava furiosa. Deveria ter sido uma pista. Ele não deveria ter sido surpreendido quando ela virou a tampa articulada no anel e enfiou a mão na frente do seu nariz.

Quando ela tacou a substância em pó em seu rosto, ele só poderia pronunciar uma única maldição antes de ficar ofegante e tropeçar para trás em um emaranhado descoordenado de seus próprios pés.

— Isso é por Terese, assassino desgraçado.

Por sua companheira? Por quê? Através de olhos embaçados, ele viu Nicole pegar o punhal do chão e colocá-lo em sua cintura.

O que... — ele inalou, tossiu e curvou em agonia. Alguém substituiu o ar com fogo. Puta merda, ele estava respirando gasolina. — O que... você... fez?

— Ácido bórico. — Sua resposta foi abafada. Ou talvez o zumbido em seus ouvidos estivesse abafando os sons exteriores.

— Cadela. — Ele caiu no chão como um saco de pedras, seus pulmões queimando, a sua visão borrada, girando em torno dela enquanto ela se agachava ao lado dele.

— Eu não acabei. Veja, ácido bórico é letal para os vampiros. Minha empresa, a pessoa que você tanto odeia, descobriu. Percebi isso após analisar por que seu tipo não pode usar armas de fogo. Tenho certeza que você está ciente de que os resíduos de pólvora e propulsor destroem seus pulmões. Fez-me perguntar o que

mais faria. — Droga, mas ela parecia estar gostando disso. — Estamos começando a produzir dispositivos de ácido, que estará no mercado em breve, os seres humanos em todos os lugares terão seus próprios sprays de pimenta vampíricos acessível. — Ela se inclinou, tão perto e pessoal que ele sentiu o hálito quente sussurrando em toda a concha de sua orelha. — Em quarenta e oito horas você estará morto, e não é menos do que você merece.

Ele riria se os pulmões não estivessem queimando tanto quanto a superfície do sol. Quarenta e oito horas? Isso não era nada. Ele já estava morto há vinte anos.

A habitação do Clã de Riker era como um labirinto. Ou, mais precisamente, como um viveiro de coelhos. Uma série de túneis e cavernas mal iluminadas contornavam o que parecia ser um enorme complexo de habitações, tudo esculpido em terra, pedra e uma estrutura de raízes de árvores. Nicole chegou ao que supôs ser o centro, quanto mais adentrava, mais limpos e claros os túneis ficavam.

Como construíram isto? Como têm eletricidade? Era até mesmo decorado. Quando ela escapou da cela, os caminhos que percorreu eram de simples terra batida e pedra bruta esculpida. Mas enquanto ela corria pelas passagens, a pedra ficou mais suave, as paredes salpicadas de arte, pinturas em madeira, ou couro esculpido em uma variedade de estilos, na maioria dos nativos americanos. O chão de terra batida ficou incrustado com pedras, e quando Nicole examinou uma grade de madeira esculpida em o que parecia ser uma elegante e básica sala comum, com azulejos coloridos que formavam um apanhador de sonhos gigante.

A sofisticação do lugar a surpreendeu. Pelo que falam, vampiros deviam ser criaturas instintivas, de modo que se não cuidados e treinados por seres humanos, viviam como animais. Nicole nunca se convenceu de que os vampiros fossem tão primitivos, mas seus argumentos com seus instrutores universitários, colegas e iguais foram recebidos com escárnio ou zombaria ou acusações de ser uma *simpatizante imunda*.

Ela não podia esperar para esfregar isso na cara deles. Supondo que saísse viva daqui, de qualquer maneira. Ela só esperava que Riker permanecesse no estupor do ácido bórico durante, pelo menos, meia hora. As chances de ser

apanhada já eram extremamente elevadas, mas se ele sáísse antes dela escapar, ela poderia muito bem agendar seu funeral.

Ela se manteve nas sombras e fendas da melhor maneira possível, instintivamente se movendo ao longo de caminhos de subida e ficando longe dos poucos vampiros que ela viu, e definitivamente, evitou o contato visual. Mesmo que um vampiro não sentisse o fato de que ela era humana, ela tinha a sensação de que todo mundo se conhecia nesta comunidade, e um estranho brilharia como um sinal de néon.

Seu coração batia tão forte que ela tinha certeza de que todos os vampiros no lugar podiam ouvi-lo, ela seguiu a brisa fria de ar fresco em torno de um canto e bateu com tanta força em alguém que foi jogada para o lado, resvalando na parede de barro. A pessoa em quem colidiu era uma pequena fêmea que vestia shorts jeans de corte Daisy Duke⁵ e uma blusa laranja de lã, esta bateu contra uma viga de apoio. A batida do crânio da menina na madeira dura reverberou pelo túnel.

Nicole assistiu com horror quando a outra mulher caiu no chão, sangue escorrendo de sua têmpora.

— Merda, — Nicole respirou. Ela correu para a menina e se agachou ao lado dela. — Você está bem? — Ela pegou um lenço de papel no bolso da calça. — Basta segurar, e deixe-me colocar alguma pressão sobre a ferida.

Por um longo batimento cardíaco, a menina, que não deve ter mais de dezesseis anos, não se moveu ou mesmo abriu os olhos. E naquele breve momento, enquanto Nicole apertava o tecido contra a ferida, ela percebeu que estava tentando ajudar uma vampira quando tentava escapar desses mesmos vampiros.

Estúpida.

Os olhos da garota se abriram. Confusão se escondia nas profundezas cinza-prata. Então, em um movimento selvagem de membros, ela ficou de pé e olhou para Nicole como um gato de olho em um rato.

Oh Deus. Nicole estava morta.

Muito devagar, com os pés enraizados no chão como se fosse parte da estrutura do labirinto, Nicole se levantou. Seus dedos tremiam enquanto casualmente se afastava, buscando nas costas o punhal que havia tirado de Riker.

— Humana? — A fêmea ficou bem no rosto de Nicole, aparentemente alheia ao fato de que ela tinha um tecido preso na têmpora. — Você tem doces?

⁵ Daisy Duke é um personagem fictício, interpretado por Catherine Bach, da série de televisão americana, Os Gatões.

A mão de Nicole congelou no punho da adaga. — Eu o quê?

O largo sorriso da vampira revelou um conjunto perfeito de reluzentes presas. — Eu gosto de chocolate. E balas. Riker traz doces para mim, às vezes. Você conhece Riker? Ele gosta de chocolate, também. — Em uma mudança abrupta de humor, ela estendeu a mão para envolver seu rabo de cavalo castanho acobreado em torno de seu punho, um beicinho virando para baixo os cantos de sua boca. — Hunter diz que doces não é bom para os dentes. É sempre sangue, sangue, sangue. Todo o tempo, o sangue. — Ela bateu o pé descalço como uma criança petulante. — Eu *odeio* sangue.

Bem, isso só poderia ser uma boa notícia.

— Então, — a vampira disse alegremente. — Você tem doces para Lucy?

Ficou muito claro que a vampira não estava brincando, mas isso não quer dizer que ela não fosse tão perigosa quanto um vampiro que tinha todas as cartas. Melhor ser agradável e ver o que Nicole poderia aprender.

— Lucy? Esse é o seu nome?

Lucy assentiu. — Quem é você? Os seres humanos não são permitidos aqui. Nunca. — Ela parecia pensar no que acabara de dizer. — Bem, apenas para alimentos. — Ela torceu o nariz. — Sangue. Que nojo. Você tem doces?

Certo. Ok, ela poderia trabalhar com isso. — Sinto muito, Lucy, nenhum doce. Mas posso obter algum se você me disser como sair daqui.

Os olhos de Lucy se estreitaram. — Você está me enganando? Os seres humanos não são autorizados a sair.

Vozes ecoaram de algum lugar no labirinto de túneis, e o pulso de Nicole acelerou. — Não conseguirei os doces para você se eu não sair.

— Os seres humanos não são autorizados a sair, — ela repetiu com tanta convicção que o coração de Nicole afundou. — Hunter iria matá-los. Mas você me ajudou. Eu posso ajudá-la a obter doces. — Lucy bateu palmas, e culpa marcava a consciência de Nicole com a pura alegria e êxtase de Lucy. — Posso te mostrar uma saída.

— Lucy, eu não quero que ninguém me veja sair. Isso é possível?

— Uh-huh. — Ela inclinou a cabeça para estudar Nicole por um momento. — Não quero que Hunter a mate. Assim, você pode ver a minha entrada secreta.

Sorrindo, Nicole gentilmente tirou o tecido da têmpora de Lucy. — Gostaria disso. Eu não quero que Hunter me mate também.

Lucy imediatamente se enfiou em um escuro corredor empoeirado e levou Nicole através de uma série de túneis que ficavam progressivamente menores e menos utilizados, até que Nicole se sentia como Alice no buraco do coelho. Maldita coisa boa que ela não era claustrofóbica, porque elas acabaram rastejando na escuridão. Rochas machucaram seus joelhos, e seu cabelo se prendendo em raízes pendentes, mas finalmente saíram do túnel e em um bosque espesso de arbustos espinhosos.

Nicole se levantou; grata pelo fresco ar frio, e a fraca luz do sol da tarde que permeava o dossel verde sobre a cabeça. Ela esteve dentro do complexo vampiro toda a noite e durante a maior parte do dia. Maldição, ela precisaria de comida e remédios em breve.

Lucy se levantou ao lado dela. — Você traz doces para mim agora?

— Eu farei o meu melhor. — Uma rajada de vento sacudiu os galhos das árvores e passou pelo tecido fino da gola rasgada de Nicole. Tremendo, ela pesquisou a paisagem. — Lucy, você sabe por onde eu preciso ir para chegar à cidade mais próxima?

Lucy apontou para uma pilha de pedras à distância. — Siga o rio.

— Eu te agradeço por isso. — Nicole tocou o braço da vampira levemente, parte um gesto de agradecimento, parte um pedido de desculpas por mentir sobre o doce.

Lucy saltou para ela tão rápido que até o momento em que Nicole pudesse abrir a boca para gritar, Lucy a engoliu em um abraço esmagador. — Eu gosto de ajudar. Não ajudo muito porque eu sempre bagunço. — Ela se afastou, seu corpo magro enrijecendo, ficando alerta, gritando por todos os poros, lembrando a Nicole que Lucy poderia ter a mente de uma criança, mas ainda era uma vampira capaz de coisas que os humanos só podiam sonhar. — É melhor você ir. Eu acho que é melhor ir rápido.

Ah Merda. — Por quê?

— Porque ouvi problemas. — A expressão de Lucy ficou marcada com preocupação. — Gritos. Chamadas para capturar um humano. Eles estão caçando você, Senhorita docinho. Corra. — Lucy empurrou Nicole na direção que ela havia indicado. — Corra o mais rápido que puder. Eu odeio sangue.



SETE

Riker explodiu na entrada principal do clã, Hunter e Myne em seus calcanhares.

— Ela é minha, — ele rosnou. — Quando a pegarmos, ela é *minha*, porra.

Ele inalou uma respiração que queimava, mas não era nada parecido com o que sentiu na cela. Mas quanto tempo duraria? Ele tinha quarenta e oito horas de dor excruciante pela frente? E como diabos Nicole conseguiu o anel de Terese?

Myne cheirou o ar, fazendo a sua coisa cão de caça. — Não estou pegando o cheiro dela. — Frustração atou seu tom. Myne odiava falhar em qualquer coisa que ele considerasse Nascido Vampiro. — Qual o caminho que você quer que eu vá?

— Sul, — Riker disse. — Se ela está à procura de um caminho fácil, por aí é aonde ela vai. — Besteira total. A floresta que diluía para o sul faria sentido para um corredor, mas a cidade era para o oeste, e se Nicole tinha qualquer senso de direção, ela pensaria assim. O que significava que ninguém senão Riker tomaria esse caminho. — Eu vou para o oeste.

Hunter falou. — Você tem certeza que está bem? Ninguém chega a cair sobre você assim.

— Eu aprecio o lembrete humilhante, Chefe, — Riker declarou. — Mas sim, eu estou bem.

Se Hunter soubesse que Nicole o dosou com uma substância letal, ele arrastaria Riker a Grant, seu cientista louco era a coisa mais próxima que tinham

de um médico e amarraria Riker em uma corrente, se fosse preciso. Hunter e Myne sabiam que ela o derrubou de alguma forma, e assim ficaria.

Hunter provavelmente viu através da besteira de Riker, mas não pressionou. — Eu vou pegar dois de suas equipes para juntos fazer uma busca ampla, e terei todos no clã vasculhando a área.

Havia milhas de túneis onde Nicole poderia esconder, mas seu estômago disse que ela estava na floresta. — Ela está aqui.

Os olhos obsidianas de Hunter se estreitaram. — Você se alimentou dela? Pode localizá-la?

O sabor do vinho embriagador de Nicole permaneceu em sua língua, mas era necessário ingerir uma grande quantidade de sangue para acompanhar o doador. — Não me alimentei, mas provei o suficiente para ter uma sensação geral dela.

A tira de couro em torno das têmporas de Hunter segurava o cabelo meia-noite longe de seus olhos, enfatizando sua ascendência Cherokee quando inclinou a cabeça em reconhecimento. — Boa caçada.

Riker decolou, a adrenalina surgiu quente em suas veias. Adorava uma boa perseguição e afronta, e esta seria especialmente gratificante.

Ele a cheirou antes de vê-la, três quilômetros a partir da sede do clã. Seu aroma de pera-e-gengibre o deixou com água na boca... Até pegar mais aromas. Humano. Masculino. Pelo menos dez. E pelo cheiro sujo deles, eles eram caçadores, o pior tipo de escória de matar vampiros.

Ele correu em uma explosão maciça de velocidade, pulando troncos caídos e curvas difíceis, se desviando das árvores. Nicole estava à frente, fazendo barulho suficiente para alertar um homem surdo da sua presença.

Um flash de cabelo loiro avermelhado entre dois abetos colocava Riker a trinta metros de sua presa. Mas o fedor de dois caçadores vinha de talvez cem. Eles estavam perto. Muito perto.

Ele correu a distância final, pegando Nicole enquanto ela tentava passar uma ravina ladeada por samambaias grossas e arbustos de bagas retorcidos.

— Riker. — Ela engasgou quando ele a pegou e pulou a ravina, levando os dois para o chão da floresta no outro lado.

— Decepcionada em me ver vivo? — Ele rolou com ela, empurrando-a debaixo dele quando uma bala passou por cima de suas cabeças. — Você pode obter o seu desejo em breve.

— O que...

— Caçadores ilegais. — Uma centelha de esperança acendeu naqueles olhos verdes arregalados, mas ele estava prestes destruir. — Quieta, Sunshine⁶. Eles vão apenas cortar as partes do meu corpo. Se tiver sorte, eu estarei morto quando eles começarem. Mas você? Vai demorar um pouco mais antes de começarem.

— Mas eu sou humana. — Ela engoliu em seco, o que fez a ferida que ele havia selado em sua garganta se contorcer. — Direi a eles quem eu sou. Que receberão uma recompensa se me levarem de volta em segurança.

— Você pode tentar essa tática. — Ele a levantou e a arrastou para trás de uma árvore enorme. — Mas o mais provável é que vão dizer que te encontraram morta e resgataram seu corpo. O que estão fazendo é ilegal, e não querem que você viva para contar a alguém o que fizeram com você ou o que estavam fazendo aqui.

— Não acredito em você, — ela grunhiu.

Dois tiros soaram no mesmo momento em que três homens em camuflagem estouraram da moita. Nicole, a escorregadia e atrevida moça, aproveitou e se afastou dele para se lançar na direção deles.

— Nicole, não!

Riker abaixou do balanço de um facão, apenas para ser quase derrubado por um taco de beisebol por trás. O golpe acertou sua lombar, deixando-o desequilibrado. Rangendo os dentes contra a dor, ele espalmou dois punhais e atacou o caçador mais próximo com uma devastadora cruz, fatiando ambos os lados do pescoço do homem até a coluna vertebral. Quando o corpo em espasmos do ser humano atingiu o chão, Riker desviou de mais tiros em um esforço para pegar Nicole, que havia tropeçado e estava lutando para ficar de pé.

— Ajude-me! — Nicole pediu a um cara corpulento, de barba preta, que segurava um machado como um lenhador.

O sorriso do lenhador era psicótico, como se acabasse de descobrir ouro e fosse matar todos que sabiam disso. Ele estendeu a mão... e deu um soco no rosto de Nicole.

Riker rosnou; sua raiva alcançando níveis absurdamente perigosos. Com um rugido, ele mergulhou no lenhador, não se importando que vários outros babacas estavam se aproximando. Seu foco diminuiu para um pontinho que só terminaria na morte sangrenta do caçador empunhando o machado.

⁶ Luz do sol

O homem grunhiu ao cair no chão com Riker em cima dele. Riker o prendeu com o punho na garganta do ser humano, mas quando se ergueu para entregar o golpe de morte, dor atingiu o peito de Riker, quase tão intensa quanto a que ele experimentara no clã. Expirando em uma maldição, ele olhou para o cabo de uma faca arremessada, vibrando entre as costelas.

Riker poupou o olhar ao atirador, julgou ser uma ameaça menor do que o caçador debaixo dele, e preparou para acabar com ele. Em um único movimento poderoso, Riker enfiou o punho no esterno do lenhador e arrancou o coração batendo em seu peito.

— Riker!

O grito ofegante de Nicole por ajuda veio de longe. Riker explodiu, mal evitando uma flecha apontada para sua cabeça e outro corte de facão.

— Basta com a porra do facão! — Virando, ele arrancou o facão das mãos de seu atacante e girou, transformando o facão em um liquidificador, triturando dois homens. Ambos caíram. Um não se levantaria. O outro teria sorte se comesse alimentos sólidos novamente.

Segurando suas costelas, Riker deu uma guinada na direção que Nicole havia ido. Retardado por sua lesão, mas ainda mais rápido do que os seres humanos, ele correu através das árvores. Quando se aproximou do idiota perseguindo Nicole, ele passou os dedos sobre a mancha de sangue em torno do cabo da faca em seu peito e puxou a lâmina. O caçador estava quase sobre ela quando Riker lançou a faca na coluna do desgraçado, que caiu como uma rocha.

Riker não teve tempo para parar. Saraivadas de tiros choveram sobre eles, mastigando folhas, troncos de árvores e pedaços de terra.

— Filho da p...! — Ele agarrou Nicole pela mão. — Vamos. — Ele meio que a arrastou, meio que a levou pela floresta às cegas, uma corrida desesperada na direção de sua única esperança: as cavernas.

Havia uma série de cavernas construídas ao norte, e posteriormente abandonadas por uma das primeiras colônias de vampiros na área. Agora, elas serviam como tocas para animais selvagens e esconderijos temporários para qualquer vampiro que necessitava de um lugar para fugir de inimigos, fossem eles humanos ou outros vampiros.

— Você estava certo, — Nicole disse entre as respirações aceleradas. — Eles não iam me ajudar.

Ela parecia tão surpresa. Deveria irritar saber que alguns seres humanos eram piores do que os vampiros. — Não me diga.

Uma bala explodiu em uma árvore apenas polegadas da cabeça de Riker. Uma fração de segundo depois, outra explodiu além de um galho de árvore, e lascas arranharam sua mandíbula e pescoço.

Ele mergulhou com Nicole, e ambos caíram em um declive, derrapando sobre as folhas mortas e batendo em galhos mortos e rochas cobertas de musgo. Na base da trincheira, ele a puxou para perto, odiando o medo em seus olhos.

— Nós vamos ficar bem, — ele sussurrou. — Eu prometo.

Ele não parou para pensar que eles estavam nesta posição por causa dela. Ele simplesmente se arrastou com ela pela floresta, ouvindo como os caçadores ficaram para trás e, finalmente, já não estavam no encalço deles. Os bastardos eram tenazes, e eles manteriam a caça, chamariam reforços, e formariam uma rede para capturá-los.

— Para onde vamos? — Nicole perguntou; sua voz baixa e abafada, pontuada por exaustão.

— Para um lugar seguro. — Ele os desacelerou até parar e deu-lhes um segundo para recuperar o fôlego. Deu-se um segundo para conter o ardor na parte superior do seu corpo. Ele não poderia dizer se a dor em sua cavidade torácica era da facada ou do ácido que Nicole jogara nele, mas estava ficando pior. Eles precisavam chegar às cavernas antes de desmaiar e facilitar para os caçadores cortá-lo em dezenas de partes diferentes. — Eu levarei você a partir daqui. — Em seu olhar questionador, ele acrescentou: — As pessoas que nos caçam são especialistas no que fazem. Eles estarão à procura de dois pares de rastros. — Ele olhou para a paisagem, mapeando uma rota em sua cabeça. — E posso andar mais rápido do que você, mesmo carregando o seu peso.

Ela olhou. — Você não tem que fazer soar como se eu pesasse 200 quilos.

Não, ela definitivamente não pesava isso. Ela era alta e bem construída, provavelmente um pouco autoconsciente sobre seu tamanho, mas ele sempre gostou de uma mulher que não aparentava se quebrar ao meio com um vento forte como sua companheira se parecia.

— Vamos. — Grosseiramente, ele a puxou por cima do ombro e saltou uma vala de quatro metros e meio, pousando levemente em uma tora caída.

Nicole guinchou de surpresa, mas sabiamente se manteve quieta enquanto ele forjou seu caminho através da região selvagem. Ele usou seus noventa anos de Exército combinados com a experiência vampírica para deixar o mínimo de evidências de sua passagem, mas teve que perder um tempo precioso garantindo que seu sangue não deixasse um rastro. Movendo-se mais lentamente do que gostaria. E quando atingiu o sistema de cavernas, seus vários pequenos cortes e arranhões haviam curado, mas seus pulmões e costelas gritavam em agonia.

Ele escalou uma borda rochosa e deslizou através de uma estreita entrada da caverna, escondida por pedras e arbustos. Uma vez dentro da caverna escura e úmida, ele colocou Nicole no chão e a segurou quando ela tropeçou para trás com as pernas bambas.

— Você está bem? — Uma contusão feia se espalhava de sua bochecha para sua têmpora. Franzindo a testa, ele colocou os dedos na carne inchada em torno de seu olho, esperando que nada tivesse se quebrado.

Ela se afastou dele. — Terei um olho preto em breve, mas poderia ter sido pior.

Ele abaixou a mão, estranhamente ofendido pela reação dela, embora não esperasse nada mais. — Sim. Você poderia ter sido envenenada com ácido bórico e ser esfaqueada.

Silêncio mortal. Ela provavelmente não sabia que ele podia vê-la na escuridão, e a culpa repentina em sua expressão foi uma surpresa. Acho que ela não achava que estaria ao redor para assistir sua vítima morrer.

— Olhe, — ela finalmente disse. — O que teria feito se alguém lhe sequestrasse de sua casa, colocasse em uma cela, e ameaçasse te torturar e matar?

— Você ao menos ouve a si mesma? Os seres humanos têm feito isso aos vampiros durante décadas. — Ele não se incomodou em esperar por uma resposta.

Ele caminhou na escuridão tão facilmente, como se o local estivesse iluminado, e empurrou para o lado uma pedra do tamanho de uma cadeira, a qual escondia um buraco carregado com suprimentos. Seus braços tremeram com o esforço, tendo muito mais trabalho do que teria pensado. Seus ferimentos estavam drenando-o rapidamente. Muito rápido.

— O que você está fazendo?

Ele levantou um saco de estopa do buraco e voltou para Nicole, seu passo vacilou no último metro. Não é nada bom.

— Poderemos ficar aqui por um tempo. — Ele tirou fósforo e velas do saco e acendeu uma. Nicole olhou em volta da caverna, piscando enquanto seus olhos se ajustavam à luz bruxuleante.

— Você fica sempre aqui?

— Vamos apenas dizer que temos um monte de esconderijos. — Ele arrancou um kit de primeiros socorros do saco. — Você nunca sabe quando algum idiota tentará roubá-lo ou escravizá-lo.

Ela corou. — Eu não percebi... — ela parou, esfregando os braços.

— Você não percebeu o que? Que vivemos nossas vidas olhando sobre nossos ombros? Ou que somos espertos o suficiente para estarmos preparados quando os seres humanos nos caçam? Ou que seus preciosos seres humanos nem sempre são os mocinhos? — Ele jogou um cobertor e uma garrafa de água para ela e pegou um rolo de gaze do kit de primeiros socorros. — Não tente nada estúpido. Os caçadores estarão examinando a área.

— Então, nós apenas ficamos sentados aqui? Por quanto tempo?

— Até que eu diga que é seguro ou até que eu esteja morto. O que ocorrer primeiro. — Ele tirou o casaco, tentando manter o tremor de dor no mínimo. — Suponho que não haja um antídoto para o veneno que você me deu.

— Está disponível nos nossos laboratórios. Se você puder me levar ao centro de pesquisa Norwalk, no lado oeste de Seattle...

— Você vai me salvar? — Ele bufou. — Acho mais provável eu ser capturado, testado, castrado, amansado e transformado em um escravo. Provavelmente o seu.

Seus dedos encontraram a fivela do cinto de armas, mas seu braço direito não estava funcionando direito. Dor o espetou de seus bíceps para os nós dos dedos com cada movimento, e para sua humilhação, ele se atrapalhou com a correia de couro e a fivela. Finalmente, quando os músculos esmoreceram, ele deixou as mãos caírem, odiando-se por admitir a derrota.

Então Nicole o chocou além da conta, inclinando-se sobre ele para desatar o cinto. Suas mãos fortes e esbeltas soltaram as correias de seus ombros, e suas bochechas coraram quando ela o ajudou a sair de sua camiseta sangrenta. Ele não gostava de precisar da ajuda dela, mas não era tão cheio de orgulho a ponto de recusar.

— Não tenho servos vampiros, — ela disse calmamente.

— Realmente. — Ela desviou o olhar, e algo lhe ocorreu. — Não é por achar que a escravidão seja errada, não é? A razão pela qual você não tem um escravo é que você odeia muito os vampiros.

— Admito que não abrigo qualquer amor por vampiros. — Ela lhe entregou a gaze que havia pegado no kit de primeiros socorros. — Mas nunca apoiei a escravidão. Acredite ou não, há pessoas que tentam acabar com o serviço vampírico.

Serviço vampírico. Soou tão... agradável. Ele teria rido, mas apenas respirar estava se tornando um esforço. — Isso é uma maldita piada. Esses grupos querem o fim da escravidão, mas também querem garantir que todos os vampiros sejam confinados ou destruídos. A escravidão é errada, mas os vampiros são perigosos demais para serem soltos no mundo, não é mesmo? — Ele rasgou uma tira de gaze do rolo e envolveu sua ferida. Por que ainda sangrava tanto? Ele deveria estar a meio caminho de curar por agora. — Mas até mesmo esses grupos são poucos e distantes entre si. Vocês humanos amam a escravidão.

— Como você pode dizer isso? — Nicole se aproximou e tateou na caixa de primeiros socorros. — Você está pintando todos com o mesmo pincel.

— Os seres humanos têm sido obcecados com a escravidão, desde o início dos tempos, — ele disse; cansado. — Qualquer grupo que uma maioria veja como inferior — animais, outros seres humanos de diferentes raças, sexo ou religião — foi perseguido, caçado, explorado ou transformados em burros de carga. Quando vocês descobriram a existência de vampiros, não humano, mas capaz de trabalhar, assim como os seres humanos, esses foram seus escravos dos sonhos, livres de culpa.

— Talvez. — Os dedos longos e graciosos de Nicole mediram um comprimento de esparadrapo, e ele teve uma súbita imagem dela espontaneamente usando os dedos em partes sensíveis do seu corpo. Claramente, a perda de sangue o fazia delirar. — Mas sempre houve outros seres humanos que lutaram pelos direitos humanos e animais... e vampíricos...

— E pelo que você luta...? — Ele parou de falar; uma indefinição repentina de sua visão e um leve giro de cabeça afastou sua concentração. O que era falado? A gaze que Riker segurava contra o peito ficou pegajosa e molhada. Cada respiração era como respirar na água.

— Droga. — Nicole diminuiu a distância que os separavam e levantou a palma da ferida. — Riker? Vou precisar que você se deite.

Ela parecia tão autoritária. Tão forte. Ele pensaria que era sexy se não a odiasse. E se não estivesse a ponto de sangrar até a morte.

Como se seu corpo estivesse em sintonia com os seus pensamentos, o cheiro de seu próprio sangue se tornou insuportável, e um fio de calor começou a escorrer de seu torso.

— Saiba isso, humana. Morrerei antes de permitir ser levado. — De repente, cada respiração era uma tempestade de dor. Ele engasgou, se engasgou com seu próprio sangue. — Parece... como isso... pode acontecer.

— Você não vai morrer. — Ela não parecia muito convincente. Inferno, ela provavelmente cortaria sua garganta no segundo que ele perdesse a consciência.

Ele caiu contra ela, e sentiu ser deitado. — Se caçadores nos encontrar... — ele inalou uma respiração rouca, tentando encontrar as palavras para contar a ela sobre o túnel que levava a outra saída no fundo da caverna. Em vez disso, agonia o rasgou-o.

Ele sentiu as mãos em seus ombros. — Riker. Fique acordado.

Sim, isso não aconteceria. — Eu sei... que nos odeia. — Desesperado para transmitir a sua urgência, ele procurou cegamente a mão dela. Quando a encontrou, ele apertou, e por um breve momento, ele tomou conforto no fato de que ela apertou de volta. — Mas, por favor... quando você voltar... Solte Neriya.

A dor o tomou.



OITO

O peito de Nicole estava apertado quando Riker ficou mole e desmaiou. Ele havia sofrido o que parecia ser um ferimento profundo entre a quarta e quinta costela, mas precisava muito mais do que isso para derrubar um vampiro. O problema não pode ser o ácido bórico, ela mentiu sobre isso. Oh, ela o drogou com isso, e *era* letal para os vampiros, mas ela só deu o suficiente para ele ter alguns dias miseráveis.

Sua condição médica não era preocupação dela, no entanto. Sua única preocupação era chegar em casa viva, e com ele incapacitado, ela tinha uma chance.

Ela correu para a entrada da caverna, parando nas sombras do início da noite lançada pelas árvores e rochas circundantes. Até onde conseguiria ir no escuro, especialmente dada a sua falta de roupa adequada? Mesmo que não morresse por se expor, a noite era o domínio dos vampiros, e claramente, esta floresta rastejava com eles. Se não eles, caçadores e caçadores ilegais.

A memória de ser perseguida pelos homens, alguns dos quais tinham presas e outras partes de corpos pendurados em seus cintos e pescoços, enviou um frio na espinha.

Eles vão apenas cortar as partes do meu corpo. Se eu tiver sorte, estarei morto quando eles começarem. Mas você? Vai demorar um pouco mais antes de começarem.

As palavras prosaicas de Riker pôs um amortecedor sobre sua ânsia de ir. Talvez devesse esperar até de manhã.

Ela deu um olhar hesitante sobre seu ombro. Riker estava deitado no chão, encharcado na escuridão, uma poça de sangue se espalhando ao redor dele. Vampiros poderia perder muito mais sangue do que os seres humanos e ainda recuperar, mas normalmente precisava de um trauma enorme para perder muito. Com o rápido coagulamento do sangue vampírico, as feridas selavam logo, até mesmo a perda de um membro ou de uma artéria cortada raramente resultaria em morte. Mas o sangue de Riker não estava coagulando.

E daí? Ele sequestrou você, ameaçou matá-la, e... a salvou de caçadores ilegais.

Bufou. Ele a salvou de caçadores para que ele mesmo pudesse matá-la após conseguir o que queria.

Neriya.

Quem era ela? Por que Riker a quer tanto que pediu a Nicole para libertá-la caso ele morresse? Ele estava realmente desesperado o suficiente para usar a palavra *por favor*. Ela deveria saber o quão difícil isso era para ele.

Um uivo soou ao longe. Um lobo, talvez? Outro uivo se uniu ao primeiro, este muito mais perto, e o coração de Nicole deu um salto. Ruim o suficiente que ela estava presa no meio da floresta, com vampiros e caçadores. Agora ela tinha lobos famintos com que se preocupar.

E se os uivos não fossem lobos? E se fosse assim que os caçadores sinalizavam um ao outro? No entanto, outro uivo, este tão perto que ela pulou, ecoou pela floresta. Oh, Deus, ela não conseguiria andar um quilômetro antes que alguém ou alguma coisa a pegasse.

Relutante, ela se virou para Riker. Deitado inconsciente e com um filete de sangue escorrendo pelo canto da boca, ele ainda conseguia lhe provocar medo, mas sem ele, ela não tinha a menor chance.

Chamando-se de todo o tipo de louca, ela cruzou a distância entre eles e se agachou para acender outra vela. Sob a luz bruxuleante, ela retirou a gaze embebida cobrindo o ferimento de Riker. Sangue e ar borbulhavam da ferida a cada respiração ofegante. Isso não era bom, e a situação ficou muito pior ao olhar para cima. A traqueia havia dobrado para o lado esquerdo do pescoço, flanqueada de cada lado por veias dilatadas que inchavam sob a pele. Baixando seu ouvido contra

o peito, ela amaldiçoou. O som da respiração baixa em seu pulmão direito confirmou suas suspeitas.

Pneumotórax de tensão.

A disciplina de fisiologia vampírica que incluiu nas aulas de medicina, e os sinais e sintomas de Riker estava no manual básico de trauma. Em circunstâncias normais, um vampiro poderia sobreviver, mas não havia nada de normal nessas circunstâncias, não quando a capacidade de cura natural de Riker estava sendo comprometida pelo ácido que ela lançara nele.

Apressadamente, ela vasculhou o kit de primeiros socorros, xingando o conteúdo. Ela não era uma médica, mas com o seu conhecimento da anatomia vampírica, ela imaginou que pudesse executar uma operação menor caso precisasse fazer.

Mas não com gaze, tesouras cegas e pinças.

Empurrando o kit de primeiros socorros para o lado, ela procurou os suprimentos restantes dentro do saco. Água, barras de proteína, um bloco de notas, mais velas, e um cobertor que poderia vir a calhar mais tarde, mas não ajudaria com a contenção do sangramento de Riker agora.

O que a deixou sem escolha, senão lidar com o envenenamento de ácido bórico.

Fechando os olhos, ela folheou arquivos mentais relativos ao desenvolvimento do pó antivampiro – basicamente, imobilizava as pessoas com presas – e o antídoto. Embora o pó de ácido bórico fosse altamente concentrado, ele estava agora em uso tanto pelos cidadãos particulares quanto os aplicadores da lei, Nicole acabara de assinar a produção em larga escala do antídoto para distribuição ao público.

Ela se lembrava daquele dia claramente, porque algumas horas mais tarde, foi informada que dezenas de vampiros foram executados no próprio laboratório onde o antídoto foi aperfeiçoado, supostamente sob suas ordens.

Estava ensolarado lá fora. Ela planejava a festa de Natal da empresa, embora ainda estivesse a meses de distância. Ela ainda fez uma pequenininha árvore de Natal de origami.

E então Chuck estourou em seu escritório para lhe mostrar o vídeo dos vampiros sendo drogados com ácido bórico e deixados para morrer em agonia, se contorcendo em suas celas.

Nicole vomitou na lata de lixo ao lado de sua mesa. Quando finalmente parou ofegante, ela estava furiosa, a ponto de demitir a maioria do pessoal do laboratório Minot. Em seguida, ela foi obrigada a recontratá-los quando Chuck enfiou sob seu nariz uma diretiva de execução assinada.

A assinatura era dela. Não importava que ela jurasse não ter assinado a ordem. O que importava era que, de repente, ela tinha os olhos abertos para a realidade que não queria enfrentar. Quantos vampiros sujeitos a testes sofreram nos laboratórios Daedalus para que sua empresa lucrasse com a arma que usara em Riker? Quantos vampiros morreram mortes excruciantes e horríveis?

Nicole dedicou sua vida para salvar a humanidade do flagelo vampiro. Mas agora, enquanto olhava para Riker desamparado no chão e pensava Lucy, que só queria doces, não sangue, Nicole não poderia se orgulhar do que fizera.

Riker engasgou, cuspendo sangue no chão da caverna, e ela empurrou sua vergonha em uma caixa para ser explorada mais tarde. Ela não poderia ser responsável pela morte dele. Não com uma arma Daedalus, de qualquer maneira.

Assim, o antídoto... ela mordeu o lábio, seu cérebro trabalhando um milhão de quilômetros por hora. Uma grande percentagem da cura continha carbonato de cálcio como um agente de neutralização. O carbonato de cálcio era usado frequentemente em antiácidos. Um frissom de esperança disparou através dela, e ela revirou o kit de primeiros socorros novamente, esperançosamente esperando que os vampiros usassem antiácidos.

Nada. *Droga.* Ela olhou para as velas enquanto sua mente girava como uma centrífuga. No interior, a respiração de Riker ficou mais difícil. Ele tinha duas horas no máximo.

Uma das velas piscou, cuspendo uma gota de cera ao lado do pilar branco.

Cinza.

Filho da puta, é claro!

— Espere, vampiro. — Ela correu para a entrada da caverna, hesitando apenas um segundo para ouvir os caçadores antes de se arrastar para o crepúsculo e reunir uma braçada de galhos, paus, e madeira apodrecida.

Ela voltou correndo, mas seu coração afundou ao som das respirações irregulares de Riker enchendo a caverna como um chocalho de morte sinistra. Ele não tem muito tempo.

A adrenalina e o medo fez suas mãos tremerem enquanto ela usava a madeira e uma vela para iniciar um fogo que não era maior do que uma chama fraca.

— Vamos, — ela insistiu com a pequena chama, mas parecia que o fogo tinha sua própria agenda lenta.

Droga. Se isto fosse em qualquer outra situação, ela teria queimado as notas também. Mas os vampiros eram tão sensíveis aos vapores químicos que mesmo quantidades mínimas de produtos químicos utilizados para processar papel poderiam danificar ainda mais os pulmões já comprometidos de Riker.

Obrigando-se a pensar positivamente, ela se virou para verificar Riker assim que ele vaiou de dor, os lábios repuxados para expor dentes manchados de seu próprio sangue. Sua boca se torceu em um grunhido silencioso, e, instintivamente, ela se afastou com o seu coração trovejando no peito. *Jesus.* Mesmo pairando perto da morte ele era aterrorizante.

Mas ele pairava perto da morte, e conforme ele se estabelecia com um gemido baixo ela controlava sua ansiedade.

Ele pode ser um vampiro, mas agora, ele precisava de ajuda. Ela se aproximou dele, seus dedos flexionando como se ansiosos para tocá-lo. Ele foi rude com ela, ameaçando, um pouco duro até. Mas não a machucou... ainda. Ela não podia deixar de se perguntar por que, já que ele parecia certo em culpá-la por cada coisa feita de errado para os vampiros, incluindo a morte de sua companheira.

E o que era isso, afinal? Por que ele culparia sua família por esse incidente quando foi ele quem conduziu a lâmina através da garganta de Terese?

Algo não encaixava, e Nicole odiava segredos, odiava incógnitas. Mesmo quando criança queria respostas para tudo, amava Nancy Drew e queria crescer para ser detetive particular.

A morte de Terese e a rebelião de escravos mudou tudo isso.

Riker gemeu, seu corpo grande tremeu. Seu sofrimento a esfolava viva. Não importava o que ele era ou o que fizera. Ele estava sofrendo, e era culpa dela. Uma sensação estranha, que não havia sentido em vinte anos, percorreu suas veias e foi direto para seu coração: a verdadeira compaixão por um vampiro.

— Dane-se, — ela murmurou. — Tenho certeza que você logo me comerá enquanto olha para mim, e aqui estou eu sentindo pena de você.

Muito gentilmente, ela colocou a mão sobre o esterno, sentindo seu peito subir e descer a um ritmo lento. Seu batimento cardíaco estava forte, mas sua pele estava

pálida e quente. Movendo, ela colocou os dedos na garganta dele e estremeceu com o pulso lento. Um gemido aflito vibrou todo o caminho até seu braço e mais uma vez penetrou em seu coração.

Ela olhou para o pequeno fogo. — Eu já volto. — Ela não sabia se ele poderia ouvi-la, ou se ele sequer se importava se ela voltaria, mas por algum motivo bobo, ela queria que ele soubesse que não estava sozinho.

Amaldiçoando-se por ser uma tola que provavelmente salvaria a vida de seu próprio assassino, ela molhou uma embalagem de gaze com álcool e jogou o conteúdo. O fogo nem sequer chegou perto de queimar todas as plantas, mas usou uma vara para raspar o pouco de cinzas que conseguisse na pequena embalagem de alumínio. Em seguida, ela tirou o pó de uma rocha plana e jogou as cinzas quentes nela. Com outra pedra, ela preparou o remédio em um pó fino.

Ela voltou para Riker, embalando a cinza pulverizada na palma da mão. — Ei. — Ela se aproximou e inclinou a cabeça dele para cima. — Preciso que você respire isto.

Ele goleou, batendo no braço no dela e despejando metade das preciosas cinzas de sua mão. Ela tentou novamente, com resultados semelhantes e o que seria, sem dúvida, uma posterior dor em seu cotovelo.

— Acho que farei isso da maneira mais difícil, — ela murmurou.

Ela montou seu peito largo, usando as coxas para segurá-lo. No momento em que ele exalou, ela agarrou a parte de trás da cabeça dele e a levantou até que o nariz estava na palma da sua mão. Quando ele tentou se esquivar, ela segurou com mais força.

— Riker, se acalme, ok? Preciso que você inale isso para mim.

Ela não sabia se ele ouviu, mas ele prendeu a respiração, a corrente de ar soou como se viesse de alguém segurando a respiração debaixo d'água por uma hora. Cinzas atiraram em sua boca e narinas, e então ele estava tossindo, se contraindo debaixo dela, e arranhando a garganta. Por uma fração de segundo seus olhos se abriram. Dor e acusação giraram nas profundezas prateadas, eviscerando-a.

— Calma, vampiro. — Ela afastou as mãos de seu pescoço e prendeu-as contra o peito. Ele era forte, e ela teve que forçar o peso de seu corpo no dele para impedi-lo de se mover e rasgar a própria pele. — Eu sei que dói, mas a cinza está funcionando.

Ela esperava. Deus, ela esperava. Se tivesse tornado as coisas piores, ela nunca se perdoaria.

Aos poucos, ele parou de lutar, mas continuou segurando as mãos dela, mesmo quando ela tentou se livrar das garras dele. Entre suas coxas, ele estava quente, seu corpo tão grande que ela pensou que sentiria o aperto na parte da manhã.

Meu Deus, como deveria ser o sexo com ele se apenas segurando-o parado lhe deu tensões musculares? E por que no mundo sua mente foi nessa direção?

Talvez porque houvesse alguma verdade para toda a conversa sobre vampiros sendo criaturas super sexuais. Uma amiga dissera uma vez que o homem mais feio na terra seria sexy caso tivesse presas. E se tivesse o corpo extremamente tonificado que vinha como um padrão em todos os vampiros. A Daedalus ainda tentava descobrir a biologia por trás *disso*.

Riker sempre foi lapidado como um super-herói – ou *super vilão* – ou foi moldado com muita musculação?

De qualquer maneira, ela tinha um super vampiro debaixo dela, seu peito nu sob as palmas das mãos... quando apenas horas atrás ele queria matá-la. E ela quase o matou.

Com um toque leve e vacilante, ela colocou as mãos sobre seu abdômen duro como rocha e até os ombros, dizendo que isso fazia parte de um exame médico, mas quando chegou ao biceps esquerdo e encontrou a tatuagem lá, toda a pretensão saiu pela janela. Ela estava completamente curiosa sobre o corpo dele. Oh, ela estudou vampiros em sala de aulas e em laboratório, mas desta vez, seu foco era mais pessoal. Desta vez, queria aprender sobre o vampiro em particular, e não a espécie como um todo.

Sob os dedos, a tatuagem parecia pulsar enquanto traçava as linhas curvas da lua crescente para os lados circundado por uma serpente. O desenho era simples, mas elegante, e ela se perguntou qual o significado atrás disso.

— MoonBound, — Riker disse asperamente. — É o nosso símbolo.

Assustada, ela sacudiu como se tivesse sido queimada e olhou nos olhos dele. A prata maçante, manchada, lembrou a ela quão perto da morte ele esteve. — Graças a Deus, — ela respirou. — Você está bem.

— Como?

— Neutralizei os efeitos do ácido bórico com o carbonato de cálcio. Cinza, — ela explicou. — Agora que o seu organismo não precisa lutar contra as toxinas, pode curar as outras feridas. — Ela pegou uma garrafa de água do saco de suprimentos ao lado dela e a segurou aos lábios. — Beba.

Ele tomou gananciosos goles longos, drenando a garrafa em questão de segundos. Uma vez terminado, ele fechou os olhos, talvez de alívio. Sua mão apertou a dela... em gratidão? Perturbada, ela permaneceu congelada, mesmo quando ele moveu a mão para sua coxa. Ele não parecia ter nenhum problema em respirar agora, seu peito subindo em um ritmo constante, mas ela parou de respirar no momento em que ele tocou sua perna.

Ela lutou para recuperar o fôlego enquanto sua mão flutuou até o quadril. Em seguida mais acima, acariciando ao longo de sua cintura e do peito, e quando seu polegar escovou o lado do seio em sua viagem para o norte, ela finalmente inalou, desesperada por ar.

Os dedos dele deslizaram sobre sua clavícula, encontrando sua garganta. A ponta de um dedo raspando suas cicatrizes trouxe um estremecimento involuntário. Os olhos de Riker se abriram. Não mais aborrecidos, mas brilhando com uma luz estranha, como uma lápide de mármore sob a lua cheia.

Pelo que pareceram horas, ela olhou, hipnotizada. Não foi até que ela tentou engolir e não conseguiu que percebeu que ele envolveu a mão ao redor de sua garganta com um aperto.

Firmemente, mas com cuidado, ele a puxou tão perto que o calor da respiração dele se espalhou em suas bochechas. — Ora, — ele rosnou. — Por que você me salvou?

Ela começava a se perguntar a mesma coisa. — Porque não sou a assassina que você parece pensar que eu seja. — *E se eu tiver alguma esperança de sobreviver aos caçadores ilegais, é com você.*

Em um instante ele a virou e ficou em cima dela, seu corpo pesado contra o dela, sua mão ainda na garganta dela, seus quadris pressionando entre as pernas.

— O que eu acho, — ele disse com uma voz profunda, gutural, — É que você se arrependerá de não ter me deixado morrer.



NOVE

Entre as pernas longas de Nicole foi o último lugar que Riker pensou que estaria hoje. Claro, ele não pensou que seria envenenado, esfaqueado ou baleado, tampouco. O dia foi cheio de surpresas, e era só o início da noite. Ainda havia tempo para um meteoro pousar em cima dele, ou alguma merda.

Nicole estava debaixo dele, a garganta pulsando sob sua palma. Para seu crédito, ela não estava pirando. Se alguma coisa, ela parecia irritada.

— Bem? — Perguntou.

— Bem o que? Eu lamento não deixá-lo morrer? Você gostaria que eu dissesse sim, não é? Todos os seus preconceitos sobre mim seriam confirmados. — Carrancuda, ela achatou as palmas das mãos contra o peito e empurrou.

Divertindo-se com seus esforços patéticos para desalojar-se dele, ele sorriu. — Na verdade, eu tenho um *monte* de suposições sobre você. Poucas são lisonjeiras.

— Você é um babaca. — Ela lutou como um coelho apanhado numa armadilha, mas ele a controlou com facilidade, afundando mais de seu peso sobre sua estrutura menor.

Grande erro. Ele pode não gostar dela, mas não esteve nesta posição com uma mulher em décadas, e seu corpo não se importava com o que ele pensava dela. Tudo o que importava era como suas curvas se encaixavam contra seus músculos duros e como sua pélvis estava balançando contra a dele. Ele também tinha um

imenso apreço pelo modo como os seios magníficos esfregavam contra seu peito nu.

Ele deslizou uma mão para a bunda dela a fim de segurá-la, mas tudo o que conseguiu foi colocar seu sexo em contato direto com o dela. Ele também descobriu que a bunda dela era dura como rocha e uma boa mão cheia.

— Pare com isso, — ele grunhiu.

— Foda-se. — Ela resistiu mais fortemente, e ele gemeu com o movimento descaradamente sexual. Por trás da braguilha de sua calça jeans, seu pênis rapidamente inchou, esfregando contra suas calças lisas, criando um atrito que o deixou tonto com uma súbita necessidade.

— Falo sério, Nicole. — Sua voz sexuada estava rouca, enferrujada pelo desuso. — Pare de se debater.

Ela afundou as unhas em seu peito e tentou empurrar novamente, mas as pequenas pitadas de dor só aumentaram o prazer subindo como luxúria através dele, quente e potente.

— Ou o quê? — Quase antes das palavras saírem de sua boca, se tornou muito claro para ela o que estava acontecendo. Viu na maneira que sua expressão relaxou e sua pele corou, sentiu-o no conjunto tenso de seus músculos. — Oh, — ela respirou.

Deus, ela era a pura perfeição feminina agora, com seu cabelo espalhado em uma piscina confusa no chão, sua respiração ofegante, seus brilhantes lábios cheios. Ela parecia uma mulher que precisava de um colchão, menos roupa, e um homem disposto a usar todos os truques sujos para deixá-la enlouquecida de êxtase.

Apoiado em um cotovelo, ele aliviou a mão ao redor da nuca delgada, aonde sua espinha encontrava o crânio. Com um aperto rápido de seus dedos nesse ponto, ele poderia matá-la antes que ela soubesse o que aconteceu.

Ou poderia acariciar a pele macia e passar os dedos pelo seu cabelo sedoso.

Isso era estúpido. Completamente louco e inapropriado seu corpo responder a ela absolutamente, muito menos com uma poderosa onda de desejo que o fez abaixar a cabeça em direção a aquela boca perfeita. Ele se perguntou qual o gosto dela, se perguntou se seus beijos eram tão doces quanto o néctar delicioso em suas veias. O próprio pensamento fez seu corpo aquecer.

Sem pensar, ele roçou os lábios nos dela. Abaixo dele, Nicole ficou tensa, e quando ele fez isso de novo, desta vez com um toque ainda mais leve, ela soltou um suspiro. Sob o polegar, o pulso dela acelerou loucamente, e o aroma de sua raiva e medo misturava com uma nota sutil de excitação.

No mesmo instante, seu corpo ficou mais quente. Ele precisava de mais. Muito mais.

Ele selou a boca sobre a dela, gemendo enquanto provava sua primeira mulher desde a morte de Terese. Seus lábios se separaram um pouco, e o recesso quente e úmido de sua boca o chamou profundamente. Ela era suave em toda parte, mas firme o suficiente nos lugares certos, deixando-o saber instintivamente que ela poderia levá-lo mais duramente. Seu lado mais selvagem.

Ele estremeceu com a direção que seus pensamentos tomaram. Eles não podiam fazer isso. Ele nunca foi o tipo de ter relações sexuais com uma mulher que não gostava, não importa o quanto ela era sexy ou o quanto ela o excitava.

Rosnando de frustração, ele a beijou mais, o que não fazia sentido, e sabia disso. Ou talvez fizesse. O beijo foi punitivo, brutal, porque, caramba, era culpa dela que ele estava entre suas pernas em primeiro lugar.

Os seios de Nicole pressionaram em seu peito nu quando ele moveu, movendo-se contra ela em uma onda primitiva em que ambos gemiam.

Mais. Ele agarrou seu quadril e a colocou mais firmemente sob ele.

Mais. Ele arrastou a boca ao longo de sua mandíbula. Ela cheirava tão bem, tão feminina. Ele moveu a boca para o pescoço dela e, instantaneamente, ela ficou tensa e recuou.

Certo. Ele era um vampiro. Valia tanto quanto um cão vadio. E este cão vadio estava transando com sua perna. Ela deveria estar mortificada.

Humilhante porra. Ele se afastou dela, desviando o olhar para ela não ver a mudança de cor em seus olhos que significava excitação. Ela estava muito consciente do seu desejo como estava, e ele era um idiota por deixar isso ir tão longe quanto foi.

Com uma maldição, ele agarrou sua camisa arruinada. Suja de sangue e rasgada. Não era vestível, mas teria uma boa utilização enquanto esperava sua frequência cardíaca e respiração retornar aos níveis de odiar o inimigo.

Após borrifar a camisa com a garrafa de água, limpou o sangue seco em seu peito. O ferimento estava quase curado. Outros dois dias e não haveria sequer uma cicatriz.

O raspar de botas grossas de salto alto de Nicole ecoou pela caverna quando ela levantou. — Hum... — ela limpou a garganta, porque, sim, este foi todos os tipos de estranho. — Você precisa de sangue? Você sabe, para repor o que perdeu?

Sim, ele precisava. Ele estava operando com cerca da metade da força agora, mas o inferno se ele ia dizer isso a ela.

— Não se preocupe, Sunshine. Não vou afundar meus dentes grandes e ruins em sua pequena e bonita garganta. — Ele pôs nos ombros seu cinto de armas. — Não até ter Neriya de volta, de qualquer maneira.

Essa ameaça específica estava ficando velha, mas agora, ele precisava obter seu cérebro novamente funcional, e seria necessário pensar em outra coisa que não afundar qualquer coisa sua em qualquer coisa de Nicole.

Seu mau humor lhe disse que ela estava tão cansada da ameaça que pairava sobre a cabeça dela. — Por que ela é tão importante para você, afinal? Quem é ela?

Riker não lhe devia uma explicação, mas inferno. Eles não tinham mais nada para fazer enquanto estavam na caverna, exceto falar. Além disso, talvez se ela entendesse a importância de tirar Neriya dos seres humanos, Nicole estaria mais disposta a cooperar.

— Tenho certeza que você está ciente de que a raça vampírica tem uma taxa de natalidade baixa, e quando uma mulher engravida, o nascimento pode ser extremamente complicado e perigoso.

Nicole se movimentou na frente dele. Ele desejou que ela não tivesse. Embora estivesse arrastando os dedos em seus cabelos bagunçados, numa tentativa de domá-los, ela ainda parecia ter acabado de sair da cama depois de uma noite de sexo, e ele definitivamente não precisava retratá-la em um colchão. Ou com um homem.

Ou com ele.

— Um em cada quatro partos resulta na morte da mãe, ou a criança, ou ambos, — ela disse, soando como se estivesse lendo diretamente de algum livro *Vampiros para Idiotas*. — Eu sei.

— Bem, Sunshine Espertinha, todos os vampiros desenvolvem habilidades especiais em algum momento de suas vidas, independente de nascerem ou serem

transformados. Uma das habilidades mais raras também é a mais preciosa. Chamamos de *usdida*. — Agachando, ele reuniu os suprimentos de primeiros socorros e tentou recolocá-los na caixa. Eles pareciam se multiplicarem. — Basicamente, as pessoas com este dom podem facilitar o trabalho e entregar os bebês com segurança. Ninguém sabe como funciona, só que muito raramente uma criança ou uma mãe morrem quando uma parteira com *usdida* está presente. — Que diabos, sério, as bandagens reproduziram? Frustrado, ele forçou a tampa do kit para fechar. — Neriya é a parteira de outro clã. Nós negociamos para ter seu dom para um nascimento, mas quando íamos devolvê-la, a nossa equipe foi atacada por caçadores, e ela foi levada.

— O que faz você pensar que minha empresa a tem? — Nicole perguntou.

Ele olhou para ela, um pouco surpreso com a falta de atitude defensiva na pergunta. — Porque um guerreiro que sobreviveu ao ataque relatou ter ouvido os caçadores mencionar ter um comprador em Daedalus esperando.

Houve uma longa pausa, como se Nicole estivesse reunindo seus pensamentos. Finalmente, ela balançou a cabeça. — Isso é impossível. Não temos pessoas recolhendo vampiros para nós. É ilegal para qualquer um, exceto os caçadores aprovados pelo governo federal para capturar vampiros selvagens.

Vampiros selvagens. Ao contrário de vampiros escravos domesticados, supôs.

— Então você está dizendo que meu guerreiro é um mentiroso.

— Eu acho apenas que ele está errado, — ela disse, como uma perfeita diplomata.

Ele apertou os molares tão forte que sua mandíbula doía. — Baddon não comete erros.

— Entendo. — Ar ártico praticamente girava em torno dela. Sem dúvida, ela não acreditava nele e tinha certeza que sua empresa fabulosa foi completamente mal interpretada. — Em todo caso, eu posso entender por que você está desesperado para obter Neriya de volta.

— Você não tem ideia. — Ele se levantou com um pouco mais de força do que era necessário. — O clã dela, Shadowspawn, deu-nos até a lua nova para devolvê-la. Se não o fizermos, eles vão nos destruir até o último filho.

A boca de Nicole se abriu. Fechou. Abriu novamente. Finalmente, ela simplesmente se afastou. — Há muito mais em seu povo do que as pessoas sabem.

— Chocante, não é, como nós temos sentimentos, famílias, e até comemoramos feriados. — Ele desejou que ela se virasse para que ele pudesse avaliar sua reação, mas ele teria que se contentar com ouvir a batida do seu coração conforme ele acelerava ou retardava... ou pulava uma batida da maneira como a teve um momento atrás. — Mas sabe o que estraga as nossas famílias? Os nossos feriados? — Ele deixou a resposta voar como um cruzado de direita. — *As pessoas como a sua família.*

Nicole virou tão rápido que ele realmente deu um passo atrás. — Não estou defendendo o que os seres humanos têm feito para vocês, — ela disse ferozmente. — Mas minha família foi boa para os nossos funcionários.

— *Funcionários?* Minha companheira não era uma *funcionária*. Ela era uma escrava. Você não pode sequer dizer isso, não é? — Repugnância se elevou dentro dele, crua e quente, quando duas décadas de ferida purulenta o rasgou, derramando dor fresca. — Sua família a arrancou de nossa casa e a transformou em uma maldita babá para uma criança de nariz melecado que cresceu para odiar vampiros.

— Eu amava Terese! — Nicole deu um passo agressivo para ele, suas mãos em punhos ao lado dela. — Ela era como uma irmã para mim. Ela se importava comigo.

— Eu me importava com ela, — ele disparou. — Você a tirou de mim. Das pessoas que ela amava.

— Sim, — ela disse, com a voz tão cáustica como o ácido com o qual ela quase o matou. — Sua companheira te amava tanto que ela tentou abortar seu bebê. Duas vezes.

Faz muito tempo, décadas na verdade, desde que Riker esteve sombrio. Agora tudo voltou para ele... O momento de confusão atordoada, a dor que o deixou se enrolando, a súbita ausência de respiração que fez os pulmões apertar em cascas encolhidas.

Com as poucas palavras que saíram de sua boca, Nicole o derrubou como nenhum golpe já fez. Ele não podia pensar. Não podia falar.

Tudo o que podia fazer era ficar de pé, um zumbi, na noite.



DEZ

Nicole se sentiu como uma cadela hedionda. Ela começava a entender a amargura de Riker por ela e sua família, e pelos seres humanos em geral, mas ela era tão protetora de Terese, e ele descartou completamente como Nicole se sentia sobre a vampira.

E ela ainda não estava certa do que aconteceu na noite em que Terese morreu. Tudo que Nicole sabia era que ela ouviu a voz dele com raiva e o viu segurando uma faca no pescoço de Terese enquanto ela insistia com ele. A memória ainda a cortava profundamente, ainda tinha o poder de reduzi-la a lágrimas, às vezes.

Por favor, Riker. Não faça isso. Por favor.

O vampiro macho havia pressionado Terese contra o galpão, com a mão cobrindo a dela, e ambas as mãos dela estavam embrulhadas em torno do cabo de um punhal que estava cavando na garganta de Terese. Lágrimas escorriam pelo rosto de Terese enquanto ela insistia com ele. Uma única gota de sangue brotou em sua pele onde a lâmina da faca pressionava.

Nicole procurou em seu cérebro por uma maneira para fazer esse vampiro parar de ferir Terese, mas Nicole era tão pequena, e ele era assim... enorme. Ela tentou gritar, mas só um guincho saiu, e por um momento de parar o coração, Riker desviou o olhar em sua direção. Terror a congelou no chão. Ele podia vê-la?

Ela não podia se mover. Não conseguia respirar. Não foi até que ele se virou para Terese que Nicole foi capaz de se arrastar de seu esconderijo no mato e correr

até os estábulos. Com as pernas bambas, mas tão rápidas quanto conseguia, ela irrompeu no celeiro, onde o tio Paul estava selando um cavalo de polo para seu primo, Ted.

— Socorro! Tio Paul! — Ela fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Um vampiro selvagem. No galpão. Ele vai matar Terese. Ajude-a!

Tio Paul bateu em um alarme na parede. Uma sirene gritou e os cavalos ficaram loucos. — Fique aqui, — ele disse a ela e Ted. Ele pegou um forcado e saiu correndo.

Ela nunca o viu vivo novamente.

Horas depois, seu pai encontrou Ted e ela agachados no palheiro. Alguém veio pegar Ted, mas seu pai ficou com ela, segurando-a contra seu peito enquanto ele dava a notícia de que o tio Paul estava morto, e também Terese. O vampiro que os assassinara havia escapado.

O coração de Nicole bateu dolorosamente contra as costelas com a memória, e uma onda vertiginosa de náuseas a fez curvar. Ela queria se vingar de Riker por tanto tempo, e agora que ela o tinha nas mãos, ela salvou a vida dele. E então ela aperfeiçoou toda sua raiva acumulada em uma lâmina verbal afiada e afundou no coração dele tão profundamente quanto poderia conseguir.

A dor nos olhos dele quando ela contou sobre as tentativas de aborto foi crua e real, e com uma clareza que não podia explicar, ela tinha certeza de que, mesmo se fosse responsável pela morte de Terese, ele também foi perseguido por isso, assim como Nicole.

Agora precisava limpar essa bagunça que acabara de fazer. Ela ainda estava um pouco tonta quando saiu da caverna, e saudou o frio ar fresco assim que atingiu seu rosto. Uma névoa fina caía de uma camada de nuvens baixas, sem desenhos característicos, que engolia as copas das árvores, mas Riker não pareceu notar as gotas de água em seu cabelo e pele. Ele estava agachado sobre os calcanhares, antebraços envolvendo os joelhos, a cabeça baixa.

— Riker...

— O que você disse é verdade? Terese tentou abortar o bebê?

Ela fechou os olhos, mas isso não silenciou a vergonha. — Não acho...

— Diga-me. — Sua voz falhou como um trovão, e ela sabia que não haveria como discutir com o seu comando.

— Sim, — ela disse suavemente.

— Como?

— Isso importa? — Ela sussurrou, odiando-se por trazer isso em primeiro lugar.

— Por que você está se torturando assim?

— Talvez eu goste de dor. — Ele falou por entre os dentes cerrados, os músculos da mandíbula se contorcendo furiosamente quando ele apertou forte os molares. — Como?

O vento soprava seu cabelo contra suas bochechas frias, mas a picada não foi nada comparada com o que Riker deveria estar se sentindo.

— A primeira vez, ela bebeu um chá de tanaceto e óleo de poejo. Meu pai ficou furioso. — Nicole lhe implorou para não ferir Terese, mas essa não era a intenção dele. Ele havia acorrentado Terese a uma cama até que ela jurou se comportar. E ela se comportou... por três semanas. — Na segunda vez, ela se jogou por um lance de escadas. — Nicole viu isso acontecer, mas mentiu para seu pai, dizendo que foi um acidente.

Riker passou as mãos sobre o rosto antes de pressionar as palmas das mãos nos olhos e ficar completamente imóvel.

— Sinto muito, — ela murmurou. — Foi cruel da minha parte trazer isso agora. Eu não deveria ter ido por esse caminho.

Muito lentamente, a cabeça de Riker levantou, mas ele não olhou em sua direção. Seu olhar oco estava voltado para longe. — Isso é uma piada?

— O que é uma piada?

— O seu pedido de desculpas. Os seres humanos não se importam em ser cruel para os vampiros.

Puxa. — Eu poderia dizer a mesma coisa sobre vampiros e crueldade para os seres humanos, — ela disse, resistindo à vontade de acariciar seus dedos sobre a cicatriz em seu pescoço, — Mas eu sei que Terese se importava comigo. Meu pedido de desculpas é genuíno, Riker. Não sei o que aconteceu entre vocês no dia em que Terese morreu, mas acredito que você a amava, e sinto muito por dizer o que eu disse.

— Realmente. — Sua voz gotejava com desprezo. — E o que a faz acreditar que eu amava Terese?

Suas bochechas aqueceram com as lembranças. — Eu vi você, — ela disse calmamente. — Às vezes, quando você se esgueirava para a propriedade para estar com ela... eu o vi.

Ainda agachado, ele girou e nivelou um olhar, sondando-a. — O que, exatamente, você viu?

Oh, Deus, fale sobre algo estranho. — Hum... no momento... quer dizer, eu era apenas uma criança...

— O quê? — Ele latiu. — O que. Você. Viu?

Sua boca na dela. Suas mãos itinerantes ternamente nos braços, o estômago, os seios.

Essas imagens ficaram com Nicole, tornando-se mais significativas conforme ela amadurecia. Ele foi tão cuidadoso com Terese, e foi por isso que a morte dela foi um choque, um mistério.

— Só se beijando. Tocando, — ela disse, soando estupidamente feminina e sem fôlego. — Apenas uma vez. — Todas as vezes depois quando Nicole os via juntos, Terese estava grávida, e os momentos roubados com Riker eram tensos.

Nicole mordeu o lábio, querendo fazer a pergunta em que se agarrou durante vinte anos, mas agora que ela podia, ela não sabia se a resposta faria qualquer coisa além de devastá-la. Ela a cuspiu antes que pudesse mudar de ideia.

— Como ela morreu, Riker? O que aconteceu naquele dia?

Como se ela acabasse de acender o fusível, ele ficou de pé, com os dentes arreganhados. — Ela era uma porra de escrava! Foi o que aconteceu! Ela estava tão malditamente miserável que tirou a própria vida. É isso que você queria saber? Eu fui naquele dia para tirá-la de lá, mas ela não quis ir.

Nicole o encarou; incapaz de processar o que ele acabara de dizer. — Não entendo, — ela disse, sacudindo a cabeça. — Se você estava lá para resgatá-la, por que ela se matou?

— Porque a sua família a destruiu, Nicole. Tudo o que ela queria no final era morrer.

— Mas por que ela não foi com você? — Isto era uma loucura. Ele estava mentindo. — Ela poderia ter ficado com você e o bebê.

Engolindo em seco, os tendões do pescoço destacando-se nitidamente debaixo de sua pele, ele se virou. — Ela odiava o bebê, e não via um futuro para nós.

— Por que não?

— Uma vez que o bebê não era meu. — Suas palavras afiadas cortavam com o ódio, cortavam como uma lâmina de gelo. — Ele pertencia ao seu pai.



ONZE

— Você está mentindo, bastardo. — Seu rosto ferido e pálido como um cadáver, Nicole se afastou de Riker, seus passos vacilantes. — Não sei que tipo de jogo você está jogando, mas sabe muito bem que os seres humanos e os vampiros não podem se reproduzir.

Riker empurrou a mão pelo cabelo úmido. — Eu não quis dizer que seu pai era o pai do bebê. Eu quis dizer que ele pertencia a ele. Ele o criou. Ele o queria para experiências ou um programa de melhoramento ou alguma merda. Eu não sei.

— Experimentos. Um programa de melhoramento. — A voz de Nicole era totalmente sem vida. Sem qualquer emoção, exceto dúvida. — Você está dizendo que Terese foi impregnada em um laboratório?

— Impregnada é a maneira educada, clínica, para colocar isso.

Riker olhou para a floresta, esperando que não houvesse caçadores ao redor, mas neste momento, ele se sentia imprudente, talvez até uma pequena esperança de que pudesse liberar alguma tensão com uma boa luta. Terese nunca foi uma pessoa forte, e ser vendida como escrava a enfraqueceu ainda mais. Então ela desapareceu por oito meses... oito meses em que ele ficou louco, tentando descobrir onde ela estava, se foi vendida para outra família, se foi morta. Ninguém sabia.

E então, um dia, ela estava de volta à mansão, grávida. Primeiro, ele estava emocionado, assumindo que havia acontecido durante um de seus encontros raros. Um menino, ela disse. Mas a emoção logo se desvaneceu quando ele descobriu que

a mulher que costumava ser Terese havia desaparecido. A nova Terese tinha duas emoções: irritada e sem emoção.

Mas a boa notícia era que os Martins trocaram seu colar de controle letal por um que causava apenas um leve choque e inconsciência caso ela cruzasse a barreira invisível da propriedade. Riker finalmente tinha um jeito de tirá-la de lá sem matá-la.

— Vou levá-la para casa hoje. Myne, Baddon e Katina estão esperando atrás do muro.

— É muito perigoso. Eu não deixarei você fazer isso. — As mãos de Terese escorregaram sob sua blusa. — Não deixarei você morrer por mim. — Ela pegou um punhal, tirou de seu cinto de segurança para a garganta dela.

O guerreiro nele, o homem que desprezava a fraqueza e nunca parou de lutar, ficou realmente muito chateado. — Droga, fêmea, o que você está fazendo? — Ele passou os dedos em torno de sua mão. — Não estou preocupado com o perigo, e não pretendo morrer. Vou levar você, e ponto final.

Uma única gota de sangue se formou onde a ponta da lâmina fez uma covinha na sua pele pálida. — Por favor, Riker. Não faça isso. Por favor.

— Nós temos que descobrir, Terese. Nós podemos fazer isso. Nós temos. Você precisa voltar a qualquer momento, e não deixarei nosso filho nascer aqui.

Terese o encarou. — Não é o seu bebê, Riker. — Não havia nenhuma emoção em suas palavras. Era como se ela estivesse lendo linhas de um livro que nem sequer gostava.

Foi a vez de Riker parar, seu cérebro estava tendo problemas para processar o que ela acabara de dizer. Finalmente ele conseguiu proferir algumas raquíticas palavras resmungadas.

— Não é meu? De quem?

— Não sei o nome dele.

Riker balançou a cabeça, ainda incapaz de pensar com as teias de aranha. — Você fodeu alguém? Foi onde você estava esse tempo todo? Com ele?

— Eu estava trancada dentro de um laboratório de Daedalus. — O olhar dela foi em algum lugar que ele não poderia seguir, e ele não sabia se queria. — Havia um macho em uma cela. Eles me colocaram com ele.

A queimadura lenta começou abaixo de sua barriga. — E você...

— Eu estava contida.

Emoção o consumiu... Raiva por Terese ter sido abusada dessa forma, auto aversão por ele não ter sido capaz de protegê-la, e tristeza que a criança que ele quis desesperadamente não era dele.

Mas sua confissão explicou tanto, e quando ele olhou para sua barriga inchada, ele sabia que o que ela precisava agora não era uma explosão de fúria que a aterrorizasse. Ela precisava de conforto e segurança, e ele precisava dela e do bebê, filho dele, droga, estivessem bem.

— Ouça-me, Terese. Tudo ficará bem. Eu prometo. Vamos criar o bebê como meu. Eu serei o pai, e ninguém tem de saber.

— Eu não posso! — Ela gritou. — Você não vê que não posso fazer isso? Não quero esse monstro dentro de mim. Não quero essas memórias em minha cabeça. — Ela lhe deu um pequeno sorriso triste que o esfriou por uma razão que ele não podia definir. — Eu nunca fui forte, não como você. Você merece mais do que estar selado comigo. Você sempre mereceu.

— Isso não é verdade, — ele resmungou. — Nosso vínculo não foi de nossa escolha, mas nunca me arrependi.

— Isso é porque você é um homem bom e decente que não volta atrás em sua palavra. Você fez um compromisso, e você manteve. Mas eu vou libertá-lo agora. — Ela empurrou a ponta da lâmina mais profundo em sua pele. — Por favor. Faça isso por mim.

— Não! Como você pode pedir isso? — Ele apertou a mão dela em uma tentativa de puxar a faca, mas ela não se moveu. — Droga, Terese, podemos fazer isso. Eu vou tirar você daqui. Uma vez que você estiver em casa, você verá que isso dará certo.

Então ele viu nos olhos dela, algo que esteve lá por semanas, mas que ele negou com todo o seu coração: falta de vida. Ela perdeu a vontade de viver. Ela estava morta antes dele mesmo chegar à propriedade Martin.

— Riker? — A mão de Nicole caiu sobre seu ombro. Ele queria dar de ombros longe do seu toque, mas seu corpo não obedecia. — Aquele dia... o dia em que ela morreu, eu a ouvi implorar por alguma coisa.

Amargura brotou como ácido, queimando a garganta e colocando uma borda cáustica em suas palavras. — Ela me implorou para não arriscar a minha vida para salvá-la. E então, ela me implorou para matá-la. — Ele estava com raiva da fraqueza dela, e agora remorso ameaçava comê-lo vivo. Ele poderia ter lidado com as coisas

de modo diferente. — Quando não o fiz, ela fez isso a si mesma. Acho que eu poderia ter falado com ela ou a dominado, mas uma sirene disparou.

Terese entrou em pânico ao ouvir o som das vozes, o alarme, e enquanto Riker estava distraído, ela mergulhou a lâmina na garganta.

Ele não viu Nicole endurecer, mas ele sentiu. — Não foi culpa sua.

Foi culpa dele, mas ele não ia assumir toda a culpa pela morte de Terese. — Não, foi sua.

Um estranho som aflito veio de Nicole. — Eu... o que o faz dizer isso?

— Porque ela não teria sentido a necessidade de se matar se sua família não a tivesse feito uma escrava, a tratado como um rato de laboratório, e forçado uma gravidez nela.

Silêncio. Então, algum embaralhar. Um momento depois, Nicole colocou algo em sua mão.

— Eu sei que você não acredita em mim, mas eu amava Terese, e sei que ela me amava. Ela me deu isso no dia em que morreu, mas eu acho... eu acho que pertence a você.

Nicole começou a voltar para a entrada da caverna, com o cabelo úmido e agarrado ao seu pescoço e ombros caídos. Ela parecia tão derrotada como ele se sentia.

Expirando uma maldição, ele olhou para sua mão.

Assentado na palma da mão estava o anel de Terese.

Nicole tremia tanto que tropeçou enquanto se aproximava da entrada da caverna. O chão veio para ela, mas, em seguida, Riker estava lá, puxando-a para cima com os braços ao redor da cintura dela. Ela encontrou seu equilíbrio, mas Riker não a soltou, seu aperto surpreendente – não, *espantosamente* – tenro.

— Você está bem? — Ele perguntou com a voz rouca.

Por alguma razão não conseguia encontrar sua voz, poderia apenas acenar. Como se não acreditasse nela, ele recuou e a examinou da cabeça aos pés, seu olhar persistente um pouco longo demais em seu pescoço. Droga, ela e sua autoconsciência, ela estendeu a mão para cobrir a cicatriz.

Riker cobriu a mão dela com a dele e gentilmente a afastou. — O que aconteceu?

Um arrepio a percorreu. Quando ele perguntou antes, ela não havia respondido. Não queria falar sobre isso, mas Riker acabou de se abrir sobre Terese, um trauma que certamente era muito pior do que o dela.

— Vampiro, — ela murmurou.

Franzindo a testa, ele roçou a ponta de um dedo sobre seu pescoço e uma sensação agradável e inesperada a percorreu. — Isso é um monte de danos.

— Ele foi... — ela começou a dizer que Boris era um funcionário, mas Riker estava certo. Boris era um escravo. Ainda assim, ela não conseguia obter a palavra de seus lábios. — Ele foi amansado.

Os olhos de Riker queimaram, e ela esperava outra explosão de raiva. — Deve ter sido brutal. — Quando ela não respondeu, porque sequer tinha palavras para quão brutal foi, ele perguntou: — Isso aconteceu durante a rebelião de escravos?

— Sim. — A memória combinada com a agitação em seu estômago que só piorava, provocou uma raiva súbita. — Sem dúvida você desejou que eu estivesse morta.

— Você era uma criança. Não merecia o que o vampiro fez com você. — Ele alisou o dedo sobre a pele de sua garganta. — Meu clã adotou regras de engajamento muito tempo atrás, e matar crianças vai contra cada uma delas.

Sua raiva murchou, e ela desviou o olhar, oprimida por tudo o que aconteceu desde que foi sequestrada de sua casa. Ela aprendeu mais sobre vampiros nas últimas vinte e quatro horas do que em todos os seus vinte e oito anos de vida. E ela era considerada uma perita em seu campo.

Que piada.

— Qual é o problema? — Quando ela não disse nada, ele enganchou um dedo sob o queixo e levantou o rosto para que seus olhares se encontrassem. — Você não acredita em mim?

— Não é isso. — Ela respirou fundo, estremecendo. — É apenas...

— Apenas o que?

— Fui criada para pensar que os vampiros eram monstros sem alma. Criaturas que precisavam ser mantidas sob rigoroso controle ou matariam tudo o que poderia colocar as mãos. E, em então, foi-me dito que você matou Terese e meu tio, e depois disso, veio a rebelião de escravos.

A memória de ser atacada ficou toda confusa com a forma como Riker a tocava, e seu coração trepidou, como se estivesse tendo dificuldade em decidir entre lutar e fugir. Alguém realmente precisava adicionar frieza às opções de resposta instintiva ao estresse. Lutar, fugir ou congelar.

— Você disse que amava Terese.

— Eu amava. E essa é a chave em toda essa confusão. Pensei que ela fosse uma casualidade. O gato que gosta de ratos ou o retriever que não morde. — Ela engoliu em seco. — E agora... — agora ela estava vendo a vida do outro lado. O jeito que ela foi criada, coroada pela rebelião de escravos que matara seus pais, seus primos, e seus amigos e quase a matou, a deixou com vendas nos olhos.

Agora a venda foi arrancada, e suas novas experiências e novos conhecimentos faziam sua cabeça girar.

Outra onda de náusea tomou conta dela e ela vacilou. Então, talvez a cabeça estivesse cercada de mais sobrecarga sensorial. Sobre mais estresse, cansaço ou medo. Ela precisava de seus remédios. Riker a pegou novamente, mas desta vez ele a pegou e levou-a no fundo da caverna.

— O que está acontecendo, Nicole?

Ela supôs que a verdade não faria mal, e, neste ponto, a negação só a faria parecer estúpida.

— Eu tenho uma condição médica que provoca desequilíbrios nos níveis de ferro e de açúcar no sangue. — Ele a colocou no chão, mas quando seus pés tocaram a terra, as pernas não a apoiaram. Com muito cuidado, ele a abaixou no chão.

Em seguida, ele a chocou ao agachar na frente dela. Fez-se confortável com uma perna apoiada e o braço sobre o joelho como se estivessem se preparando para desfrutar de um piquenique. — Você precisa comer?

— Alimentos ajudariam. Mas o que eu realmente preciso é a medicação. — Ou uma transfusão de sangue, que era uma medida muito temporária e só prolongaria o inevitável.

Ele olhou para ela, o cálculo em seus olhos cintilantes fazendo-a se contorcer. — Deixe-me adivinhar. — Ceticismo pingava de suas palavras. — Sua medicação está na sua casa, e se não a tiver, você vai morrer.

— Sim. Não imediatamente, mas eventualmente.

— Insulina?

Ela balançou a cabeça. — É uma droga antiviral desenvolvida especificamente para mim, embora haja dois outros casos conhecidos de *vampiridae* que estão sendo tratados com a mesma droga.

— *Vampiridae*?

— Contraí o vírus vampírico quando fui mordida.

— Então por que você não é um vampiro?

Ela virou a mão esquerda, revelando a cicatriz redonda em seu pulso. — Porque eu fui imunizada contra a forma de contrair oralmente o vírus.

Vampiros desenvolviam duas formas de vírus, mas os seres humanos foram imunizados apenas contra o vírus que era transmitido pela saliva. Nenhuma empresa ainda havia desenvolvido qualquer coisa que possa defendê-los contra o mais poderoso vírus vampírico transportado no sangue. Daedalus estava trabalhando nisso, e Chuck alegara que eles estavam perto, mas os resultados dos ensaios foram, até agora, não tão satisfatórios quanto o FDA gostaria.

— A imunização me impediu de me transformar, mas não impede o vírus de atacar o meu corpo. — Fechando os olhos, ela caiu contra a parede da caverna. — Ninguém sabe por que isso acontece, mas em casos como o meu, o vírus cria níveis perigosamente elevados de ferro que desliga o pâncreas antes de desligar outros órgãos.

Ele amaldiçoou. — Posso fazer alguma coisa?

— Eu poderia melhorar com um pouco de comida e água.

— Espere. — Ela não esperava que ele realmente fizesse alguma coisa, mas ele pegou o saco cheio de suprimentos. — Aqui, — ele disse ao lhe entregar uma barra de proteína embrulhada. — Não é uma refeição quente, mas é melhor que nada.

— Obrigada. — Felizmente, ela pegou a comida que ele ofereceu. Enquanto ela se mantivesse hidratada, e seu açúcar no sangue o mais nivelado possível, ela poderia ficar sem a medicação por duas semanas, até o ferro em seu sangue e órgãos subir a níveis letais.

Mas não precisava se preocupar, ela pensou. Provavelmente estaria morta muito antes de ter uma chance de morrer de sua doença. Alguns vampiros provavelmente a livrariam do problema ferro-em-seu-sangue. E o problema sangue-em-suas-veias.

Ela deu uma mordida e tentou fingir que não gostou. Sem pensar, ela ofereceu a barra para Riker, que piscou em surpresa.

— É sua, — ele disse, balançando a cabeça.

— Você deve conhecer o gosto, — ela murmurou.

— Ei, — ele disse, seu tom leve, quase provocativo. — Eu dei o melhor dos dois sabores. — Ele apontou com o polegar sobre o kit de sobrevivência. — A outra é serragem de manteiga de amendoim.

Ela riu; grata por um momento da leveza, não importando quão breve isso poderia ser.

— Coma. — Ele começou a caminhar para a entrada da caverna. — Não há mais água no saco também.

— Aonde você vai? — Ela odiou o alarme em sua voz, odiava-se mais por relaxar quando ele parou na entrada e lhe deu um olhar tranquilizador.

— Vou patrulhar a área. Quero ter certeza que ninguém está perto. — Sua voz estava baixa, calma. — Eu não vou longe, e não vou demorar.

Ontem suas palavras teriam sido ameaçadoras. Hoje foram reconfortantes, isso era confuso. Ali estava ela, aliviada que seu sequestrador ia voltar. Pior, ele provavelmente planejava levá-la de volta ao seu clã para ser torturada ou algo assim.

Não mais com fome, ela se forçou a engolir a barra de proteína. Quando Riker não retornou pelo tempo que ela terminou, ela bebeu uma garrafa de água e pegou o bloco de notas do saco. Embora seus olhos queimassem com a necessidade de dormir, ela fez dois pequenos pássaros de origami e uma flor. Quando começou outra flor, Riker atravessou a entrada. A visão dele movendo-se com passos confiantes, fáceis, com as armas no arnês moldando perfeitamente o seu musculoso peito nu, enviou uma onda tanto de mal-estar quanto de apreciação feminina através dela. Ele poderia facilmente matá-la quanto protegê-la.

Machucá-la quanto beijá-la.

Mordê-la quanto acariciá-la.

De repente, a caverna fria parecia muito mais quente.

Quando Riker passeou em direção a ela, o calor dobrou ainda mais. — O que você está fazendo?

— Fazendo?

Ele gesticulou para as figuras de papel. Perturbada e envergonhada, ela tentou empurrar as criações dentro do saco, mas ele se agachou e capturou um pássaro.

— São coisas bobas que eu faço às vezes. — Ela encolheu os ombros com desdém. — Terese me ensinou.

— Terese lhe ensinou origami?

— Ela me ensinou a focar minha inquietação.

Riker estudou o pequeno pássaro na palma da mão. — Então, isso é uma coisa nervosa?

Nervosa não chegava a abranger isso. Estressada além da crença? Sim, isso.

— Você nunca esteve nervoso em sua vida, não é?

— Vampiros podem ficar nervosos, — ele disse. — E com medo. — Ele sentou ao lado dela e passou o dedo sobre a cabeça angular da ave, quase como se estivesse viva. A visão de um guerreiro tão durão acariciando cuidadosamente algo tão frágil a enchia de uma estranha sensação de calor, como se algo dentro dela estivesse derretendo. — E nem sempre fui um vampiro, sabe.

— Seus olhos não o entregam. — Correndo um olhar secreto para ele, perguntou-se qual seria a cor de seus olhos antes de ser transformado.

— Azul, — murmurou.

— Quase acredito que você pode ler mentes.

A inclinação divertida de sua boca atraiu o olhar dela. Ele realmente tinha lábios perfeitos, exuberantes, feitos para agradar a uma mulher, e seus próprios lábios formigavam em lembrança do beijo que compartilharam. Ela ainda não podia acreditar que havia acontecido. Ela leu uma vez que situações intensas fazem as pessoas se relacionarem mais rapidamente e se comportarem de maneiras que normalmente não fariam, e enquanto ela não tinha certeza sobre a coisa do relacionamento, o resto era perfeito.

Porque, nunca em um milhão de anos, ela teria pensado que beijaria um vampiro.

— Eu conheço pessoas, — Riker disse. — Você disse que é pesquisadora. Isso significa que é curiosa. Assim... Azul.

Ela não gostava que um vampiro a lesse tão bem. Também não gostava que agora ela soubesse qual era a cor dos olhos dele quando ele ficava intensamente desperto, que era a única vez em que os olhos de um vampiro transformado se reverteriam para a cor natural. Mas, mesmo assim, a cor seria reforçada com um brilho intenso, erótico, dizem que para deixar o sexo oposto impotente para resistir.

— Espera... então, por que, quando você estava em cima de mim... — ela fez uma pausa, procurando desesperadamente as palavras para tornar isto menos estranho, mas tudo o que podia fazer era pensar em como o seu rosto estava em chamas com mortificação.

— Por que meus olhos não mudaram de cor? — Seu olhar abocanhou o dela, com um brilho cruel refletindo na superfície prateada. De repente, a caverna estava fria novamente. — Eu acho que não estava excitado.

Ela estava ao mesmo tempo aliviada e insultada. Definitivamente irritada. Ela arrancou o pássaro de papel dele e o empurrou para dentro do saco.

— Tenho tempo para descansar um pouco?

— Você tem toda a noite.

Bocejando, ela se virou contra a parede da caverna. Não precisava de toda a noite. Apenas alguns minutos de sono faria...

— Nicole.

A voz abafada de Riker perfurou a escuridão.

— Nicole. — Ela sentiu que estava sendo balançada. — Temos de ir. Alguém está vindo através da entrada traseira.

Grogue, desorientada, ela abriu os olhos. — O que?

— Você adormeceu. Esteve fora por horas. — Ele não esperou que ela acordasse. Em um instante, ela estava nos braços dele, e eles estavam correndo para a luz no início da manhã na frente da caverna.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele, segurando sua preciosa vida conforme ele saltava da borda e caía no chão em uma corrida rápida. Movendo-se em silêncio, seus passos poderosos mal tocando o chão. Ramos bateram neles, mas na maior parte, tudo era um borrão até quilômetros depois, quando ele parou com um solavanco e a colocou no chão.

— Você ouviu isso?

— Não, — ela sussurrou, sua voz soando estrangulada até a seus próprios ouvidos. — Caçadores ilegais? — A própria palavra encheu seu intestino com pavor.

— Eu desejava.

Vampiros explodiram pela floresta, e se a expressão de Riker era qualquer coisa, estes não eram os mocinhos.



DOZE

Seis vampiros musculosos rodearam Riker e Nicole, corpos carregados com 22 quilos de armas extras. Sangue em vários estágios de secagem respingava em suas roupas de estilo camuflagem, e o cheiro da morte agarrava-se a eles como uma sanguessuga. Eles pareciam famintos, mas não por alimentação.

Para matar.

Este era um desses momentos que Riker sentia falta da sensação do aço frio em suas mãos, a curva sexy de um gatilho sob o seu dedo, o peso certo de uma arma automática que mataria todos esses babacas em segundos. Riker não sentiu falta de ser humano, mas definitivamente sentia das armas.

Riker olhou para Nicole, silenciosamente amaldiçoando o rubor de alarme em suas bochechas. Do ponto de vista da situação, mostrar medo para guerreiros Shadowspawn era como cortar os pulsos enquanto nadava em um tanque de tubarões.

Do ponto de vista pessoal, Riker não gostaria de ver Nicole com medo, e isso era algo que ele não queria se concentrar.

— Fane. — Riker se aproximou do líder do grupo de recém-chegados, um vampiro se virou com um sotaque de Nova Jersey, pelo menos, uma dúzia de piercings, e um loiro moicano branqueado irregular.

Fane rompeu com o bando para encontrá-lo. — Verme.

Riker parou um pé de distância do outro vampiro. — Sempre esqueço o quanto eu odeio Shadowspawn até que vejo um dos seus babacas.

— E eu sempre esqueço o quão inútil o clã MoonBound é para a Nação Vampírica até que veja um de vocês, — Fane rosnou.

— Agora que já trocamos saudações, — Riker disse, — Por que não me diz por que estão aqui?

Os olhos prateados de Fane brilhavam ao se deslocar para Nicole, e Riker ficou eriçado. — Primeiro, diga-nos quem é o seu pedaço humano.

Riker se colocou entre Fane e Nicole. — Isso não é da sua conta.

— Você conhece a lei, — Fane disse, como se Riker fosse um vampiro bebê chorão que precisasse de aulas sobre tratado e diretrizes interclã. — A menos que você a reivindique como *apish-wa*, ela é um jogo justo para qualquer vampiro.

Um instinto intenso subiu em uma corrida vulcânica, esmagando o pensamento racional. A ideia de Fane, ou qualquer macho afundando as presas e pau na carne tenra de Nicole fez o sangue de Riker ferver. Em seguida, seu maldito sangue quase evaporou de suas veias quando Fane avançou em direção a Nicole, com os olhos tão brilhantes como o de um gato se lançando sobre um rato.

— O ser humano é *apish-wa*. Minha. — Riker pegou Nicole pelo braço e a puxou para perto. Ele podia sentir o olhar dela perturbado para ele, e esperava que ela fosse inteligente o suficiente para jogar junto. — Toque-a, e vou estrangulá-lo com seus próprios intestinos.

— Claro. — Fane inclinou a cabeça em um aceno civil. O condenado Shadowspawn pode não ter nenhum problema em abater mulheres e crianças no curso da guerra, mas respeitavam propriedades. A maioria dos vampiros respeitavam. Provavelmente porque eles tinham tão pouco.

Satisfeito que Nicole estava segura – no momento –, de qualquer maneira – Riker a soltou. Mas permaneceu tão perto que o calor do corpo dela aquecia a sua pele. — Agora, por que está aqui?

— Nós viemos para ver se vocês conseguiram Neriya de volta. — Otto, um guerreiro Shadowspawn coberto de tatuagens de quadrilha e da prisão de seus dias humanos, avançou. — Caçadores ilegais nos emboscaram cerca de meio caminho para a sua sede.

— Emboscaram? — Riker bufou. — Tanto para a discrição infame dos Shadowspawn, hein?

— Foda-se, — Fane cuspiu. — Nós os derrubamos. E temos um bônus.

Otto sacudiu a cabeça em direção à floresta. — Os caçadores ilegais tinham uma de suas fêmeas penduradas como uma raposa em uma armadilha, todos empolgados ao redor dela.

Ah Merda. — Quem?

— Sua simplória⁷.

O estômago de Riker apertou. — Lucy? — Ao lado dele, Nicole respirou afiadamente.

— Vocês têm tantos simplórios em seu clã que precisa perguntar? — Os guerreiros de Fane riram.

— Mais fácil perguntar quantos não são fodidos retardados, — disse um deles.

— Basta, — Riker agarrou. — Onde está Lucy?

O lábio superior de Fane enrolou, e Riker esperava que o anel de piercing nele machucasse. — Nós a temos. Diga a Hunter que vamos mantê-la até que você retorne com Neriya.

— Nós dissemos que vamos recuperá-la, — Riker rangeu. — Você não precisa de Lucy como garantia. Nós lhe demos a nossa palavra.

— A palavra de um guerreiro MoonBound não é melhor do que a palavra de um ser humano, — Fane disse.

— Tenha cuidado, — Riker avisou. — Você está chamando um líder e um vampiro puro-sangue de mentiroso.

Uma sombra de vergonha cintilou na expressão de Fane, mas foi rapidamente substituída por um sorriso superior. — Eu sei que vampiros transformados valem dez vampiros nascidos.

— E eu sei que Hunter vale mais do que todos vocês juntos. — Riker ficou nariz com nariz com Fane. — Devolveremos Neriya dentro do prazo, e se Lucy tiver sequer um arranhão em seu corpo, cada um de seu grupo de escolta vai pagar.

Fane sorriu, virou e se afastou. Seus guerreiros se juntaram a ele, e eles desapareceram dentro da floresta.

Ao lado de Riker, Nicole fez um som de alívio. Ele se virou para ela, à espera de encontrar terror residual em seus olhos. Em vez disso, ela olhava na direção em que Fane seguira.

— Aquele vampiro, — ela disse com firmeza, — É um idiota.

⁷ Uma pessoa tola ou crédula.

Ele soltou uma gargalhada. — Olhe, — ele disse indo na direção oposta. — Algo que concordamos.

Um total de dez minutos perambulando pela floresta passou antes de Nicole reunir seus pensamentos o suficiente para falar, além de chamar Fane de idiota.

— O que é *apish-wa*? — Ela perguntou.

— Uma prostituta de sangue. — Ela quase tropeçou em um galho quebrado que Riker agilmente evitara. — Tenha cuidado com onde pisa, — ele disse, como se ela tivesse *tentado* cair de cara no chão.

— Você me chamou de prostituta de sangue?

— Não é *qualquer* prostituta de sangue. — Ele parecia ligeiramente ofendido. — Uma prostituta de sangue *pessoal*, a qual, por lei vampírica, ninguém pode beber sem permissão.

— Oh, — ela disse secamente. — Isso faz com que seja melhor.

— Você queria que eu a compartilhasse com eles? — Ele prosseguiu, abrindo caminho no meio do mato grosso. — Eles provavelmente estão dentro da distância da audição se gritar.

Ela olhou para as costas e decidiu não responder ao sarcasmo dele. — Para onde vamos, afinal?

— Para o meu clã.

Ela tinha a sensação de que ele ia dizer isso. E agora? Ela iria com ele ou tentaria fugir? Não que chegasse longe. Ainda que passasse pelos caçadores e os caçadores ilegais, ela não passaria por Riker.

Além disso, após a noite na caverna, seu ódio por ele foi diminuindo. Ela não confiava nele, com certeza. Mas começava a entendê-lo, e por que ele e o clã iriam tão longe para salvar Neriya. Ela não faria o mesmo se os papéis fossem invertidos e seu clã tivesse capturado alguém com quem ela se preocupasse?

Ainda assim, a ideia de retornar ao clã fez seu coração afundar.

— A cela de preso de novo, — ela sussurrou, mas Riker parou, suas botas triturando em agulhas de pinho antigo.

— Vou levá-la para o nosso laboratório. Você pode se entender com Grant. Ele é o nosso cientista residente. Um pouco louco, mas na maior parte, inofensivo. Dada a sua experiência, eu penso que você ficará mais confortável lá.

Atordoada, ela abriu a boca para agradecê-lo, mas ele jogou a mão para o alto, parando-a em seu caminho. Exceto pelo alargamento das suas narinas, ele havia congelado, e arrepios correram por sua espinha. *O que agora?* Outro clã inimigo? Mais caçadores? Um urso?

Neste ponto, ela ficaria feliz de ver um urso. Ela estava descobrindo rapidamente que os animais de quatro patas eram muito menos assustadores do que aqueles sobre duas pernas.

Muito lentamente, Riker olhou para cima. Nicole seguiu seu olhar e mal conteve um grito assustado. Acima deles, agachada em um galho de árvore grossa, estava uma mulher. As flechas em sua besta miravam em Riker, mas para onde a mulher estava olhando, Nicole não fazia ideia. Seus olhos estavam escondidos atrás de óculos escuros, a estrutura pintada tipo camuflagem correspondia com seu traje colante, o que a deixava quase invisível contra o fundo da árvore e musgo.

A mulher não moveu um músculo até que Riker começou a andar novamente. Mesmo assim, a mulher abaixou a cabeça somente uma fração de uma polegada, mas foi apenas o suficiente para Nicole ter um vislumbre de cabelo loiro prateado sob um gorro preto.

Quando eles estavam fora da besta, Nicole esperou, e bateu no ombro de Riker. Era como tocar em uma estátua de mármore. — Quem era aquela?

— Sabbat. Ela é uma caçadora.

Ela ergueu as sobrancelhas para ele. — Você parece muito indiferente sobre um ser humano que caça o seu tipo.

Riker saltou sobre um córrego estreito, mas fundo. — Se ela estivesse nos caçando, nós estaríamos mortos antes de sabermos que ela estava lá.

— Tão... reconfortante. — O que a consolava era as mãos em sua cintura, segurando-a firme quando ele, sem esforço, a deslocou para o outro lado da água. Quando a soltou, o calor do seu toque permaneceu como uma marca, e ela teve que resistir ao impulso de alisar os dedos sobre a sensação de formigamento.

Nicole Martin, você é uma idiota.

Seus lábios se curvaram na semelhança nua de um sorriso. — Sabbat só caça vampiros problema.

— Vampiros problema?

Riker abaixou um ramo e, em seguida, segurou-o para afastá-lo do caminho dela. Ele estava sendo muito mais cavalheiresco do que foi ontem. — Vampiros que seu governo emitiu ordens de execução.

Na semana passada, uma estação de notícias local relatou que os caçadores estavam à procura de um vampiro que havia caído na sede de sangue. Perguntou-se se Sabbat era um dos contratados para lidar com a situação.

— E você está bem com isso?

Ele deu de ombros, as camadas empilhadas de músculo em suas costas nuas deslocando sob o chicote de armas. Nicole nunca foi atraída pelo tipo guerreiro, muito menos guerreiro vampiro, mas algo nele fez seus gostos normais em homens estarem errados.

— Se um vampiro está descontrolado e chama a atenção para nós, queremos que ele ou ela se vá, — ele disse com outro encolher de ombros magníficos. — Inferno, fazemos nós mesmos, se pudermos. Sabbat vai atrás do pior dos piores, e desde que continue assim, não nos dá problema.

— Sim, bem, eu acho que ela precisa ir atrás dos idiotas, — Nicole murmurou enquanto retirava um pinheiro de sua bochecha.

— Eu pagaria para ver isso. — A cabeça de Riker girava para trás e para frente enquanto eles caminhavam, seu olhar aguçado parecendo tomar tudo ao redor e ao mesmo tempo. Nicole tentou fazer o mesmo, mas se desviasse o olhar do chão por mais de três segundos, ela tropeçaria. Riker suspirou, mas não olhou para ela. — Você está tendo dificuldade para andar?

Ela agarrou uma teia de aranha presa em seu cabelo. — Desculpe-me por não ter os seus reflexos avançados de vampiro.

— Não são somente reflexos de vampiro. Passei vários anos no serviço militar. *Interessante.* — Quando?

— Você está perguntando quantos anos eu tenho? — Ele perguntou; diversão fazendo com que sua voz já profunda ficasse ainda mais baixa.

— Eu acho.

Ele lançou um olhar para ela por cima do ombro. Deus, ele era bonito quando não estava de cara feia para ela, e ela estremeceu em apreço feminino. — Quantos anos você acha que eu tenho?

Vampiros transformados envelhecem muito lentamente, quase dez vezes mais lentamente do que os seres humanos. Vampiros nascidos tinham idades semelhantes aos seres humanos, até que atingissem a maturidade, e então eles envelheciam ainda mais lentamente do que os vampiros transformados. Determinar a idade era quase impossível em ambos os casos.

— Se você fosse humano, eu diria que trinta anos.

— Eu tinha vinte e nove anos quando me converti há sessenta anos.

— Uau. Você é um velhote. — Ela suprimiu um sorriso no olhar feio que ele lhe deu. — Como isso aconteceu?

A súbita tensão fez os músculos flexíveis em suas costas se tornar pedra. — Minha unidade do Exército foi enviada para Spokane para uma operação conjunta com a Força Aérea. Pelo menos, nós pensamos que era uma operação conjunta. Descobrimos tarde demais que nós estávamos lá para sermos transformados em vampiros.

Nicole tropeçou numa raiz. Só os reflexos felinos de Riker a impediram de cair de cara no chão. Quando ele a segurou pelos braços, estabilizando-a contra ele, ela engoliu. Ela conhecia essa história de aulas de história.

— Foi quando o uso de vampiros pelos militares tornou-se ilegal, — ela disse. — Houve algum tipo de acidente na base. O comandante da base e vários de seus funcionários foram mortos por vampires desonestos.

— Não desonestos! — Retrucou. — Transformados. Nós fomos transformados e soltos. A história que você aprendeu? É ficção. — Seus olhos se tornaram lâminas de arestas duras que a desafiou a negar a sua versão dos acontecimentos. — Eles queriam super soldados. O resultado foi um monte de soldados vampiros putos que sabiam exatamente como contra-atacar.

Ele ainda não a soltou, mas ela não lutou com ele, manteve a voz baixa e sem confrontos. — Quantos de vocês escaparam?

— Dos trinta, eu sei de apenas sete que conseguiram sair vivo. Meus dois melhores amigos morreram. Um não sobreviveu a transformação. O outro escapou comigo. Fomos para Seattle, onde MoonBound nos encontrou. Mas Steve... ele nunca foi o mesmo. Ele estava violento. Insano. Eventualmente, ele nem sequer me reconhecia mais.

Um de uma centena de vampiros saía louco de sua transformação, mas, até agora, ninguém na comunidade científica havia determinado por quê.

Ela espalmou a bochecha de Riker, uma resposta automática que não fazia sentido, mas nenhum deles lutou contra isso. O contato, hesitante como era, aterrou-os no aqui e agora e empurrou o passado de volta onde pertencia.

— Sinto muito, Riker. — Ela passou o polegar sobre o contorno nítido de sua maçã do rosto. Ele a observou cautelosamente, suas narinas dilatadas. — E antes que você me acuse de mentir, eu quero que você saiba que sinto muito por Lucy, também.

— Você a conhece? — Sua desconfiança ficou nítida, mas pelo menos ele não estava mais com raiva. — Como?

Nicole fez uma pausa. Ela não queria jogar Lucy sob o ônibus, mas neste momento, manter segredos de Riker só causaria mais desconfiança. — Ela me ajudou a escapar.

— Deixe-me adivinhar. Um túnel secreto? — Quando ela não respondeu, ele amaldiçoou e recuou. — Pensei que nós havíamos encontrado todas as passagens dela. Ela é como um maldito texugo. — Ele olhou para um falcão voando, esperando até que desaparecesse na copa das árvores para perguntar: — Por que ela a ajudou?

— Eu meio que a derrubei. Foi um acidente, — ela acrescentou, quando Riker lhe lançou um olhar perturbado. — Ela estava sangrando, e eu a ajudei. — Ela pensou no pedido de Lucy e esperava que os vampiros que a levaram a tratassem com algo doce. — E vamos apenas dizer que eu devo a ela um pouco de chocolate.

Ela ficou surpresa ao ver um sorriso genuíno espalhar em seus lábios, quase paternal. — Ela tem uma maneira de conseguir o que quer.

— Ela sempre foi...

— Simplória?

Surpresa por seu tom curto e defensivo, Nicole fez uma pausa antes de dizer: — Eu ia perguntar se ela sempre foi tão entusiasmada com doces.

— Desculpe. — Riker esfregou a mão sobre o rosto. — Sou um pouco protetor com ela. Todos nós somos.

— Há quanto tempo ela está com o seu clã?

— Cerca de dez anos. — Ele começou a se mover novamente, suas longas pernas comendo chão e forçando-a a quase correr para acompanhá-lo. — Katina a encontrou em um beco. Ela estava vivendo como um rato nos esgotos, se esforçando para evitar os seres humanos e alimentando-se de vagabundos e

viciados em drogas. Não temos ideia de como ela chegou lá, quando foi transformada, quantos anos tem... nada. Ela não fala sobre seu passado.

Que horrível. — Quem cuida dela?

Ele olhou por cima do ombro para ela como se tivesse acabado de fazer a pergunta mais idiota da história das perguntas idiotas. — Todos nós.

É claro que eles cuidavam. A julgar pelo que Nicole sabia sobre MoonBound até agora, os membros do clã eram família. Realmente, ela não estava vendo nada diferente de como os seres humanos viviam.

Além da dieta. Que era um negócio muito grande.

Mas, ainda assim, cuidava dos seus e encontrava compaixão até mesmo para as crianças de adultos que odiavam. Terese cuidara de Nicole como se fosse sua própria filha. Ela fez além do que foi exigido dela, mesmo depois de tudo o que os seres humanos fizeram com ela.

Agora era a vez de Nicole devolver, mostrar a compaixão que Terese lhe havia ensinado e usá-la para ajudar as pessoas com quem Terese se preocupava.

— Riker? — Ela agarrou o pulso dele e o empurrou para um impasse.

Ele se virou com o olhar encapuzado. Ilegível. Tanta desconfiança, e ela não podia culpá-lo. — Sim?

Endireitando os ombros, ela disse firmemente: — Leve-me ao seu clã. Vamos encontrar Neriya e trazer Lucy de volta.



TREZE

Hunter precisava tirar a cabeça de sua bunda.

Pelo menos, era o que as duas irmãs lindas de morrer, Danneca e Tena, lhe diziam. O problema era que ele não conseguia se concentrar nas mulheres nuas, e não parecia importar o quanto elas lhe tocavam ou se tocavam. A cabeça em seus ombros não estava no jogo.

Não, neste momento, o seu jogo era pôquer, e se ele não tivesse cuidado, Shadowspawn perceberia que MoonBound tinha uma mão de merda.

— Vamos lá, Hunter. — Tena se sentou sobre o palete, deixando as cobertas de peles caírem nos quadris. Seus seios firmes e altos, o oposto de sua irmã, mais cheios e pesados, foram um lembrete de por que ele estava aqui.

Isso não era sobre sexo por causa do prazer, era sobre sexo para fazer bebês vampiros. Danneca deu à luz há três anos, mas o menino morreu dois dias depois de seu primeiro aniversário, deixando-a com o coração partido e todo o clã triste. As crianças eram raras para os vampiros, mais raro ainda se o macho não era um vampiro nascido ou não estivesse marcado pela fêmea. Inferno, isso era um eufemismo. Hunter esteve semeando a sua semente por mais de dois séculos, e apenas três fêmeas tiveram crianças.

Duas fêmeas morreram durante o parto, seu filho e filha com elas. A terceira fêmea sobreviveu, mas a criança, um menino, não. Desde então, ele jurou ter

sempre uma parteira disponível, mesmo que a parteira tivesse que ser emprestada de outro clã, porque os fodidos caçadores mataram a do MoonBound.

A memória trouxe um grunhido profundo de dentro do peito de Hunter. Ele encontrou os caçadores humanos e os rasgou. Depois disso, ele queimou seus troféus – presas, órgãos, sangue e ossos de vampiros destinados à venda no mercado negro.

Escória humana.

Danneca jogou as pernas para fora do palete e se levantou, seu corpo voluptuoso atraiu o olhar dele. Ela não era tão bonita quanto sua irmã, mas sua figura curvilínea e mente rápida mais do que foi feita para isso.

— Vamos para a cama, — ela disse, estendendo a mão. — Iremos até mesmo ajudá-lo a se desfazer desse jeans.

Ele olhou para o feche desabotoado, atrás do qual havia uma ferramenta que ele colocava frequentemente em uso, mas que não queria brincar hoje. Ele não conseguia sequer se importar o suficiente por ser humilhado, e quando uma batida na porta fez as fêmeas correrem para debaixo das cobertas, ele deu um suspiro de alívio.

— Hunt. — A voz profunda de Riker soou atrás da pesada porta de carvalho. — Nós temos problemas.

— O que mais há de novo? — Ele murmurou. Ele pegou as vestes das fêmeas e as jogou na cama. — Desculpe, meninas, nós teremos que fazer isso outra hora. Saiam pelos fundos.

Hunter abriu a porta do quarto, sem se preocupar em colocar uma camisa ou sapatos. Riker estava no escritório, sem camisa, seu corpo riscado de sujeira, calça jeans rasgada e sangrenta. Em outras palavras, era como de costume para um cara que se misturava com caçadores ilegais e caçadores sempre que podia. O que *não era* de costume era como Riker estava despejando uísque em dois copos para uísque. Rike era um cara mais de cerveja.

— Nada, na verdade, — Hunter disse ironicamente, — Sinta-se a vontade.

Riker bebeu de uma vez o conteúdo de um dos copos e serviu outro. — Obrigado.

Hunter se aproximou e agarrou o segundo copo da mesa. Ele tinha um pressentimento de que precisaria. — Então, qual é o problema? — Ele rodou o

uísque, deixando o cheiro inebriante exalar, afastando o aroma mais suave persistente das fêmeas. — Diga que você pegou a humana.

— Claro que peguei. — Riker passou a mão pelo cabelo. — Também encontrei uma patrulha de reconhecimento dos Shadowspawn. Eles têm Lucy.

Em um instante, raiva quente chiou nas veias de Hunter. Lucy pode ter o corpo de uma adolescente e anos suficientes para ser uma adulta dez vezes mais velha, mas tinha o juízo e inocência de uma criança. Ele apertou o copo tão forte que uma rachadura apareceu sob a palma da mão. Se alguém tocasse num fio de cabelo dela, Hunter esfolaria o bastardo vivo e deixaria o corpo para os catadores.

— E? — Ele grunhiu.

— E eles não vão devolvê-la até que a parteira deles retorne.

— Filhos de uma... porra. — Hunter arremessou o copo na parede, quebrando-o em um milhão de pedaços que tilintaram no chão ao caírem. Contou até três para se acalmar e parar de desperdiçar energia em fúria impotente. Ele era um líder, e gostando ou não, ele precisava agir como um. — A humana lhe deu algum problema?

— Nada que eu não pudesse lidar, e obtive algumas informações interessantes dela. Uma arma nova contra vampiros feita de ácido bórico. Acontece que se nós o respirarmos, nós derretemos de dentro e explodimos.

Hunter o encarou. — Sêrio?

— Não, — Riker disse com um encolher de ombros. — Mas parecia assim. Ele mata, e confia em mim, é uma merda desagradável.

Apenas quando Hunter pensou que os seres humanos não poderiam afundar ainda mais. Ele realmente precisava parar de subestimar o dom deles para a crueldade. — Vou reunir os guerreiros. Você pode repassar tudo na reunião. Onde está a humana agora?

— Deixei-a no laboratório com Grant. Ela tem doutorado em fisiologia vampírica. Imaginei que Grant pudesse querer conhecer o cérebro dela.

— Quando ele terminar, eu a quero, — Hunter disse, e ele não gostou da maneira como Riker endureceu. — Não se apegue, Rike. Quando nós tivermos o que queremos dela, você precisa se livrar dela.

— Matá-la, você quer dizer.

— Não temos o hábito de deixar os seres humanos vivos. Ela já viu muito. Você sabe disso. — Ele não deu ao outro homem a chance de sequer discutir ou

concordar. — Mudei de ideia sobre esperar Grant terminar. Tome dez minutos para se limpar, e depois vamos ver sua pequena especialista em vampiros.

— Você sabia que a noqueira preta é a única planta que come outras plantas?

Nicole piscou para o vampiro parado do outro lado do balcão de laboratório. — Hum... não.

— É porque isso não é verdade. — O macho de cabelo grisalho que Riker havia apresentado como Grant abaixou a cabeça e olhou através de uma lente de microscópio em uma gota clara de líquido. — Elas podem matar muitas espécies de plantas com até 2,4 metros, mas não as comem.

Ela esfregou os braços e se perguntou em quanto estava o termostato. O laboratório surpreendentemente sofisticado estava congelando. — Então, por que você disse isso?

— Disse o quê?

— Sobre a noqueira.

Grant olhou para cima, confusão piscando em seus olhos cor de estanho. — Não falei sobre uma noqueira.

Como esse cara administra um laboratório? Riker havia avisado, mas *ugh*. — Riker disse que você era um microbiologista antes de se transformar.

— Sim. — Ele se moveu para um analisador de hematologia e verificou a leitura. Como vampiros obtêm equipamentos como esse, afinal? Ele ainda usava um jaleco branco, embora a aparência profissional fosse destruída por uma camiseta baby look vermelha que se agarrava a todos os músculos definidos e uma calça de moletom laranja-e-preta da Universidade do Estado de Oregon. Na faculdade, ele deve ter sido o garoto propaganda para os nerds sensuais. — E era uma noqueira *preta*.

Ele pode ser tremendamente bonito, mas não era o cara mais fácil para conversar. — Onde você trabalhou?

— Na Daedalus. Na unidade de Albuquerque.

Ela respirou fundo. Ele estava ciente de que Daedalus era a empresa dela? — Essa é a principal fábrica de embalagem de sangue. — O consenso geral dentro da Daedalus era que apenas os esquisitos e as pessoas que a empresa queriam fora

do caminho trabalhava na instalação. Apelidada de Restaurante Drácula, a fábrica era onde o sangue drenado dos cadáveres de seres humanos falecidos era enviado para ser processado e engarrafado como alimento vampiro.

Por lei, todos os seres humanos nos Estados Unidos devem doar seu sangue após a morte. A doação de órgãos ainda era uma questão de escolha. Nicole sempre achou estranho que os seres humanos fossem obrigados a alimentar os vampiros, mas não a salvar a vida de outros seres humanos.

Grant olhou por cima do ombro para ela. — Você conhece o Restaurante Drácula?

Intimamente. — Eu, uh, trabalho para Daedalus também.

— Ah. Pessoas horríveis.

Bem, isso era estranho. — Você achava que eles eram horríveis quando era humano e trabalhava para eles?

Seu sorriso foi tão frio como a sala, e presas demais para sua preferência. Nem um pouco como quando Riker sorria. As presas dele eram uma espécie de... *não pense isso. Era. Não. Pensa. Nisso.* As presas de Riker *não* eram sexys.

— Claro que eu não achava isso. Era um tolo com lavagem cerebral com o meu próprio escravo vampiro. — Grant mediu uma pequena quantidade de líquido avermelhado com um conta-gotas e acrescentou aquilo em um tubo de ensaio contendo pó branco. — Conheci o CEO uma vez. William Martin. Bajulavam o cara como se ele fosse uma estrela do rock ou algo assim. Praticamente me tratava como um cachorrinho, acolhendo o lar de seu mestre. Agora, eu gostaria de arrancar o coração dele com os meus dentes.

— Alguém já fez, — ela disse, esperando que Grant não percebesse o engate em sua voz.

— Ele está morto? Ah, sim, eu me lembro agora. Ele e toda a família. — Ele deu de ombros. — Espero que tenham morrido em agonia.

Desgraçado. — Tenho certeza que eles morreram.

O largo sorriso de Grant deu-lhe covinhas de menino e suavizou seu maxilar quadrado. — Você acha? — Depois de um momento, ele franziu a testa um pouco. — Embora alguém mencionasse recentemente que uma filha sobreviveu. Ainda há esperança de que um de nós possa matá-la.

Então era assim a sensação de ser um rato em um tanque com uma píton. — Todo mundo precisa de um sonho, eu acho.

— Concordo. — Ele estava positivamente radiante. — Os seres humanos geralmente valem apenas o preço de seu sangue. Mas eu gosto de você.

— Hum... obrigada? — Ela olhou para o layout do equipamento na frente dele enquanto despejava um quarto do conteúdo de um líquido azul em uma garrafa meio cheia de líquido rosa. — O que está fazendo, afinal?

Ele segurou a mistura agora arroxeadada contra a luz. — Estou misturando sabores Kool-Aid para encontrar a melhor combinação de sabor.

Ela arqueou uma sobrancelha. Kool-Aid? Ele definitivamente não bate bem. Será que o seu clã o empurrou para este laboratório para mantê-lo fora do caminho? Ela se aproximou, parando em um quadro de cortiça coberta de papéis sobre a fisiologia vampírica, equações rabiscadas em fichas, e uma foto de dois vampiros machos, um loiro apoiado contra uma árvore, o outro pressionado contra ele, seu cabelo castanho avermelhado caindo para moldá-los enquanto suas testas se tocavam.

A intimidade da foto tirou o fôlego. Ela nunca esteve nessa posição, nunca experimentou um momento de segredo que definia um relacionamento como algo a ser valorizado. Ela teve amantes, mas nunca *amou*. Não assim.

— O que é isso?

Grant vagueou. — Ah, Takis e Aiden. — Ele tocou o dedo na foto. — Eles são gay.

— Sim, eu imaginei isso.

Ele suspirou. — Uma vez por mês eles precisam se alimentar de fêmeas. Você sabe sobre isso, eu presumo?

— Claro, — ela respondeu. — Na véspera de cada lua cheia, os vampiros machos devem se alimentar de vampiras, e na lua nova, o oposto acontece.

— Exatamente. Estou tentando encontrar uma maneira de contornar isso para eles.

Ela nunca considerou os problemas que vampiros homossexuais teriam de enfrentar. — Eu tenho a hipótese de que a alimentação é um imperativo biológico, uma espécie de ciclo de calor para ambos os sexos. Porque os vampiros não concebem facilmente ou, muitas vezes, é como uma maneira de garantir que os vampiros fiquem juntos.

Ele assentiu. — A maioria dos vampiros acasalam durante a alimentação. O sangue do sexo oposto é um afrodisíaco para os vampiros. Aiden e Takis preferem passar as noites de lua cheia juntos em vez de com as fêmeas.

— A solução mais óbvia seria embalar sangue feminino e deixá-los beber dessa maneira na lua cheia.

Os lábios de Grant enrolaram em desgosto. — Da forma como os seres humanos alimentam seus escravos vampiros?

Era possível que isso pudesse ficar mais complicado, mas ela não via como. — Sim. Assim.

Um silvo soprou por entre os dentes. — Humilhante. Ninguém se alimenta dessa forma por opção. Sangue humano em pequenos pacotes é uma coisa. Sangue de vampiro em caixas de suco é outra. — Ele se virou para ela, seus olhos profundos sombreados com irritação. — Você já viu vampiros depois de terem se alimentado de malditas caixas de suco de sangue na lua? Você já testemunhou o sofrimento depois que seus corpos se contraem com cãibra pela falta de liberação sexual? Satisfazer a si próprio não ajuda muito.

Sim, ela viu o sofrimento deles, razão pela qual Daedalus agora recomenda que os seres humanos mantivessem pelo menos dois escravos, um de cada sexo, ou que arranjassem um parceiro uma vez por mês para cada escravo. Sangue de vampiro embalado os mantém saudáveis, mas sem um parceiro sexual, a recuperação era muito mais lenta.

Uma imagem espontânea de Riker se alimentando de uma vampira brilhou em sua cabeça. Ele estava nu, seu corpo musculoso se movendo contra a mulher em poderosas ondas. Será que ele tem uma parceira regular, ou se alimenta de uma variedade de mulheres? E por que diabos ela se importa?

Ela limpou a garganta. — Descobrimos que uma reação biológica ocorre durante a alimentação de lua cheia e a lua nova que, quando combinada com a relação sexual, causa uma pequena mudança na química do corpo do macho e da fêmea, tornando a concepção muito mais provável do que com a relação sexual em qualquer outro momento do mês.

— Sim! Finalmente, alguém descobriu isso. — Grant levantou as mãos. — Foi o que eu encontrei também. A chave, eu creio, está nos hormônios e feromônios, o que explica por que, mesmo que um vampiro se alimente de um vampiro do sexo

oposto durante uma fase da lua e, em seguida, faça sexo com um ser humano, isso não alivia a dor completamente.

Ela estudou o tabuleiro. — Você já tentou isolar a enzima VR-2? Vi os resultados laboratoriais preliminares que sugerem que dando extra de VR-2 com uma alimentação na lua pode reduzir o desconforto no macho.

— Tentei isso. — Grant suspirou. — Mas a quantidade necessária para cortar o desconforto até à metade causa efeitos secundários indesejáveis.

— Como o quê?

— Raiva incontrollável e sede de sangue. Aiden quase matou Takis após uma dose forte.

Interessante. Dois anos atrás ela escrevera um artigo sobre as causas da sede de sangue irreversível entre os vampiros, e tinha a teoria de que a enzima VR-2 poderia ser responsável, embora não soubesse exatamente como. Agora ela se perguntou se, talvez, um acúmulo não-natural da alimentação poderia desempenhar um papel.

— Você se importa se eu olhar suas notas em algum momento? — Ela perguntou, e, em seguida, repreendeu-se por ser uma tola. Grant e ela não eram colegas. Ela não trabalhava aqui ou vivia aqui, e ele queria Nicole Martin morta.

— Só se você compartilhar um pouco do seu conhecimento comigo, — Grant disse.

— De acordo, — ela concordou, mas duvidava que eles tivessem a oportunidade disso. — Agora estou querendo saber se a enzima VR-2 pode ter algo a ver com a forma como alguns vampiros saem meio loucos da transformação.

Grant deu-lhe um olhar estranho. — Algumas coisas não podem ser explicadas pela ciência.

— Estou surpresa de ouvi-lo dizer isso, por ser um cientista.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de seu jaleco do laboratório. — Duas décadas atrás, eu teria concordado. Mas já vi coisas sobre ser transformado que desafiam a ciência.

Ela não sabia sobre *a coisa de desafiar a ciência*, mas desde que foi sequestrada por Riker, ela experimentou coisas que desafiavam a crença. Como beijar, e não apenas um vampiro, mas o próprio vampiro que assombrava seus pesadelos por anos. Pior, algo dentro dela queria fazê-lo novamente, para ver se seria tão bom na segunda vez como foi na primeira.

Sim. Desafiava a crença.

Dando-se uma sacudida mental, ela voltou para a conversa. — Ajudaria se soubéssemos a origem exata da espécie vampírica. Nós pensamos que o primeiro caso de vampirismo começou por volta de quatrocentos anos atrás, aqui na América, mas não sabemos de onde o vírus veio, se foi originalmente transportado no ar.

Grant tomou um gole de sua mistura roxa e fez uma careta. — Você conhece a lenda da origem dos vampiros, sim?

— Sim, mas a lenda é ridícula.

— É?

Ele deveria estar brincando. — Dois chefes tribais nativos americanos matam um ao outro, e, em seguida, um corvo e uma gralha preta⁸ lutam sobre os corpos deles, derramando sangue sobre os homens, que depois se levantaram naquela noite como mortos-vivos? Hum, sim. Ridículo.

— Alguns vampiros concordam com você. Principalmente, os transformados. Há também rumores de demônios criando os primeiros vampiros, mas se eles sussurrarem isso dentro destas paredes, Hunter irá calá-los com uma serenidade especial.

Ela sorriu educadamente. — Quando eu vir o DNA demônio, eu vou acreditar. Até então, eu vou com a teoria de vírus natural. Se algo sobrenatural foi a causa, veríamos vampiros com habilidades inexplicáveis. Em vez de vampiros com habilidades naturais melhoradas, como super velocidade, veríamos pirocinese. Teletransporte. Telecinese. Forma-inconstante.

— Ah. Mas quantos vampiros *nascidos* você estudou? Eles têm habilidades mais raras e mais poderosas do que os vampiros transformados. Imagine os dons que os vampiros mais antigos, mais puros, deviam possuir. E sempre houve rumores de vampiros que podem fazer todas as habilidades sobrenaturais que você mencionou.

— Rumores. Há também pessoas que acreditam que a terra é plana. As pessoas sempre acreditarão em coisas que não fazem sentido. — Ela passou os dedos sobre

⁸ A palavra "crow" (corvo) foi dada à essa ave pelo som que ela faz, uma espécie com "cras" curto e rítmico como um cacarejar, possui geralmente um bico pequeno, reto e pontudo, além do seu tamanho ser menor. São encontrados em toda a América do norte. A palavra "raven" significava "gralha-negra", já que o som que reproduz é um "croak" mais profundo, mas é também conhecida popularmente como corvo por conta da semelhança. São maiores que os corvos comuns. É encontrada no oeste e nordeste e principalmente nas montanhas.

o microscópio como se fosse um velho amigo. — E existem explicações científicas sobre por que isso acontece também.

— Você me faz lembrar muito de mim. — Ele suspirou. — Espero que Hunter não a mate.

Er, sim. Ela esperava que sim, também.

A porta se abriu e seu coração trepidou quando Riker entrou com outro vampiro.

O novo vampiro, um homem largo, alto, com uma juba surpreendente de cabelo preto azulado, caminhou em direção a ela. Ele estava vestido como Riker, com jeans e uma camiseta, mas era onde as semelhanças terminavam.

Seu olhar de ébano o marcou como um vampiro nascido, e, como tantos nascidos, sua ascendência indígena americana era evidente em sua pele bronzeada e a poderosa estrutura óssea esculpida das tribos da pradaria. Uma aura de energia antiga praticamente vibrava dele, e apostaria toda a sua empresa que ele era um vampiro original, um dos primeiros seres humanos que contraíram o vírus, ou de um acasalamento de primeira ou segunda geração. Deus, como ela gostaria de estudá-lo. Interrogá-lo. Obter alguma compreensão sobre suas origens misteriosas que deixavam os cientistas perplexos desde que os vampiros foram descobertos.

A história do corvo era muito ridícula. Quase tão ridícula quanto a teoria demoníca.

— Você é a Dra. Nicole Martin. — Não era uma pergunta. Inferno, soou como uma ameaça. Como poderia algo tão simples como seu nome soar como se ele dissesse, você está morta.

Ansiedade secou sua boca como pó. — Sou. Nicole, quero dizer. — Uau. Maneira de balbuciar.

Grant se virou para ela, lançando tubos de Kool-Aid em todo o balcão e chão. — Você é uma Martin, porra?

Ela casualmente se aproximou de Riker. — Eu sou a filha sobrevivente que você quer matar.

— Huh. — Grant voltou para o seu projeto, arrumando os tubos de ensaio e limpando o líquido derramado.

Okkk. Portanto, não a reação que esperava. Ele era a pessoa mais imprevisível que ela já conheceu.

— Diga a mesma coisa para mim, — o novo vampiro rugiu, — E você terá uma resposta muito diferente. — Ele sorriu, revelando presas que eram duas vezes tão grandes quanto as de Riker. Essas coisas fariam mal. — Nós precisamos conversar.

— Quem é você? — Ela olhou para Riker por ajuda, mas o vampiro que confiara nela sobre sua companheira e filho, que a salvara de caçadores e a tratara com tal cuidado, se foi, substituído por um durão com cara de pedra e olhos frios.

— Ele é o nosso líder. — O tom de Riker era todo negócio, e a decepção cortou profundamente. Ela queria aquele Riker de mais cedo. Com aquele Riker, ela se sentiu quase confortável. Este a assustava quase tanto quanto ele a assustou ao raptá-la de sua casa. — Hunter é o nome dele.

Hunter deu um passo para ela, tão perto que ela podia sentir o cheiro de uísque enfumaçado em seu hálito, e pânico vibrou em seu ventre. Ele estava bloqueando sua visão de Riker, usando seu tamanho para intimidá-la. Funcionou. Sentia-se pequena. Presa. E dolorosamente ciente de quão desgrenhada e suja ela estava.

— Riker te disse por que precisamos de você?

Esse cara não a engana com o tipo amigável, e ela não era ingênua o suficiente para pensar que quaisquer incursões amigáveis que ela teve com Riker se estenderia até o líder do clã. Ela deveria ter cuidado se quisesse sair disso viva.

Esticando o pescoço, ela encontrou seu olhar firme. — Eu já concordei em fazer tudo ao meu alcance para encontrar e libertar a vampira que você acha que minha empresa está mantendo.

— Nós não achamos, — ele rosnou. — Nós sabemos.

Provavelmente era estúpido, mas ainda estava agarrada ao pontinho minúsculo de esperança de que eles estavam errados, que Daedalus não estava contornando as leis de aquisição de vampiros.

— Eu disse que ia ajudar, — ela repetiu.

— Ela já ajudou, — Grant entrou na conversa. — Ela parece ter um avançado conhecimento prático de nossa biologia. Posso tê-la quando estiver acabado? Não temos que matá-la imediatamente, não é?

Ela soltou um ridículo grito tímido. — Sabe, eu estou aqui enquanto você casualmente discute a minha morte.

Riker se moveu para a sua linha de visão, e ela não estava com vergonha de admitir que estivesse aliviada. — Ninguém vai morrer.

Um olhar ilegível passou entre Hunter e Riker, e de repente, tensão tangível estalou no ar.

— Olha, — ela disse rapidamente, na esperança de aliviar a tensão, — Quero Neriya de volta e me certificar de que Lucy esteja segura. Farei o que for preciso, eu prometo. — Descobrimos que tinha pouco a perder, ela adotou sua melhor voz de CEO. — Mas aqui está a coisa. Você precisa de mim, então eu gostaria de um pouco de garantia de que você me liberará quando isso terminar.

Nicole estava certa que Hunter recusaria. Então, ela ficou totalmente chocada quando ele recuou e disse: — Você tem a minha palavra. Riker cuidará de você. Falando nisso, Riker, enquanto você estava tomando banho, eu preparei uma câmara para ela. No final do corredor da sua.

Por um momento glorioso, o alívio deu a Nicole um novo sopro de vida. Esperava que uma câmara própria significasse um chuveiro e uma cama.

Então ela olhou para Riker.

Ele parecia incomodado e chateado, e mais uma vez, ela se perguntou quanto tempo ela tinha de vida.



CATORZE

Riker cuidará de você.

Sim, Riker sabia exatamente o que Hunter queria dizer. *Cuidar* de seres humanos nunca foi um problema para Riker antes. E isso não deveria ser um problema agora. Mas porra, Nicole ficou sob a pele dele.

Ela salvou a vida dele, mostrou vulnerabilidade e remorso pela morte de Terese, e o encantou com seu hábito estranho de origami. E em troca, como um idiota, ele disse aquelas coisas femininas que nunca disse a ninguém. Ninguém no clã sabia que o bebê que Terese levava não era dele. Ninguém sabia que ela se matou.

De alguma forma, apesar de todos os problemas que Nicole havia lhe causado, ele confiou nela. Ele riu com ela. E conseguiu ficar duro por ela.

— Já terminamos aqui? — Riker perguntou a Hunter.

Hunter deu um aceno quase imperceptível e se virou para Grant, deixando Riker saber que ele estava liberado. — Nicole, — ele disse, quase como uma reflexão tardia e com uma voz alegre que fez o cabelo ficar em pé. — Estou ansioso para ter uma... sessão em particular com você.

Antes que ela pudesse responder, Riker a pegou pelo braço e a tirou de lá. Ela foi de bom grado. Ansiosa, na verdade.

— Obrigada. — Suas botas batiam suavemente no chão de pedra enquanto caminhavam pelo corredor, as pernas esbeltas em perfeita sincronia com seus passos largos. — As coisas ficaram meio tensas lá atrás.

Meio? Hunter estava em um dos piores humores que Riker já viu. Oh, ele viu Hunter mais irritado, raiva em pleno desenvolvimento, inacessível. Mas este era Hunter no seu pior, ou melhor, dependendo de qual lado em que estava. A fúria fria que começou com o rapto de Neriya e terminou com o sequestro de Lucy se reunia dentro dele. Era do tipo que se alastrava sobre todos, incluindo aqueles com quem ele se importava.

Riker não queria estar no caminho dele.

Ele conduziu a conversa para longe de seu líder de clã. — Grant te incomodou?

— Na verdade não. Você estava certo sobre ele, momentos de confusão pontuados por surtos de lucidez. — Seu cabelo cheio de ondas suaves roçou a gola desfiada quando ela balançou a cabeça. O cabelo bagunçado ficava bem nela. Muito melhor do que a forma séria, lisa, com spray, que ela apresentava quando a tirou da mansão. — Seu líder. Cara intenso.

Tanto para a sua tentativa de não discutir Hunter. — Fale sobre seus momentos de confusão e jorros de lucidez.

— Sério? — Ela esfregou os braços, e ele fez uma nota mental para conseguir algumas roupas mais quentes para ela. Também fez uma nota mental para parar de olhar para seus seios quando ela fazia isso. — Ele é desequilibrado também?

Ele esperou para falar até que três mulheres passaram por eles no corredor. — Alguns podem dizer que sim, mas não, ele é o homem mais são que eu conheço. Ele tem apenas uma tendência a não levar as coisas tão a sério como alguns pensam que ele deveria.

— Alguns. Como você?

Ela acertou em cheio. Para um humano, ela era muito astuta. Ele não respondeu a isso, negócios do clã não era da conta dela.

— Como se sente? — Ele não gostava que ela ainda não tivesse recuperado toda a cor que perdeu quando ficou doente na caverna. — Existe alguma coisa específica que eu possa trazer para você comer ou beber que ajude a sua condição?

— Oh, hum, sim. — Ela deu um passo em direção a ele para evitar ser esmagada por dois homens jogando bola enquanto corriam pela passagem.

— Ei, idiotas! — Riker latiu. — Temos uma sala comum para isso. Para não mencionar um milhão de acres de floresta. — Quando os caras se desculparam timidamente, Riker se virou para Nicole. — Continue. O que posso fazer por você?

— Alimentos com baixo teor de ferro e carboidrato. Como o ferro se acumula no meu sangue, meu pâncreas ficará maluco com a insulina. — Ela mordeu o lábio um pouco. — Há outras questões que o medicamento trata, mas levará muito mais tempo para me matar.

Esta era uma complicação que não precisava. Quanto mais cedo eles tivessem Neriya, mais cedo... o que? Mais cedo Nicole seria liberada para que pudesse usar o conhecimento que ganhou para destruí-los? Ou mais cedo eles a matariam para se protegerem?

Porra. Esta era uma situação de perda. Ele pensou em seus dias militares e todas as situações sem saída em que foi lançado. De alguma forma, ele saiu vivo delas. Mas nem todo mundo saiu. Cenários sem vitória sempre resultaram na morte de alguém.

Como Jesse e Steve, dos quais foi próximo desde o treinamento básico. Eles estavam juntos quando entraram no prédio na Base Fairchild Air Force na qual acreditavam seria para instruções. Em vez disso, eles foram sedados com água drogada e alimentados por vampiros. Riker jamais esqueceria as próximas duas semanas de tormento enquanto seu corpo mudava, seus músculos, ossos e órgãos se alterando dolorosamente rápido. A fome roendo quase o rasgara enquanto vomitava tudo o que era dado para ele comer. A primeira bolsa de sangue que alguém jogou em sua cela foi a melhor coisa que ele já experimentou.

Até que ele vomitou isso também.

Mas o pior... o pior foi encontrar Jesse morto no chão, com o corpo frio e contorcido em agonia. Ele não sobreviveu a transformação, e a tristeza de Riker foi ampliada pelo fato de que Steve havia sobrevivido, mas não era ele mesmo. Perverso e zangado, Steve estava quase incontrolável, a raiva, ampliada um milhão de vezes.

Um ano depois, ele morreu, também.

Pelas mãos de Hunter.

— Riker? — Nicole bateu no ombro dele. — Você está bem?

Certo. Eles estavam falando sobre a dieta dela. — Vou pedir para um dos nossos cozinheiros, — ele disse bruscamente.

— Vocês têm cozinheiros?

— Todo mundo aqui tem um emprego. Assim como os humanos. E nós comemos comida normal. Assim como os humanos. — Ignorando o olhar assustado na sua resposta abrupta, ele a guiou aos seus aposentos e abriu a pesada porta de madeira. — Bem-vinda ao meu recanto.

Ele não sabia por que estava acolhendo-a como se levasse um encontro para casa. Inferno, ele não levava uma mulher ali para nada, apenas para a alimentação de lua cheia desde que sua companheira morreu. Mesmo assim, ele enviava as fêmeas em seu caminho depois, enquanto enfrentava o sofrimento das câibras por falta-de-sexo. Sua parceira regular de sangue, Benet, havia mencionado a sua vontade de dormir com ele, mas toda vez que ele pensava que poderia enfrentar isso, seu interesse e seu pau o impediam no momento em que ela o tocava intimamente.

Uma irritação inexplicável o fez ranger os molares enquanto passava pela porta e se virava para Nicole, que permaneceu no corredor, seu lábio inferior preso entre os dentes.

— Você espera por um tipo diferente de convite? Porque eles ficarão menos educado.

Nicole entrou com cautela, como se esperasse entrar em uma armadilha de urso. — Este é o seu lugar? — Ela olhou ao redor, o olhar pousando no mobiliário rústico, o sofá feito à mão e mesa de jantar, a pequena cozinha à direita, e a porta do quarto. — Eu não esperava... eu não sei... um lar.

A irritação virou raiva. — Não há dúvida que pensou que nós vivíamos em buracos de terra forrado com folhas, como animais selvagens.

Ela respirou fundo. — Não é isso. É só que eu não esperava tais conveniências modernas.

— Não? O que eles ensinam em seus cursos de vampiros? Que cozinhamos em fogueiras feitas ao esfregar dois gravetos juntos? Que usamos pratos feitos de crânios humanos?

Um rubor rosa suave espalhou por seu rosto quando ela se virou, e sim, ele acertou no alvo. Embora, na verdade, houvesse clãs assim. Com a ajuda de simpatizantes humanos, alguns clãs construíram habitats permanentes, aldeias como esta, com todos os apetrechos da sociedade humana moderna, incluindo a eletricidade, telefones e até mesmo veículos. Outros se agarravam aos velhos tempos, vivendo nas florestas ou nos esgotos da cidade, com nenhum laço para

qualquer território em particular. Outros ainda eram solitários, procurando uma vida onde pudessem.

Nicole olhou para seus pés como se estivesse envergonhada, mas quando ela olhou para cima, havia fogo em seus olhos verdes. — Me desculpe, eu tive uma visão equivocada de como vocês vivem. Desculpe-me por esperar o pior de vocês. Mas sabe, você está fazendo a mesma coisa comigo.

Tanto quanto ele gostava da maneira como o temperamento dela agitava seu sangue, ele não gostou do que ela disse. Ela estava absolutamente errada.

— Não, não é a mesma coisa. — Ele tirou o casaco e o atirou sobre as costas de uma cadeira. — Sua família é dona da minha espécie. Sua família construiu literalmente um negócio do nosso sangue e criou a indústria de vampiros. Você é a CEO de uma empresa que é responsável por mais mortes de vampiros do que todos os outros juntos. Uma empresa que matou a minha companheira. Então, não, não é a mesma coisa.

Em vez de responder imediatamente, ela vagou ao redor da sala, deixando suas impressões, passando as mãos sobre as armas montadas nas paredes. Ele já não podia dispará-las, mas ser um franco-atirador estava em seu sangue, e ele duvidava que isso alguma vez mudasse.

A mão de Nicole deslizou ao longo do cano da M-16, e de repente, seu corpo endureceu e sua pele ficou úmida. Seu pênis agitou enquanto ela acariciava o aço frio que ele tratara com tanto cuidado, e quase gemeu quando ela pegou o gatilho entre o dedo indicador e o polegar, testando a curva suave. Cristo, isso é um tesão. Terese não se aproximava de sua coleção de armas.

Ele flutuou mais perto dela, atraído pela curiosidade de Nicole, sua força, sua beleza, e o brilho de vida que irradiava dela. Apesar de qualquer outra coisa que ele poderia pensar sobre ela, ela era uma sobrevivente, e era um tesão por si só.

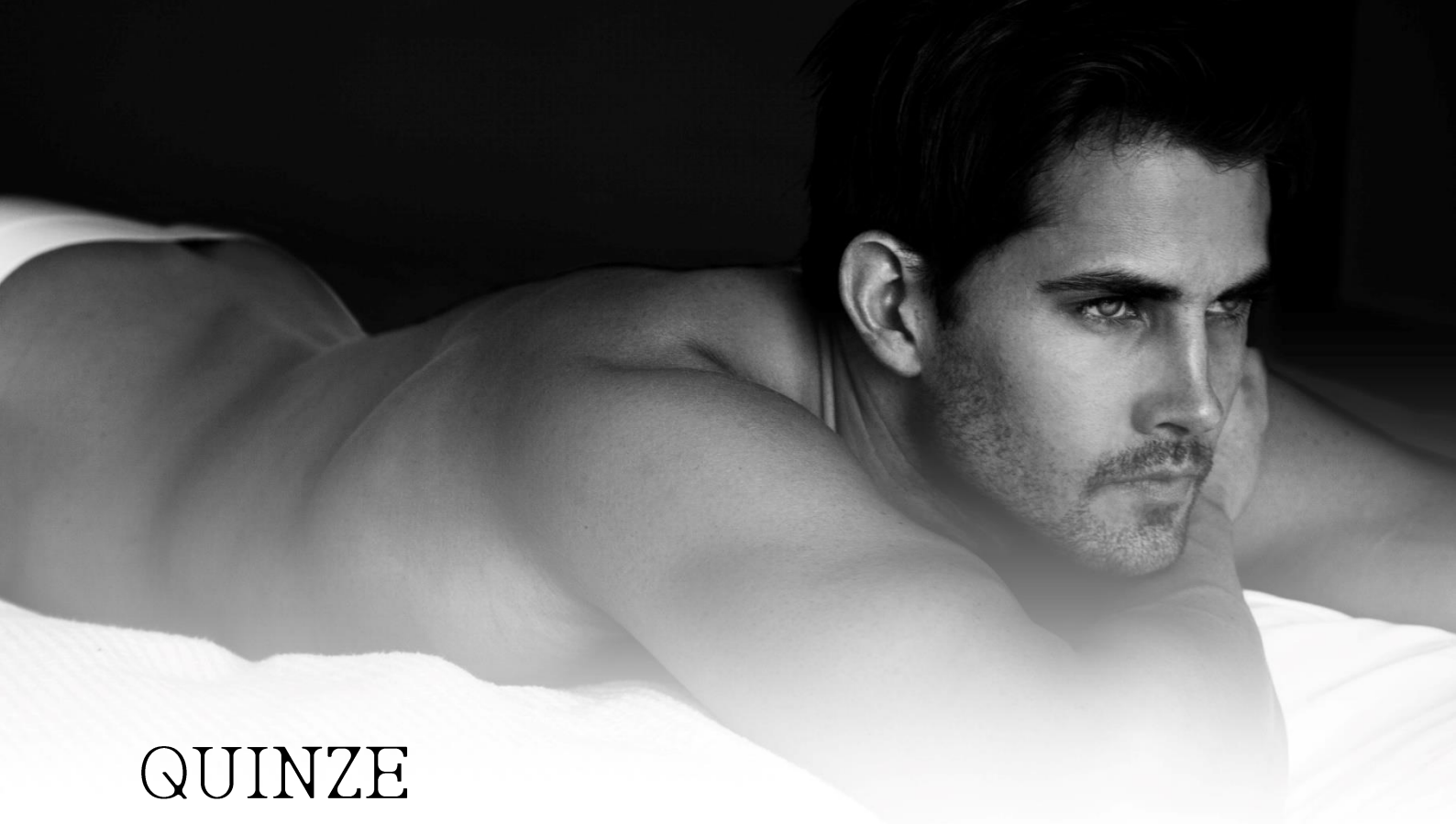
— Quando eu era pequena, — ela murmurou, — Ouvi um dos nossos funcionários falando sobre a casa dele. Na época, não causou impacto, mas acho que agora eu posso ver o que ele falava. Ele vivia assim, eu acho. — Ela começou a ir em direção ao quarto, e seu desejo rapidamente se transformou em pânico.

Pulando na frente dela, ele fechou a porta do quarto. Em seu piscar de surpresa, ele rosnou, — Aqui está fora dos limites.

Ela fungou. — Estou mais feliz com isso do que você pode imaginar. — Com a expressão fechada, ela cruzou os braços sobre o peito, se fechando para ele. Por que isso o irritava ele não fazia ideia. — Por que estamos aqui?

Maldição, ele pegou seu telefone celular da mesa. — Você vai ligar para sua companhia e vai organizar uma troca. Neriya por você.

— Com prazer. — Ela pegou o telefone, e ele se perguntou se ela suspeitava que ele estava mentindo.



QUINZE

Nicole discou o número de Chuck com os dedos trêmulos. Seu irmão a tiraria dessa bagunça, e se ela pudesse explicar ao conselho por que havia perdido a reunião...

— Charles Martin.

— Chuck! — Nicole se afastou de Riker, que olhava para ela como uma águia. Tal comparação apropriada, uma vez que ambos eram surpreendentes. Formidáveis. E mortais. — Oh, meu Deus, é bom ouvir a sua voz.

— Nicole? — Houve um estrondo e uma maldição do outro lado da linha, provavelmente Chuck saltando de sua cadeira e derrubando alguma porcaria. — Merda, Nicole, é realmente você? Onde você está? Você está bem? Roland está morto, mas não havia nenhum sinal de você. Onde você está? — ele repetiu, claramente abalado.

Ela respirou fundo, se preparando. Ouvir a voz dele era um bálsamo para seus nervos seriamente desgastado. — Estou bem. Estou sendo mantida até...

Riker enlaça o braço em um agarre perverso e balança a cabeça, um aviso para não revelar qualquer coisa que possa sugerir sua localização. Ela se afastou dele. Ela não sabia onde estava, de qualquer maneira.

— Estou sendo mantida por vampiros.

— Você está o quê? — Chuck rugiu. — Onde?

Ela deslizou um olhar secreto para Riker. — Não posso te dizer isso. — Ela estava tão perdida nesta floresta que ela nunca, em um milhão de anos, seria capaz de encontrar o caminho de volta para a fortaleza do clã. — Preciso que você libere uma vampira chamada Neriya. Ela foi levada da floresta de Seattle duas semanas atrás por caçadores de recompensa.

— Você sabe que é ilegal para os indivíduos ou empresas capturar vampiros selvagens. — A voz de Chuck ficou uniforme. Sem vida. Malditamente culpado.

Chuck estava bem ciente de que Daedalus estava infringindo a lei ao adquirir vampiros. Fazer isso seria mais rápido e mais barato, e ignoraria os regulamentos sobre o número de vampiros permitidos em espaços específicos, para não mencionar diretivas relativas ao tratamento deles.

— Sim, — ela disse doente, a decepção com seu irmão colocando um nó frio na barriga, — Eu sei. Mas, aparentemente, Daedalus não.

Ela praticamente podia sentir a raiva fumegando em Chuck. — Como você sabe que nós a temos?

— Porque um dos vampiros que estava com ela ouviu um caçador dizendo que ele tinha um comprador da Daedalus esperando. Então, ela tem que estar em uma de nossas instalações.

— Por favor, — ele zombou. — Você acredita em uma porra de vampiro desprezível? Você é mais esperta do que isso.

Ela ficou tensa pelas palavras desagradáveis e o tom condescendente do irmão. — Tenho minhas razões para acreditar nisso, então, por favor, basta verificar isso para mim.

Ele proferiu uma maldição desagradável sob sua respiração. — Aguarde.

Ela esperou, ouvindo Chuck furiosamente no teclado do seu computador.

— Entendi, — ele disse. — Número Feral 286 foi enviado para o laboratório B, ao sul de Seattle.

Ela franziu a testa. Além dos principais escritórios de empresas no centro de Seattle, havia quase uma dúzia de unidades da Daedalus ao redor da cidade, a partir de laboratórios e centros de treinamento para as fábricas e os canis de retenção de vampiros, mas ela não sabia sobre um laboratório no lado sul. — Laboratório B? O que é isso?

Houve uma longa pausa, e quanto mais tempo ela esperava, mais seu estômago revirava. E Riker ficou mais agitado. Ela ouviu o tilintar de gelo em um copo e depois o derramar de líquido.

— Nicole, você não voltou por muito tempo.

— O. Que. É. Isto?

A voz de Chuck foi baixa. Quase um sussurro. — É um centro de pesquisa. Ultrassecreto. Apenas algumas pessoas sabem sobre ele.

— E por que isso? — Quando ele parou de novo, ela repetiu a pergunta, de forma mais nítida desta vez.

— Vamos, Nikki. Você sabe como são aqueles anormais sobre direitos de vampiros. Não precisamos deles em nossos traseiros por nós não estarmos dando aos pobres vampiros indefesos TV a cabo em suas gaiolas ou alguma merda.

Ela não podia acreditar no que Chuck dizia. — Besteira. É porque estamos administrando a instalação fora dos limites da lei, não é? — Ela amaldiçoou a falta de resposta dele. O que, na verdade, era uma resposta. — Por que não fui informada sobre isso?

As pausas de Chuck realmente começavam a irritá-la. Finalmente, ele disse, — Negação plausível.

Jesus. O que eles estavam fazendo naquele lugar? — Preciso que você tire Neriya de lá. — Ela olhou para Riker, que olhava para ela como se esperasse que ela desse pistas de seu paradeiro ou talvez apenas gritasse por socorro imediato. — Agora.

— Nicole... não será possível.

— Por que não?

— Os parceiros não vão permitir isso, — Chuck disse; impaciência vazando em sua voz. Sim, isso deveria ser um fardo por ela pedir algo tão simples como libertar um vampiro obtido ilegalmente.

— O que você quer dizer com eles não permitindo isso? — Ela retrucou. — Eles não têm escolha. Estou dando uma ordem.

— Essa é a coisa. Você não dá mais ordens. Você perdeu a reunião, Nicole.

Inacreditável. — Perdi a reunião porque fui sequestrada. Eu acho que, dadas as circunstâncias, a minha incapacidade de participar de uma reunião do conselho pode ser *negligenciada*.

— É tarde demais. Eles promulgaram o código 2.29 do Estatuto Social.

Ela engoliu em seco. Fortemente. Seu pai certificou que sua prole mantivesse controle total em caso de sua morte... a menos que sua prole fosse incompetente ou incapaz de cumprir o seu papel como CEO. Caso em que, após uma audiência, o CEO poderia ser retirado dessa posição, e suas ações da empresa iria para o próximo na linha de sucessão.

Que, neste caso, era Chuck.

— Assim... você está no comando agora?

Sua resposta levou um bom tempo. — Sim.

Raiva acendeu como um pavio, mas agora, ela estava mais preocupada com sua sobrevivência do que a sua empresa. — Então, você mesmo pode libertar a vampira com facilidade, a fim de fazer a troca por mim.

— Sinto muito, Nicole. Eu não posso.

Sua mente girava em sua resposta incompreensível. — Você está no controle da empresa. Você pode fazer o que quiser!

— É aí que você está errada. Esta é uma questão legal agora. Se eu a ajudar, eu arriscarei a empresa e tempo na prisão.

As pernas dela tornaram borracha debaixo dela, e ela caiu sobre o sofá de Riker. — Eu não entendo. Por que esta é uma questão legal?

Mais uma vez, houve uma pausa longa e tensa. Finalmente, Chuck disse com firmeza, — Porque, de alguma forma, a SHV pegou o vídeo documentando as mortes de vampiros que você assinou, e agora está em todos os canais de notícias do planeta. A indignação pública tem crescido. É uma pequena minoria, mas eles são ruidosos. Pedem a sua prisão sob a acusação de crueldade e execução inadequada. — Ela ouviu mais *tilintar* de gelo em um vidro e o borbulhar de outro licor sendo despejado. — Tenho certeza que isso vai sumir. A maioria da população não se preocupa com duas dúzias de sanguessugas mortas. O conselho considera que desde que você não está mais no comando da empresa, a SHV ficará satisfeita. Mas isso significa que você precisa ficar fora de vista. Pelo menos, até eu anunciar seu sequestro.

Eles não fizeram isso ainda? — Você não pode estar falando sério. Chuck, você precisa me tirar daqui!

— Nikki, eu sinto muito. Isso está me matando, mas não sei o que posso fazer. A maioria do conselho de administração não sabe sobre o laboratório, e muito menos como temos adquirido os vampiros. Se eles descobrirem...

— Toda a empresa estará em risco, e todos os envolvidos, incluindo você, vai para a cadeia.

— Sim, — ele sussurrou.

Seu coração se afundou. Meu Deus, ela estava ferrada. Ele deixaria os vampiros ficar com ela. — Droga, você precisa fazer alguma coisa. Você tem que...

Riker tirou o telefone dela. — Ouça, escória humana. Você tem doze horas para trazer Neriya para nós, ou sua irmã morre.

Nicole respirou chocada; seu coração apertado dolorosamente. Ela sabia que não era exatamente uma convidada aqui, mas pensou que Riker e ela tinham um entendimento que iria, pelo menos, deixá-lo um pouco hesitante em matá-la.

Ele não teve sequer a cortesia de olhar nos olhos dela enquanto esperava que seu irmão respondesse. Após um longo momento, ele silenciosamente fechou o telefone.

— Bem? O que ele disse?

— Ele disse que te ama. — Riker amaldiçoou, e seu coração parou completamente. — E ele sente muito.

Charles Martin era um pedaço de merda. Oh, ele disse que a amava. Ele disse que sentia muito.

Mas era tudo um monte de porcaria. Se Riker estivesse no lugar de Chuck, nada o impediria de salvar alguém com quem se preocupava. Ele passou meses procurando por Terese depois que ela foi capturada. Após localizá-la na propriedade dos Martin, ele passou meses planejando libertá-la. Então, ele passou mais oito meses procurando por ela novamente quando desapareceu, só para voltar grávida.

As palavras de Chuck eram vazias e Nicole sabia disso também.

A devastação na expressão dela ali sentada, olhando para o telefone na mão, com o rosto manchado e os olhos molhados, desequilibrou Riker,

— Ele estava protelando, — ela disse. — Ele precisava estar. Ele pensará em um plano. — Ela olhou para Riker como se tentasse convencê-lo que seu irmão não era um idiota. — Ele irá. Eu iria. Eu faria tudo ao meu alcance para salvá-lo, mesmo que isso significasse a prisão. Eu não o deixaria morrer. Ele não me deixará morrer.

— Ei. — Ele cortou sua divagação antes que ela entrasse em um ataque de pânico. — Você não vai morrer. Eu estava blefando sobre matar você, Nicole. Seu irmão pode estar blefando, também, — ele disse, embora suspeitasse que não fosse o caso.

Ela esfregou os braços novamente, e ele se sentia como um merda por deixá-la ficar com frio. — Mas se ele não estiver, eu estou ferrada. *Estamos* ferrados.

Ele não gostou da forma como ela disse isso, tanto porque significava que Neriya estava em perigo e porque também estava implícito que eles estavam juntos nessa. Que ele supôs que estavam. Ele simplesmente não gostou.

— Não acabou. — Ele agarrou o moletom preto com capuz pendurado ao lado da porta. — É a sua empresa. Se Chuck não pode ajudar, você ainda tem poder.

— Eu fui demitida, — ela disse, com a voz tão desprovida de emoção que ele não poderia obter uma leitura dela. — Daedalus, aparentemente, não é minha empresa.

— Demitida? — Ele colocou o casaco sobre os ombros e cuidadosamente soltou seu cabelo loiro avermelhado de debaixo da gola. Sua mão demorou mais tempo do que era apropriado, mas porra, o cabelo dela era tão suave, tão sedoso, e parecia bom contra o preto. Ela lhe deu um sorriso frágil, mas grato, e ele devolveu o sorriso como um garoto apaixonado. Seu coração ainda martelava em um ritmo louco. Ele era um idiota. Um grande vampiro idiota. — Demitida por quê?

Tremendo como se estivesse nua em vez de ter mais uma, ela olhou para seu colo. — Pelo abate de dezenas de vampiros em um laboratório.

Seu coração batia mais forte, desta vez por um motivo diferente. Apenas quando ele pensou que Nicole era um tipo diferente de Martin e um tipo diferente de *humano*, ela lhe acertou com isso.

— E você matou... por quê? — Ele falou com os dentes cerrados.

— Eu não, — ela disse em uma corrida sem fôlego. — Sim, quero dizer, os vampiros foram mortos, mas eu não pedi as mortes deles.

— Então por que eles a estão culpando?

— Porque a minha assinatura estava na ordem de execução. — Ela ergueu o olhar, o desafio ousado em seus olhos desafiando-o a questionar seu discurso sobre assinar a ordem.

E foi assim que ele sabia que havia mais na história. Apenas quarenta e oito horas atrás, ele teria acreditado que ela havia assassinado dezenas de vampiros

com sequer um pensamento, assim como um açougueiro diante de uma vaca. Mas agora, ele não tinha tanta certeza. Não, corrigindo isso. Ele tinha certeza. A Nicole que guardou o anel de Terese e ficou tão indignada com a captura de Lucy não enviaria casualmente dezenas de vampiros para a morte.

— Então, o que dizia a ordem? — Amenizando a sua postura ameaçadora, ele se sentou no braço da cadeira, se esforçando para não parecer tão ameaçador. Agora, ele precisava da cooperação dela, e seu irmão idiota dera involuntariamente a Riker uma oportunidade de ouro para atacar e ser o bom rapaz. — Por que eles foram mortos?

— Aparentemente, o laboratório onde eram mantidos estava acima da capacidade.

— Eles foram assassinados porque os idiotas que trabalham para você eram demasiados estúpidos para contar?

— Isso resume tudo. — Ela se levantou do sofá e olhou para a parede, como se estivesse tão perdida em seus aposentos como esteve na floresta.

Ele se perguntou o que ela faria se ele se aproximasse por trás dela e a inclinasse em seus braços. Seu desejo de confortá-la começava a se tornar uma coisa regular, não é? O que Myne diria? *Nunca retire seu dar-uma-merda. Se fizer isso, você continuará tendo que usá-lo.*

— Nicole?

— Hmm?

— Por que você assinou a ordem de execução?

— Não assinei. — Apertando a frente do moletom com uma mão, ela começou a andar. — Minha assinatura estava no papel, mas eu não sei como ela chegou lá. — Frustração infiltrou em sua voz. — Fiquei acordada tantas noites com isso na minha cabeça, tentando descobrir como diabos isso aconteceu. Mas, afinal, não importa. Mesmo que alguém tenha assinado a ordem, eu estava no comando da empresa no momento, de modo que eu respondo por isso.

Era um princípio de comando que ele conhecia bem. Ser um líder vinha com regalias, isso significando um monte de dinheiro, muito poder, ou um monte de fama. Mas também vinha com uma série de riscos. Um único incidente, mesmo envolvendo alguém tão abaixo na cadeia de comando, poderia encerrar carreiras e arruinar muitas vidas. O fato de Nicole estar disposta a assumir a responsabilidade falou muito sobre seu caráter, e ele se viu suavizando em direção a ela ainda mais.

Ele fez muito mais do que retirar seu dar-uma-merda. Ele o limpou até obter um brilho impecável, da forma como ele poliu suas botas de combate e armas há muito tempo.

Idiota.

Nicole virou de repente e foi direto para a mesa dele. Ela pegou uma caneta e um bloco de papel e começou a desenhar uma série de linhas.

— O que você está fazendo? — Ela não respondeu, apenas continuou arranhando furiosamente o bloco, seu cabelo emaranhado escondendo seu rosto.

Sem pensar, ele se levantou e afastou uma mecha de seda para trás da orelha. As pontas de seu dedo roçaram a bochecha dela, a pele macia. Ela se virou, e Deus, quando seus olhos se encontraram, era como se não houvesse nada entre eles. Nada que o impedisse de puxá-la fortemente contra ele e fazer o que ele queria fazer com ela na caverna.

Seu coração trovejava atrás de suas costelas, batendo dolorosamente forte e rápido. Sua resposta intensa para ela o chocou. Ela era o inimigo. Isso era tão errado.

O argumento era fraco, e ele sabia disso. Nicole pode não ser uma amiga, ou mesmo um partido neutro, mas não era o inimigo.

Ele se aproximou. Tensão floresceu no espaço entre eles, pesada e quente, como uma tempestade de verão no horizonte. Ela engoliu em seco, e, instintivamente, seu olhar foi para a garganta dela.

Nicole se encolheu, e em menos tempo do que levou para puxar o gatilho de um rifle, a tensão estalou. Então, sem jeito, Riker sentiu pena dela, Nicole se afastou e voltou para seus esboços com uma mão trêmula. Mais desejos borbulharam dentro dele, sentimentos que ele não sentia desde que Terese estava viva.

Seus pais sempre acreditaram que ele cresceria para ser médico ou algum tipo de professor, assim, o seu alistamento no exército foi atordoante para eles. Delta literalmente acabou com a maior parte da compaixão dele, e depois de décadas lutando contra humanos como um vampiro o resto foi sugado dele.

Até Terese.

Com ela, uma palavra dura ou uma voz levantada a faria se retirar na melhor das hipóteses. Na pior, ela entrava em prantos, tremendo no chão. As qualidades que seus pais admiravam nele lentamente vieram à tona novamente, apenas para

ser esmagadas e enterradas ainda mais profundo do que antes quando Terese morreu.

Agora, ao que parece, isso rastejava de volta em sua vida como uma equipe de caçadores ilegais. Quanto tempo levaria para que suas emoções renegadas o derrubassem para sempre?

Os rabiscos de Nicole começaram a formar um padrão. Um edifício com paisagismo ao redor da propriedade, cercas, portões... Ele bateu no papel. — Isso é um de seus laboratórios.

Ela assentiu com a cabeça. — Há alguns anos, meu tio me mostrou os planos básicos para todos os escritórios, fábricas de processamento e instalações de pesquisa para que ele pudesse me explicar como a segurança funcionava. Daedalus construiu todos os laboratórios para ser quase idênticos, a fim de que funcionários, equipamentos e segurança pudessem ser facilmente intercambiáveis. — Ela rotulou um cômodo com a palavra *MEDICAL*, outro com *PESSOAL*, e outro com *DESCONHECIDO*. — Chuck me disse que Neriya estava sendo mantida no que ele chamou de Laboratório B. Não há nenhuma razão para pensar que o design seja diferente de qualquer outro laboratório Daedalus. Tenho certeza de que posso entrar pela entrada principal se a notícia da minha demissão não saiu da empresa.

— Do que você está falando?

— Estou falando sobre como salvar Neriya. — Ela olhou para ele como se ele fosse um completo idiota. — Não é esse o ponto de tudo isso? Se puder entrar, eu poderia ser capaz de blefar minha maneira de sair com ela.

Uau. Ela estava realmente pensando em invadir seu próprio laboratório, ou era um truque para escapar? — Vamos diminuir o ritmo por um minuto e pensar.

— Pensar? — Ela balançou a cabeça. — Eu pensei sobre isso. Precisamos fazer isso agora, antes da minha demissão e sequestro se tornar de conhecimento comum.

Seu instinto lhe disse que a oferta dela era genuína, mas havia outras considerações. — Não podemos fazer nada por dois dias. A lua cheia é amanhã. A partir de hoje, ninguém tem permissão para sair, a menos que seja para patrulhar a procura de inimigos.

Como se não tivesse ouvido uma palavra, Nicole voltou a desenhar com uma intensidade quase obsessiva, seu falar constante aumentando a insanidade. — Eu vou à noite, quando a maioria dos funcionários estão fora. As pessoas da segurança

de nível mais baixo serão ainda menos prováveis em saber sobre a minha situação. — O papel se encheu com linhas e palavras quase ilegíveis. — Neriya provavelmente estará nesta sala...

Ele agarrou a mão dela para acalmar a loucura. — Você vai parar?

— O que? Não. — Ela soltou sua mão e se debruçou sobre o esboço novamente. — Nós podemos fazer isso. Podemos entrar...

— Droga, Nicole, pare. — Ele espalmou os ombros e a virou para encará-lo. — Precisamos olhar para isto de todos os ângulos.

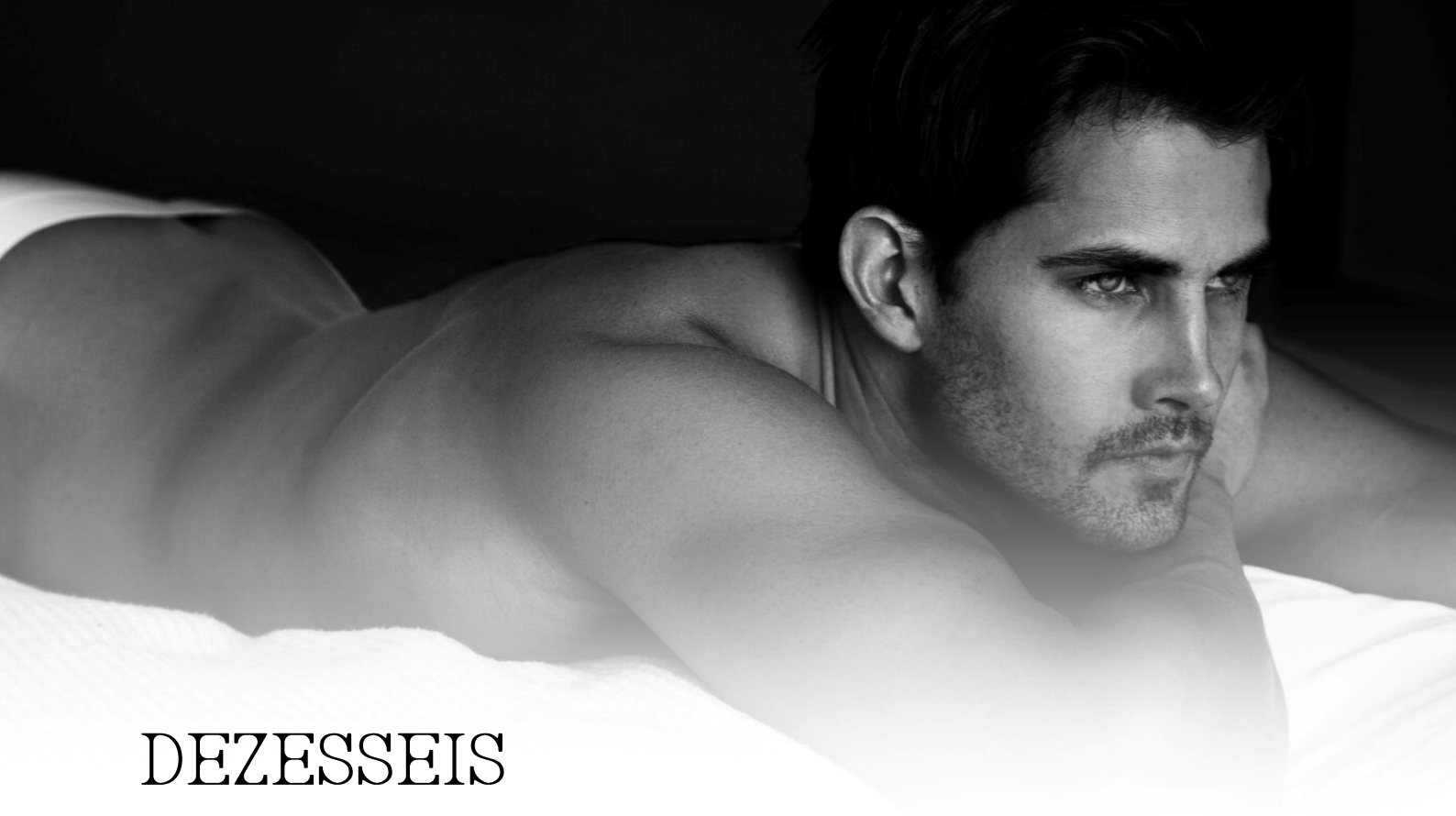
— Não temos tempo. Eu não tenho tempo. Isto é culpa minha. Preciso corrigir antes que mais vampiros morram. — O tremor na voz dela bateu diretamente no seu coração. — Antes que eu morra. — Ela tentou se afastar, voltar ao bloco de notas. Quanto mais ele se aproximava, mais duro ela lutava, até que ela lutava contra ele, batendo os punhos contra o peito dele e fazendo sons que estavam em algum lugar entre gemidos e soluços.

— Nicole. — Ela não parecia ouvir. — Nicole. — Ele capturou seus pulsos, mas isso só a fez usar todo o seu corpo como um grande punho quando se chocou contra ele. — Nicole!

Nada.

Então ele fez a única coisa que podia para parar a luta dela.

Ele a beijou.



DEZESSEIS

Os lábios de Riker estavam firmes, seu corpo duro, sua língua exigente conforme recuava Nicole contra a mesa. Seu traseiro atingiu a borda, deixando-a ligeiramente desequilibrada e agarrando os ombros dele para se firmar.

Ela queria isso, se perguntou como reagiria. Perguntou-se se ela ia odiar ou gostar. Perguntou-se se estaria desgostosa ou aliviada por ele sentir a mesma atração feroz e magnética que ela sentia.

E agora ela sabia. Ela gostou.

E isso a assustava.

A única coisa inteligente a fazer seria afastá-lo. Mas em questão de minutos, ela perdeu tudo, desde a sua empresa até a esperança de voltar a uma vida normal após o término desta provação. Se alguma vez terminasse. Agora, tudo o que tinha para se agarrar era no macho a beijando loucamente.

Riker pressionou seus quadris entre suas pernas, forçando-a a abri-las enquanto envolvia sua cintura e a erguia sobre a mesa. As palmas das mãos deslizaram para seu peito, os polegares roçando as curvas de seus seios apenas com a firmeza suficiente para enviar deliciosos choques pelo seu corpo.

Mais uma vez, ela pensou em parar isso antes que ele fosse longe demais. O pensamento fez com que uma risada histérica começasse a borbulhar em sua

garganta, porque a verdade é que isso já foi longe demais. E ainda, quando a língua se enroscou com a dela, ela estava certa que não foi longe o *suficiente*.

— Merda, — ele respirou contra seus lábios. — Estava com vontade de fazer isso desde a primeira vez que a provei na cela da prisão.

O lembrete de que ele a jogou em uma masmorra fria e úmida e, em seguida, ele a assustou até a morte deveria ter colocado um amortecedor sobre coisas, mas isso não aconteceu. Ela estava tão estressada, cansada de não saber se ia viver ou morrer que não podia deixar de abraçar esses poucos momentos preciosos de esquecer o inferno que era a sua vida e lembrar o que era realmente viver.

Corajosamente, ela passou as mãos nos braços de Riker, deixando os dedos mapearem as cicatrizes irregulares e veias grossas ao redor de seus bíceps. Os músculos dele se flexionaram e se contorceram sob seu toque, e quando ela ficou ainda mais ousada, movendo as palmas das mãos para os peitorais, um baixo ruído de aprovação rolou por seu magnífico peito.

— Você se sente bem. — Sua voz era um ronronar rouco. — Você é tão linda. — Ele beijou uma trilha de seu ouvido e capturou seu lóbulo entre os dentes.

— Mmm... sim. — Ela engasgou, chocada e satisfeita pela forma como algo tão simples como uma mordidela a dobrou. Ela arqueou para ele, e ele respondeu com entusiasmo, esfregando sua ereção contra ela. Ela ia fazer isso com ele, não ia?

Ela teria relações sexuais com um vampiro.

Ela esperou que um ataque de pânico a dominasse. Esperou que seu cérebro lhe chutasse e desse um milhão de razões pelas quais ela não poderia fazer isso. Esperou que todas as suas inseguranças e preconceitos a tomassem e desse desculpas para impedir que esta coisa acontecesse.

Enquanto esperava, a boca de Riker fez coisas más com sua orelha, e as mãos dele... oh, Deus, as mãos dele... Foram para debaixo da sua camisa, uma na parte baixa das costas, os dedos descansando logo abaixo da cintura, a outra deslizando para cima, para os seios.

Não havia nenhum ponto em esperar qualquer uma dessas coisas que poderiam impedi-la. Toda a sua vida ela esteve esperando para fazer o que era necessário para garantir o legado de sua família. Ela foi criada e preparada para fazer uma coisa: administrar Daedalus. Ninguém, incluindo ela mesma, nunca levou em conta os seus sonhos e desejos, e até mesmo seu foco na fisiologia vampírica foi considerado um passatempo pouco agradável por todos, menos ela.

Mas agora, só desta vez, ela faria algo egoísta. Algo imprudente. Caso se arrependesse, ela lidaria com isso. A maior parte de sua vida esteve tão fora de seu controle que ela estava realmente animada em se arrepender de algo que fosse puramente dela.

A mão de Riker segurou seu peito, e até mesmo através do tecido do sutiã, o calor a chamuscou. Ela engasgou quando o polegar raspou sobre seu mamilo, e como se o som fosse um gatilho, Riker rosnou e disparou contra ela. Beijou-a em um desesperado e forte encontro de boca, e então seus lábios estavam na garganta dela e suas presas raspando a pele... E seu grunhido ficou faminto.

Por uma fração de segundo, a ansiedade transformou seus pulmões em pedra. Mas não, ela não deixaria um único ato brutal de seu passado desfazer o progresso que fizera ao longo dos anos, para não mencionar a maior compreensão sobre vampiros que ela ganhou apenas nos últimos dias. Ela parou de pensar e se agarrou ainda mais forte em Riker... Até que percebeu que ele ficou tenso.

— Riker?

Ele se livrou do emaranhado de seus corpos, e sem olhar para ela, ele disse:
— Você precisa ir.

— O quê? — Perplexa, com o corpo praticamente tremendo de desejo inextinguível, agarrou o braço dele para puxá-lo de volta. — Por quê?

— Porque isso não vai funcionar. Não, se você não consegue lidar com o que eu sou.

— Por que você não me deixa decidir o que eu posso e o que não posso lidar?

Muito lentamente, seus lábios se afastaram de seus dentes, expondo as presas maciças. — E isso é algo que você pode manipular?

Apesar do fato de estar tão excitada que estava prestes a estourar para fora de sua pele, ela encontrou seu olhar firme. — Sim.

— Sim? — Ele inalou uma respiração profunda. — Então por que posso cheirar seu nervosismo? Por que posso ouvir seu coração batendo como o de um beija-flor?

— Talvez porque eu esteja completamente excitada, seu vampiro estúpido! — Quando ele bufou, ela suspirou. — Riker, o que está acontecendo entre nós?

— Nada.

— Isso não foi nada.

Ele riu sombriamente. — Bem, não foi *algo*. E inferno, eu tenho certeza que não iria muito mais longe, de qualquer maneira.

Ela não fazia ideia do que ele quis dizer com isso, mas ainda se sentia como se tivesse levado um soco no estômago, da mesma forma que ela se sentiu com a incapacidade de Chuck de tirá-la dessa bagunça. — Eu não sei sobre você, mas não fico com homens aleatórios para nenhuma razão.

— Então, o que você está dizendo? Que procura um companheiro, uma cerca branca, e cinco filhos? Eu não posso te dar isso.

— Claro que não. Disse ou fiz qualquer coisa que faria você pensar isso? — Sentindo-se subitamente fria, ela empurrou os braços no moletom que ele lhe dera. — Eu só gostaria de saber onde estou em um relacionamento.

— Então, você gosta de rótulos. Quer rotular o que nós fizemos? Porque o melhor que posso fazer é chamá-lo de um erro. E definitivamente não é um *relacionamento*.

Um erro? Seu peito esvaziou de quaisquer sentimentos quentes que ela tinha por ele e ficou gelado, vazio, oco. — Entendo. Suponho que vou arquivar isso em pesquisa, então.

— Pesquisa?

— Eu sou uma cientista, — ela disse rapidamente. — Conheço a fisiologia por trás dos hábitos de acasalamento vampírico, mas nunca experimentei. Obrigada por me dar algumas dicas sobre por que os humanos estão obcecados com escravos sexuais vampíricos. Não sei se entendo qual é o grande problema, mas, então, nós não íamos muito longe, não é? — Ajeitando sua roupa, ela caminhou até a porta. — Acho que vou para o meu quarto agora. — Não que ela soubesse onde ficava, mas estava razoavelmente certa que alguém faria com que ela achasse. — Deixe-me saber quando posso ser de ajuda para obter a libertação de Neriya.

Ela abriu a porta e, imediatamente, duas fêmeas altas saíram do nada para acompanhá-la pelo corredor até os aposentos atribuídos a ela.

Não sei se entendo qual é o grande problema?

Riker não sabia se deveria estar insultado ou com raiva, mas ele definitivamente tinha um pavio aceso. Ele precisava sair desta sala. Puta que pariu, ele precisava sair da sede. Ele não queria estar sob o mesmo teto que Nicole agora.

Ele mentiu sobre nada estar acontecendo entre eles, porque definitivamente havia algo lá.

Algo ardente e intenso que o fez se sentir mais vivo do que se sentiu em décadas.

Uma batida na porta o assustou. *Nicole*. Como uma criança no dia de Natal, ele correu para a porta e encontrou Myne do outro lado, vestido de preto da cabeça aos pés, seu corpo grande carregado com armas. Provavelmente era o melhor, mas Nicole era um colírio para os olhos.

— Riker, pode sair para brincar? — Myne perguntou.

— Depende. — Riker estreitou os olhos para o amigo. Myne muitas vezes tinha uma visão distorcida sobre o que era divertido. — Vamos brincar com o que?

— Caçadores ilegais.

Legal. Riker gostava daquele jogo. O perdedor tinha que assumir no clã as funções do vencedor por um dia, o que significava fazer a lavanderia, limpeza da cozinha, jogo de se vestirem de algo... qualquer que seja o que o vencedor o encarregasse de fazer. Até agora, Riker estava à frente de Myne por uma vitória, e isso estava deixando Myne louco.

Eles se empenharam em uma competição amigável quase desde o dia em que Riker encontrou Myne deitado em uma margem do rio, o corpo nu crivado de balas. Myne esteve tão perto da morte que Riker havia nivelado um punhal sobre o coração, com a intenção de tirá-lo de seu sofrimento, mas isso foi antes de Myne gemer, revelando buracos nas gengivas, onde suas presas costumavam estar.

Em um raro momento de compaixão, Riker o alimentou com seu próprio sangue ali mesmo ao lado do rio. O sangue humano teria sido melhor, mas nunca havia um caçador desprezível por perto quando você precisava de um.

Transportar quase dois metros de vampiro nas costas até a sede do clã durante a tentativa de mantê-lo vivo não foi fácil, mas Riker estava determinado a salvar o rapaz. Ninguém deveria passar pelo que ele passou e não viver para se vingar.

Myne levou uma semana para se recuperar o suficiente para falar, e quando falou, sua história da fuga do cativeiro humano abalou a todos no clã. A história sobre como ele obteve seu nome fez mais do que os sacudir. Isso os abalou e reforçou o preconceito que sempre sentiram sobre os seres humanos.

— Qual é seu nome? — Riker, sentado em um banquinho ao lado da cama do outro macho, afastou a taça de sangue humano de seus lábios e esperou que ele falasse.

— Myne. — Foi a primeira palavra que ele disse desde que chegou ao clã.

— Nome estranho. — Riker pegou o pequeno jarro de sangue na mesa de cabeceira e encheu a taça. — O que significa?

O lábio de Myne enrolou em um grunhido silencioso. — É como o homem que me comprou me chamava. — Você é meu, vira-lata da porra. Esse é o seu nome a partir de agora. Myne.

Jesus. Riker se atrapalhou com a taça, espirrando fluido vermelho por todo o chão. — Você não tem que se preocupar com isso. Você está seguro aqui.

— Ninguém está a salvo.

Obrigando-se a manter a calma quando o que ele queria fazer era caçar o filho da puta que tão cruelmente o chamou de Myne, Riker foi para isso de outro ângulo. — Qual era o seu nome de nascimento?

Em uma explosão de movimento, Myne se ergueu e apertou a mão ao redor da garganta de Riker. — Os seres humanos levaram tudo de mim, — ele murmurou. — Meu clã. Meu irmão. Minhas presas. Meu nome. Até eu conseguir recuperar tudo isso, você me chamará de Myne.

— É isso aí, amigo, — Riker engasgou. — Agora, você se importa de me deixar um pouco de ar?

Como se tivesse usado cada gota de energia que tinha para se sentar, Myne caiu no travesseiro, ofegante, os olhos vidrados. — Eu... devo a você.

Myne desmaiou, não acordou novamente por mais dois dias. Eles se tornaram amigos depois disso, mas nunca falaram sobre o nome dele novamente. Myne raramente falava sobre seu passado, e quando fazia, a informação saía em pedaços, e ele nunca respondia às perguntas.

Riker gesticulou para Myne entrar. — Caçadores já foram avistados nas proximidades?

— Não, mas Baddon e Aiden encontraram o que eles suspeitam ser uma armadilha. Nós vamos verificar. Se não fizermos isso hoje à noite, vamos perder nossa chance.

Como amanhã é lua cheia, todos os assuntos externos precisavam ser tratados antes de cada macho no clã ficar tenso com a agitação da alimentação.

Riker abriu seu armário de armas com o pé. — Qual é a armadilha?

— Uma humana ferida em uma vala.

Pegar seres humanos sem-teto das ruas e deixá-los sangrando e feridos na floresta era velho, mas um atrativo para os caçadores furtivos... Vampiros experientes e saudáveis não caíam nessa, mas havia muitos vampiros que não sabiam de nada ou estavam morrendo de fome, viam um ser humano ferido como uma refeição fácil. Perto da fase da lua, os vampiros eram ainda mais descuidados.

— Estou nessa. — Riker vestiu o cinto de armas e começou a carregar os bolsos de toda a diversão, brinquedos pontiagudos necessários para este jogo em particular. — Pontos extras para os caçadores ilegais usando joias? — Caçador usando joias era geralmente aquele que tinha partes de corpo de vampiro.

Myne sorriu. — Você sabe. Dez pontos extras para pregar o líder.

— Excelente. — Riker bateu nas costas de Myne enquanto saía da sala. — Eu preciso trabalhar um pouco de energia, de qualquer maneira.

De alguma forma, porém, Riker tinha uma sensação de que não importava o quanto de energia ele extravasasse, não seria suficiente para parar de pensar em Nicole.



DEZESSETE

A caça foi um sucesso. Durante a noite, dois caçadores ilegais de vampiros foram eliminados e dois comido... caçadores ilegais que estavam atrás de uma presa diferente: cervos.

Riker e Myne ouviram o tiro, e encontraram dois seres humanos bêbados que riam sobre o corpo de um cervo moribundo que atiraram fora da estação de caça. Os dois desgraçados não tiveram sequer a decência de acabar com o sofrimento do pobre animal.

Eles fizeram uma boa refeição. E o cervo, eliminado pelos humanos, daria uma boa refeição para o clã. Riker e Myne deixaram os caçadores de cervos vivos, uma vez que era duvidoso que eles relatassem o ataque contra eles, dada a sua atividade ilegal. Os caçadores de vampiros, no entanto, foram drenados e deixados no chão da floresta para os abutres.

O que não foi bem-sucedido foi a tentativa de Riker de tirar Nicole de sua mente. Para piorar as coisas, a influência da lua cheia, agora quase em cima deles, causou estragos com seus hormônios, e sempre que ele pensava em Nicole, o que era sempre, ela estava nua. Beijando-o. Lambendo-o. Colocando aqueles lábios cheios em cada ponto sensível de seu corpo.

Rosnando, se dirigiu para o quarto dele após deixar o cervo na cozinha. Mas, de alguma forma, ele se encontrou no laboratório.

Pode ter algo a ver com o fato de que desde que ele entrou na sede, três pessoas lhe disseram que Nicole estava com Grant. Como se Riker fosse o seu detentor ou namorado ciumento ou algo assim.

E ali estava ele, a mão na maçaneta da porta e se sentindo como um namorado ciumento.

No segundo que abriu a porta, ele sabia que havia cometido um erro enorme.

As duas fêmeas atribuídas para vigiar Nicole reconheceram Riker com um aceno de cabeça antes de voltar a se apoiar no batente da porta. Ele acenou para elas e, em seguida, visualizou a humana ao lado de Grant, seu ombro roçando o dele enquanto ela estendia a mão para prender um cartão no quadro de avisos na parede.

Um desejo intenso e selvagem de reduzir Grant a uma polpa e arrastar Nicole dos aposentos dele fez Riker se forçar para bloquear suas articulações a fim de impedir que seu corpo disparasse antes dele mesmo puxar o gatilho.

Grant se virou para Nicole e sorriu, e até mesmo da porta, Riker sentiu a fome da lua irradiando do macho. Normalmente, os humanos não eram alvo de um vampiro com a fome da lua. Mas, às vezes, quando a fome atingia, erros aconteciam. Eventualmente, o vampiro perceberia seu erro, mas até então, poderia ser tarde demais.

Riker não queria que qualquer homem tomasse Nicole por acidente.

E isso, ele percebeu, incluía a si mesmo.

Cerrando os punhos apertados, ele saiu do laboratório, confiando que Katina e Zara tirariam Nicole de lá antes que Grant caísse para a fome da lua. Ele praticamente correu para seus aposentos, parando por um momento no ginásio para dizer a um de seus guerreiros recém-sangrados, Gaelan, que enviasse uma mensagem para Benet imediatamente.

A batida na porta não veio logo. Ou talvez veio muito cedo.

Benet entrou nos aposentos de Riker, seu longo cabelo vermelho puxado em um rabo de cavalo alto para expor seu pescoço, do jeito que ela sempre usava para ele. E, como de costume, ela usava uma calça jeans-turquesa brilhantemente colorida hoje, abraçando cada curva, e sua blusa preta com decote V revelava uma abundância de garganta para ele cravar os dentes.

Não que ele já tivesse feito isso, e quando ela começou a parar no sofá em preparação para se sentar a fim dele poder tomar o pulso dela, ele agarrou seu braço, impedindo-a a meio passo.

— Riker? — Sua voz rouca o envolveu como um abraço. Envolvendo-o como os braços de Nicole quando ele a beijou nesta mesma sala.

Benet até mesmo soava como Nicole, e agora tudo o que podia pensar era no sabor doce de Nicole. Seu aroma fresco. Sua pele macia.

Suas presas palpitavam, pulsando com a batida do sangue nas veias de Benet.

Ele a empurrou contra a parede e cobriu seu corpo com o dele enquanto colocava seus lábios contra o pescoço quente. — Eu preciso de você, — ele disse asperamente. Ele precisava muito de Nicole.

— Isso é diferente, — ela sussurrou, mas ele mal ouviu, muito menos importou. Tudo o que conhecia era uma fome que tudo consome, como se tivesse perdido várias alimentações da lua em uma fila e estava à beira de morrer de fome e sede de sangue.

As glândulas atrás suas presas vibraram quando ele passou a língua nelas, liberando o fluido que facilitaria a penetração e proporcionaria intenso prazer.

— Agora. — Nicole, não, Benet, revirou os quadris contra ele e inclinou a cabeça para o lado em um convite duplo. Sexo e sangue. Ela lhe daria ambos.

Com um grunhido, ele mordeu, afundando suas presas na carne macia.

— Sim, — ela gemeu. — *Sim*.

Nicole, deveria ser Nicole, envolveu uma perna fina ao redor da cintura e balançou em sua ereção, seus movimentos cada vez mais frenéticos a cada sugada que ele tomava de sua veia. Sangue quente e molhado derramou goela abaixo, disparando ainda mais sua necessidade dela.

— Tome-me, Riker, — ela sussurrou.

Ele pretendia, e Deus ajudasse qualquer tolo que o interrompesse.

O clã era um lugar muito estranho no dia da lua cheia.

Nicole passou o dia no laboratório de Grant após uma noite intermitente no quarto em que estava trancada, e enquanto todos foram cordiais, eles também

foram... intensos. Até mesmo Grant, que foi tão imprevisível no dia anterior, estava sério, assustando-a com rosnados repentinos e até mesmo um ronronar estranho.

O ronronar aconteceu quando ela chegou perto dele. Quando acidentalmente o tocou, Grant ronronou mais alto, e seu olhar caiu para a garganta dela.

Ela fez um esforço consciente para manter a distância.

Os dois guardas machos que ela teve na parte da manhã foram substituídos por fêmeas quando o dia avançou, incluindo a assustadora Katina, que a ameaçou na sala da prisão. Mas não havia nenhum sinal de Riker, o que desapontou Nicole mais do que gostaria de admitir.

Ele não quer nada de você. Você não significa nada para ele. Menos do que nada. Ele nem sequer quis seu sangue na caverna quando ele precisou se alimentar.

Sim, ele deixou seus sentimentos perfeitamente claros na noite passada. Nicole não tinha o direito de ficar chateada, mas caramba, ela se expôs para ele, pensando que, pelo menos, compartilhavam uma atração mútua. E ele a dispensou sem pensar duas vezes.

— O que está fazendo?

Nicole pulou ao som da voz da assustadora Katina bem atrás dela. — Seria muito útil se você pisasse em seus pés ao andar, — Nicole murmurou.

— Mas então eu não poderia assustá-la. — Katina sentou ao lado dela. — O que está nesse frasco?

Nicole seguiu o olhar de Katina. — O verde? Isso é Kool-Aid. Limão, eu acho.

— Por quê?

— Você terá que perguntar ao Dr. Frankenstein.

Katina riu, um som profundo e melódico, que era tão bonito como ela. — Atreva-se a chamar Grant assim na cara dele.

— Já chamei. — Ela suspirou.

— O que ele fez?

Nicole enrolou as mangas da camisa de flanela preta e azul que ela escolheu do saco de roupas que Katina trouxe para ela ontem à noite. Ela achou que poderia muito bem combinar com a cor do hematoma no rosto. Pelo menos o inchaço diminuiu.

Ela ficou verdadeiramente grata pelas roupas. Mesmo aquelas que não se encaixavam tão bem. Como a camisa de flanela tamanho dois demasiada grande. Ok, talvez a calcinha amarela da vovó não fosse a coisa mais impressionante, mas

o jeans que ela selecionou era perfeito. Ela até gostava do buraco desgastado na bunda. O buraco era a única forma da calcinha amarela da vovó parecer sexy.

— Ele me chamou de Jantar à lá O positivo.

Katina riu novamente. — Muito legal como ele pode determinar o seu tipo de sangue pelo cheiro, não é? A maioria de nós não pode fazer isso.

— Legal não é a palavra que eu usaria, — Nicole disse enquanto puxava uma bandeja de frascos para perto, — Mas aceitaremos isso.

Katina sacudiu sua grossa trança preta por cima do ombro. A vampira tinha um cabelo fabuloso. — Você sabia que cada tipo tem gostos diferentes?

— Não, eu não sabia. — Nicole apertou um conta-gotas cheio de líquido de um dos frascos sobre uma lâmina de microscópio.

— É verdade. Vocês são fracos. Muito metálico para a degustação. O meu favorito é B-positivo. Há um sabor picante que eu amo. — Ela fez uma careta. — É muito raro, apesar de tudo.

— Você precisa comer os povos asiáticos. — Nicole verificou o paradeiro de Grant, do outro lado da sala, graças a Deus. — Os asiáticos têm a maior porcentagem de sangue B positivo.

— Sério?

O estômago de Nicole revirou ao perceber que simplesmente oferecera todo um grupo étnico de pessoas em uma bandeja. Ela poderia muito bem elaborar um cardápio para todos os tipos de sangue e pessoas que os compartilhavam e distribuir os cardápios para os vampiros que queriam saber como encontrar seus sabores favoritos.

— Hum... você pode fingir que eu não disse isso?

— Não. Vou viajar para Chinatown amanhã. — Katina brincou com Nicole no ombro, e foi tudo que Nicole poderia fazer para evitar esfregar o braço e chorar como um bebê. — Sabe, eu estou feliz por não a comer no primeiro dia. Acho que perguntarei a Hunter se podemos mantê-la.

Mantê-la. Como um cão vadio ou um pássaro selvagem capturado... ou uma escrava para vampiros. A cada hora que passava, Nicole ficava mais e mais com vergonha de sua raça.

— Como você sabe tanto sobre sangue, de qualquer maneira? — Katina perguntou.

— Minha especialidade é a fisiologia vampírica, — ela disse, feliz de falar sobre algo que realmente gostava. — Para saber como os vampiros funcionam, eu preciso saber como os seres humanos funcionam. Os vampiros são dependentes de seres humanos para viver, o que significa que eu preciso saber tudo o que puder sobre o sangue e como isso afeta os vampiros. Tipos de sangue podem desempenhar um grande papel em tudo, desde as origens do vampiro até a forma com os vampiros se reproduzem, amadurecem e contraem doenças... As possibilidades são infinitas, especialmente quando aplicamos o que aprendemos sobre vampiros a medicina humana. É fascinante. Eu até mesmo descobri uma maneira de usar a proteína vampiro rac1b2 para curar o câncer de ovário em humanos.

Silêncio.

Nicole respirou fundo. — Eeee... acabei de lhe lembrar do por que estou aqui e por que você me odeia, não fiz?

— Sim.

Katina deu um passo atrás, cruzou os braços sobre o peito, e fez uma careta. As facas embainhadas por todo o corpo cheio de curvas, de repente pareciam maior. A outra mulher perto da porta, Zara, passou a língua sobre suas presas.

Ocorreu a Nicole que as vampiras fêmeas eram mais assustadoras do que os machos.

Inclinando a cabeça, Nicole olhou para o microscópio. O que ela viu enviou um arrepio de excitação através dela. — Grant? A célula expandiu. — Ela ajustou a lente e sorriu. — É três vezes o seu tamanho normal! Nós fizemos isso. Acho que posso ter encontrado a causa da sede de sangue. Quero dizer, precisamos de mais testes, mas você estava certo sobre essa enzima. Grant?

Ela se virou e seu coração quase parou. Grant estava curvado, segurando uma mesa com tanta força que as rachaduras começavam a trabalhar seu caminho para fora da palma da mão. Os reflexos avermelhados iluminaram os olhos dele enquanto esvoaçavam entre ela, Katina e a outra fêmea.

— Nicole, — Katina murmurou, — Venha aqui. Caminhe lentamente. — A fêmea estalou os dedos em Grant, chamando a atenção dele. — Tome uma de nós, Grant. Nicole é humana.

Merda. Esta era a febre da lua em ação. Nicole pegou uma pasta da mesa e avançou em direção a Katina. — Ele não devia ter se planejado para isso?

— Ele planejou, — Katina disse; sua voz quase um sussurro. — Zara é sua parceira habitual. Mas, às vezes, ele fica confuso. Isso acontece com todos nós de vez em quando. Só acontece mais com ele. Provavelmente por não estar bem da cabeça.

Houve um borrão de estrias branca através do laboratório, e depois Zara estava de costas sobre uma mesa. O corpo de Grant cobria o dela, os punhos emaranhados em seus cabelos castanhos, os dentes profundamente em sua garganta.

Nicole viu vampiros se alimentar antes, mas em ambientes controlados, como laboratórios. Uma vez, em Paris, ela estava em um sarau de lua cheia organizado por algumas das pessoas mais ricas da França, e o entretenimento incluía um vampiro acorrentado se alimentando de uma mulher vampira acorrentada. A violência crua e o sexo, no cenário da decoração de luxo e a multidão elegantemente vestida, foi chocante. Nicole não foi capaz de desviar os olhos. Muito parecido com agora.

— Caramba, — Katina respirava. — Eu realmente não queria ser alimento assim esta noite. E definitivamente não queria dormir com ele. Cientistas loucos não são a minha coisa.

A voz de Nicole estava tão instável quanto suas pernas. — Então, você não tem um parceiro regular?

Katina puxou Nicole para a porta, forçando-a a desviar o olhar de Grant, que começava a arrancar a calça jeans de Zara. — Há quase duas vezes mais mulheres do que homens aqui, por isso muitos de nós não têm parceiros regulares.

— O que acontece na lua nova? — Agarrando a pasta contra o peito, Nicole olhou para o casal, que estava freneticamente rasgando as roupas, seus corpos se contorcendo contra o outro. — Eu acho que isso poderia causar problemas.

— Causa. Alguns machos alimentam duas fêmeas, mas a maioria de nós tem que se revezar e passar um mês sem alimentação. Deixam muitas mulheres mal-humoradas um dia por mês. — Ela cutucou Nicole com o cotovelo enquanto caminhavam pelo corredor de cavernas. — Fale sobre a TPM. Nós a chamamos de VVR.

— VVR?

Katina balançou a testa. — Vil Vampira Raivosa.

Bem, isso pareceu menos do que agradável. Mais provável para todos ao redor da vampira VVR.

Os corredores estavam quase vazios, mas algumas mulheres apareciam aqui e ali, até que chegou ao quarto de Nicole, onde uma nova guarda fêmea estava parada. Katina tomou seu lugar no lado oposto da porta, e Nicole entrou em seus aposentos.

Alguém estivera ali enquanto ela estava no laboratório. Roupas mais cuidadosamente dobradas foram deixadas no sofá, e pilhas de comida e garrafas de água cobriam a mesa simples de café, mas resistente. Precisava ser trabalho de Riker.

Ele poderia tê-la chutado para fora dos seus aposentos, mas se lembrou de enviar as coisas que ela precisava. Apesar do desastre que foi ontem à noite e seu desaparecimento hoje, as roupas e comida a fizeram sorrir quando afundou no sofá e abriu a pasta que roubou do laboratório.

Ela mordiscou o brócolis e mergulhou no molho enquanto folheava as páginas de notas de Grant sobre os casos de sede de sangue que viu e os métodos que costumava tratá-los. Os resultados foram desanimadores: totalmente 70 por cento dos vampiros que ele tratara sucumbiu à doença ou ao tratamento. Agora, com seu novo conhecimento do papel da enzima VR-2 na sede de sangue, ela podia ver por que os tratamentos falharam. O que ela não entendia era por que alguns dos métodos de Grant funcionaram.

Havia muitas variáveis e muitas incógnitas. Nada que ligava os sobreviventes se destacou.

Ela folheou mais páginas, parando quando um nome em particular chamou sua atenção.

Riker.

As notas de Grant foram rabiscadas na página em seu tolo roteiro, grosseiro enquanto descrevia Riker sendo colocado no laboratório por quatro guerreiros, seus membros amarrados, com a boca amordaçada.

Foi o dia em que Terese morreu.

Os guerreiros que o trouxeram esboçaram o que aconteceu na mansão, que em algum momento durante a batalha no terreno, Riker ficara incontrolável, uma máquina de matar que não ouvia a razão. Eles tiveram que incapacitá-lo a fim de escapar da equipe do VAST que invadiu a propriedade.

Riker havia atacado e drenado vários seres humanos. Um dos guerreiros, Myne, notara a mudança em Riker depois que ele matou um homem careca, com excesso de peso, que cheirava a podridão.

Tio Paul. Nicole, na ocasião, ouviu os vampiros domésticos dizerem que seu tio tinha cheiro de carne em decomposição ou lixo podre. Nicole nunca cheirou nada, e pelo que sabia, nenhum ser humano também. Só mais tarde, quando adulta, que levantou sua história médica familiar e descobriu que o tio Paul sofria de câncer de pulmão. Ele teria morrido dentro de dois meses, se não tivesse sido drenado até a morte no dia Terese morreu.

Ela respirou fundo. *Câncer.*

No laboratório, Grant e ela injetaram uma proteína humana associada ao desenvolvimento de câncer em células de vampiros normais, e, em seguida, eles introduziram a enzima VR-2, resultando em enorme crescimento, quase instantâneo. Eles teorizaram que o crescimento inibia a capacidade de um vampiro para processar a enzima, causando loucura e sede de sangue.

E se o denominador comum fosse alimentar vampiros com humanos com câncer? E se fosse o caso, ela poderia desenvolver um soro para combater a proteína e forçar as células a encolher.

Tão animada com as possibilidades que ela praticamente hiper ventilou, ela saltou do sofá. Precisava dizer a Grant. Não, ele estava ocupado. Riker! Ele gostaria de saber, especialmente desde que ele quase morreu de sede de sangue.

Sem pensar, ela saiu correndo do quarto e foi imediatamente ladeada pelas duas fêmeas capangas de segurança.

— Onde você pensa que vai? — Katina chamou.

— Preciso ver Riker.

As duas fêmeas não disseram nada, apenas deixaram Nicole correr pelo corredor até o quarto de Riker. Ela bateu na porta. Um latido agudo e estridente veio de dentro. — Venha.

Ela abriu a porta. E chegou a um impasse chocado.

Riker tinha uma mulher elegante, de cabelo de fogo presa à parede, seus dentes enterrados na garganta dela. Ambos estavam totalmente vestidos, mas a fêmea o montava como se estivesse nua, ofegante, gemendo em êxtase. E foi

quando Nicole percebeu que foi a mulher quem Nicole ouviu dizer, *Venha*. Só que não era isso o que ela queria dizer⁹.

Vou gozar.

Dor inexplicável e raiva perfurou Nicole no coração, tão cortante quanto uma das bárbaras lâminas de Riker. Um grito sufocado escapou dela e a cabeça de Riker virou. Seus olhos brilhavam um intenso azul brilhante, e suas presas, duas vezes o tamanho normal, pingavam sangue. Um rosnado baixo borbulhava do fundo de seu peito quando ele a segurou, totalmente congelada, com o olhar.

O quarto encolheu. Fechou sobre ela, assim como a sala da prisão.

Ela necessitava sair dali. Com a mente sobrecarregada com imagens eróticas de Riker com a fêmea sensual, Nicole tropeçou para trás e até a porta.

Então correu para o quarto dela.

⁹ Termo usado para a palavra gozar.



DEZOITO

A presa estava em fuga.

Com seu coração batendo como se estivesse em perseguição por horas, Riker rasgou-se de Benet e se dirigiu para a porta.

— Espere. — O comando ofegante de Benet o parou, mas ele não se virou. — Estou aqui. Estou disposta. Eu estive disposta há anos. Mas você quer uma humana?

Riker apertou os dentes enquanto tentava forçar a saída de uma mentira, mas nenhuma veio. Os passos suaves dos pés de Benet se aproximaram, e em seguida os lábios de cetim estavam em seu ouvido.

— Esta é a primeira vez desde a morte de Terese que você mostrou interesse em uma mulher. — Ela arrastou a boca para a garganta, para o lugar que ela sempre se alimentou. — Vá, — ela sussurrou. — Tome-a.

Ela não teve que dizer isso duas vezes. No fundo de sua mente, ele fez uma nota para lhe agradecer, mas o resto do seu cérebro foi inundado com uma necessidade que não podia controlar, e ele disparou para fora de seus aposentos com o único propósito de um lobo rastreando uma fêmea no cio.

Então, ele realmente não estava feliz em ver seu amigo no corredor, bloqueando seu caminho. Riker bateu em Myne, derrubando-o para fora do caminho.

— Cara. — Myne pegou o ombro de Riker e o fez girar. — Que porra é essa?

Riker soltou um rosnado furioso e forçou a espinha de seu amigo à parede. — Não faça isso. Somente. Não faça.

Os olhos esfumaçados de Myne brilharam. — Você precisa se alimentar, cara. Você está mal-humorado.

— Eu já me alimentei, — Riker disse entre dentes.

Myne passou seu olhar sobre Riker, as narinas dilatadas quando ele sentiu o cheiro de Riker. — Ah, merda. — A voz de Myne foi baixa. — Vamos lá, amigo. Vamos pegar uma garrafa de rum e ir à sala de jogos.

Rum e a sala de jogo? Em qualquer outra noite, Riker teria levado Myne para os tiros e um pouco de pôquer, ou bilhar, mas não agora. Não enquanto ele estava cheio de sangue e montando a febre da lua como se fosse sua cadela pessoal. Havia um sombrio desejo mal contido à espreita, logo abaixo da superfície de sua civilidade, uma coisa viva que esteve agarrando-o por anos, esperando para sair.

Nicole destrancara sua gaiola, e queria agradecer a ela.

— Não, — Riker se afastou de Myne.

— Droga, — Myne estalou, e desta vez, quando ele tentou parar Riker, seu rosto ficou íntimo com o punho de Riker. O estalo ecoou pelos corredores, seguido pelo rosnado do Myne. — Seu fodido estúpido. Nada de bom pode vir de você foder uma humana. — Myne colocou a palma da mão na boca e saiu com sangue. — Você esteve deprimido com a morte de Terese por vinte anos, e é uma humana que você arrasta para isso?

— Cale-se.

Myne nunca seguiu ordens, e pressionou. — Ela não é apenas uma humana, seu merda. Ela é a *humana* que possuía Terese. Você realmente vai empurrar seu pau nisso?

Riker assobiou. — Você não sabe o que diabos você está falando. — Sua voz vibrava com a raiva. — Vá encontrar sua amante fêmea e dar-lhe uma boa dose de sofrimento. Ou ela está com outra pessoa neste mês? — Como Myne, Riker não aliviou agora que atingiu um ponto sensível. Por que provocar a dor quando você poderia ir para matá-la? — O que você fará quando o pai dela encontrar um macho adequado para se acasalar com ela? E então? Qual fêmea estará ansiosa para levar a sua marca particular de afeto? Ninguém aqui terá você.

O lampejo de dor e surpresa nos olhos de Myne envergonhou Riker, mas Myne se recuperou rapidamente, sua expressão endurecendo em pedra. — Não venha

chorar comigo depois, quando estiver montado em culpa e arrependimento. — Myne empurrou ao passar por Riker e desapareceu no corredor.

Droga. Agora, luxúria e ira rasgavam suas veias e o girava para fora de seu eixo. Só uma coisa o colocaria no eixo novamente, e essa fêmea suave estava em um quarto no fim do corredor.

Ele nem sequer recordou de chegar lá. Quando Katina se moveu para interceptá-lo, bastou uma carranca, e ela foi para o lado.

Ele encontrou Nicole no quarto.

Ela pulou da cama, onde estava sentada com um pedaço de papel, com as mãos freneticamente dobrando algum tipo de forma animal.

— Saia, — ela respondeu asperamente.

Ele rondava em sua direção. — Depois.

— Depois do que? — Ela pegou um copo de água da mesa de cabeceira e o arremessou na cabeça dele. Ele facilmente se moveu de lado, mas não evitou que a água espirrasse em suas costas quando o copo se quebrou na parede. — Depois de gritar comigo mais um pouco?

— Não, — ele disse sombriamente. — Depois de terminar o que começamos.

O coração Nicole batia fora do seu peito. Riker estava ali, seu corpo irradiando um combustível que misturava perigo e desejo, suas presas brilhando atrás de seus lábios entreabertos.

Lábios que estiveram no pescoço de uma vampira desagradável enquanto ela se arqueava contra ele, suas pernas travadas em torno da cintura dele.

Nicole não tinha o direito de ficar com ciúmes. Inferno, ela nem sequer tinha uma razão. Eles podem ter uma química inexplicável, mas não havia nada emocional entre eles. Nada. Ela nem sequer gostava de Riker.

Mentirosa.

— Não há nada para terminar.

— Nada para terminar? Você se perguntou por que o sexo com um vampiro era um negócio tão grande. Eu vou mostrar para você. — Ele se aproximou dela, lentamente, como um gato espreitando um pássaro. — Vigor. — Ele se aproximou. — Orgasmos múltiplos. — Mais perto, e sua boca ficou seca. — Flexibilidade. — Mais

perto. Sua pele corada. — Força. — Mais perto. Seu estômago deu um salto. — Capacidade de sentir o calor, assim nós sabemos que partes do corpo são as mais sensíveis no momento certo. — Mais perto. Uma dor latejante começou abaixo, em sua pélvis. — Capacidade de ouvir a menor mudança no ritmo do seu pulso nos faz saber exatamente como cada ação de beijar e lambe-la afeta.

Oh. Querido. Senhor.

Umidade floresceu entre as coxas, e então ele estava na frente dela, com as mãos em seus ombros, a boca na dela. Um som necessitado, masculino sacudiu dentro do peito enquanto rolava sua pélvis em sua barriga. O comprimento rígido atrás da braguilha de sua calça jeans foi uma grande pista para o que ele achava que precisava terminar, e ela teve que engolir um gemido.

— Você não deveria ter voltado para os meus aposentos, — ele murmurou contra seus lábios.

Não, ela não deveria. — Desculpa. Arruinei o momento para você e sua namorada?

Ele deslizou um braço atrás da sua cintura para puxá-la ainda mais firme contra ele. — Não é a minha namorada.

— Me desculpe. Ela é uma transa casual, então.

Ele tomou o lábio inferior entre os dentes, então acalmou o local com a língua. — Nós nunca fizemos sexo.

Oh. Hã. Tanto quanto ela gostou dessa resposta, ela ainda tinha a imagem deles transando em sua cabeça. — Então, eu interrompi sua primeira vez.

— Eu não a queria. Eu me alimentei dela. Isso é tudo.

Ela o empurrou e deu um passo para o lado. — Sério? Porque você dois estavam cerca de trinta segundos de ser muito mais do que amigos de sangue.

— Inferno. — Um sorriso masculino descaradamente triunfal iluminou sua expressão. — Você está com ciúmes.

— Não estou. — Sim, ela estava. — Eu estou... confusa. Sou tão idiota... eu não sei!

Ele a considerou da forma como alguém pode olhar para um animal raivoso. — Eu não entendo.

Ela se virou para ele. — Você não faria isso, seu grande idiota. — Para ser honesta, ela não entendia, tampouco. Mas isso não a impediu de colocar para fora vários dias de medo e estresse sobre a mesa. — Estou com medo, ok? Estou perdida.

Não sei onde estou, e todos aqui olham para mim como se eles quisessem me comer ou me torturar. Talvez ambos. Eu quero ir para casa, mas então não quero ir para casa, porque tudo o que eu achava que sabia é uma grande mentira. As pessoas em quem eu confiava se voltaram contra mim, e até mesmo meu próprio irmão tem medo de me ajudar. — Ela fez uma pausa para tomar fôlego, combustível novo para o seu discurso. — Devia te odiar, mas em vez disso, eu estou atraída por você, isso é além de insano, especialmente desde que eu sei que depois que eu trouxe Neriya de volta, eu provavelmente vou morrer. — Ela limpou as lágrimas com as costas da mão. — Então, me perdoe se estou um pouco emocionalmente instável no momento. — Ela suspirou. — Idiota.

— Não vou matar você, Nicole. Eu prometo.

— Talvez não, mas vamos lá. Não sou idiota. Seu clã não pode me deixar viver. Eu sei muito.

— Eu não deixarei isso acontecer. — Ele emoldurou seu rosto com as mãos e fixou seu olhar no dela. — Escute-me. Você não vai morrer. Vamos obter Neriya e prosseguir daí.

Ela assentiu, e muito lentamente, a atmosfera ao seu redor mudou de raiva e confusão a uma sensualidade elétrica que ela não poderia ignorar. Ela lambeu os lábios, e seu olhar caiu para a boca dele, com foco na língua. Em um movimento dolorosamente lento, ele abaixou a cabeça até que restava apenas um milímetro de espaço entre eles.

— Eu quero você, Nicole.

— Dez minutos atrás, você estava com outra mulher, — ela apontou, odiando parecer tão mesquinha e mal-humorada.

— Porque eu precisava estar. Mas não a queria. Não dessa forma.

— Dessa forma?

Um canto de sua boca feita para o pecado inclinou-se quando ele roçou os lábios nos dela. — Desta forma, — ele sussurrou.

Seus lábios estavam quentes, o beijo prolongado, até que ela subiu na ponta dos pés para tomar mais. Como se isso fosse o convite que ele esperava, ele a pegou, e com a sua velocidade vampírica, ele a deitou na cama.

Ainda a beijando, estendeu a mão ao lado dela e espalmou sua cabeça para trazê-la contra ele. Isto parecia tão estranho, mas tão bom, e quando ele deslizou

a mão sob a blusa, ela se arqueou para dar-lhe um acesso mais fácil. Ele arrastou a boca ao longo de sua mandíbula, seu hálito quente acariciando sua pele.

Com habilidade de especialista, ele desabotoou o sutiã e deslizou a mão ao redor de seu seio. Sua respiração veio em uma corrida quente com o toque íntimo dele, e então sua respiração parou quando ele recuou para tirar sua blusa e sutiã. A camisa dele foi tirada também, o som de fios sendo rasgados enchendo o quarto enquanto ele a arrancava. Ele era magnífico em sua urgência, os músculos do pescoço salientes, os músculos dos braços flexionando e ondulando com o poder que ela testemunhara várias vezes agora.

— Não vou perguntar se você está pronta para isso. — Sua voz era áspera, seus movimentos mais ásperos enquanto ele tirava suas calças jeans, deixando-a apenas com sua horrível calcinha da vovó. — Eu sei que você está. Posso cheirar o seu desejo. — Seus dedos mergulharam entre suas pernas para acariciar o algodão úmido e ambos gemeram. — Posso sentir isso. — Ele rondou por seu corpo, sua expressão não deixando qualquer dúvida sobre a intenção dele. — Mas se você quiser parar, me diga agora.

Parar? Ele estava louco? Em resposta, ela passou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para ela, beijando-o. Ele tinha gosto de chocolate, com uma pitada metálica de...

Ele tinha o gosto desagradável daquela vampira que ele estava chupando.

Raiva, ciúme e possessividade escaldante a atravessaram. Poucos dias atrás, ela teria passado um tempo analisando as emoções, mas não era mais aquela pessoa. Não estava em um ambiente seguro e controlado. Estava na floresta, com pessoas que abraçaram seus instintos e se lembravam de suas raízes primitivas. A selvageria penetrou sua mente, corpo e coração. Pela primeira vez, ela abraçaria seus instintos também.

Ela o agarrou com força, cravando as unhas em seu pescoço. Pontuando-o. Marcando-o.

Ele assobiou e aterrou a ereção em seu quadril. Oh, mas isso não foi bom o suficiente. Enquanto ele enfiava a língua em sua boca, ela enfiou a mão entre seus corpos e abriu a calça jeans. Seu comprimento duro saltou livre, e quando ela o pegou em sua mão, o barulho animal que ele fez provocou um forte arrepio de antecipação nela.

Ele subiu em cima dela, arqueando para trás enquanto ela o acariciava. Ela foi cativada pelo êxtase feroz em sua expressão, seus lábios entreabertos brilhando com seu beijo e exibindo um toque de presas marfim. Quando começou a achar que as presas eram sexys, ela não fazia ideia, mas de repente, ela queria que elas deslizassem sobre seu corpo, entregando pequenas picadas de prazer.

Como se tivesse lido a mente dela, Riker caiu para frente e tomou o peito na boca. Ele mordeu de leve, depois acariciou a área com a sua língua, circulando a carne sensível e movendo-se para dentro até alcançar seu mamilo. A ponta de sua língua passou para trás e para frente, provocando-a tão deliciosamente. A palma da mão vagou sobre sua barriga e deslizou sob a calcinha. Ela separou as coxas, ansiosa pelo toque dele.

Ele não desapontou. Seus dedos mergulharam entre suas dobras, e ela gritou com o roçar macio de um dedo sobre o clitóris.

— Você está tão molhada, — ele disse contra seu peito. — Tão sedosa. — Ele mergulhou um dedo dentro dela, e ela gritou novamente, já tão perto do orgasmo que ela queria chorar. — Eu quero te provar.

Meu Deus, sim. O sexo oral nunca foi a sua coisa favorita no mundo, e verdade seja dita, ela sempre o evitou. Muito íntimo. Muito embaraçoso. Mas, de repente, ela não podia negar isso a Riker. De repente, ela queria.

Riker se movia pelo corpo dela, beijando e lambendo, atijando intensamente o fogo dentro dela. Quando ele se acomodou entre suas pernas, os ombros enormes abrindo impossivelmente suas coxas ainda mais, ela tinha certeza que ele ia sentir o calor que evaporava dela.

Ele não tirou sua calcinha. Ele fechou a boca sobre o tecido e lambeu. A sensação de sua língua firme empurrando o algodão contra ela se parecia com nada que ela havia experimentado, e se deliciava com a provocação, quase lá, balançando os quadris para cima para encontrar a boca dele.

— É isso aí, — ele rosnou. — Pegue o que quiser.

— Eu quero gozar, — ela rosnou.

Ele empurrou os dedos sob o elástico, puxou a calcinha de lado e lambeu novamente, esta vez carne sobre carne. Ela estremeceu com a intensidade do contato e, quando ele mergulhou a língua dentro dela, ela quase se arqueou para fora do colchão.

Ele não foi gentil quando a lambeu, usando a língua como uma arma erótica que a fez se contorcer tão violentamente que ele teve que segurá-la no lugar com um aperto firme nos quadris. Prazer vertiginoso a ricocheteou, e quando ouviu o som de tecido rasgando, ela sabia que ele não estava tão longe quanto ela.

Ele investiu contra ela, empurrando a língua profundamente. Ele lambeu e acariciou, levando-a tão alta que ela pensou que poderia desmaiar. Ela estava na beira do orgasmo, pairando no fio da lâmina, mas ele a negou, habilmente a trazendo para baixo por apenas um batimento cardíaco antes de excitá-la novamente.

— Por favor, — ela respondeu asperamente. — Eu...

Ela cortou a sua súbita mudança de tática. Uma lambida rápida em seu centro, e então ela sentiu a carícia mais curiosa e suave sobre o clitóris. Sua cabeça se moveu de um lado para o outro enquanto seu prazer subia mais alto, e é aí que ela percebeu que ele estava usando uma presa para acariciá-la. O conhecimento lhe enviou sobre a borda e direto no mais intenso orgasmo alucinante de sua vida. Ainda não havia terminado quando Riker cobriu com seu corpo e mergulhou dentro dela.

Ela gozou de novo, embora ele não estivesse se movendo, pairando sobre ela, observando-a com aquele olhar ameaçador, predatório.

— Orgasmos múltiplos, — ele disse em um sussurro gutural. — É isso que o fluido de nossas presas faz. Deixa tudo o que toca extra... sensível. — Ele confirmou seu ponto deslizando a mão entre eles e passando a ponta do seu dedo sobre seu nó de nervos inchado. No entanto, outro orgasmo a atingiu com a intensidade de um raio, dando um curto-circuito em todo o seu sistema nervoso com prazer.

Ela arranhou as costas dele, encorajando-o a continuar com isso. Ela precisava vê-lo gozar. Precisava ver esse vampiro com cicatrizes de batalha endurecer e perder-se ao prazer final.

Prazer que ela daria.

Um som baixo e áspero explodiu do peito, e então ele bombeava descontroladamente, batendo os quadris nos dela, e empurrando-a para cima do colchão com cada impulso poderoso. Uma fina camada de suor formou em sua pele, fazendo com que suas veias viciosas destacassem nitidamente em cima dos músculos trêmulos. Os sons de sexo encheram o quarto, o choque de carne, as respirações ofegantes, o deslize molhado do seu eixo no núcleo dela.

Êxtase construiu novamente, e *oh*, quão facilmente ele fez isso com ela. Ela lutou para respirar através das ondas que vinham mais quentes e mais rápidas com suas estocadas cada vez mais frenéticas. Ele tremeu acima dela, dentes à mostra, tendões forçados. Chamas de puro êxtase lambiam suas veias e se reuniam no seu núcleo até que não aguentava mais, então ela trancou tão fortemente as pernas em torno dele que ele resmungou.

Ela levantou os quadris para levá-lo tão profundo que ele foi forçado a ajustar sua posição e entrar nela em surtos ondulantes.

— Sim! — Gritou. — Oh... sim!

Ela convulsionou em uma corrida de alegria e prazer que se expandiu para fora de seu núcleo e se fundiu em um comunicado alucinante. A alegria do momento era mais do que física, era emocional, em um nível que nunca experimentou. Nada nunca se sentiu tão bem. Tão perfeito.

O corpo dela se apertou em torno de Riker, resistindo e contorcendo. Foi somente quando ela veio abaixo, suas respirações ofegantes enchendo o quarto, que ela percebeu que ele não estava se movendo. Ele estava imóvel, os braços grossos tremendo em cada lado dela, seu olhar escuro com dor.



DEZENOVE

Riker não podia acreditar nisso. Como diabos ele poderia estar na cama com uma bela mulher e não ser capaz de fazer seu corpo cruzar a linha final de prazer? Estava duro como uma rocha, suas bolas apertadas, seu pênis pulsando com a necessidade de gozar, e ainda não conseguia chegar lá.

— Riker? — Nicole respirou. — O que foi? O que há de errado? — Ela se moveu, apertando seu núcleo quente, sedoso ao redor dele, e ele assobiou.

— Não posso. Porra, eu não posso. — Empurrando os punhos no colchão, ele saiu dela com braços tremendo. Quando ela se sentou e estendeu a mão, ele se pôs de pé.

— O que foi? Quero dizer, é, um, óbvio, você *pode*.

Ele ficou ali como um idiota patético, com o peito arfando, sua pele revestida em um brilho de suor. Entre suas pernas, seu sexo permanecia em pé, brilhante com desejo e inchado.

— Não posso, — ele repetiu; desta vez com uma borda de frustração e irritação.

— Venha aqui. — Ela estendeu a mão para ele novamente, mas ele se afastou, vestindo a calça jeans que estava no chão.

— Isso não vai acontecer.

O colchão rangeu. — Pensei que quando um companheiro morre, a marca é destruída.

Ele se virou. — O que você sabe sobre a marca?

— Eu sei que isso acontece com vampiros machos, mas não fêmeas. Sei que um vampiro macho só pode marcar vampiros, e não seres humanos. E sei que a marca não acontece por escolha, mas não sabemos o que faz uma fêmea especial, marcável para um macho em particular.

— Marcável?

Ela fungou. — É uma palavra válida neste caso. — Ela colocou o cabelo atrás da orelha, mas se estava tentando domá-lo, ela falhou. Ela tinha o cabelo sexy de cama, mais linda do que nunca. — A ligação também significa que você só pode ter relações sexuais com a fêmea que você marcou, mas pensei que a marca se quebrasse quando a fêmea morresse.

— Não é uma ligação, — ele murmurou. — Uma ligação implica que ambas as partes estão envolvidas.

Ela revirou os olhos. — Mas é suposto dissolver quando a fêmea morre, certo?

— Deixa para lá, Nicole. — Ele puxou as calças. — E o macho pode ter relações sexuais com outras fêmeas que não seja a que ele marcou. Eles simplesmente não querem, geralmente. A ligação é tão poderosa que se um macho marca uma fêmea que ele odeia, ele geralmente se apaixona por ela com o tempo. — Ele agarrou o zíper e amaldiçoou quando o zíper prendeu. — Acho que eles não ensinam tudo em suas aulas de anatomia vampíricas, não é? — Foi um golpe baixo, mas ela não parecia perturbada.

— Eu só quero entender.

— Você não precisa.

Ela levantou as mãos em desgosto. — Então é isso? Você invade o meu quarto como um louco, me convence de que você me quer, e depois me afasta enquanto segura seu controle precioso? Isso é uma piada? Uma maneira de me humilhar? — Ela pegou o próprio jeans e enfiou seus pés nele.

Ele olhou. Olhou mais quando ela se agachou para pegar o sutiã. — Por que eu iria querer humilhá-la?

— Talvez por ser uma humilde humana? Talvez porque você me odeia? Não faço ideia. Mas o que mais eu deveria pensar? Se sua marca ainda lhe permite fazer sexo comigo, por que você parou?

Se qualquer coisa, o fato de que ele a queria, *apesar* do fato de ser humana era uma refutação ao seu argumento. — Eu não estou marcado.

— Então, isso quebra com a morte de um companheiro. — Ele se virou, mas ela agarrou seu braço e o obrigou a se voltar para ela. — Certo?

— Sim.

— Mas?

Vergonha e auto aversão fez sua pele apertar. — Mas eu nunca marquei Terese, — ele retrucou. — Foi apenas mais uma maneira em que falhei com ela.

Nicole piscou. — Portanto, isso é sobre Terese? Como você não conseguiu fazer sexo com mais ninguém, então?

Ele balançou a cabeça, sentindo-se abruptamente esvaziado. — Não estive com ninguém em muito tempo.

— Quanto tempo?

Ele realmente queria que ela parasse com essas perguntas. — Longo o suficiente.

— Suficientemente longo o que? Você se esqueceu de como fazê-lo? — Ela puxou a camisa de flanela que quase a engolia, mas de alguma forma parecia bem nela. Talvez porque trouxe à mente imagens dela vestindo uma de suas camisas... sem nada por baixo. — Porque eu devo dizer, você foi muito bem há poucos minutos.

Ele sorriu, seu ego levando um bom golpe. Seu pênis saltou como se sentisse deixado de fora da carícia. — Confie em mim, eu me lembro como.

— Então o que está acontecendo?

Seu rosto aqueceu. — Não toquei outra fêmea, exceto para me alimentar, desde que Terese morreu.

Sua inalação afiada o humilhou ainda mais. — Isso é... Uau. Vinte anos.

— Obrigado por fazer a matemática.

Após uma longa pausa. Ela finalmente disse calmamente: — Você realmente a amava, não é?

Inclinando a cabeça para trás, ele fechou os olhos e procurou em seu cérebro por uma resposta para isso. Mas os recessos sombrios de sua mente ofereceram apenas silêncio.

— Sim. — Mas ele não a amava o suficiente para mantê-la segura, ou mantê-la viva.

— Eu sinto muito. — Ela se sentou na borda do colchão. — Quanto tempo você ficou acasalado antes...

— Antes que ela se matasse, — ele terminou amargamente. — Cinco anos. Mas não foi uma união de amor.

— Como vocês se conheceram?

— *Jesus*, esta é uma entrevista para *Vampire Times*, ou o quê? — Quando Nicole cruzou os braços sobre o peito e deu-lhe um olhar expectante, ele suspirou. — Não foi um encontro, tanto quanto foi uma batalha. — Ele vestiu a camisa. — Ela era de DreamDevour, um clã na Califórnia. Eles a estavam levando para acasalar com o líder Shadowspawn. Deparamo-nos na borda do nosso território, e houve uma briga. Na época, Shadowspawn tinham muito menos números, e estávamos em guerra com eles. Eles tinham acabado de matar a companheira de um dos nossos guerreiros, e Hunter descobriu que a melhor vingança era tomar um deles, especialmente uma mulher de alto escalão que deveria ir ao seu líder.

— E você pulou para o prato?

— A ideia foi minha. Nós a capturamos durante a batalha com DreamDevour, e Hunter queria abraçá-la indefinidamente, forçar ambos os clãs a barganhar para o melhor negócio. Minha ideia era acasalar com alguém no clã e fazer DreamDevour um aliado enquanto ferrávamos o Shadowspawn. Hunter afirmou que desde que foi minha ideia, eu deveria tomar a bala pela equipe.

— E Terese estava disposta a acasalar com você?

Ele bufou. — Ela não tinha nenhum desejo de se acasalar com nenhum dos Shadowspawn, muito menos o macho a quem foi prometida. — O bastardo era um sádico, filho da puta brutal, que bateu em uma de suas filhas quase até a morte. — Mas eu a aterrorizava também. À primeira vista, de qualquer maneira.

Ele nunca se perdoaria por isso. Ficou irritado com o rumo dos acontecimentos que lhe dera uma companheira que não queria, e enquanto ele nunca se elevou sobre ela, também não lhe deu qualquer razão para não ter medo.

— Obviamente, ela aceitou.

— Nós dois aceitamos. — Ele andou pelo quarto, desejando estar fora, onde poderia sair e correr por quilômetros antes que as cólicas pós-alimentação começasse. — Ela era muito tímida, como uma corça que se perdeu de sua mãe. Precisei aprender a moderar o tom ao redor dela. Penso que entre ela tentando me agradar e eu tentando mantê-la calma e segura, nos aproximamos. — Próximos, mas como amigos, não amantes. Ele se virou para Nicole. — Você disse que a amava. Você deve ter passado muito tempo com ela.

— Passei. — Nicole sorriu carinhosamente. — Se serve de consolo, ela foi bem tratada.

Tratada tão bem que ela se matou. Ele resistiu ao desejo de mostrar isso novamente. Nicole tinha a visão de uma criança à vida de Terese, e Riker já fez o suficiente para destruir o mundo dela.

— Riker... — Nicole esfregou suas coxas, e ele se perguntou se ela estaria dobrando pássaros de origami se houvesse mais papel nas proximidades. — Ainda não entendo por que isso aconteceu entre nós. E então, não aconteceu.

Ele realmente não entendia também. Mas durante os últimos vinte anos, ele foi incapaz de dormir com qualquer mulher. A morte de Terese lhe deixou com o interior vazio. Frio. Havia muito mais do que a dor, mas nunca foi capaz de cavar ainda mais em si mesmo para descobrir isso, principalmente porque nunca teve importância para ele.

Ou talvez por não desejar enfrentar a feia verdade.

Ele não amou Terese como deveria, e ela pagou o preço por sua negligência.

— Vamos esquecer isso, Nicole.

— Sério? — Ela disse suavemente. — Você realmente vai esquecer? Porque a maneira que eu vejo, nós fizemos algo que trouxe um monte de porcaria para a superfície, e a menos que você lide com isso...

— Não puxe alguma merda psiquiátrica em mim. — Ele lançou um olhar deliberado em sua garganta. — Quanto é que a terapia ajudou?

Ela engoliu em seco.

— Exatamente.

— Não seja idiota. — Ela dobrou as pernas debaixo dela na cama. — Você sabe o que ajudou? Louco o suficiente, estar aqui me ajudou mais de vinte anos de terapia.

— Fico feliz que pude ser de ajuda, — ele disse secamente.

— O que eu disse sobre não ser idiota? — Ela bufou. — Em algum momento durante estes últimos dias, eu me abri para aprender sobre vampiros a partir do seu ponto de vista. Eu deixei você entrar Riker.

— Tenho certeza que você se arrependerá disso, eventualmente. — Claramente, ele não estava ouvindo suas queixas sobre ser um idiota.

— Nunca vou me arrepender, — ela retrucou. — Porque de alguma forma, eu me sinto como se finalmente tivesse me curado.

— O que você está dizendo? Que se eu me abrir, subir na cama com você, eu magicamente ficarei melhor? Vou esquecer como sua família destruiu alguém com quem eu me importava, alguém que eu estava encarregado de proteger?

— Sim, — ela disse, com a voz cheia de sarcasmo. — Isso é exatamente o que estou dizendo. Na verdade, vamos tentar o sexo outra vez. — Ela ficou de pé e pegou a calça jeans. — Talvez minha vagina mágica o cure de todo o trauma atual que minha família te infligiu.

— Droga. — Ele enlaçou seus pulsos para impedi-la de despi-lo. — Nada que você faça me fará esquecer isso.

Fúria brilhou em seus olhos, tão cheia de fogo verde que esperava encontrar marcas de queimaduras na pele. — Sabe, eu aprendi que nem todos os vampiros são os mesmos. Então, por que você não pode abrir seus olhos e ver que nem todos os seres humanos são os mesmos? Oh, espere, você pode, você simplesmente não quer. Prefere manter o seu ódio e fazer com que todos ao seu redor suportem a sua amargura e culpa.

— Você não sabe nada sobre mim ou sobre as pessoas ao meu redor, — ele rangeu. — Você me conheceu há alguns dias e já é uma especialista em minha vida?

— Estou errada? — Ela atirou. — Ou você exerce o seu veneno como uma arma, envenenando tudo ao seu redor?

Seu golpe o atingiu tão perto de casa que era quase um golpe físico. Seu temperamento inflamou, alimentado pelo próprio ódio de si mesmo, o qual foi encapsulado por camadas endurecidas de negação. Agora, a cápsula rompeu, vazando raiva tóxica que Nicole não merecia, mas ia sentir o peso de qualquer maneira.

— Você tem um desejo de morte, não é, humana? — Ele se aproximou dela novamente, tentando a pegá-la pelos ombros e sacudir algum sentido nela. O tipo de sensação de que a ensinaria a não provocar um vampiro. Nunca tentar um vampiro.

Ela ergueu o queixo teimosamente. — Você disse que não iria me matar.

— E você acreditou em mim? — Ele mostrou as presas para dar ênfase. — Eu, um vampiro?

Ela se encolheu de forma quase imperceptível, mas ele também sentiu o cheiro da ansiedade, então sim, ela não estava 100 por cento certa de que estava segura, e ele se sentia como um idiota da porra.

Ele veio aqui para satisfazer uma necessidade primordial com uma mulher que o cativou desde o momento em que a tocou, mas até mesmo os hormônios em fúria correndo através de seu corpo se acalmaram na presença dela. Ela admitiu estar assustada e confusa, perdida em seu mundo e o dele, e tudo o que ele queria fazer era confortá-la. Agora, ele a fazia se sentir presa novamente, como nada mais do que uma ovelha, aguardando o abate em um curral.

Ele prendeu a respiração, esperando que o oxigênio limpasse a cabeça e lhe desse magicamente as palavras certas para esta situação.

Aparentemente, nem ar mágico nem vagina mágica existiam.

Houve uma batida na porta, seguido por Hunter abrindo-a e cruzando para o quarto em questão de um segundo. Ele parou na porta, seu olhar varrendo da cama bagunçada para a roupa desgrenhada, e Riker sabia que ele estaria na primeira classe para escutar o sermão mais tarde.

Impressionante. Porque não bastava ter Myne em sua bunda por causa do seu envolvimento com Nicole.

— Há algo que você precisa ver, — Hunter disse severamente.

Riker mudou seu peso, esmagando um caco de vidro quebrado sob seu pé. — Dê-me alguns minutos.

— Agora, — Hunter respondeu. — Vocês dois.

Se houvesse alguma coisa que Riker sabia fazer, era tomar decisões, ainda que não gostasse delas. Em silêncio sombrio, ele e Nicole seguiram Hunter ao seu escritório, onde a televisão estava ligada, a imagem pausada. Ele apertou um botão no controle remoto, e um repórter na frente da sede da Daedalus começou a falar.

— Dra. Nicole Martin, herdeira bilionária e CEO da Daedalus Corporation, ainda está desaparecida depois de ser brutalmente sequestrado por vampiros, acendendo um grito de alguns para erradicar os vampiros de uma vez por todas, e por outro lado, a Sociedade Humanitária de Vampiros protesta, exigindo a liberdade para os vampiros, cuja Daedalus tem desempenhado um grande papel na captura.

A câmera mostrou uma mulher segurando um cartaz que dizia que vampiros eram pessoas também. — Nicole Martin teve o que merecia! — A senhora gritou. — Você colhe o que planta. Libertem os vampiros!

Um homem do outro lado da rua disparou contra a manifestante SHV, em seguida, gritou: — Os vampiros são abominações! Eles devem ser destruídos, ou esse tipo de coisa continuará acontecendo.

A cara demasiada perfeita do repórter voltou, e Riker perguntou se o cara era um destinatário de suco antienvelhecimento. Riker gostaria de drenar o suco direto do humano.

— Charles Martin, irmão da Dra. Martin, jurou não parar até encontrá-la.

Sim, certo, pensou Riker. Mas ao lado dele, um leve sorriso nos lábios trêmulos de Nicole, aliviada por seu irmão se destinar a encontrá-la. Mas como ela havia apontado antes, ela não era estúpida. Ela deve saber, no fundo, que seu irmão idiota não levantaria um dedo para ajudá-la.

Charles apareceu na tela, e uma dúzia de microfones foi empurrado no rosto dele. — As criaturas do mal que fizeram isso com a minha amada irmã serão capturadas e executadas. Descobrimos que esses vampiros escaparam de uma de nossas instalações no lado sul de Seattle, depois de ser libertados por ativistas vampiros. Considere estas criaturas muito, muito perigosas, e foi por isso que foram trancados em primeiro lugar.

Riker franziu a testa. — Nós não fugimos da instalação. O que diabos ele está falando?

Charles continuou. — Como precaução e para evitar que incidentes como este se repitam no futuro, vamos fechar a instalação, que era um centro de reabilitação vampírico, e todos os vampiros serão destruídos. Sabemos agora que é muito perigoso dar a estes animais o benefício da dúvida.

— Oh, meu Deus. — A voz de Nicole tremeu. — Ele está mentindo para encobrir o que está acontecendo no Laboratório B que ele mencionou. Aposto que ele sabe que haverá uma tentativa de resgatar a Neriya, e quer ter certeza de que não tenha sequer uma chance.

— Foda-se, — Hunter estalou. — Quanto tempo você acha que nós temos?

Charles olhou diretamente para a câmera, como se tivesse ouvido Hunter. — A partir de amanhã.



VINTE

Nicole estava na brilhante luz do sol da manhã, do lado de fora da área de laboratório Daedalus, com Riker ao seu lado. Os óculos de sol em seu rosto foram emprestados por Katina, o top emprestado por Benet, com quem Nicole sentiu-se mal por pensar que ela fosse uma vampira desagradável. Os tênis eram realmente novos, dado a ela por uma fêmea chamada Caris, que havia timidamente os entregado com um sussurro de *Boa sorte*.

Nicole não teve coragem de dizer que era Neriya e Riker que precisavam de sorte, porque, na verdade, eles eram os únicos que Nicole estava colocando em perigo com este plano.

— Espero malditamente que isso funcione. — Riker, vestido com jeans e uma camiseta de manga comprida verde-oliva sob um casaco que combinava e que escondia armas, deslizou-lhe um olhar de lado.

— Vai. — Ela puxou a jaqueta de Riker, a qual não conseguiu envolver com mais força ao redor dela. — Tem que funcionar.

Riker estudou a construção iminente diante deles com cálculo individual. Eles não falaram sobre o que aconteceu no quarto dela, e agora, supôs, não havia nenhum ponto. As chances de que ambos saíam disto intactos eram bastante reduzidas. Ele poderia ser capturado e morto, e ela poderia ser presa por qualquer número de infracções. Se não pelas mortes dos vampiros no laboratório, que ela

era responsável, então por encabeçar a invasão do laboratório e conspirar com os vampiros ao fazer isso.

Então havia a incerteza do destino dela, se, por algum milagre, tudo isso terminasse sem problemas.

— Nós não vamos matá-la, — Riker disse, e lá se foi a sua coisa de ler mentes, que ele novamente alegou não ter.

— Eu sei, — ela disse, e ela falava sério. Riker não deixaria ninguém machucá-la. — Mas você não pode me libertar, de qualquer maneira.

— Verdade. Mas podemos mantê-la conosco. Você estará segura.

Katina havia dito algo similar. Nicole sorriu tristemente. — Manter-me. Como um animal de estimação. Ou uma escrava.

Sua cabeça virou, e embora ela não pudesse ver seus olhos através dos óculos de sol, ela sentiu o peso de seu olhar ardente. Sua mandíbula estava cerrada tão apertada que estava surpresa dela não ouvir o estalo de dentes.

— Acho que não posso viver assim, — ela murmurou.

Então você saberá como todos os vampiros cativos sentem. Ela podia praticamente ouvir Riker falar as palavras, embora ele tivesse a decência de não dizê-las em voz alta.

— Antes de entrarmos, eu só quero dizer que sinto muito por tudo que a minha família fez você e o seu povo passar. — Ela começou a andar, não querendo que ele respondesse com alguma besteira fraca como tudo bem, o que não era verdade, ou jogar seu pedido de desculpas em seu rosto, acusando-a de muito pouco, muito tarde.

Ele caminhou com ela, uma sombra em silêncio ao seu lado. Ela sentiu que ele queria dizer alguma coisa, mas ela estava contente por ele manter o silêncio, seu comportamento mudando do tipo afável para o mortal, com foco guerreiro quanto mais se aproximavam do edifício.

Como se esperava, entrar não foi um problema. O cara da segurança na recepção a conhecia e estava ciente de seu sequestro, e ele estava tão aliviado que ela havia *escapado, graças ao caçador Bom Samaritano* a acompanhando, que ele os deixou entrar, sem duvidar.

— Você deveria ter me deixado comê-lo, — Riker murmurou enquanto se apressavam para a área onde ela estava certa que Neriya estaria mantida.

— Certo, — declarou, — Porque um guarda de segurança inconsciente com anemia séria não teria atraído a atenção, absolutamente. — Então, novamente, se o guarda fizesse o seu trabalho, ele chamaria seu supervisor agora para informá-lo da chegada dela sem aviso prévio e irregular. Talvez ela devesse ter deixado Riker comê-lo.

Ela pegou o ritmo, verificando cada porta quando passavam para se orientar. Todos os laboratórios Daedalus tinham o mesmo design, mas o conteúdo de cada sala variava de acordo com qual fosse o principal objetivo do laboratório.

— Acho que é a porta à frente, à direita. A vermelha grande.

— Vou primeiro. — O tom de comando na voz de Riker tanto a irritava quanto enviou um arrepio de apreciação feminina através dela. — Você...

Um sopro suave de ar sussurrou em todo o rosto de Nicole, seguido pelo grunhido de Riker. Ela girou quando ele arrancou um dardo de seu pescoço e tropeçou na parede.

— Riker! — Ela começou a ir em direção a ele, mas congelou quando meia dúzia de homens saiu de portas e corredores, armas apontadas para os dois.

— Olá, irmã. — Chuck saiu de trás de um grande cara da segurança. — Estive esperando por você.

Houve uma picada no braço e então... nada.

— Nicole. Ei dorminhoca, acorde.

Nicole acordou com a voz de Chuck, luzes brilhantes, e uma dor de cabeça do tamanho da Europa. Um emaranhado terrível sacudiu cada célula de seu corpo, mas de onde isso vinha, ela não fazia ideia. Uma faixa grossa em sua testa a impediu de olhar em qualquer lugar, senão para o teto.

O rosto de Chuck apareceu na frente dela quando ele se agachou, e ela percebeu que estava deitada no chão dentro de uma das celas destinadas a manter os vampiros.

— O que... — ela engoliu em seco, estremeando com a rugosidade da secura na garganta. Depois de meses gastos em um hospital se recuperando do ataque de Boris, ela conhecia esse sentimento muito bem, ela foi entubada e extubada. — O que está acontecendo? O que você está fazendo?

— Estou protegendo a Daedalus, assim como eu fiz durante os últimos vinte anos.

— O que você está falando? — Ela tentou se mover novamente, mas algemas prendiam seus braços e pernas no chão. — Onde está Riker?

— Assunto 1572, você quer dizer? — Esse arrepio horrível soou novamente, e com a doença, ela percebeu o que estava vindo com o assunto 1572. — Eu deixarei você vê-lo depois de responder a uma pergunta. — Uma mecha de cabelo caiu sobre seus olhos quando ele levantou a cabeça, e ele a empurrou com um golpe forte de sua mão. — Ele a forçou a vir aqui, ou você está trabalhando com eles?

A cabeça de Nicole girou. Tudo isso era tão bizarro. Prendendo-a no chão? Para quê? Isto era algum tipo de jogo? Uma pegadinha? Se assim for, não era divertido ou engraçado.

Ela foi vaga, buscando seu ângulo. — Você sabe o quanto eu sempre odiei vampiros. Por que eu iria trabalhar com eles?

— Porque eles são mestres da sedução, Nikki. Mentirosos com palavras bonitas. — Ele se endireitou, aparecendo imperiosamente sobre ela. — Olha como eles te enganaram quando você era uma criança. Eles fizeram você amá-los. Fizeram com que você acreditasse que eles se importavam com você. Eles não se importam. Tudo que eles querem é nos comer. Eles vão até mesmo matar sua própria espécie. — Ele começou a andar, o som de seus sapatos no chão irritantemente alto. — Há uma verdade simples que tentamos esconder da população humana simples: que os vampiros são o topo da cadeia alimentar. Se alguma vez deixarmos que seus números fiquem fora de controle, os seres humanos poderiam enfrentar a extinção. O que fazemos aqui no Daedalus garante que a raça humana mantenha os vampiros reprimidos.

— Por que você está me dizendo tudo isso? — Ele estava jorrando propaganda que ela conhecia muito bem. — Já ouvi tudo isso antes, mesmo de você.

— Sim, mas eu nunca tentei proteger o vampiro que me sequestrou. O vampiro que assassinou sua própria companheira. — As bochechas de Chuck ficaram manchadas com raiva. — Você sabia disso? Sabia que esse vampiro atrás de mim é o que matou sua babá? Quem massacrou Terese?

Pega de surpresa pela súbita raiva, ela o olhou. Por que ele se importava tanto com a morte de Terese? Qual era o ponto disso? E como na terra verde de Deus este poderia ser o irmão que ela seguiu por aí como um cachorro e adorava quando

criança? Com certeza, ela não o viu muito ao longo dos últimos vinte anos, mas eles se comunicavam com frequência por meio de teleconferência, e ele voou para Paris uma vez por ano para vê-la. Nada do que ele disse ou fez durante qualquer uma dessas vezes, a fez pensar que ele havia saído dos trilhos.

Ela estava começando a perder a esperança de que isso fosse uma brincadeira.

— Bem? — Ele perguntou; a impaciência de volta em sua voz gutural.

— Riker não matou Terese.

— Claro que ele lhe disse isso, mas você viu isso. — O sorriso condescendente de Chuck a fez querer gritar. — Portanto, sua negação me diz que ou você está sofrendo de síndrome de Estocolmo ou mudou de lado. Qual é, irmã?

Tentou se libertar novamente, mas suas lutas fúteis só aumentaram sua consciência de que estava em muitos problemas. *Fique calma. Ele é seu irmão. Ele não vai te machucar.*

Talvez não, mas ele poderia ferir Riker, e ela não tinha dúvida de que ele iria.

— Eu ficaria feliz em discutir tudo isso em casa. — Ela limpou a garganta e conjurou a sua voz, *eu sou a chefe*. — Solte-me.

— Você não administra a Daedalus mais, então você não dá as ordens. Eu dou.

Os primeiros sinais de verdadeiro temor brotaram em suas palavras, seu tom prático. — Por que você simplesmente não chega ao ponto de tudo isso?

— Oh, Nikki. — Ele suspirou. — Você está tornando isso muito difícil.

Ela estava tornando isso difícil? — Sou eu quem está amarrada a um piso sem poder descobrir o motivo, então você pode me dizer o que diabos está acontecendo?

— O que está acontecendo? — Chuck se agachou ao lado dela novamente. — Estou tomando o que por direito deveria ter sido meu. Eu sou o mais velho do nosso pai. Era *minha* mãe que ele amou, não a puta que o aprisionou com a riqueza e as ligações de sua família. Sua não mãe era nada, a não ser um meio para um fim. A empresa deveria ter passado para mim, não para você. Eu trabalhei à minha maneira para subir e aprender todas as nuances do negócio. Eu sei quantos funcionários temos em cada instalação. Sei o quanto a empresa gasta em viagens de avião a cada ano. Sei que tipo de fertilizante é colocado no gramado externo das instalações Phoenix. Você herdou a Daedalus sem pagar suas dívidas. Você não tem pistas sobre como ela funciona. Esta empresa é minha.

A mente de Nicole revirou enquanto tentava decifrar aonde ia isso. Claramente, ele era amargo sobre como ele cresceu, mas se era a empresa que queria, ele tinha. Então, por que tudo isso era necessário?

— Chuck, a empresa é sua agora. O conselho me chutou fora.

— Eles mudaram de ideia! — Levantando com um salto, ele chutou suas costelas. Através da descrença por seu irmão a machucar fisicamente e a dor que fazia seus ouvidos estalarem, ela ouviu o rugido de raiva de Riker, seguido por ameaças que envolviam Riker colocando os órgãos de Chuck em lugares que não deveriam estar. — Seu sequestro resultou em uma enorme porrada de simpatia por você. O conselho quer você de volta para que possam desempenhar o seu calvário para o público e brilhar os holofotes sobre a Daedalus.

Mantenha-o calmo. — Eu me recusarei a voltar, — ela disse rapidamente. — Assino tudo para você. Apenas me solte.

— Não posso. — Ele esfregou a mão sobre o rosto, e, pela primeira vez, ela viu o quão cansado ele parecia. Seus olhos injetados de sangue, idênticos ao dela, sentou-se como pedras maçantes em suas órbitas afundadas, e uma sombra de barba escurecia seu rosto inchado. — Você não vê que não posso?

Uma sensação de pânico começou a envolvê-la, apertando suas costelas doloridas. Se ele não podia soltá-la... querido Senhor, o que ele pretende fazer com ela?

— O que aconteceu com você, Chuck? — Ela sussurrou. — Por que você me odeia tanto?

— Oh, Nicole, — ele sussurrou. — Você ouviu alguma coisa? Eu sempre te amei. Você era uma espécie de garota estúpida, mas eu sentia pena de você.

— Você sentia pena de mim? Por quê? Porque eu tinha tudo o que você não teve.

— Exceto por uma boa mãe, — ele disse. — Sua mãe era um pedaço de merda negligente. Terese cuidou melhor de você.

Nicole queria discutir, mas ele estava certo. Bem, ela não teria chamado sua mãe de um pedaço de merda, mas definitivamente ela não faria parte da Associação de Pais e Mestres e Garotas Escoteiras.

— Então, você sentia pena de mim. — Ela mal conseguia cuspir as palavras, seu corpo latejava. Mas precisava continuar pressionando-o, necessitava comprar tempo para planejar seu próximo passo. — Quando isso se tornou ódio?

— Eu não odeio você. Isso é o que é tão duro nisso. — Ela ouviu um grande estrondo que parecia um punho batendo na parede. — Eu te amo, mas você tinha tudo o que eu deveria ter tido. Nosso pai deveria ter se divorciado da cadela de sua mãe e casado com a minha. Em vez disso, eu cresci em um barraco na cidade até que eu tinha doze anos e ele finalmente decidiu me reivindicar como dele. E isso só aconteceu porque sua mãe não podia ter mais filhos e ele estava desesperado para ter um menino para continuar o nome da família.

Mais uma vez, ela não podia discutir. Seus próprios pensamentos sobre o assunto viajaram o mesmo caminho na ocasião, e durante anos, ela abrigou culpa sobre como Chuck cresceu e foi tratada por sua mãe e seu pai.

— Nikki, eu te amei até o dia em que voltou da França e assumiu uma empresa que não sabia nada.

Ela queria dizer que ele estava errado, que ela aprendeu os meandros da gestão de uma empresa, que entendera sobre o que se tratava a Daedalus. Ela havia pensado que a administração da empresa seria mais sobre como gerenciar as operações do dia-a-dia, a manipulação da publicidade, e fazer a papelada. Ela se contentara em ficar à margem do funcionamento interno. Ou talvez *contentar* não fosse a palavra certa. Talvez estivesse feliz de permanecer cega para o que realmente acontecia dentro da empresa que seus pais construíram.

Então, de certa forma, ele estava certo. Ela não sabia nada sabe sobre a empresa, e agora a verdade só a deixou doente.

— Se você tivesse simplesmente renunciado como deveria, após o escândalo das mortes no laboratório, nada disso estaria acontecendo.

Como deveria? Ela inalou quando um pensamento inimaginável veio a ela. — Oh, meu Deus, foi você quem assinou os mandados de morte. Você armou para mim, não é?

— Você não me deixou escolha.

Espantada, ela não conseguia nem falar por um momento. Quando finalmente encontrou sua voz, estava tão cheia de angústia que até mesmo Chuck se encolheu. — Como pode? Meu Deus, Chuck, você é meu *irmão*.

Ele escovou os nós dos dedos sobre sua bochecha, como costumava fazer quando ela era pequena. O lembrete de quão próximo eles eram, doía. — Você queria dismantelar a empresa que eu coloquei minha alma. Suas ideias para vender divisões inteiras me deixaram puto. Todo mundo olhava para mim para

controlar você. Eu precisava fazer algo. Eu queria que a empresa te enviasse para o nosso posto Siberiano. Você estaria fora do caminho, mas ainda viva. Não queria isso, eu juro.

Um arrepio subiu por sua espinha. — Isto? O que é isso?

Chuck se levantou e sacudiu a cabeça tristemente, como se tudo isso estivesse fora de seu controle. — Isto, — ele disse, — É um ensaio clínico.

— Um o quê?

— Ensaio clínico, — ele disse lentamente, como se ela fosse idiota. — Bem, não tecnicamente. Não temos a aprovação do governo, e, obviamente, estamos ignorando a parte *consentimento* para o teste, mas se isso fizer você se sentir melhor, isso ajudará um monte de gente no futuro. O seu sacrifício não será em vão.

Seu *sacrifício*? Que tipo de tentativa insana era isso?

Usando o pé, ele bateu a trava do apoio de cabeça, e com um grunhido, ela virou a cabeça para o lado, em uma tentativa frenética de mordê-lo. Não se importava que tudo o que ela obteria seria um pouco de pele. Queria machucá-lo do jeito que ele a machucou. Seus dentes mal raspavam o sapato, e então ele saiu, a porta da cela se fechando com um ameaçador tinido metálico.

Finalmente capaz de olhar para mais do que o teto branco estéril, ela esticou o pescoço na direção de Riker. Seu coração apertou dolorosamente ao vê-lo pendurado em correntes na parede. Sangue seco em seu cabelo castanho e testa, e sangue fresco escorria de feridas nos pulsos, onde as algemas machucaram profundamente. Seus olhos prateados estavam fundidos com ódio.

— Chuck. — Ela olhou para ele através da espessa janela de vidro que separava a cela em que ela e Riker estavam da sala principal. — Você não precisa fazer isso. Podemos encontrar uma saída

— Tarde demais. — Chuck apertou um botão na parede ao lado da porta, e suas restrições restantes se soltaram. — Enquanto você esteve ocupada tentando vender pouco a pouco a Daedalus, eu fiz progresso na nova vacina anti-vampirismo. Mas os burocratas do governo não estão convencidos de que é segura, e eles não nos darão o sinal verde para usar os criminosos condenados como cobaias.

É claro que não. O governo não estava tão preocupado com transmissão do vírus pelo sangue do que esteve sobre a transmissão pela saliva. Infecção através

do contato com sangue de um vampiro era raro e, segundo muitos legisladores, não era um problema premente.

— Eu sei o quanto você se preocupa com o seu trabalho, — Chuck continuou, — Então eu percebi que se nós temos que tirá-la do caminho, pelo menos, você fará uma contribuição para a humanidade. Eu a injetei com nossa vacina, e agora vamos ver como ela é eficaz.

Ela cambaleou em seus pés, seus ossos doloridos e músculos rígidos deixando-a desajeitada. Quanto tempo ela esteve inconsciente? — E se isso funcionar e eu não me transformar em uma vampira ou morrer durante a transformação? E então? Você terá que me matar para me manter quieta. Você está preparado para fazer isso?

Chuck teve a decência de desviar o olhar. — Vamos atravessar essa ponte quando chegarmos a ela.

— Droga, Chuck! — Ela gritou. — Você não pode fazer isso. Você não quer...

— O que eu quero, — Chuck cortou, — É que aquele vampiro atrás de você se esforce para transformá-la. — Ele estendeu a mão e bateu outro botão.

As restrições de Riker se abriram, e ele caiu no chão. Ele permaneceu no chão por um segundo antes de saltar, mostrando os dentes e cuspiendo sangue.

— Foda-se, — ele rosnou. — Eu não farei isso.

Chuck sorriu severamente. — Eu pensei que diria isso, *Riker*. — Ele girou e desapareceu.

— Idiota. — Riker correu para Nicole, dobrando seu corpo entre ela e a porta enquanto suas mãos fortes e quentes pousavam em seus ombros. — Você está bem?

— Sim, — ela mentiu. Ela não estava bem. Isto não estava bem. Seu irmão, *meio*-irmão enlouqueceu, e ela colocou Riker e ela em terrível perigo. — E você? — Ele estava machucado e surrado, e embora seu pulso tivesse parado de sangrar, algum antisséptico e curativo seriam úteis.

— Viverei. — Riker olhou na direção em que Chuck saiu. — Mas se eu colocar minhas mãos em seu irmão, ele não terá tanta sorte.

Ela não se preocupou em defender Chuck ou pedir a Riker por leniência. O que Chuck fez e estava fazendo era indefensável.

Chuck voltou à vista e parou em outra cela. Com um empurrão de sua mão, ele abriu as persianas, revelando uma fêmea nua, machucada, amarrada de barriga para baixo e espalhada em algum tipo de engenhoca de metal. Dentro da

cela havia uma porta trancada, mas onde levava Nicole não sabia. Ela nunca viu o desenho em qualquer um dos esquemas que ela estudou.

— Neriya, — Riker resmungou. — Desgraçado.

— Esta é a nossa câmara de criação, — Chuck disse ao socar um código numérico em um teclado na parede. A porta se abriu, e quando ele entrou, Nicole descobriu o que estava atrás da porta trancada.

Um vampiro imenso atacou a porta, seus rosnados e grunhidos como nada que ela já ouviu. Ele estava tão nu quanto a fêmea, o seu corpo uma massa de cicatrizes antigas e novas, mas foram seus olhos que fez Nicole suspirar. Eles eram castanhos, não prata, o que significava que ele era um vampiro nascido, mas não foi a cor que chamou sua atenção, foi a pura loucura, crua, que brilhava como brasas.

E eles estavam focados não em Chuck, mas na fêmea. Nicole teve de engolir a bile que ardia em sua garganta.

Querido Deus, não era uma câmara de criação. Era uma câmara de estupro.

Chuck libertou Neriya da engenhoca e a arrastou para fora do quarto, segurando a fêmea quase inconsciente para que Nicole e Riker fossem forçados a ver todo o horror da condição de Neriya.

Sua pele pálida estava marcada por contusões, abrasões e inúmeras marcas de mordida de vampiros. Sangue seco se agarrava a seus lábios e queixo, e Nicole percebeu com clareza doentia que suas presas foram extraídas.

— Seu filho da puta doente, — Nicole disse com sua voz rouca de raiva. — Quem sabe sobre isso? Quantos membros do conselho estão envolvidos?

— Apenas alguns, — Chuck falou com tanta calma que ele poderia estar discutindo sobre o vinho tinto favorito. — Roland queria falar sobre isso. Antes de você começar a falar sobre a venda de sua divisão. E antes que seus novos amigos vampiros morressem.

Desespero escuro e oleoso deslizou por ela com a magnitude de toda essa traição. — Quanto tempo? — Ela resmungou. — Quantos anos isso está acontecendo?

— Foi nosso pai quem desenvolveu o programa de melhoramento genético, — Chuck disse, e Nicole se lembrou de Riker lhe dizendo algo semelhante na caverna. — Sua amada babá foi um dos seus primeiros testes.

Com essas palavras, Riker enlouqueceu. Completamente, totalmente louco. Ele bateu no vidro com uma batida de corpo inteiro, o seu rugido de ódio e raiva ecoando pela cela com tal força que as orelhas de Nicole doeram.

Chuck arrastou Neriya ao que Nicole reconhecia como uma geladeira de tamanho industrial. — Nicole, acalme seu amigo vampiro para que ele te transforme. — Ele empurrou Neriya dentro da geladeira. — Faça-o fazer isso, ou ela morre. E juro que não será rápido e indolor.



VINTE E UM

Riker podia apenas ver através da raiva que formou um véu vermelho sobre sua visão. Quando Chuck saiu da geladeira, o seu sorriso de autossatisfação fez Riker jurar que lhe arrancaria membro a membro. O que ele fez com Neriya e Nicole fez Riker querer rasgar muito mais do que membros muito lentamente, ao longo de um período de dias. Talvez semanas. Inferno, se Riker pudesse manter o filho da puta vivo por tempo suficiente, meses.

O ser humano também pagaria uma taxa adicional pelo tratamento de Terese. Riker havia suspeitado de abuso, mas a realidade era muito, muito pior do que ele imaginara. Quantas vezes ela foi amarrada a essa engenhoca? Quão brutalmente um macho a machucou?

— Você tem uma hora, — Chuck disse, — Para Nicole levar o sangue pela primeira vez. Descobrimos que a taxa de infecção é um pouco maior se o vampiro dá o sangue para o ser humano antes de alimentar, em vez do contrário.

Chuck desapareceu por uma porta na parte de trás da câmara de tamanho de um ginásio que Riker não foi capaz de ver quando estava pendurado em correntes. Agora a cela gigante parecia conter dezenas de pequenas celas como a que ele e Nicole estavam, além de algum tipo de gaiola grande perto do centro. Havia um movimento de dentro, mas Riker não podia dizer o que era.

— Aquele filho da puta. — A voz de Nicole estava arrasada, assim como sua expressão enquanto olhava na direção em que Chuck saíra. — Sinto muito, Riker. Deus, eu sinto muito.

— Eu sei, — ele disse. — Mas não vamos nos preocupar com isso agora. Precisamos sair daqui.

Ela bateu a lateral de seu punho na janela, e o som reverberou ao redor da sala em uma onda quase musical. — Estas células são construídas para neutralizar a maioria das habilidades de um vampiro, a menos que você tenha uma visão a laser superpotente que eu não saiba, e que possa queimar um buraco no Plexiglas¹⁰, nós estamos ferrados.

Bem, ela acabara de explicar por que ele não foi capaz de usar sua habilidade hipnótica sobre Chuck enquanto o idiota o prendia em algemas. — Querida, eu estive ferrado muitas vezes, e confia em mim, isso não chega nem perto de ser o pior. — Ela lhe lançou um olhar sombrio, sem dúvida pensando no encontro deles em seu quarto quando ele não estava ferrado, e ele esclareceu. — Quando eu estava no exército. Passei muito tempo em situações ruins, em edifícios incendiados, e nas cadeias de montanhas. Há sempre uma saída.

— Então, o que você sugere?

Ele esquadrinhou a área, notou as câmeras montadas em dezenas de lugares nas paredes e teto. — Você acha que ele está assistindo?

— Provavelmente. — Ela olhou para o relógio de vinte e quatro horas na parede na câmara principal. — Está no meio da noite, por isso, com exceção de um guarda, ele seria o único. — Ela esfregou as costelas onde Chuck a chutou, o desgraçado. — Ainda não posso acreditar que isso está acontecendo. — Riker não tinha esse problema. Os seres humanos eram capazes de qualquer coisa. Nicole se virou para ele, seus olhos assombrados, o rosto pálido e gravado com o desespero. — Você tem que tentar me transformar.

Ele disparou um dedo do meio em uma das câmeras. Sim, sim, verdadeiramente maduro. — Não é uma opção.

— É a única maneira de salvar Neriya.

— Você sabe que ele não vai libertá-la.

— Não, mas talvez ele não a mate, — ela disse, parecendo tão perturbada e enojada que ele teve que lutar contra o desejo de pegá-la nos braços. De jeito

10 Um plástico sólido e transparente feito de metacrilato de polimetilo

nenhum, ele daria a Chuck um meio para prejudicá-los. Melhor se ele acreditasse que eles eram inimigos. — Quanto mais tempo ela permanece viva, mais tempo nós temos para descobrir uma maneira de sair dessa.

— Eu não vou transformá-la.

Ela estudou o equipamento na câmara exterior. — Eu odeio até mesmo dizer isso depois de tudo que a Daedalus fez, mas a empresa tem tido um grande sucesso com as suas aplicações médicas. A vacina que Chuck injetou em mim deve funcionar.

— E se não funcionar? Você teve complicações da primeira vacina. E se algo semelhante acontecer de novo? Você está preparada para passar o resto da vida sendo o que você mais odeia?

Houve uma longa pausa. — O que eu mais odeio não é vampiros.

Seu olhar deslizou até o dela, e a devastação em seus olhos o embalou até o núcleo. De repente, ele não queria saber o que ela mais odiava, mas tinha a sensação de que ela estava olhando para dentro e não para fora.

Ele odiava vê-la com dor, e a ironia não foi perdida, uma vez que há duas décadas, tudo o que ele queria era ver todos na família Martin sofrer. Mas agora que ele estava aqui com um Martin, que sofria dentro de sua própria instalação onde os vampiros eram torturados e mortos, e não sentia nenhum sentimento de vingança. Nicole não era o monstro que ele acreditara, e mais uma vez, ele teve que lutar contra o desejo de confortá-la. Protegê-la.

Como ele poderia afundar suas presas nas cicatrizes na garganta dela, sabendo o quanto um vampiro a machucou? — Eu jurei que não iria mordê-la.

— E eu jurei que faria o que fosse preciso para resgatar Neriya, — ela disse com firmeza.

Merda. Esta era uma situação sem saída se ele já esteve em uma. Eles não sairiam daqui incólume, mas ele estava determinado que saíssem. Nenhuma vitória, exatamente, mas não uma perda. Neste ponto, ele tomaria como um empate. E ele *odiava* empates.

Nicole soltou um longo suspiro. — Isto é culpa minha, Riker. Preciso fazer algo para ajudar.

Por mais que ele detestasse ver Nicole em agonia, ele amava com ferocidade quem ela era quando ela estava tentando fazer as coisas direito.

— Sabe como você pode ajudar? — Ele se inclinou para que as câmeras não perdessem o que estava por vir. — Você pode morrer.

— Desculpe?

Selvagemmente, ele envolveu o punho em seu cabelo e puxou a cabeça dela para a sua boca descansar contra o ouvido. — Vou tentar transformá-la, — ele murmurou, — Mas farei isso parecer brutal. Seu irmão pensa que eu sou um animal, por isso vou lhe dar o que ele espera. Assim, você precisa jogar junto.

— Ele virá até mim para impedi-lo de me matar, — ela sussurrou.

— Exatamente. — Ele rosnou, esperando malditamente que Chuck estivesse assistindo, porque ele não gostaria de fazer isso. Se fosse para ele tomar sangue de Nicole, ele queria que fosse íntimo, agradável. Talvez fosse tolice, mas de repente ele queria apagar a memória do ataque que ela sofreu quando criança, mostrar a ela que a mordida de um vampiro não tem que ser um instrumento de dor. Ele pode não ser capaz de tornar isso uma experiência especialmente agradável, mas poderia, pelo menos, garantir que ela não sofresse mais do que já sofreu. — Não vai doer, Nicole. Eu prometo. Mas preciso que você lute e grite como se doesse.

— Não. — Ela empurrou contra ele. Despreparado com o movimento brusco, ele a soltou, e ela se afastou. — Não! — Ela gritou. — Eu não me importo com Neriya o suficiente para fazer isso. — Ela olhou para uma câmera. — Chuck, deixe-me sair. Por favor!

Boa menina. Riker quase sorriu. Ela deveria ter sido uma atriz. Em um flash, ele investiu contra ela, pegando-a pelos ombros, mesmo quando ele mordeu seu pulso e liberou um fluxo de sangue. Ela lutou quando ele colocou o braço dele contra a boca dela. Ela balançou a cabeça, lutando forte o suficiente para marcá-lo com as unhas.

Isto o matou. Sob toda essa determinação, ele cheirou sua ansiedade conforme o sangue enchia sua boca e escorria pelo queixo. Ela não estava engolindo, autopreservação e provavelmente o instinto havia chutado, substituindo seu cérebro.

Vamos lá, Sunshine, você pode fazer isso. Ele afrouxou o aperto um pouco, na esperança de aliviar a sensação de estar presa, e sua luta diminuiu.

Ela engoliu em seco, e uma única lágrima rolou pelo seu rosto. Alívio e tristeza envolveu seu peito. Ele nunca transformou um ser humano, nunca pensou nisso, e muito menos fez isso contra a vontade da vítima. Oh, Nicole estava disposta, mas

não porque ela queria. Ela estava sendo forçada por seu irmão, e Riker foi a arma escolhida, a arma determinada pela pessoa louca.

Puxando seu pulso, ele lambeu a ferida para selá-la, provando Nicole em sua pele. Deus, o que ele não daria para fazer isso em um momento especial, tenro. Amaldiçoando silenciosamente, ele tocou a ponta da língua na parte de trás de suas presas, libertando o fluido que transforma a dor em prazer e injetou uma alta quase instantânea.

— Sinto muito, — ele murmurou contra o pescoço dela.

Seu corpo inteiro tremeu quando ele cravou os dentes em sua garganta suave. Ela endureceu, ofegando com a invasão das presas em seu corpo, mas dentro do espaço de um piscar de olhos, o prazer a fez gemer.

Lute comigo, caramba. Ele limpou a garganta suavemente, um estímulo que funcionou, porque, de repente, ela gritou e chutou, e enquanto o sangue dela fluía sobre sua língua, ele começou a se afogar em auto aversão.

Porque tanto quanto ele odiava essa situação em que estavam, ele encontrou-se amando cada momento de ter Nicole em seus braços e em seu corpo.

Apenas uma semana atrás, ninguém poderia ter convencido Nicole que ela desfrutaria da sensação das presas de um vampiro enterradas em sua garganta. Agora ela precisava continuar se lembrando de lutar contra Riker, quando tudo o que queria fazer era derreter no calor de seu toque, e até mesmo sua mordida.

O gosto do sangue dele ainda permanecia em sua língua, mas seu estômago não havia se rebelado. Na verdade, sentia-se um pouco drogada, até mesmo relaxada. Suas lutas iniciais não foram fingidas, o pânico instintivo foi muito real. Mas agora... Agora ela precisava fazer um esforço consciente para lutar com ele.

Depois do que pareceu segundos, ele retirou as presas, mas manteve a boca sobre as punções, lambendo, fazendo os movimentos de sucção para o benefício de seu irmão. Meio-irmão. E agora ela não podia considerá-lo nem mesmo isso. Se ela se transformasse em uma vampira, ela o mataria. Se morresse, ela ia assombrá-lo.

— Enfraqueça seus esforços aos poucos, — Riker murmurou contra sua pele.

— Em cerca de 60 segundos, pare de lutar e finja estar desmaiada.

Ela obedeceu, debatendo fracamente, em vez de socos. Ela chutou, mas em intervalos menos frequentes, até que finalmente parou... mas soltou alguns suspiros para se divertir.

Espero que você esteja assistindo isso, Chuck. Espero que perca muito sono, seu desgraçado.

— Não a mate! — O grito de Chuck soou sobre o barulho de seus próprios pensamentos, deixando-a ainda mais irritada. O simples som de sua voz a irritava. Ele sempre teve aquele tom choroso, por via nasal, que fazia com que tudo o que ele dissesse soasse como uma queixa?

Riker aproximou. — Não importa o que aconteça, fique quieta, — ele sussurrou.

Seu interior se apertou. No instante seguinte, Riker grunhiu e se empurrou, e ela sabia que ele foi atingido por um dardo de choque.

— Afaste-se, — Chuck avisou, e um momento depois, Riker soltou outro grunhido de dor.

Nicole ergueu suas pálpebras apenas o suficiente para ver Riker endurecer e entrar em colapso sobre o concreto, em um amontoado agitado de membros. Precisou de cada gama de autocontenção que ela tinha para permanecer flácida e imóvel, quando tudo o que queria fazer era se levantar e ajudá-lo.

Ela ouviu o som de socos na carne; Chuck estava batendo em Riker.

Não chore... não chore...

Por algum milagre, ela conseguiu manter suas pálpebras apertadas e não derramou uma lágrima. Um minuto depois, interminável, ela sentiu que estava sendo levantada, e arriscou outro olhar para ver Chuck batendo a porta da câmara, travando um Riker inconsciente dentro.

Chuck a jogou sem a menor cerimônia em uma mesa de exame e colocou os dedos em sua garganta, sentindo o pulso. — Nicole?

Ela levantou as pálpebras. — Surpresa, idiota.

Os olhos de Chuck se arregalaram em descrença. Levantando a perna em uma onda poderosa, ela acertou o rosto dele com o joelho. O sangue jorrou e ele caiu para trás com um grito, agarrando o nariz. — Cadela! — Ele veio para ela, mas ela se esquivou de seu punho e rolou para o chão.

Ela caiu no piso duro. Dor espetou seu quadril e ombro. Chacoalhando como uma marionete tendo uma convulsão, ela tornou a ficar de pé, mas Chuck a pregou

com um pontapé na parte de trás do joelho, e ela girou em uma bandeja de instrumento. Seus dedos encontraram um bisturi.

Ela não hesitou.

Girando em um círculo descoordenado, ela balançou a lâmina, pegando Chuck no pescoço. A ferida foi apenas um arranhão, mas Chuck gritou como se estivesse morrendo, agarrou a garganta, e cambaleou em direção a uma saída.

— Nicole! Depressa! — O grito estrangulado de Riker desviou sua atenção de seu irmão em fuga. Ela virou para a câmara, onde jatos grossos da névoa vomitavam de buracos no teto. Seu coração quase parou.

Gás de ácido bórico. As dezenas de vampiros que Chuck matara usando sua *ordem* morreram dessa maneira, sofrendo em câmaras de gás, todos capturados em vídeo.

Apertando as mãos com tanta força que mal foi capaz de trabalhar no painel de controle pela porta da câmara, ela socou os botões, parando o gás e destrancando a porta. Riker estourou para fora da sala, ofegante.

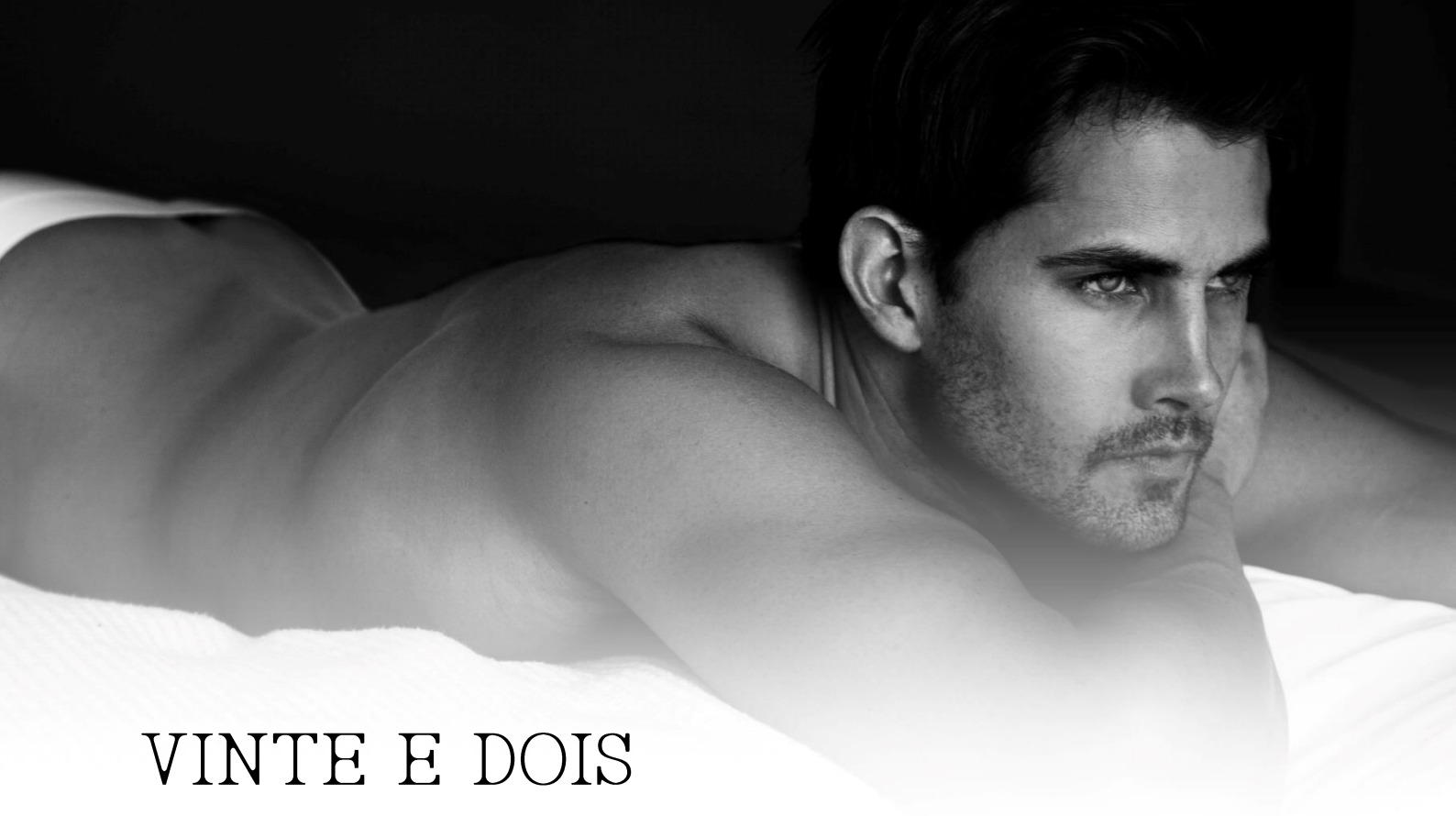
— Eu sei onde eles guardam o antídoto. — Ela correu pela câmara para um armário de vidro e varreu caixas de remédios, frascos, e itens de primeiros socorros para o chão, desesperada para encontrar o recipiente marcado como... sim, bem ali! Ela voltou correndo para Riker, que estava caído contra a parede, lutando para respirar.

— Isto... é uma merda.

— O gás é altamente concentrado. — Ela mediu cinco CCs de antídoto para uma seringa. — É dez vezes a força do pó que usei em você. Você precisará de uma injeção e uma aplicação nasal. Fique quieto. — Ela mergulhou a agulha em seu ombro e empurrou o medicamento em seus músculos. Quando a seringa estava vazia, ela a jogou no chão e quebrou uma ampola de pó. — Cheire forte. — Ela colocou o pequeno recipiente de vidro até o nariz e inalou com ele, como se isso fosse ajudar.

Quase instantaneamente, levantou-se mais reto, e sua cor passou de cinza para bronzeado. — Melhor.

— Vai demorar cerca de uma hora para todos os sintomas desaparecerem, mas não podemos esperar. Nós temos que sair daqui. Chuck vai mandar a polícia e VAST. — Ela lançou um olhar para o depósito. — Mas, primeiro, nós vamos destruir este laboratório.



VINTE E DOIS

Riker prendeu a respiração conforme Nicole arrombava uma gaveta de arquivo bloqueada e enchia um saco de lixo plástico com grossos arquivos. Quando a gaveta estava vazia, ela abriu o armário de remédios e varreu dezenas de frascos de comprimidos e outros frascos para dentro do saco aberto. Movendo-se rapidamente, ela deixou o saco cheio ao lado da saída e começou a transportar jarros do tamanho de galão de um armário.

— Começarei um fogo com isso, — disse ela, — Mas se houver algum vampiro nestas câmaras, é preciso libertá-los primeiro.

Ela correu para a jaula no centro da sala, onde um desengonçado vampiro magricela, um adolescente pela estimativa de Riker, estava encolhido. Ele usava apenas uma larga calça de moletom azul marinho e uma camiseta branca manchada, que mostrava muitas costelas através do tecido fino.

Ainda sentindo como se estivesse respirando fogo, Riker a bloqueou. — Eu farei isso. Não sabemos como ele vai reagir. Fique para trás.

Preparando-se para um ataque, Riker abriu a porta. O miúdo lá dentro se encolheu contra a parede, o cheiro acre do seu terror saindo dele em ondas.

— Nós não vamos machucá-lo, — Nicole disse, mas o garoto apenas olhou com os olhos azuis cristalinos arregalados, o corpo magro tremendo tanto que seus dentes batiam.

Porra. Eles não têm tempo para isso. — Vamos lá, garoto. Estamos resgatando você. — Quando o macho não se moveu, Riker o enlaçou pelo braço e arrastou-o para fora da gaiola.

— Não! — O garoto gritou. — Não! — Ele se contorceu como um gatinho cuspidando raiva e tentou voltar para dentro da gaiola.

— Ei, — Nicole disse suavemente. — Tudo bem...

A criança coaxou, *Ajuda*, interrompendo-a.

— Merda, — Riker murmurou enquanto passava os braços em volta do corpo da criança para fazê-lo parar de lutar. O garoto levou a cabeça escura para trás e pegou Riker na boca com força suficiente para fazer o seu ouvido zunir. Pena que sua capacidade hipnótica só funcionava em seres humanos e alguns animais. — Tem sedativos por aqui?

Nicole correu para o armário onde conseguiu o antídoto para ácido bórico e passou alguns momentos preciosos localizando um sedativo e injetando-o em uma seringa.

— Jesus, — ela murmurou enquanto injetava no garoto. — Será que eles ainda o alimentam?

O menino imediatamente amoleceu o suficiente para que Riker pudesse sustentá-lo contra a parede e o soltou. — Inicie o fogo, — Riker disse. — Vou pegar Neriya e lidar com quaisquer outros vampiros.

Um alarme soou, e *merda*, seu tempo se esgotou. Riker colocou uma explosão de velocidade e arrancou a porta da geladeira. O ar frio picou suas bochechas enquanto ele corria para dentro... e encontrou uma câmara de horrores.

Vampiros mortos, pendurados em ganchos em fileiras, e partes dos corpos em caixas de metal ou embalados em plástico e empilhados ordenadamente em prateleiras. Riker viu muito sangue em sua vida, testemunhou atrocidades que ainda o assombravam até este dia. Mas isso... isso era pior do que qualquer coisa que já encontrou.

Guarde o seu trauma mental para mais tarde.

Empurrando a cena macabra para o fundo da sua mente, ele procurou Neriya. Quando a encontrou, pendurado na parte de trás do frigorífico com a garganta cortada, seu sangue ferveu, rebatendo as temperaturas de congelamento. Raiva, ódio e horror misturados como produtos químicos voláteis que ameaçavam destruí-lo e derrubar tudo em torno dele.

Ele falhou.

O quarto girou e fechou em torno dele quando a realidade da situação esmagou em seu frio punho, morto. Sua missão para resgatar Neriya se encontrara com o desastre, e agora, não só uma valiosa fêmea dotada estava morta, mas seu clã foi condenado à guerra.

Guerra e, provavelmente, a extinção.

— Riker, depressa!

Com a deliberação fria de alguém com mais nada a perder, ele saiu do depósito de carne e verificou as câmaras restantes. Vazias. Todas, exceto a câmara de criação onde o macho nu os observava, seu olhar colado em Nicole. Em poucos passos, Riker estava dentro da cela do vampiro. O macho, não mais um vampiro, e sim um cadáver vivo, se agachou, suas presas pingando com baba.

Atrás de Riker, Nicole espirrou alguma coisa sobre os pisos e paredes, e o fedor forte de produtos químicos queimou suas narinas.

— Foi você, não foi? — Ele perguntou a criatura. — Minha companheira foi colocada em uma cela com você.

A única resposta foi um grunhido sanguinário. Riker deveria odiar o vampiro, deveria querer rasgá-lo com as próprias mãos pelo que ele fizera para Terese e inúmeras outras fêmeas. Em vez disso, sentiu apenas pena. Este macho era tão vítima da crueldade de Daedalus como Terese foi.

Com velocidade de um raio, ele escorregou atrás do vampiro e agarrou seu pescoço. Quando saiu da cela, ele encontrou Nicole olhando para ele.

— Você o matou.

— Eu o tirei de seu sofrimento. — O garoto ainda estava sentado onde Riker o deixara, com os olhos vidrados. Talvez fosse melhor acabar com a dele também.

— Nem sequer pense nisso, — Nicole disparou. — Onde está Neriya?

— Morta.

Nicole atrapalhou com o isqueiro na mão, mas ela o pegou antes de cair no chão. Quando olhou para cima, seus olhos lacrimejavam com pesar. Mas ambos sabiam que não havia tempo para o luto ou desculpas inúteis.

— Pegue o menino. — Ela acendeu o isqueiro e pôs fogo no canto de um papel enquanto ele jogava o macho magro por cima do ombro.

Com uma última olhada em volta, ela deixou cair a folha flamejante e agarrou o saco de lixo cheio de arquivos. O local iluminou em um flash. Calor escaldante lambeu as costas enquanto fugiam do edifício através de uma saída traseira.

Uma vez fora, Nicole parou em uma inclinação gramada na borda da propriedade. O jipe surrado do clã estava estacionado dentro da vista, mas Nicole nem sequer olhou na direção dele. Apesar do som de sirenes caindo sobre eles, ela virou muito lentamente e olhou para as chamas engolindo o laboratório. Ele esperava ver tristeza em seu rosto. Ou dor. Ou até mesmo raiva. Qualquer coisa, exceto o que ele viu refletido em seus olhos.

Aceitação.

Nicole acabara de deliberadamente destruir parte de sua vida, e agora ela observava os restos se transformarem em cinzas. Sua força o humilhou, e quando finalmente virou as costas para o esqueleto em ruínas que pertencera a sua família, ela fez com um propósito que o surpreendeu.

Eles não olharam para trás novamente.

Nicole não sabia o quão longe eles correram com Riker levando o garoto por cima do ombro depois que estacionou o jipe em uma propriedade discreta da MoonBound. Mas cada vez que ela hesitou, tropeçando em galhos ou tropeçando de exaustão, Riker a pegava. Não levou muito tempo para VAST enxamear a floresta, e os sons de perseguição os mantinham em movimento. Agora, com as vozes gritando praticamente sobre eles, seu pânico a deixou ainda mais desajeitada.

— Está tudo bem, — Riker disse, estabilizando-a com uma mão em torno de seu bíceps. — Os guerreiros do clã estão atacando nossos perseguidores.

Ela respirou ofegante. — Você poderia ter me dito mais cedo.

— Não queria estragar a surpresa.

— No futuro, tenha em mente que não gosto de surpresas, — ela murmurou.

Eles continuaram; felizmente a um ritmo mais lento, e depois de alguns minutos, o menino acordou, seu olhar desfocado, grogue e confuso.

— Ei, garoto, — Riker disse. — Estamos quase em casa. — Ele colocou o menino no chão.

De pé, o garoto tinha pelo menos um e oitenta de altura, mas provavelmente não pesava mais do que Nicole. Seu cabelo preto desgrenhado caiu em um esfregão até a mandíbula, e ele teve que afastá-lo do rosto para ver. Ele vacilou enquanto olhava ao redor, os olhos arregalados e a boca aberta.

— Onde estamos? — A voz tensa do rapaz era quase inaudível. — O que é isso?

— Estamos na floresta, fora de Seattle, — Riker disse. — Estamos seguros. Os seres humanos não podem tocá-lo aqui.

O menino se afastou deles em uma corrida em pânico, e quando esbarrou em um tronco de árvore, ele gritou e saltou para longe, como se tivesse sido mordido. Ele sugou o ar em grandes goles, lançando seu olhar em todos os lugares ao mesmo tempo, como se procurasse um lugar para correr.

— Você está bem, — ela disse, em voz baixa e constante. Ele lembrava a Nicole de um gatinho de rua que ela uma vez incentivou a sair de debaixo de um arbusto. — Você está seguro agora. De onde você é?

A pergunta pareceu chocá-lo. — De?

— Sim. — Estendendo a mão, ela pegou a dele. Estava fria e óssea, e seu coração se partiu. — Onde você morava antes de ser capturado por seres humanos? Onde está sua casa?

O menino franziu a testa. — O laboratório é a minha casa.

— Você está dizendo que você nasceu lá? — Riker perguntou, incrédulo.

Um corvo crocitou nas proximidades, e o garoto deu um salto. — Eu-eu nasci em uma casa humana. Mas o laboratório é tudo que eu lembro.

O laboratório era tudo o que ele conhecia? *Jesus*. — Onde estão seus pais?

— Não sei quem é meu pai. — A voz do rapaz era tão silenciosa que ela teve que se esforçar para ouvir. — Minha mãe está morta.

Nicole queria abraçá-lo. Perder um pai era horrível o suficiente, mas depois de ser criado em um laboratório... ela não podia sequer começar a imaginar que tipo de pesadelo. — Ela morreu durante o parto? Quando a Daedalus levou você?

— Ela era uma serva. Um vampiro selvagem invadiu o terreno e a matou. Os seres humanos me tiraram da barriga dela antes que ela morresse. — Ele deu-lhes um olhar inocente tão honesto, que seus olhos ardiam. — Eles me salvaram.

Meu Deus, ele era realmente grato por como a Daedalus o havia tratado. Ela cortou um olhar para Riker... e arrepio irrompeu de seu couro cabeludo aos dedos dos pés.

Riker havia perdido toda a cor em seu rosto e olhava para o menino com a mandíbula apertada, a garganta trabalhando gole após gole. Algo estava muito, muito errado.

— Riker?

Ele não percebeu que ela havia falado. Mantendo o olhar fixo no menino. — Quantos anos você tem, garoto? — O menino piscou, como se não entendesse a pergunta. — Quantos anos? — Riker latiu.

O rapaz fez um barulho de aflição e encolheu-se de ambos, levantando um braço magro sobre o rosto.

— Bom, — ela se virou para Riker. — Muito bom. — Ela se aproximou da criança novamente, falando em tons suaves. — Nós não vamos te machucar. Eu prometo. Você pode nos contar. Quando você nasceu?

O menino olhou para Riker com cautela. — O povo do laboratório fazem testes em mim todo mês de junho. Eles dizem que é meu aniversário. Da última vez, fizeram muitos testes, porque eles disseram que eram vinte anos.

— Oh, Deus. — A voz de Riker ficou crua. — Terese... ela morreu há vinte anos, em junho.

Levou vários momentos para Nicole processar o que Riker estava dizendo, e quando o fez, ela segurou a mão sobre a boca em um silêncio atordoado. Esse garoto vampiro magro, que parecia não ter mais do que dezesseis ou dezessete anos, era filho de Terese.

Nicole estudou seu rosto, mapeou a curva de sua mandíbula, a cor de seus olhos, e até mesmo a forma de seus lábios. Ele herdou tudo de sua mãe.

Riker ainda olhava para ele em estado de choque, e talvez um pouco apreensivo e perdido. Nicole teve que se recompor para ajudá-lo. Para ajudar a ambos.

Ela apertou a mão do menino. — Qual o seu nome?

— Assunto.

— Assim é como eles te chamam?

Ele assentiu.

O estômago de Nicole afundou, e ela estava muito contente quando Riker xingou várias palavras desagradáveis, escolha que perfeitamente expressava seus sentimentos no momento.

— Riker? — Ela segurou sua voz, forçando a calma e tranquilidade, sabendo que sua próxima pergunta era uma questão sensível, e que poderia ir muito, muito mal. — Como Terese ia chamar o bebê?

— Eu queria Sebastien, — ele resmungou. — Bastien, como meu irmão. — Riker ficou parado como uma lâmina, os olhos fechados. Quando a brisa pegou e bagunçou seu cabelo e as folhas em cima, ele levantou as pálpebras e deu a Nicole o breve aceno de permissão.

Lembranças de Terese rodaram na cabeça de Nicole. Lembrando-se da gentileza de Terese, seus abraços quentes, sua voz suave. Lembrou-se de uma mulher que fizera mais em sua vida do que sua própria mãe. A dor de perder Terese marcou Nicole, mas agora era como se um pedaço dela estivesse de volta. Não importa quão terrivelmente mal foi hoje, algo de bom veio disso.

Os olhos de Nicole lagrimejaram quando ela segurou as duas mãos do rapaz e sorriu. — A partir de agora, você será conhecido como Bastien. Tudo bem?

Ele testou o nome em sua língua, repetindo várias vezes até que finalmente lhe deu um sorriso frágil. — Eu acho que está ok.



VINTE E TRES

Merda.

De todas as milhões de palavras que poderiam estar correndo na cabeça de Riker agora, *merda* foi o que continuou se repetindo mais e mais. De alguma forma, ele manteve a presença de espírito para levar Nicole e Bastien, *puta merda, Bastien*, direto ao laboratório do clã para que eles fossem examinados antes de perder a sua merda.

Sim, havia um monte de merda acontecendo.

Assim, enquanto Nicole e Bastien obtinham um médico uma vez mais, Riker estava correndo pelo corredor que levava a câmaras de Hunter como se seus pés estivessem em chamas. Ele precisava ficar longe de Bastien, superar seus próprios sentimentos.

Sua própria culpa.

Ele lamentou a forma como tratou Bastien. Ele havia gritado com o pobre garoto, em seguida, olhou para ele, sem palavras. Ele ficou imobilizado pelo choque, desamparado por sua própria descrença. Ele deixou Nicole consolar o menino, enquanto Riker tentava desatar-se do nó de emoções que o estrangulava.

Bastien sequer entendeu o que Nicole e Riker falaram? Será que Bastien sabia que ele era, para todos os efeitos, o filho de Riker?

Merda. A próxima conversa com o menino ia ser divertida. *Oi, eu sou seu pai. Bem, mais ou menos. Um monstro insano é realmente quem te gerou. E os seres*

humanos mentiram quando disseram que sua mãe foi morta por um vampiro. Ela se matou porque ela odiava você. E então eu te deixei ser criado em um laboratório como um rato em uma gaiola. Boa conversa, filho. Vamos jogar uma bola ou algo mais depois.

Riker tropeçou quando a emoção tomou conta dele. Ele deveria ter estado lá. Não deveria ter assumido que o bebê morreu com Terese. Ele perdeu o que deveria ter sido vinte anos felizes com Bastien. Perdeu seus primeiros passos. Suas primeiras palavras. O menino poderia ter crescido seguro e querido, com um pai que o amava. Em vez disso, ele cresceu dentro de uma cela em um laboratório estéril, frio.

Passos soou à distância. Riker se recompôs antes que alguém o visse no meio de um colapso e correu o resto do caminho para a câmara de Hunter. Ele surgiu no meio das pesadas portas duplas e não ficou surpreso ao ver o líder de pé no meio da sala, com as mãos cruzadas atrás das costas e um olhar de expectativa no rosto. Atrás dele, um jogo Mario Bros. Pausado no Nintendo.

— Pelo olhar em seu rosto, eu suponho que as coisas não foram bem, — ele disse, sua voz profunda ecoando nas paredes.

— Neriya está morta.

A mandíbula de Hunter cerrou. — Merda.

— Palavra do dia, — Riker murmurou.

— E a humana, homem? — Hunter não usar o nome de Nicole foi intencional, Riker tinha certeza, mas não mordeu a isca.

— Ela está com Grant. Ela pegou alguns arquivos do laboratório Daedalus antes do prédio arder em chamas.

Uma sobranalha escura se ergueu. — E ela permitiu que você fizesse isso?

— Foi ideia dela. — Deus, ela foi magnífica. Calma e eficiente. Ela era uma guerreira, tão cheia de coração como qualquer vampiro com quem Riker lutara lado a lado na batalha. Que o levou ao próximo assunto. — Mas há uma complicação.

— Claro que há.

— Seu irmão desgraçado me obrigou a tentar transformá-la com o meu sangue. Ele a imunizou contra isso, mas foi uma dose de teste.

O olhar de Hunter esquadrinhou Riker da cabeça aos pés, como se tentasse avaliar como Riker se sentia sobre esta notícia. Ele desejou que seu líder tivesse sorte, porque nem ele mesmo sabia.

— Então, você está dizendo que ela poderia se transformar.

— Sim. — Riker olhou para o bar imaginando quantas garrafas de uísque ele conseguiria beber antes de Hunter pará-lo. — Tem mais.

Hunter ergueu a mão. — Espere. — Se movendo rapidamente para o bar, ele jogou dois dedos de Bourbon em um copo. — Parece que você precisa disso.

Riker pegou o copo com gratidão. Por um longo momento, ele olhou para o líquido âmbar, deixando as cores girarem em torno do vidro. Finalmente, ele levou o copo aos lábios, inalou, e bebeu o conteúdo. A queimadura o anestesiou agradavelmente, mas não duraria.

— Nós libertamos um macho. Jovem. Assustado. Nunca saiu do laboratório. Ele estava com medo das malditas árvores.

— Você o trouxe aqui?

— Sim. Direto para a *Ilha dos brinquedos desajustados*¹¹. — De repente, exausto, Riker esfregou a mão sobre o rosto. — Quando Terese morreu... porra, eu assumi que o bebê estava morto também. Ele não estava. Os seres humanos o entregaram e ele foi criado naquele laboratório. — Dizer isso em voz alta fez o uísque azedar em seu intestino.

Hunter não era de cair o queixo, mas com seu olhar atordoado e os lábios entreabertos, ele chegou perto. — Você está me dizendo que o macho que você salvou é seu filho?

Ninguém, apenas Nicole sabia a verdadeira história, que Terese foi fecundada por alguém que não Riker. Ele sempre planejou criar o menino como seu, e por isso nunca houve nenhum ponto em dizer a alguém a verdade quando Terese estava viva. Então, depois que ela morreu, parecia errado lançar ainda mais sombras sobre uma situação já sombria. Ninguém precisava saber o que aconteceu com Terese, ela não gostaria da pena.

— Riker? Amigo? — Hunter solicitou, e Riker limpou a garganta.

— Sim, — ele resmungou. — Ele é meu. — Só porque Terese estava morta não significava que a promessa de Riker já não era válida.

— Como você quer lidar com isso?

Ótima pergunta. Como você lidava com um filho de vinte anos, que você não sabia que tinha e que claramente passou por uma vida de crueldade e negligência?

11 Um lugar onde os inadaptados se reúnem e passam tempo.

Bastien era como um cachorro, que nunca saiu de sua gaiola para brincar ou socializar, e não conhecia nada, apenas as pessoas que abusaram dele.

— Eu gostaria que ele ficasse comigo, mas eu não acho que seja uma boa ideia. Eu acho que será demais para ele. Eu esperava que ele pudesse permanecer no berçário com Morena.

— No berçário? Ele não é um adulto?

— Ele tem vinte anos, mas duvido que ele tenha recebido uma educação em qualquer vida, humana ou vampiro. Tudo o que conheceu foi uma cela dentro de um laboratório. Ele precisará de uma introdução lenta, não ameaçadora para o nosso mundo, como Morena fez com Lucy. Ele parece ter se ligado a Nicole, então ela pode ser capaz de ajudá-lo a se ajustar.

— Nicole. — Hunter disse o nome dela com uma cautela distinta. — Você realmente a quer perto de seu filho? Foi a empresa dela que fez tudo isso a ele.

— Nicole não é o inimigo. — Riker ignorou bufo duvidoso de Hunter e serviu-se de outra bebida. — Ela salvou minha vida, Hunt. Ela se ofereceu para ser transformada em um vampiro para salvar a vida de Neriya

— O que não foi tão bem, não é?

— Não por causa de Nicole. — Riker virou a dose que havia derramado e encheu o copo novamente. — Foi ideia dela entrar no laboratório para salvar Neriya, e foi ideia dela destruir o laboratório. Ela se virou contra o irmão e lutou para nos libertar.

— Então, o que você está dizendo? Que você está bem em ter uma humana correndo por aí à solta em nossa casa? Que está totalmente bem com tudo o que ela fez na Daedalus? — Hunter considerou Riker com olhos astutos. — Você está pensando com seu pau?

Riker respirou profundamente em uma tentativa de evitar atacar seu líder. — Quando você já me viu pensar com meu pau?

— Não é isso que você estava fazendo nos aposentos dela ontem?

Se estivesse pensando com seu pau, ele teria sido capaz de terminar o que começara em vez de recuar como um idiota traumatizado.

— O que fazíamos não é da sua conta.

Tão silencioso e rápido quanto uma serpente, Hunter desenrolou em um borrão letal, apoiando Riker contra a parede, com uma mão em torno de sua

garganta. — Tudo o que acontece dentro destas paredes é da minha conta. Você entende isso, certo?

Oh, ei, ele ainda estava segurando o copo com intensidade. Não perdeu uma gota. Muito deliberadamente, ele levou o copo aos lábios e bebeu, mesmo que Hunter estivesse tão na cara que a parte inferior do vidro escovou o nariz dele.

Quando Riker tomou a última gota, ele grunhiu, — E você perdeu que eu segui todas as ordens que você me deu, sem duvidar, nos últimos vinte anos, certo? Eu já ferrei ou lhe dei razão para duvidar de meu julgamento?

O idiota do Hunter bateu o polegar na garganta de Riker. — Como nós chegamos a eu fazer as perguntas a você me perguntando?

— Talvez eu não goste de sua pergunta. — Tensão voou pelo ar entre eles, e sim, isso poderia ficar crítico muito rápido.

— Talvez eu não goste de sua atitude. — Hunter fez uma pausa, deixando a tensão cozinhar um pouco antes de se afastar. — Se é isso que a porra de um ser humano faz com você, então você precisa voltar a comê-los em vez disso.

— Com Nicole, eu posso fazer as duas coisas, — Riker disse, sabendo que era estúpido cutucar um vampiro com a vara curta, mas fez de qualquer maneira.

— Vou lhe dar um dia para se refrescar. Acomode-se com o seu filho. E tire a cabeça de seu traseiro. Falaremos amanhã.

— Eu não vou matá-la. — Riker bloqueou olhares com Hunter enquanto abria a porta. — E não deixarei você fazer isso, ninguém.

Ele bateu a porta atrás de si, deixando de fora o macho que havia pegado os pedaços de Riker que foram quebrados após Terese morrer.

Nicole nunca havia apreciado um chuveiro tanto quanto estava amando o que fazia no momento.

Pela primeira vez em não apenas dias, mas meses, talvez anos, ela foi capaz de relaxar e deixar a água quente sobre o corpo lavar a sujeira, sangue, suor, estresse e medo. Tudo o que restava era a gratidão por estar viva e que Riker tinha o filho que ele esteve tão desesperado para ter.

Havia algo trágico em assistir Bastien, tão tímido e com medo, sobresaltando com tudo que ela e Riker mostravam a caminho do laboratório de Grant. Mas no segundo que ele entrou, foi como se tivesse chegado em casa.

Riker ficou claramente abalado, então ela prometeu cuidar de Bastien enquanto ele se reunia com Hunter. Na maior parte, tudo o que ela teve que fazer foi ficar com Bastien enquanto ele andava pelo laboratório, tocando o equipamento como se fossem velhos amigos.

Isso quebrou seu coração.

Alimentos chegaram pouco tempo depois, e ela deixou Bastien comer enquanto ela e Grant estudavam o saco cheio de arquivos e remédios, que incluiu as drogas que ela precisava para gerenciar sua condição médica. Eles também discutiram Bastien e sua própria experiência na instalação de Daedalus. Grant não pareceu preocupado que a vacina que lhe foi injetada fosse um fracasso, mas, então, para ele, transformar-se em um vampiro só podia ser uma coisa boa. No entanto, ele recolheu saliva e amostras de células do sangue para estudo.

Nicole tentou simplesmente não pensar nisso. Ela saberia dentro de vinte e quatro horas se a vacina não funcionou, e nesse ponto... ela não sabia. Desde que Boris quase rasgou a garganta com os dentes, seu segundo maior medo sempre foi ser mordida por outro vampiro. Seu maior medo era de que se transformasse em um.

Ela pensou em Riker afundando suas presas nela. Pensava nele fazê-lo novamente. E loucamente, a ideia a excitou em vez de repeli-la. Se transformar em um vampiro realmente seria tão ruim? Especialmente agora que não desejava ver ninguém envolvido com a Daedalus novamente, muito menos seu irmão? Ela não tinha nada para que voltar no mundo humano, então o quão ruim seria se transformar em uma pessoa completamente diferente? Uma espécie diferente?

Deixou-se digerir pela ideia enquanto se secava e se dirigia para o quarto, mas uma batida na porta parou sua caminhada.

— Nicole? — A voz abafada de Riker veio do outro lado.

— Hum, sim... um segundo. — Ela rapidamente se enrolou na toalha e abriu a porta.

Riker estava do outro lado, também de banho tomado e vestindo jeans e uma camiseta preta. Seu cabelo úmido, loiro mais escuro do que quando ele estava seco,

levantava em pontas espetadas, o que a fez querer alisá-las com os dedos, por nenhuma outra razão a não ser para ter uma desculpa para tocá-lo.

— Posso entrar?

A hesitação dele era uma coisa nova, e destacou a mudança no relacionamento deles. Antes, ele invadia o quarto como se fosse o dono, e agora ele pedia para entrar. Ela se perguntou o que ele diria se ela recusasse.

— Por favor. — Ela recuou, permitindo que ele entrasse. — Há apenas um guarda aí fora agora, — ela disse, fechando a porta. — Acho que ganhei um pouco de margem de manobra, hein?

Era para ser uma piada, mas a expressão de Riker ficou séria. — Você ganhará mais, — ele disse. — Eu não deixarei nada acontecer com você.

— Oh. — Aparentemente, era hora de discutir o seu futuro. — Eu deveria estar preocupada que alguém queira que alguma coisa aconteça comigo?

— Não.

Ela puxou a toalha com mais força ao redor dela. — Isso não foi uma resposta muito convincente.

— Não quero falar sobre isso.

Que pena, porque sua vida estava na reta. — O que você quer...

Com um grande impulso, Riker a apoiou contra a parede. Ele não a tocou. Ele a enjaulou com uma mão em cada lado da cabeça, mantendo seu corpo longe dela. Ele pode não ter feito nada sexual, mas a fome intensa queimava em seus olhos.

— Posso sentir você correndo em minhas veias, — ele disse. — Posso te provar na minha língua e cheirar a sua especiaria. Mas, mais do que isso, não consigo parar de pensar em você e a maneira que você se deu a mim no laboratório. A maneira como se sacrificou para salvar Neriya. — Ele engoliu em seco. — A maneira como você lidou com o meu filho.

Ela lambeu os lábios, e seu olhar caiu para a boca dele. *Beije-me*, pensou. *Beije-me, e me faça sentir segura aqui.*

Quando ele abaixou a cabeça em um movimento dolorosamente lento, ela quase chorou de alívio e impaciência. Em seguida, seus lábios estavam nos dela, quente e macio, e por isso, muito suaves. Uma sensação maravilhosa propagou arrepios através de suas entranhas enquanto lambia e mordiscava, alternando uma leve pressão com beijos firmes.

Oh, mas ele era incrível nisto. Ele afastou a lembrança de todos os homens que já beijara. Inferno, ninguém poderia se comparar a ele. Nunca.

Gemendo, ela se abriu para ele. Seu beijo ficou mais feroz em resposta, mas ele ainda permaneceu longe dela, o espaço entre eles nada além de ar vazio.

— Riker, — ela disse contra seus lábios, — Não quero que isso seja como da última vez. Eu preciso que você faça tudo.

Ele levantou a cabeça e a segurou com aquelas lâminas prateadas que ele chamava de olhos. A hesitação neles fez seu coração afundar. — Eu sinto muito. Não posso prometer nada.

Ela empurrou, magoadada por suas palavras. Raiva súbita ajudou a aliviar a dor, e ela o empurrou com força suficiente para que desse um passo atrás. — Claro que você não pode.

— Droga, Nicole. — Ele se aproximou dela novamente, mas ela desviou para fora da gaiola que ele tentou prendê-la. — Eu vim aqui para agradecer por tudo que você fez por mim, meu clã, e meu filho.

— Espera... assim... trata-se de gratidão? Você quer me pagar com sexo?

Suas bochechas avermelharam, e ela sabia que havia acertado em cheio. — Não.

— Que pena, — ela disse, surpreendendo até mesmo a si mesma. Mas caramba, ela estava cansada de não ter nenhum controle sobre sua vida e sentir-se como se estivesse soprando no vento. Se ele queria agradecê-la com sexo, quem era ela para recusar? — Eu quero um orgasmo.

A boca dele se abriu. Fechou. Quando ela deixou cair a toalha e ficou na frente dele, totalmente nua, sua boca se abriu novamente.

— Vá em frente e me agradeça, — ela disse.

— Nicole... — a advertência em seu tom deve ter sido uma pista, mas ela foi além de compreender os sinais sutis. Ou talvez, ela simplesmente não ligasse mais.

Timidamente ela circulou o umbigo com um dedo, amando como seu olhar se prendeu enquanto ela arrastava a mão para cima. Calor chamuscou onde ele olhou, e ela levou muito tempo acariciando seu caminho até seu abdômen, o peito cheio e, finalmente, o mamilo.

— Bem? — Ela beliscou e brincou, apreciando a forma como as respirações de Riker vieram mais rápidas. Mas ele ainda não havia se movido. — Tudo bem. — Ela

suspirou, relaxando os braços. — Acho que você não está realmente agradecido. — Muito deliberadamente, ela se virou e se abaixou para pegar a toalha.

Era isso. De repente, ela estava de pé, com o corpo preso entre Riker e a parede, sua bochecha beijando a viga de suporte de madeira construída na pedra. A mão dele agarrou uma mecha de cabelo enquanto a outra mergulhava entre suas pernas. Com força, ele inclinou a cabeça para trás para que pudesse beijá-la. A posição a deixou imóvel, mal capaz de se mover, e *uau*, algo sobre ser contida assim era um enorme tesão.

Ela apertou a bunda contra sua ereção no tempo que seus dedos circularam seu núcleo. Toques longos e suaves sobre seu sexo ficaram mais firmes, e quando ele trabalhou um dedo em sua boceta, ela gritou.

— Agradecimento. — Sua respiração quente acariciou a bochecha dela, e sua voz profunda vibrava através dela em uma onda erótica. — É isso que você quer?

— Sim. — Ela suspirou.

Ele soltou um forte som masculino e ganancioso ao empurrar o dedo dentro dela. Não perdeu tempo com provocações. Ele trabalhou com força, acariciando aquele lugar dentro dela que a fez empurrar em sua mão. Calor líquido penetrou em seu centro, e ela se perguntou se ele percebeu o quão pronta ela estava para ele.

— Agradecimento, — ele repetiu, sua voz gutural. — Agradecimento. — Ele tirou a mão, e ela quase chorou pela perda.

Até que ouviu o som do zíper e sentiu a pancada do seu eixo entre as pernas. — Obrigada, — ela sussurrou.

Ele dirigiu nela, enterrando-se em um movimento suave. Eles se moviam juntos, os quadris batendo contra suas nádegas. Ele soltou o seu cabelo e agarrou seus quadris, segurando-a para seus golpes poderosos. Sua respiração ficou irregular, juntando-se a dela, e ela sabia que ele estava tão perto quanto ela.

Ele poderia ir até o fim?

Ela sentiu que ele estava se segurando, que parte dele ainda não havia enfrentado o que aconteceu com Terese e o papel de sua família nisso. Mas tão ferrado que fosse, ela não mais deixaria seu passado interferir. Ele era dela agora, e ele ia descobrir isso, aqui e agora.

Dela? Vagamente, ela estava ciente de que havia um número de razões impossíveis que ele não podia ser dela, mas agora, nada disso importava. Um

instinto feroz, primal levantou-se nela, exigindo que ela estacasse uma reivindicação sobre o macho que ela queria.

— Pare, — ela rosnou, e para sua surpresa, ele congelou.

Ela empurrou contra ele, forçando seu corpo a libertar. No estreito espaço, esmagando entre eles, ela se virou, sorrindo ao ver a expressão confusa no rosto dele... e depois o escalou como uma árvore.

— Jesus, Nicole... — ele pegou sua cintura enquanto ela se abaixava em sua ereção. Impiedosamente, ela cravou as unhas em seus ombros, e ele assobiou de prazer. Mais uma vez, ele a prendeu contra a parede enquanto bombeava seus quadris com uma urgência que não sentiu nele anteriormente.

Ainda assim, ela sentiu sua contenção, mais fraca do que um momento atrás, mas pendurada lá. *Não, não, não*. Balançando a cabeça, ela o mordeu, afundando os dentes no ponto fraco entre o ombro e sua garganta.

Ele gritou e resistiu, estocando-a brutalmente, não poupando nada a ela. Ela agarrou com mais força, obrigando-o a pensar nela e somente nela. O passado não era permitido aqui. Nenhuma outra fêmea era permitida aqui.

Oh... sim. Seu corpo tenso quando o êxtase a atingiu, provocando terminação nervosa à terminação nervosa. Ela gritou, apertando-o, o orgasmo em curso. O peito de Riker expandiu em um enorme suspiro trêmulo, e então seus movimentos tornaram-se irregular e errático. Um respingo quente a encheu, desencadeando outro clímax para ela conforme ele convulsionava e estremecia.

A testa de Riker molhada de suor descansou contra a dela enquanto ele continuava se movendo dentro dela, torcendo as últimas gotas de prazer de ambos.

— Obrigado, — ele murmurou, acariciando o cabelo com preguiçosos movimentos irregulares. — Isso foi... surpreendente.

Ela não podia estar mais de acordo.

Muito cedo, ele deslizou para fora dela e a colocou no chão. Com cuidado terno, ele envolveu-a na toalha e a beijou.

— Eu tenho que ir, — ele disse. Saciada e exausta de uma maneira que nunca esteve, ela concordou. — Descanse um pouco. — Ela o deixou levá-la para o quarto e colocá-la na cama.

Ele saiu, e ela estava quase adormecida quando percebeu que eles ainda não haviam discutido nada.



VINTE E QUATRO

Riker estava quase certo que batatas fritas não deveriam ter gosto de serragem, aparas de madeira, mas eram tudo o que provou quando enfiou uma em sua boca no caminho para o laboratório de Grant. Ele deixou um rastro de batatas atrás dele, porque, aparentemente, ele não podia comer e andar ao mesmo tempo. Adicione pensar em Nicole à mistura, e ele pode muito bem colocar em um babador e beber em um maldito copo de canudinho.

Ele foi ver como ela estava manhã, mas ela ainda estava dormindo, e de maneira nenhuma ele iria acordá-la. Se ela quisesse dormir por uma semana, ele deixaria.

Bem, talvez ele a acordasse para sexo. Ela pareceu gostar do que fizeram na noite passada.

Suas bochechas aqueceram com a memória, e seu corpo endureceu em antecipação.

Uau, amigo. Não estamos voltando para os aposentos dela no momento.

Segurando o prato que pegou da cozinha principal em uma das mãos, ele esfregou o local onde Nicole mordeu com a outra. Ela foi uma coisa selvagem, e apesar de suas marcas de mordida e unhas ter curado, ele ainda as sentia como sussurros eróticos em sua pele.

Sexo com Terese nunca foi assim. Não, Terese via o sexo como um dever a ser tolerado, e a única vez que ela esteve interessada, mesmo remotamente, era na lua nova, quando seus hormônios e sua necessidade de sangue assumiam o controle. Mesmo assim, ela nunca o arranhou. Ou subiu nele. Ou se divertiu sendo fodida contra a parede.

As imagens obscenas vieram como um filme em sua cabeça e ele perdeu um passo quando fez a curva para o laboratório. Baddon, que vinha na direção oposta, sorriu.

— Uau cara, — Baddon disse. — Você pode fazer isso novamente? Perdi a maior parte.

Riker bufou. — Que tal eu chutar o seu traseiro? — Ele bateu no ombro de Baddon enquanto cruzavam o corredor. — Você não perderá nada disso.

A risada de Baddon seguiu Riker até que ele entrou no laboratório, onde não ficou surpreso ao ver Grant agarrado no trabalho. Ele, no entanto, se surpreendeu ao encontrar uma tenda em um canto e Hunter falando com Bastien em uma mesa perto da tenda de pele de bisão.

Seu estômago deu alguns saltos. Foi estranho e incrível ver o menino que Riker uma vez sonhou em ter. As circunstâncias não eram perfeitas, obviamente, mas não dispensaria essa segunda chance incrível.

Quando Hunter viu Riker, ele se desculpou e atravessou a sala.

— Parece, — disse Hunter, — Que seu filho é tão teimoso quanto você.

Riker desviou seus olhos do menino. — Por que isso?

— Ele se recusa a dormir em qualquer lugar, exceto aqui. Morena pegou uma velha tenda do depósito para ele. O maior problema é que ele não sairá o laboratório. — Hunter mudou seu peso com um constrangimento que Riker nunca viu no macho duro e estável. — Grant acha que Nicole pode ser capaz de convencer Sebastian a sair daqui. Parece que Bastien confia nela.

— Eu me lembro de lhe dizer isso. — Riker sorriu. — Parece que ela pode ser útil depois de tudo.

— Vamos ver. — A boca de Hunter tornou-se uma barra proibitiva. — Eu me encontrei com os guerreiros ontem à noite...

— Sem mim? — Riker interrompeu.

— Você estava... Ocupado, — Hunter disse, não deixando nenhuma dúvida de que ele sabia onde Riker esteve parte da noite. — Mas não tomamos nenhuma decisão sem você.

— Suponho que você discutiu o que vamos fazer sobre Shadowspawn?

Hunter concordou. — Nós pensamos que será melhor esperar até que o nosso prazo termine para contar aos Shadowspawn que Neriya está morta. Podemos usar o tempo para desenvolver um plano de batalha.

— Nós precisamos delinear várias estratégias. Presumo que vamos tentar negociar primeiro? Com a vida de Lucy na linha, eu não quero antagonizá-los com um disparo forçado. — Deus, ele esperava que ela estivesse bem e que a estivessem tratando bem. De alguma forma, ele duvidava.

— Concordo. — A expressão de Hunter disse que ele não tinha grandes esperanças com negociação. — Nós temos que tentar. Não podemos permitir uma guerra.

Riker olhou para Bastien, que chupava um copo do que parecia ser leite com chocolate. Terese amava isso. — Vamos nos reunir novamente esta tarde e torcer alguns cérebros.

— Como está Nicole? — Hunter perguntou, e hei, precisava ressaltar, ele não mais disse o nome dela do jeito que ele poderia dizer: *Ebola*. — Algum sinal de se transformar?

Riker tentou evitar a decepção em sua voz. — Ela deve estar limpa.

— Mantenha-me atualizado. — Hunter fez um gesto para Bastien. — Idem sobre ele. Se precisar de ajuda, todo mundo está aqui para você.

Eles apertaram as mãos, a amizade garantida, e depois Hunter deixou Riker com Grant e Bastien.

Riker se aproximou de Bastien lentamente, deixando o menino controlar seu encontro. Quando Riker se aproximou da mesa, Bastien estava sentado com um baralho de cartas, Bastien lhe deu um sorriso tímido.

— Oi, Bastien.

— Oi, — Bastien disse. — É Riker, certo?

— Sim. — Ele bateu nas costas de uma cadeira. — Se importa se eu me sentar?

— Não. — Bastien olhou para as cartas, cada qual com uma imagem de um animal ou objeto. — Morena me disse para fazer duas pilhas. Uma com as imagens que eu reconheço, e um monte de coisas que eu não sei.

Uma pilha era duas vezes maior que a outra, mas Riker não sabia qual era qual. — Os seres humanos lhe ensinaram alguma coisa?

Bastien assentiu, ainda não encontrando o olhar de Riker. — Toda noite eu precisava assistir filmes e coisas na TV em minha cela. Sou capaz de ler também. Algumas das pessoas do laboratório me ensinaram, mas eu acho que eles não deveriam. Eles me deram livros.

— Como o quê?

— Estou no meio do *Hobbit*. — Ele finalmente olhou através de seu longo cabelo desgrenhado para Riker, embora mantivesse a cabeça abaixada. Assim como Terese. — Você tem livros aqui?

— Nós temos. Temos uma câmara inteira dedicada a eles.

Os olhos cristalinos do menino se iluminaram. — Eu-eu gostaria de ver isso.

— Eu posso te levar.

Cara, você teria pensado que Riker se ofereceu para espancá-lo em vez de lhe mostrar a biblioteca. Bastien se encolheu, seus dedos magros tremeram sobre as cartas. — Está tudo bem. Eu gosto daqui.

— Que tal se Nicole levar você?

Ele deu um aceno de cabeça quase imperceptível. — Isso pode ser bom. Ela me trará de volta aqui, certo?

— Se é isso que você quer, — Riker disse, mas a expressão duvidosa no rosto de Bastien disse que não acreditava em Riker. — Bastien... você disse que não sabe quem é seu pai. Ninguém lhe disse algo sobre ele? Ou qualquer coisa sobre sua mãe?

— Eles disseram que eu pareço com ela.

— Você parece. Muito. — Riker só esperava que ninguém questionasse o cabelo e a pele escura de Bastien, que era um pouco bronzada para alguém que nunca viu o sol, porque nem Riker nem Terese tinham essa coloração.

O louco macho reprodutor no laboratório tinha.

— Como você sabia sobre ela? — Bastien perguntou. — Você disse a Nicole sobre o meu nome.

Agora Riker precisava proceder com cuidado, distribuir a informação em pequenas doses e ver se Bastien chegaria sozinho a conclusão lógica. — Isso é porque sua mãe era minha companheira, Bastien.

— Oh. — Ele franziu a testa. — Você servia os seres humanos, também?

— Não. — Riker usou um dedo para endireitar a maior pilha de cartas, aquela com um coelho na parte superior. — Os seres humanos a capturaram. Levaram-na para longe de mim e a transformaram em uma escrava. Você sabe o que é um escravo?

Ele assentiu, mas seu olhar ficou cauteloso. — Eles disseram que ela gostava de trabalhar para a família Martin. É uma honra trabalhar para humanos...

— Não, — Riker se irritou. — Não é.

Bastien se afastou, derrubando a cadeira e dispersando as cartas. E por uma fração de segundo, Riker podia jurar que o menino desapareceu. Em seguida, ele estava lá de novo, agachado no canto, olhos selvagens, ofegante, como se tivesse corrido uma maratona.

— Jesus. — Riker engoliu. Tanto para proceder com cuidado. Ele acabou colocando medo no menino até a morte. — Sinto muito, Bastien. Eu não queria assustá-lo. — Ele endireitou a cadeira e estendeu a mão, convidando Bastien a voltar. — Estou muito zangado com os seres humanos.

— Por quê? — Bastien se arrastou em direção à mesa, mas quando ele se sentou, fez isso um pouco mais longe de Riker do que esteve antes.

Riker se esforçou para manter em mente que Bastien foi criado por seres humanos, confiou neles para a sua própria sobrevivência. Como um cão abusado que não fugiria porque não sabe de nada, Bastien ainda não percebeu que as pessoas com quem ele passou vinte anos eram o inimigo.

— Eles mentiram para você, filho. — Riker manteve a voz baixa e as mãos dobraram suavemente na frente dele. — Eles são uma raça cruel, egoísta, que escraviza e abusa de animais e pessoas. É isso que eles fizeram com a sua mãe. É isso que eles fizeram com você. Você deveria ter nascido aqui e sido criado por vampiros que o amassem em vez de ser mantido em uma gaiola e picado com agulhas.

Bastien pareceu considerar o que Riker havia dito. — Por que você se importa?

— Porque eu fiz uma promessa a sua mãe há vinte anos. Prometi que iria criá-lo e amá-lo. Não consegui criá-lo, mas eu posso amá-lo. — Ele respirou fundo e soltou o ar rapidamente. — Você é meu filho, Bastien.

— Você é meu... pai?

Riker assentiu. Bastien olhou para ele, seus grandes olhos nadando em confusão e descrença.

E então tudo foi para o inferno de uma só vez.

A mesa explodiu para cima, espalhando cartas e levando Riker para o chão. Bastien desapareceu novamente. *Que porra é essa?*

— Bastien? — Riker se levantou de um salto quando Grant surgiu.

— O que aconteceu?

— Não tenho ideia. — Riker engoliu. — Você o viu...

— Desaparecer? — Grant concordou. — Surpreendente. Nunca vi algo assim.

Um som de arrastar de pé veio de dentro da tenda. Muito lentamente, Riker se aproximou da tenda e espiou pela aba. Bastien estava encolhido contra um suporte de madeira, enrolado em uma bola debaixo de um cobertor.

— Talvez você devesse ir, — Grant sugeriu. — Dê-lhe tempo para processar. Vou tê-lo me ajudando no laboratório. Ele ouvia tudo o que diziam na instalação Daedalus... Ele tem uma compreensão surpreendentemente competente do que eu faço aqui, e é muito curioso.

Droga. Depois de vinte anos foi lhe dado a oportunidade de fazer o certo, e ao invés disso, ele estragou tudo. E que diabos era essa coisa do ato de desaparecer? Ele nunca sequer ouviu falar de um vampiro que poderia fazer isso.

— Riker? — Grant bateu no ombro dele. — Alguém em casa?

— Sim. — Riker assentiu, mas a questão permaneceu. A Daedalus fizera algo a Bastien? — Sim, — ele repetiu. — Estou bem. Vou mandar Nicole. Ver se ela pode levá-lo à biblioteca. — Com a mente agitada, ele se dirigiu para a porta, mas parou ao alcançar a maçaneta. — E Grant? Não o espete com quaisquer agulhas. Ele teve o suficiente disso pelo Daedalus.

Bastien passou por muita coisa naquele show de horrores, e de alguma forma, Riker faria as pazes com isso.

Os Martins não destruiriam Bastien da maneira que eles destruíram Terese.

Pelo sétimo dia consecutivo, Nicole estava sentada na biblioteca com Bastien. Ela só viu Riker uma vez, quando ele veio aos seus aposentos para verificar o progresso de Bastien, que, com uma exceção, foi incrível.

O menino saíra de seu escudo o suficiente para falar com todos que falaram com ele em primeiro lugar, embora ele fosse visivelmente mais reservado com os

machos. Ele ainda amava ficar no laboratório, mas ele ia ansiosamente com Nicole para a biblioteca, e Morena foi capaz de levá-lo para visitar todo o complexo. Ele ficou especialmente interessado na sala de jogos, e parecia ter um talento especial para dardos e um amor pecaminoso pelo Xbox.

A exceção a seu progresso era Riker.

Bastien não queria falar sobre ele, e muito menos vê-lo. Morena, acostumada a trabalhar com as crianças, fez uma sugestão que Nicole ia colocar em prática hoje. Ela só esperava que Bastien estivesse aberto a conversar. E que não desaparecesse sob estresse, que, segundo ele, foi a única vez em que isso aconteceu.

E que coisa bizarra era isso. Nicole nunca ouviu falar de um vampiro que pudesse ficar invisível, e ninguém com quem Nicole falou ouviu também. Ninguém, exceto Myne.

Há lendas, ele disse. Lendas dos primeiros vampiros, que tinham dons diferentes que o resto de nós tem. Alguns são raros, como o dom da parteira. Outros só estão vivos nas histórias. Como viajar através de portais ou ficar invisível.

Aparentemente isso não era uma lenda, e isso não era sua área da ciência. Riker disse que Terese não possuía a habilidade, e o pouco que sabia sobre o macho que fecundou Bastien só veio dos arquivos que ela roubara, e não mencionaram uma tendência a desaparecer no ar.

A Daedalus sabia sobre o talento de Bastien, o que explicava por que eles o mantiveram durante o tempo. Quando repassou os arquivos, ela descobriu que nos últimos vinte e dois anos, o louco vampiro reprodutor gerou trinta descendentes com vinte fêmeas diferentes, incluindo um filho com sua própria filha, de uma reprodução anterior.

Com a exceção de Bastien, as crianças foram criadas em famílias humanas, e ocasionalmente levadas para laboratórios para testes. Dois foram *sacrificados* e dissecados. Aparentemente, Daedalus tentava construir um programa de criação há anos, o que lhes permitiria a engenharia genética de vampiros que seriam dóceis e eficientes no serviço humano.

Permitiria também que eles reproduzissem seu próprio suprimento infinito de Assuntos de teste, os doadores para aplicações médicas, e qualquer outra coisa que suas mentes doentes decidissem fazer com eles. Não há mais quotas, nem

milhões de gastos para comprar os vampiros no mercado legal de leilões ou pagar caçadores para adquirir vampiros selvagens ilegalmente.

A coisa toda lhe dava náuseas. Como poderia ter deixado tudo isso acontecer? Como poderia ter tomado as rédeas de uma empresa antes de descobrir os prós e contras de cada projeto?

Você pensou que tinha tempo. Confiou que seus pais fundaram uma empresa respeitável, e confiou em seu irmão para conduzi-la até que você estivesse pronta.

Ok, então talvez tudo isso seja verdade, e talvez ela realmente possa se fazer acreditar. Mas onde ela realmente tropeçou foi na ideia absolutamente entorpecida de que se não tivesse conhecido Riker, ela sequer teria descoberto sobre tudo isso, ou não estaria tão horrorizada como estava agora.

Ela definitivamente teria parado a Daedalus, pelo menos na medida em que podia. Sem dúvida, o conselho teria feito exatamente o que eles, Chuck, em particular, já havia feito, encontrar uma desculpa para tanto descrédito e se livrar dela.

Ela sentiu um toque em seu ombro e olhou para cima para ver Bastien se juntar a ela na mesa após sua incursão na seção de história da pequena biblioteca.

— Encontrei um livro sobre vampiros e nativos americanos, — ele disse. — Morena e Grant me disseram que os primeiros vampiros eram de tribos nativas americanas.

— É verdade, — ela disse. — Todos os vampiros mais antigos nascidos têm sangue nativo americano correndo em suas veias. O líder da MoonBound está cheio de sangue Cherokee e Myne está cheio de sangue Nez Perce.

— Eu tenho sangue nativo americano?

Sim, ele tinha. De acordo com seu arquivo, o macho que o gerou era uma mistura de duas das doze tribos que foram infectadas pelo vírus primeiro: Corvo e Nez Perce. Mas, obviamente, a verdade não era uma opção, pelo menos, não agora. Algum dia, Riker poderia dizer a Bastien sobre seu verdadeiro pai, mas isso definitivamente não era para ela fazê-lo.

— Eu não sei sobre sua mãe.

Ele olhou para o livro. — Oh.

— Mas sabe, você pode perguntar a Riker sobre isso.

Seus olhos se arregalaram. — Eu não posso. — Ele balançou a cabeça. — Não quero. Não deixe que ele...

— Ei. — Ela pegou a mão dele. — Tudo bem. Você não precisa vê-lo se não quiser. Mas ele é um cara muito bom, e ele te ama.

— Alguém amou, também, — ele sussurrou.

— Alguém... amou você?

— Ele disse que sim.

A testa de Nicole eclodiu em um suor febril. Ela tinha um muito, muito mau pressentimento sobre o que estava por vir. — O que... hum... o que ele disse para você?

— Ele disse que eu pareço com minha mãe. Ele disse que ela era bonita. — As mãos de Bastien cerraram os punhos. — Ele disse que uma vez que ela estava morta e eu não tinha pai, ele seria meu pai. — Seus punhos começaram a tremer. — Ele me batia se eu não dissesse a ele que o amava também. Ele quebrou meu braço uma vez.

Nicole lutava para evitar hiperventilar. Ela queria gritar. Chorar. Queimar o laboratório de novo, mas, desta vez, com abusador de Bastien dentro dele.

A menos que seu agressor já estivesse morto. Chuck havia dito que Roland estava envolvido com o programa de melhoramento. De repente, ela estava contente por Myne tê-lo matado.

— Ouça-me, Bastien, — ela disse, concentrando-se em manter a voz calma. — Bons pais não batem em seus filhos. Riker nunca o machucaria. Eu juro. Ele é atencioso, honrado e leal... e ele te ama. — Bastien não parecia convencido, então tentou novamente. — Você confia em mim?

Bastien inclinou sobre a mesa, o menor capricho em seus lábios. — Só porque eu confio em você não significa que confio em seu julgamento.

Ela riu; surpresa por seu bom senso e sinceridade. Este era um garoto forte, inteligente, e ela teve a sensação de que com a ajuda do clã, ele seria saudável, mentalmente e fisicamente, muito em breve.

— Destruída, — ela disse. — Mas você verá por si mesmo que estou certa. Você vai, pelo menos, dar uma chance a ele?

Inclinando a cabeça, Bastien estudou. — Você o ama? Meu pai?

A pergunta a surpreendeu. Ela olhou para o teto, tentando organizar seus pensamentos e emoções, mas poderia muito bem ser impossível. O que aconteceu foi que ela estava muito apegada a Riker, e ela faria qualquer coisa para protegê-lo. Ela queria curar suas feridas, ajudá-lo a lidar com suas perdas, e de alguma

forma, remediar o que sua família havia feito não só a Riker, Terese, e Bastien, mas para todo o seu clã.

Então havia uma atração física insana entre eles, o erotismo que pulsava no ar sempre que ele estava perto. Quando ele não estava por perto, havia um vazio distinto em seu peito e uma vibração em sua barriga quando ela pensava nele. Ela nunca se sentiu assim.

Isso significava que ela o amava?

— Eu acho que amo, — ela disse finalmente, e a mais incrível sensação de libertação praticamente a tirou de sua cadeira.

Todo esse tempo, ela esteve perdida, tanto no mundo humano como no vampiro, sem saber o seu futuro e, às vezes, sem saber se sobreviveria. E agora que estava entre esses mundos, ela não se sentia mais presa. Ela era um ser humano entre os vampiros, mas se sentia muito menos sozinha do que sentia como um ser humano entre os humanos.

Bastien deu um aceno decisivo. — Então, eu vou dar uma chance a ele.

Sorrindo, Nicole se inclinou e puxou Bastien em um grande abraço. — Você vai amá-lo. Você verá.

Por um longo momento, Bastien permaneceu rígido em seus braços, tão duro que ela não tinha certeza se ele respirava. Mas enquanto ela acariciava seu cabelo e apenas o segurava, ele relaxou, e seus braços a rodearam. Ela sorriu quando ele se aconchegou mais perto, enterrando sua testa contra seu pescoço.

— Nicole? — Sua voz era hesitante, quase inaudível.

— Sim?

— Ele não vai me machucar de novo, vai? — Ele sussurrou. — Chuck não pode me encontrar aqui, certo?

O coração de Nicole parou. *Chuck?* Meu Deus, era Chuck que havia batido no garoto? Com toda a força que pôde reunir, ela encontrou sua voz.

— Não, — ela resmungou. — Ele não pode. Eu prometo.



VINTE E CINCO

Nicole. O coração de Riker martelava em seu peito ao vê-la em sua porta.

Ele se permitiu o luxo de um passeio visual lento pelo corpo dela, vestida em jeans desgastados que abraçava os quadris suavemente arredondados, a camisa verde macia que combinava com seus olhos e esboçava seus seios perfeitos. Ela prendeu o cabelo para trás com uma fivela, e seus dedos se contraíram com o desejo de soltar seu cabelo e bagunçá-lo.

— Me desculpe, por não estar muito por perto. — Ele gesticulou para ela entrar. — Estamos trabalhando vinte e quatro horas/sete dias por semana sobre o problema Shadowspawn.

Ele passou três dias inteiros nas bordas de seu território com o místico protetor do clã, Sabre, enquanto definiam novas alas e armadilhas. Shadowspawn tinha seu próprio místico protetor para identificar e neutralizar suas instalações, mas eles seriam retardados, e sofreriam lesões.

Nicole entrou, trazendo seu aroma fresco pera-gengibre com ela. — Vocês têm alguma solução?

— Não. — Ele nem sequer esperou que a porta se fechasse antes de puxá-la contra ele e acariciar a sua garganta. Ele sentiu falta disso. Fazia muito tempo desde que tiveram um momento privado juntos. — Como está Bastien? — Havia matado Riker não visitar o menino, embora o espionasse de longe quando podia.

— Ele está indo muito bem, — ela disse. — Ele é tão curioso. Lê qualquer coisa que coloca na frente dele, e está tentando muito duro ajudar a Grant no laboratório. Ele até mesmo está em seus próprios aposentos agora. E Myne está trabalhando com ele na sala de treinamento.

Riker queria ser o único a ensinar Bastien sobre a vida vampiro, sobre ser um guerreiro, e uma pontada de inveja passou por ele, embora tivesse pedido a ajuda de Myne. Riker também teve que ignorar e pedir desculpas a Myne por seu comportamento na noite da lua cheia, mas como macho que era, Myne encolheu os ombros com não mais do que um aperto de mãos e um tapinha nas costas.

— Ele parece feliz?

— Na maior parte do tempo, — ela disse. — Mas ele precisa de um pai.

O peito de Riker apertou. — Eu gostaria de saber como estar lá para ele. — Imediatamente, ele sentiu uma mudança de Nicole, e quando ela se afastou, ele entrou em alerta. — O que foi?

Um tremor a atingiu, mas ele não sabia como isso era possível, porque, de repente, parecia como se estivesse um milhão de graus no quarto. — Eu sei por que ele se apavorou quando você disse que era o pai dele.

— Estou ouvindo.

Ela mudou seu peso. Olhou ao redor do quarto. Paralisada até que ele estava pronto para arrancar as palavras dela. Mas tão impaciente quanto ele estava para ouvir o que ela tinha a dizer, ele devia a ela uma vida de paciência. Ela foi o instrumento para tirar Bastien de sua concha. Inferno, se não fosse por ela, Bastien não estaria aqui, em primeiro lugar.

— Eu nem sei por onde começar, — ela disse finalmente.

Ele passou os dedos sobre sua bochecha sedosa. — Leve o seu tempo. — Mas, *sabe, se apresse.*

— Prometa que ficará calmo, — disse, e merda, isso não pode ser bom, mas ele inclinou a cabeça em concordância solene. — Ok. — Ela inspirou e expirou. Fez novamente. — Quando eu era pequena, Chuck ficava muito comigo. Pensei que era porque ele me amava e queria passar um tempo comigo. Agora, quando olho para trás, percebo que geralmente, ele esteve apenas quando Terese estava lá. Quando ela não estava, ele sempre perguntava por ela. Eu imaginei que ele perguntasse por estar desconfortável perto dos vampiros. Ele não cresceu com eles da maneira que eu cresci.

A simples menção de Chuck fez Riker apertar os dentes. — Continue.

— Lembra no laboratório, quando ele ficou tão irritado ao falar sobre você matar Terese? — Tudo que Riker podia fazer era acenar. — Eu acho que é porque ele estava obcecado com ela. Talvez até mesmo apaixonado por ela.

A pele de Riker ficou úmida, e ficou nauseado. — Se isto é algum tipo de piada...

— Não é. — Ela mudou seu peso novamente, inquietou-se com o cabelo e engoliu várias vezes. E ela ficou olhando para os papéis sobre a mesa. Desejando fazer Origami, ele tinha certeza. — Eu acho que ele transferiu sua obsessão para Bastien. Chuck disse que seria como um pai para ele, mas quando Bastien não retornava seus sentimentos da maneira que Chuck provavelmente pensava que deveria, ele batia nele. — Ela fechou os olhos. — Pedi a Grant que olhasse, e ele encontrou uma série de lesões cicatrizadas, incluindo alguns ossos quebrados.

A revelação de Nicole atingiu Riker com a força de uma avalanche, literalmente derrubando-o um passo para trás. Uma raiva escura e indescritível esculpiu seu peito, transformando-o em uma caverna fria e insondável. Até mesmo seu coração, que batia obsessivamente rápido por Nicole, parecia ter congelado.

— Riker? — Nicole estendeu a mão, mas ele se esquivou de seu toque, não estando pronto para ser consolado pela irmã do desgraçado que havia torturado um garoto inocente. — Eu convenci Bastien que você não seria um... pai... Desse jeito. Disse que ele podia confiar em você e que você nunca o machucaria. Por favor, não vá até ele assim. Ele é tímido perto de machos, e ele associa a palavra *pai* com o que Chuck fez com ele.

Pai. A palavra que ele sempre quis ouvir uma criança chamá-lo, agora estava associada com terror e dor. Apenas quando ele pensou que os Martins não podiam mais foder com a sua vida...

Ele se concentrou em respirar. Respirar era bom. Isso o impediria de entrar em sede de sangue e percorrer toda a cidade de Seattle tingindo-a de sangue, rasgando a cidade à parte na busca do irmão de Nicole.

Ispire. Expire. Inspire. Expire.

Ele precisava ver Bastien. Ele olhou para Nicole, que deveria tê-lo consolado, mas agora, tudo que viu foi um Martin.

— Eu preciso ir. — Sua voz estava completamente em farrapos. Ele nem sequer soava como a ele mesmo. Adequado, ele supôs, porque agora, ele não se sentia como ele também.

Nicole estendeu a mão. — Podemos falar sobre isso?

Dispensando a oferta, ele foi para a porta. — Mais tarde, — ele disse, embora no fundo, suspeitasse que o que ele realmente queria dizer era *nunca*.

Riker revistou o complexo a procura de Bastien, usando o tempo para se acalmar. Quando decidiu verificar o quarto de Bastien, o seu desejo de rastrear Seattle diminuiu o suficiente para que se contentasse em matar apenas todos que Charles Martin conhecia. Então, ele passaria um ano quebrando o homem, pedaço por pedaço.

Obrigou-se a caminhar lentamente até a porta de Bastien. O menino já era arisco, se ele sentisse a raiva de Riker, cada pequeno progresso que Bastien fizera poderia ser revertido.

A porta de Bastien se abriu quando ele se aproximou, e Morena surgiu, com os cabelos castanhos encaracolados empilhados em cima de sua cabeça em um nó confuso.

— É bom ver você, — ela disse. — Bastien acabou de tomar o café da manhã. Myne deve chegar logo para levá-lo à sala de treinamento. — Ela sorriu. — Ele vai ensiná-lo a disparar com uma besta hoje.

Se isso não foi um soco no estômago. Sim, Riker pediu a Myne para envolver Bastien com a atividade física, mas Riker devia ser o único a fazê-lo. Ele deveria ensinar seu filho a atirar, lutar e caçar. — Obrigado, Morena.

Ele bateu de leve e entrou. Bastien estava encolhido no sofá com o nariz em um livro, mas quando viu Riker, ele congelou.

— Ei, — disse Riker. — Você se importa se eu entrar?

Houve uma batida de coração de hesitação e então um tímido — Ok.

— Trouxe uma coisa. — Ele foi em direção a Bastien lentamente, retardando ainda mais quando o menino ficou tenso. Riker silenciosamente amaldiçoou que Chuck, quem passaria uma eternidade no inferno. E Riker planejava mandá-lo lá.

— Você está com raiva. — Bastien avançou em direção à extremidade do sofá, e a garganta de Riker apertou com decepção e auto aversão.

— Sinto muito, meu filho, — Riker disse. — Não estou bravo com você. Estou irritado com o que aconteceu com você. Você nunca devia ter crescido da maneira que cresceu. — Ele fez uma pausa. — Você quer que eu saia?

Vários segundos agonizantes depois, Bastien sacudiu a cabeça. Alívio praticamente deixou Riker tonto. Agachou-se ao lado do sofá e estendeu o anel de Terese.

— Isso foi de sua mãe. Nicole o manteve guardado por um longo tempo, e eu acho que você deve ficar com ele.

Bastien o pegou como se fosse feito do vidro mais delicado. — Como ela era?

— Ela era linda. — Riker sorriu, lembrando seus traços finos. — Era muito quieta e tímida, até mesmo comigo.

— Você foi o vampiro selvagem que a matou, não foi? — Bastien perguntou, e Riker eclodiu em suor, *oh merda*. — Chuck disse que se Nicole não tivesse acionado o alarme naquele dia, você teria matado todos.

Espera... Nicole? A lembrança nítida desse dia quebrou em um milhão de pedaços, cada fragmento da memória mais afiada do que outra. Ele estivera a ponto de convencer Terese de sua tentativa de suicídio, quando a sirene tocou, e ela mergulhou a lâmina em sua garganta.

Nicole foi responsável pelo alarme?

O mundo caiu quando sua raiva de mais cedo rugiu novamente, e Bastien, que aparentemente era tão sensível à negatividade quanto sua mãe, encolheu nas almofadas do sofá.

Controle-se, idiota. Riker amaldiçoou silenciosamente e se obrigou a relaxar.

— Juro que não a matei, Bastien. Os seres humanos a mataram. — Agora não era o momento de dizer ao menino que ela se matou. Inferno, nunca poderia ser um momento ou houvesse a necessidade de lhe dizer isso. — Eles a levaram a morte. Você não pode acreditar em nada que eles disseram a você.

Muito precisamente, Bastien colocou um marcador no livro e guardou. — Mas Nicole é humana.

— E foi a família dela quem matou sua mãe e quem o manteve em uma gaiola por vinte anos. — Ele provavelmente não deveria ter dito isso, mas pelo menos, ele disse isso muito calmamente. Progresso.

Bastien franziu a testa. — Então por que ela está aqui?

Bem, merda. Riker havia pisado numa, não é mesmo? Ele não queria difamar Nicole, e certamente não queria destruir seu relacionamento com Bastien. Não importa o que a família dela havia feito com ele, ela ajudou o menino mais do que ninguém. Mais importante, Bastien ainda estava trabalhando em confiar em seus instintos e confiar nas pessoas. Ele confiava e se preocupava com Nicole, e fazê-lo duvidar de seu próprio julgamento poderia ser prejudicial.

— Precisávamos da ajuda dela para resgatar um vampiro sequestrado na empresa dela, — Riker disse.

— Você resgatou o vampiro?

— Infelizmente não.

— Mas Nicole ajudou, certo? — Havia tanta esperança na voz de Bastien que Riker teve de sorrir.

— Ela ajudou muito.

Bastien alisou o polegar sobre a superfície lisa do anel. — Ela ama você.

— Bem, eu não diria *isso*, mas ela poderia gostar de mim, às vezes.

— *Ela* disse isso, — Bastien insistiu.

O intestino de Riker afundou. *Ama?* Nicole havia dito a Bastien que amava Riker? Bastien deve ter entendido mal. Certamente Nicole não faria isso com ele, não esperaria que ele se entregasse a um ser humano, muito menos um Martin.

A porta se abriu, poupando Riker de pensar que ele não estava pronto para explorar isso. Myne entrou pronto para ir ao ginásio, em moletom e uma camiseta que foi esticada até os limites de seu músculo na parte superior do corpo. A mochila na mão tinha uma alça de besta para fora da abertura.

— Ei, cara, — ele disse para Riker antes de voltar sua atenção para Bastien. — Você está pronto para colocar algum músculo e, em seguida, explodir alguns furos através de alguns melões?

— Pronto. — O sorriso tímido de Bastien lembrou muito Terese, tanto que a recente raiva feia elevou sua cabeça novamente.

Myne, sempre a frente das coisas, apontou para a mochila. — Rike, você quer vir?

Por mais tentador que fosse, Riker percebeu que ele teve o suficiente com Bastien por agora. Hora de deixar o menino absorver a visita e terminá-la com uma nota boa.

— Obrigado, mas eu preciso ver Hunter. — Riker levantou e atirou uma piscadela a Bastien. — Eu te vejo mais tarde, ok? Você já teve um root-beer float¹²?

Bastien sacudiu a cabeça.

— Ah, cara, — Myne disse, — Você terá uma surpresa. Riker faz o melhor root-beer float de todos.

— Sêrio? — Bastien perguntou.

Myne assentiu. — Sêrio.

Riker nunca fez um root-beer float para Myne, e sêrio, como alguém estraga tudo? Mas ele apreciou a ajuda do macho.

— Vou buscá-lo mais tarde, Bastien, — Riker prometeu. — Eu vou lhe mostrar como entrar e sair da cozinha sem Syrena, a Tirana Colher de Madeira, capturá-lo.

O sorriso de Bastien se espalhou de orelha a orelha, e, pela primeira vez, Riker sentiu como se tivesse a chance de ser verdadeiramente um pai. Viver a vida que foi negada a Terese.

12 Bebida que vai cerveja com sorvete de baunilha.



VINTE E SEIS

Nicole passou as duas horas fazendo animais do origami e passeando ao redor dos aposentos de Riker, esperando que ele voltasse. Ele estava tão zangado e perturbado quando saiu, e Deus, ela esperava que ele estivesse bem. Uma coisa era certa, ela não sairia até que ele voltasse.

Ela apareceu no quarto dele pela oitava vez hoje, mas não havia novas imagens na parede ou bugigangas em sua cômoda nua desde a última vez que ela entrou. Bem, sua cômoda costumava estar nua. Agora era o lar de uma mistura variada de animais de papel e um vampiro de papel... ela fez. Pegando o pequeno vampiro, ela se sentou na cama, desejando que ele voltasse. Desejando que ele subisse na cama com ela e relaxasse. Ou a tomasse.

Ela aceitaria qualquer um.

O que ela realmente precisava agora, porém, era um propósito. E um futuro. Ela caiu contra um travesseiro e olhou para o teto. Neste ponto, estava certa de que não se transformaria em um vampiro, então o desafio tornou-se uma questão de como ela se encaixaria em MoonBound. Na maior parte, os membros do clã a aceitaram, e alguns, como Grant, tratavam-na como se ela já não fosse uma estranha, mas uma colega. Ela gostava especialmente de ter *ganhado* algum respeito aqui, ao invés do tratamento do pessoal da Daedalus, que era simplesmente por quem ela era.

Talvez pudesse trabalhar com Grant no laboratório. Ela passou toda a sua vida adulta trabalhando para tornar a vida humana melhor. Ela não poderia fazer o mesmo por vampiros? Pelo menos ela poderia, até sua doença progredir ao ponto onde ela já não podia funcionar. Ou até que ficasse sem remédios.

Ela ouviu a porta da frente se abrir, e agarrou mais forte o vampiro de papel, seu pulso acelerando com excitação. — Fiz uma coisa para você, — ela gritou.

As botas de Riker bateram no chão com batidas pesadas, e então ele estava na porta, sua expressão tão sombria e tempestuosa como ela nunca viu.

— Saia.

Ela se sentou, perplexa com a raiva dele. — Desculpa?

— Fora. — Sua voz gutural era tão profunda quanto trovões e tão alta. — Fora do quarto. — Ele caminhou até puxá-la da cama, e então a acompanhou até a sala. — Eu lhe disse que estava fora dos limites. Para você nunca ir ali, você entende?

Ela piscou; assustada com o comportamento dele. — Não, eu não entendo. Qual é o seu problema?

— Nada. — Ele abriu a geladeira. — Basta ficar fora de lá.

A imagem dele com Benet voltou para ela, dele segurando-a contra a parede. A parede da sala de estar. Ele disse que não esteve com qualquer mulher desde que Terese morreu. Assim... ele não tinha uma mulher no quarto, tinha?

— O quarto te lembra de Terese, não é?

Dando de ombros, ele olhou para o frigobar. — Quer uma cerveja?

Uma cerveja? Ele a arrastou para fora do quarto como se ela estivesse contaminando-o com a sua presença, e agora ele queria jogar o anfitrião educado?

— Não, obrigada. — Ela bateu o pé no chão de madeira. — Você vai responder à pergunta?

— Não.

— Droga, Riker. Você me deve isso, pelo menos.

— Tudo bem. — Ele pegou uma garrafa de um frigobar. — Sim. Aquele é o único lugar em que fizemos sexo. Ela era extremamente baunilha e conservadora. Ela não me deixava cair sobre ela ou transar contra uma parede como você deixou. É isso que você queria ouvir?

Calor coloriu o rosto de Nicole com ambas as memórias e a resposta bruta que ele deu fez soar como um insulto, e teve de limpar a garganta antes de falar.

— Ok, então o que você está dizendo? Nós podemos ter sexo, mas apenas no seu sofá? Ou contra sua parede? Talvez em sua mesa de cozinha?

Ele apertou a garrafa e abriu a tampa com uma torção violenta do pulso. Ele ainda não estava de frente para ela. Esse frigobar deve ser extremamente interessante.

— Estou dizendo que você a superou em todos os sentidos possíveis. Sexo, força, cérebro. Inferno, você até se certificou que o filho dela se importasse com você. E agora você quer tomar o quarto dela, também?

— O quê? — Nicole sentiu como se tivesse atravessado uma zona de penumbra. — De onde vem isso? — Quando ele não respondeu, ela definiu para ele, claro como o dia, porque o inferno se ela seria seu saco de pancadas para o que havia provocado essa mudança idiota. — Sua companheira se foi, Riker.

Ele se virou para ela, seus lábios curvados em um sorriso de escárnio. — Você acha que não sei disso?

— Aparentemente, não, — ela atirou. — Se passaram vinte anos. Você precisa deixá-la ir.

— Desde quando você se tornou a especialista em companheiras mortas?

Talvez ela devesse ter aceitado aquela cerveja. — Não sou especialista nisso, mas eu sei o que é perder alguém que amava. — Ela deu um passo para mais perto dele, instintivamente querendo confortá-lo, de alguma forma. — E juro que a vida é muito melhor quando você decide que é hora de seguir em frente e perdoar a si mesmo.

— Eu não posso. — Ele tomou um gole da garrafa. — Eu não vou, e você não tem o direito de me pedir para esquecê-la. Ela era uma parte da minha vida que eu não terei de volta.

Homem teimoso. — Não estou pedindo para você esquecê-la ou mesmo substituí-la. Estou pedindo para seguir em frente. — *Prosseguir comigo.*

— Você pede muito, — ele retrucou.

Seu peito se apertou dolorosamente. Sim, ela era humana, um ser humano que ainda não havia descoberto o seu próprio lugar no mundo, mas a única coisa que sabia era que ela queria encontrar esse lugar com Riker. Ela esperava que ele quisesse fazer essa viagem com ela, mas agora, dúvida pairava como uma nuvem negra sobre a cabeça.

Ela olhou para ele, em busca de uma rachadura no escudo duro que ele pôs em torno de si, sem motivo que ela pudesse discernir. Mas não havia nada para encontrar. Talvez tivesse contaminado mais do que apenas seu quarto. Talvez ela tivesse sujado seu mundo também.

— Acho que não há mais nada a dizer. — Esperando que ele não pudesse sentir o quanto estava sofrendo, ela se virou para sair.

Riker amaldiçoou, e num piscar de olhos, ela se viu empurrada contra a porta, as mãos em seus ombros.

— Você não está saindo, — ele rosnou. Engraçado, não há muito tempo ela teria se assustado com tanta ferocidade, mas agora, ela sabia que ele não a machucaria. Pelo menos, não fisicamente.

— Sim, eu estou, — ela disse, encontrando seu olhar duro com um dos seus. — Você não pode ter nós duas, Riker. Eu não serei a outra mulher.

A mão dele deslizou ao redor da sua nuca em um aperto suave, mas possessivo, e ela desejava que pudesse acreditar no que isso significava. — Você não está.

Raiva queimando brilhante e quente. — Então o que sou? Uma substituta? Um prêmio de consolação? — Seus olhos começaram a queimar, e ela rezou para não chorar. Ela precisava ser forte. Mais forte do que já foi, talvez. — Talvez seja egoísta da minha parte, mas preciso ser a número um. Não ficarei no banco traseiro para uma companheira que te deixou.

Seu lábio superior enrolou, mostrando suas presas. — Ela não me deixou. Ela morreu.

— Ela se matou! — Ela gritou; desesperada para fazer o seu ponto de vista. — Ela escolheu deixá-lo.

Riker recuou diante das palavras duras de Nicole, mas ela não podia se arrepender de dizê-las. Que Deus a ajudasse, ela não estava julgando Terese, não poderia imaginar o que a pobre mulher havia atravessado. Mas Riker precisava abrir mão de sua culpa sobre como ela viveu e perdoar a si mesmo pela morte dela.

— Sua família a matou! — Ele gritou. Ele se afastou, e em um grande movimento de seu braço, enviou a garrafa de cerveja voando pela sala e bateu na parede. — Sua família a levou. Eles a estupraram e a assassinaram, e então eles pegaram uma criança inocente e abusaram dela também. — Ele apontou o dedo

para ela, e sua voz ficou baixa, sombria, como algo saído do inferno. — E se você não tivesse acionado o alarme aquele dia...

A dor no peito tornou-se uma agonia lancinante. Como ele descobriu sobre isso? — E isso é o que despertou essa raiva, não é? — Ela resmungou. — Não importa o que eu faça, você nunca vai superar o que minha família fez, e nunca me perdoará por ter nascido uma Martin.

Não que ele não tivesse motivo para odiar a família dela. Inferno, ele tinha razão. Mas ela não era mais uma parte dessa família, e se Riker não podia ver isso, não havia nada que ela pudesse fazer para mudar a mente dele.

— Sinto muito por tudo o que aconteceu com você, Terese e Bastien. Sinto muito por tudo que a Daedalus fez a toda a sua raça, e eu gostaria de poder fazer mais. — Ela abriu a porta. — Não sei o que Hunter tem planejado para o meu futuro, mas espero que você me defenda. Gosto de estar aqui, e acho que posso contribuir para o clã.

Ela saiu de lá o mais rápido que podia, e não estava surpresa por Riker não ir atrás dela.

Filho da puta!

Riker bateu a cabeça contra a porta e ficou ali, com a testa na madeira, a mão na maçaneta da porta. O que estava errado com ele?

Afastou-se da porta e olhou para a garrafa quebrada espalhada em seus aposentos. *Merda*. Ele nunca foi explosivo, se orgulhava de seu controle. Mas desde que conheceu Nicole, suas emoções estavam irregulares, e ele não conseguia se controlar. Ele pensou que poderia lidar com o contexto familiar de Nicole, mas a revelação de Bastien de que Nicole foi quem acionou o alarme, que terminou na morte de Terese, foi o ponto de inflexão.

E então, ele chega a seus aposentos para encontrá-la no quarto. Terese foi a única mulher naquele quarto, e ter Nicole ali parecia uma traição. Como Nicole poderia pedir para ele seguir em frente, e não somente seguir em frente, mas fazê-lo com a própria pessoa responsável pela morte de Terese?

Logicamente, ele sabia que era estúpido culpar Nicole por tudo que sua família fez. Mas caramba, ele queria atacar os Martins por tanto tempo, e agora um deles

estava bem aqui... E ele dormiu com ela. Ele a beijou, alimentou-se dela, e foi íntimo com ela.

A única pessoa no planeta que ele deveria ter ficado tão longe tanto quanto possível.

Um papel amassado estava no chão perto da porta. Ele o pegou, e seu coração se sacudiu violentamente ao perceber o que era.

Fiz uma coisa para você. Nicole o chamara do quarto, com a voz cantante tão cheia de entusiasmo. Ela fizera um vampiro de origami para ele, como um presente.

E ele não apenas cortou a felicidade dela, que ele sabia que ela tinha tão pouco, mas agravou com sua idiotice, mais uma vez, culpando-a por tudo de ruim sob o sol.

Seu babaca. Você pegou a melhor coisa que aconteceu com você em anos e a transformou em um saco de pancadas.

Ele precisava fazer as pazes com ela. Precisava tirar a cabeça de sua bunda e fazer as coisas direito.

Riker foi atrás dela, mas quando estendeu a mão para a maçaneta da porta, o telefone soou, uma mensagem de Hunter, com carácter urgente.

Shadowspawn sabem que Neriya está morta. Eles estão a caminho com um grupo de guerra.

Riker correu pelo corredor. Ele não achava que suas botas estivessem sequer tocando o chão enquanto corria para a câmara de Hunter, onde os outros guerreiros sêniores estavam se reunindo, juntamente com as duas dezenas de tenentes que operavam abaixo deles. Hunter estava de pé na cabeceira da mesa oblonga, sua postura inflexível, sua expressão séria.

— Sente-se, — Hunter ordenou assim que o último sênior, Baddon, entrou. — Onde está Myne? — Ele atirou um olhar afiado para Riker, e Riker lhe deu a resposta habitual.

— Está com Bastien. Se ele viu a sua mensagem, ele estará aqui assim que puder. — Myne tinha uma tendência a ignorar Hunter, mas até mesmo ele não iria encolher agora.

Hunter permaneceu de pé enquanto todos os outros se sentavam. — Como eu disse na minha mensagem, Shadowspawn está a caminho. Um dos nossos grupos de exploração os viu antes de serem atacados pelos batedores Shadowspawn a

frente. Eles mataram Wolfgang, e Tena mal conseguiu voltar. Ela está na enfermaria, mas seus ferimentos são graves. Grant está fazendo tudo o que pode.

Os filhos da puta mataram Wolf? *Merda*. O guerreiro era um dos seus melhores arqueiros, e sua perda seria sentida por um longo tempo. Tena não era uma lutadora poderosa fisicamente, mas era magra e rápida, com uma incrível capacidade de navegar pelos galhos de árvores como uma lêmure. Os dois eram parceiros de patrulha há três anos, e apesar de não se envolverem romanticamente, eles eram próximos. Tena ficaria devastada pela morte de Wolfgang.

— Envie Nicole para ajudar Grant, — Riker disse. — Seu conhecimento da nossa fisiologia poderia ser um trunfo.

Hunter sacudiu a cabeça para Takis, que estava sentado ao lado de seu parceiro, Aiden. — Envie a mensagem a Grant com a sugestão de Riker. — Quando Takis tirou o celular do bolso do paletó, Hunter dirigiu-se à sala novamente. — Antes de Tena desmaiar, disse que um dos guerreiros Shadowspawn zombou dela com a morte ou captura de todo o nosso clã como punição por ter deixado Neriya morrer.

— Espere, — Riker interrompeu. — Como eles sabem sobre Neriya?

— Isso é o que eu quero saber, — Hunter rosnou. — Eles têm um amigo dentro da Daedalus, o que parece improvável, ou têm um amigo dentro MoonBound. — Ele passou seu olhar sobre cada guerreiro. — Se o espião está dentro do nosso clã, sua cabeça enfeitará o centro da nossa mesa durante um ano e um dia, e seu corpo alimentará aos animais.

Todos concordaram. Se qualquer coisa, a punição de Hunter para um traidor soou leve.

— E quanto a Lucy? — Riker perguntou. — Ela está com o grupo de guerra?

— Desconhecido, — Hunter respondeu. — Mas o que se sabe é que estamos sem tempo. Todos nós colocamos dezenas de opções de como lidar com Shadowspawn, mas estamos por um fio. Temos que armar todo mundo em idade de lutar e levar as crianças à nossa localização secundária.

— Se tivermos um membro simpático aos Shadowspawn, eles poderiam saber onde é o nosso local secundário, — Riker disse. — Inferno, eles poderiam ter uma emboscada esperando lá.

— Se você tem uma ideia melhor, sou todo ouvidos.

Aiden parou. — Tenho uma ideia. Lutamos até o fim. Não podemos deixá-los pegar qualquer um de nós vivo, ou vão nos escravizar, de modo que servo doméstico humano parecerá um período de férias.

Um silêncio desconfortável caiu com a realidade da situação. Sim, eles lutariam. E poderiam até acreditar que poderiam ganhar. Mas mesmo que eles tivessem a vitória, inevitavelmente lhes custariam vidas. Tanta morte e sangue entre clãs vampíricos quando deveria ser os seres humanos a estarem lutando.

Takis puxou o braço de Aiden até que ele se sentou. — Podemos enviar rapidamente as crianças e aqueles que não podem lutar. Mesmo que a localização dos nossos veículos esteja comprometida por um espião, eles podem fugir...

— Para onde? — Jaggar disse. — A floresta está cheia de caçadores e VAST, e mesmo que eles passem pelos humanos, eles estarão em campo aberto até que possam encontrar um clã amigável.

— E não há nenhuma garantia de que qualquer clã os deixaria entrar, — disse Hunter, ecoando os pensamentos de Riker. Qualquer um dos planos que eles discutiram ao longo dos últimos dias teria, pelo menos, dado uma chance a eles, não importando quão minucioso. Mas se o clã foi comprometido, todas as apostas estavam fora.

Katina amaldiçoou. — Nós nunca deveríamos ter pedido Neriya emprestado. As coisas já estavam tensas entre nossos clãs. Esta foi a desculpa de que precisavam para nos envolver.

Tensão era um eufemismo. O acasalamento de Riker com Terese foi a faísca que acendeu o fogo ardente. E mais uma vez, por causa dele, porque não conseguiu salvar Neriya, outra faísca começou uma tempestade.

Isto era culpa dele. Ele esteve tão cheio de raiva desde o dia em que se transformou em um vampiro que nada importava, apenas ferrar o inimigo. Qualquer inimigo, humano ou vampiro. Ele foi imprudente, não só com sua vida, mas a vida de todos ao seu redor. Nicole havia dito algo semelhante, e ela estava certa.

E agora, MoonBound acabaria como o clã representado na pintura, uma cena sangrenta de batalha atrás de Hunter. Extinto.

Riker respirou fundo quando um pensamento lhe veio a cabeça. Se ele começara tudo isso, ele poderia acabar com isso.

Hunter voltou-se para Riker. — O que foi?

Maldito seja ele. Como ele faz isso? — Eu sei como acabar com isso. É chato, mas é provavelmente a única chance que temos de impedir a guerra. — Ele se levantou, encontrando o olhar firme de seu líder com um dos seus. — Kars está atrás de mim desde o dia em que acasalei com Terese e o humilhei. Oferecerei a minha vida como pagamento por Neriya.

A sala explodiu em xingamentos e *Porra* e *De jeito nenhum*. Apenas Hunter manteve o silêncio, e Riker sabia que o macho procurava em seu cérebro um contra-argumento.

Mas Riker sabia que não havia nenhum. Hunter deveria saber disso também.

— E se Kars não aceitá-lo como troca?

— Ele vai.

— Você pode fazer isso, — Baddon disse; sua voz tão sombria quanto um cemitério à meia-noite, — E você é um homem morto.

— Se eu não fizer isso, então estamos todos mortos. — Riker voltou-se para Hunter. — Precisarei de sua palavra de que Bastien será cuidado.

— Claro, — disse Hunter.

— E ninguém machucará Nicole. — Ele trancou suas vistas em cada guerreiro na sala, um por um. — Todos a tratarão como um membro do clã. Posso contar com vocês?

Todos concordaram. Incluindo Hunter.

— Então, vamos acabar com isso.

Jaggar agarrou seu braço. — Tem que haver outra maneira.

Riker bateu no ombro de Jag. — Se houver, você poderá me tirar de lá. Tentarei permanecer vivo até que você consiga.

— Isso não é engraçado, cara, — Baddon rosnou. — Não é engraçado, porra.

Todos os olhos se fecharam em Riker, e muitos deles estavam vermelhos. Alguns caras balançavam a cabeça, amaldiçoando. Ele precisava sair dali.

— Vamos repensar...

Riker cortou Hunter. — Estou pronto. Alfa Mike Foxtrot. — *Adeus, Filhos da Mãe*, como seus companheiros atiradores costumava dizer. Dizer isso aos amigos significava boa sorte, mas Riker imaginou que sua sorte havia acabado. Melhor ir antes que alguém ficasse sentimental.

Que era por que não havia como Riker dizer adeus a alguém, muito menos a Bastien e Nicole. Ele gostava de pensar que era forte, mas se um ou ambos lhe

pedissem para ficar, ele se perderia. Ele se perderia, porra. E se ele aprendeu alguma coisa em sua vida, era que a última vez que visse alguém, você não quer que isso seja feio. Melhor que Bastien lembrasse de Riker como tentando acertar um relacionamento com ele. Nicole... ela se lembraria dele com raiva e ele sendo um idiota.

Mas era muito melhor do que se lembrar dele como um macho emocionalmente comprometido que ignorou seus apelos para ficar.

Ou pior, de se lembrar dela dizendo para ele ir.



VINTE E SETE

Que diabos estava acontecendo? Nicole havia saído de seus aposentos para visitar Bastien e quase foi esmagada por um grupo de homens e mulheres correndo pelo corredor. O guarda na porta dela foi embora, mas Katina derrapou em uma esquina, com os olhos prateados injetados sangue e avermelhados.

- Vamos, — Katina gritou ao passar correndo. — Bastien já está no laboratório.
- O que está acontecendo?
- Estamos levando as crianças e... ah... os seres humanos para a segurança.
- Segurança?
- Shadowspawn está chegando.

Oh Deus. Ela deixou Katina guiá-la para o laboratório de Grant, onde as crianças e alguns adultos com lesões óbvias ou doenças que os impediam de lutar haviam se reunido. Bastien pareceu estar ocupado com algo sob um microscópio, e Morena andava nervosamente ao redor do laboratório, praticamente torcendo as mãos.

Grant olhou para cima do palete, no canto, onde ele passava uma pomada em uma fêmea gravemente ferida. Ele proferiu algumas palavras sussurradas para a vampira ferida e correu para se juntar a eles.

- Eu quero ir, — ele disse. — Posso lutar.

— Desculpe, cara. — Katina colocou um pé com bota sobre uma cadeira e amarrou os laços apertados. Não escapou a Nicole que as mãos de Katina tremiam. — Precisamos de você para levar todos para a segurança.

— Pareço uma babá? — Grant fez um gesto largo no equipamento de laboratório. — Talvez eu possa dar às crianças frascos de ácidos e placas de Petri com bactérias para elas brincarem?

— Você enlouqueceu? — Katina endireitou. — Vou guardar aqueles para lanches.

— Engraçadinha, — Grant murmurou.

— Você é a coisa mais próxima que temos de um médico, — Katina disse. — Hunter precisa de você aqui. Nicole também.

Na invocação do nome de Hunter, Grant amaldiçoou, mas parou de discutir. — Nós vamos para o local alternativo?

Katina sacudiu a cabeça. — É possível que o local esteja comprometido. Plano B.

— Ocultar todos na passagem secreta? Isso será confortável.

— Vocês não precisam ir ainda. Não até saber que o complexo foi violado. — Katina tocou o dedo no punho da adaga em seu quadril. — Esperamos que não chegue a isso. Se o plano de Riker funcionar, vamos ser poupados.

Com a menção de Riker, o coração de Nicole deu um salto. Aparentemente, o corpo não obteve a mesma mensagem de seu cérebro, que ele não queria ter nada a ver com qualquer parte do corpo dela. — Plano de Riker?

— Ele dará a si mesmo em troca de Lucy e como pagamento pela morte de Neriya.

Nicole não podia falar. Mal conseguia respirar. Riker daria a si mesmo? — Ele não pode. Eles vão matá-lo!

— Provavelmente.

— Ele não pode fazer isso. Alguém tentou falar com ele sobre isso?

Frustração e tristeza derivaram de Katina... E espere, como Nicole sentiu isso? Mas não era tanto uma sensação, mas como um cheiro. Como a queima de açúcar e água estagnada.

Nicole aspirou o ar, pegando outros odores, a maioria deles identificável como ambas as fragrâncias e emoções específicas. Será que ela tem vivido em tal

proximidade com os vampiros que aprendeu a lê-los pelo cheiro? Era uma questão para Grant, mas mais tarde. Como quando eles não estiverem à beira da guerra.

— Confie em mim, — Katina disse suavemente, — Nenhum de nós está feliz com isso. Riker é um dos nossos melhores lutadores, vale por dois da maioria de nós. Vamos trabalhar em uma maneira de trazê-lo, mas agora, isso é tudo o que temos.

— O que, vocês vão trabalhar para trazer o corpo dele de volta? — As duras palavras de Nicole não eram justas, e ela sabia disso. Katina não era responsável por nada disso, mas droga, Nicole esperava que eles pudessem conversar depois que Riker tivesse esfriado de sua briga com ela.

Não, ela não via um futuro para eles, não se ele não pudesse abandonar sua raiva e culpa pela morte de Terese e o papel de sua família nisso. Mas Nicole queria estar na vida de Bastien, para reparar os pecados de sua família, o que significava que ela e Riker teriam que aprender a trabalharem juntos. E ela não podia negar seu amor por Riker. Não importa como ele se sentia sobre ela, ela não queria que ele morresse.

— Nós vamos fazer tudo que pudermos para trazê-lo de volta vivo. Eu juro. — Bastien olhou e acenou, e Katina abaixou a voz. — Provavelmente seja melhor não deixar Bastien saber o que está acontecendo.

— Claro.

— Você é legal para um ser humano, — Katina disse solenemente. — E não se preocupe. Riker certificou que todos a tratassem como qualquer outro membro do clã durante o tempo em que você estiver com a gente.

A boca de Nicole secou. Ele fez o que ela pediu e fez com que ela estivesse segura.

— Para registro, — Katina acrescentou, — Não foi difícil. Agradecemos a ajuda que você dá a Grant e Bastien, e estamos gratos pela forma como você tentou resgatar Neriya. — Ela girou em direção à porta.

A mente de Nicole correu. Ela precisava impedir Riker de fazer isso. Mas como?

Primeira coisa. Ela deveria chegar até ele. — Grant. — O vampiro olhou para ela de onde estava tentando confortar uma mãe segurando um recém-nascido. Aquela que Neriya fez o parto antes de ser levada, talvez? — Vou pegar algo no meu quarto, — ela mentiu. — Voltarei em pouco tempo.

Ela duvidava que ele acreditasse nela, mas, sobrecarregado com um laboratório cheio de gente, ele não se preocupou em discutir. — A passagem secreta está atrás da parede traseira do armário químico. — Ele apontou para a porta do outro lado do laboratório. — Se você puxar a ponta da garrafa marcada como *fermento guano*, a parede se abrirá.

— Fermento guano?

Ele encolheu os ombros. — Achei que ninguém escolheria aleatoriamente qualquer coisa que eles pensassem que tivesse cheiro de merda de morcego, super fedido.

Pensamento louco, inteligente... exatamente o que ela espera de um cientista louco.

— Voltarei em pouco tempo. — Ela correu para Bastien, que agora andava na frente da estação de lavagem. — Como você está?

Bastien engoliu. — Muitas pessoas.

Ela olhou para ele, pensando que ele havia crescido desde que chegou. Ele parecia um pouco mais alto. Ele definitivamente ganhou um pouco de peso. — Não há problema em ter medo, você sabe disso, certo?

— Não estou com medo, — ele disse. — Mas não sei o que fazer. — Ele enfiou as mãos nos bolsos das calças de brim. — Cadê meu... um... Riker?

Ah, droga. Ela deveria ter visto essa pergunta vindo. — Não sei, — ela disse, e isso, pelo menos, era a verdade. — Mas juro que ele está fazendo tudo em seu poder para manter você e todo o clã seguro. — Ela olhou para o grupo de pessoas que estavam nervosos. — E sabe o que você pode fazer? Vê todas aquelas crianças? Aposto que se você mostrar para elas os seus cartões de imagem, elas vão adorar adivinhar as formas. E tenho certeza que elas vão adorar ainda mais se você ler um livro para elas.

Os olhos de Bastien ficaram brilhantes. — Sério?

— Sim. Isso ajudaria muito a Grant.

Sorrindo, ele pegou o baralho de cartas da mesa. E então, em um movimento surpreendente, ele a abraçou. Foi um abraço fugaz, e ele corou timidamente quando afastou, mas foi bom vê-lo confortável o suficiente para mostrar afeto. Ele percorreu um longo caminho em apenas alguns dias.

Ela esperou até que ele estivesse muito ocupado com as crianças para perceber sua saída, e então correu para seu quarto, pegou um casaco que alguém

emprestou para ela até que o clã fizesse seu próximo pedido de abastecimento com seu contato humano, e foi em busca de um caminho para fora da sede. Ela só esperava que ninguém a impedisse, e, felizmente, todo mundo estava muito focado no perigo próximo para prestar atenção.

Ela caiu atrás de um grupo de machos jovens que estavam tão alegremente ansiosos e se gabando sobre quão fodões eles seriam na batalha que não notaram – ou se preocuparam – dela estar saindo. Aparentemente, os jovens vampiros eram tão arrogantes como os adolescentes humanos.

O grupo se moveu rapidamente pela floresta, e ela teve que se esforçar para acompanhá-los.

Ela soube o momento que chegou perto da linha de frente. Os animais da floresta ficaram em silêncio, e as vozes alteradas balançavam os galhos das árvores. A tensão pairava pesada no ar, uma névoa invisível que parecia espremer o ar dos seus pulmões. Quando ela subiu um morro, ela ficou acima de guerreiros MoonBound, e entre eles, em uma clareira, no que talvez fosse uma distância de 50 metros, havia facilmente três vezes mais combatentes Shadowspawn.

Onde estava Riker?

Ela correu desesperadamente através da floresta de vampiros e armas em direção à frente da multidão. A voz irritada de Hunter se levantou acima das outras, seguida por outra voz igualmente alta, e ela se perguntou se ele falava com o líder do outro clã. Ela estava quase na frente quando uma mão caiu sobre seu pulso e a puxou para o lado.

— Não. — A voz de Myne era um rosnado baixo em seu ouvido. — Você só vai piorar as coisas para ele.

Ela abriu a boca para perguntar o que ele estava falando, quando duas pessoas se moveram, criando uma lacuna através da qual ela viu o que Myne tentava esconder dela.

Riker estava ajoelhado com a cabeça inclinada na frente de um forte macho Shadowspawn segurando um taco manchado de sangue, os pulsos amarrados atrás das costas, uma corrente enrolada ao redor do pescoço, e sangue escorrendo pelo rosto.

— Não, — ela resmungou. — Não.

Riker levantou a cabeça e seu coração parou. Ele poderia tê-la ouvido falar? Os dois vampiros fecharam a lacuna. Ela lutou contra o aperto de Myne, mas

poderia muito bem estar tão acorrentada como Riker. Myne a segurou contra seu corpo grande, seu aperto deixaria contusões.

Ela ouviu um barulho, o baque nauseante de algo duro e contundente. Um coro de rosnados irritados e maldições agitaram as fileiras de MoonBound. O rosnado de Myne silenciou a todos.

— O que está acontecendo?

Myne a segurou firme, ignorando-a, quando um novo som se levantou, como se uma manada de cavalos estivesse circulando. Nas pontas dos pés, ela olhou para o inimigo, que fazia exatamente o que parecia. O clã inteiro estava ao redor de MoonBound.

De repente, o inimigo desapareceu, fundindo-se com a floresta. A última coisa que viu foi Riker, sendo arrastado pelos pés para a mata.

— *Riker!* — Seu grito rouco foi interrompido pela mão de Myne sobre a boca dela. Ela chutou, gritou do fundo da garganta, o golpeou com os punhos, mas ele só a segurou mais firme contra ele para parar a sua luta.

— Ele se foi. — A voz triturada de Myne soou como se tivesse sido arrastada sobre pedras afiadas com Riker.

— Nós temos que fazer alguma coisa. Nós temos que...

— Não há nada que você possa fazer. — Myne a soltou, mas ele pairou perto, preparado para agarrá-la novamente. — Mas eu farei esses filhos da puta pagarem, Nicole. Eu prometo.

Raiva, diferente de tudo que Nicole já sentiu, brotou. Ela passou toda a sua vida à deriva, apaixonada pelo campo científico que escolheu, mas sabendo que ela seria forçada a uma posição na empresa, a qual ela não queria. Desde que foi capturada por Riker, ela aprendeu a odiar essa empresa, desejar a sua destruição.

Mas agora ela não deixaria que sua vida inteira fosse para o lixo. Daedalus faria algo de bom pela primeira vez.

Daedalus ia salvar a vida de Riker.

Nicole não dormiu a noite toda.

Ela lutou com Myne até a exaustão, o que a deixou tão entorpecida e cansada, que quando a trouxeram para a sede do clã, ela mal conseguia pensar, quanto mais

movimentar. Ela deixou uma das fêmeas, Alina, levá-la para seu quarto, onde uma dor de cabeça latejante e náusea se juntaram à exaustão enquanto se debruçava sobre os arquivos que roubara de Daedalus. Certamente gostaria de encontrar algo para levar para Shadowspawn, talvez informações sobre onde encontrar os membros do clã levados pela empresa.

Até agora, nada.

Ela se deparou com um monte de investigação fascinante, mas nada de uso potencial para trazer Riker de volta.

Em seis horas, enquanto lutava para manter os olhos borrados abertos, um pen drive caiu de um dos arquivos. Esperando que a caminhada até o laboratório a ajudasse a acordá-la, ela passou pelos salões desolados que deviam estar movimentados com vampiros vindos de caças noturnas. Em vez disso, havia apenas silêncio. O clã foi poupado de uma batalha terrível, mas a perda de Riker lhes atingiu fortemente.

Isso a atingiu fortemente.

Estimulada por renovado desespero, ela correu o resto do caminho até o laboratório, onde encontrou Grant inserindo dados em um computador.

— Você parece uma merda. — Ele olhou para ela por cima da tela do computador quando ela se sentou na frente do laptop sobre a mesa dele. — Você está bem?

Não, ela não estava. E não estaria até Riker estar de volta. — Eu estou bem. — Ela colocou o pen drive no computador.

— Você soa como merda também, — acrescentou Grant. Tão útil. — Conseguiu dormir?

Várias dezenas de arquivos apareceram na tela. — Dormi como um bebê.

Todos os arquivos pareceram estar relacionados com o programa de melhoramento. Ela se preparou para uma grande quantidade de dados perturbadores.

A cadeira de Grant rangeu quando ele ficou de pé. — Vou pegar um pouco de café.

— Obrigada, — ela murmurou, — Mas meu estômago não está bem hoje. — Como se para confirmar suas palavras, uma onda de náusea a atingiu com força suficiente para fazê-la curvar.

Grant fez uma careta para ela. — Você comeu?

— Eu não acho que possa. — Ela estava sendo derrubada por alguma coisa? Ela não podia se dar ao luxo de ficar doente. Agora não. Não quando Riker podia estar morrendo.

— Vou pegar alguma coisa. — Grant se dirigiu para a porta. — E não discuta, — acrescentou, quando ela abriu a boca para fazer exatamente isso.

Suspirando com resignação, ela voltou para a tela do computador e clicou em um arquivo chamado *Notas de Fraser*. Dr. Fraser era um colega, um fisiologista vampiro cujo trabalho no campo levou a grandes avanços na medicina humana, incluindo uma cura para o diabetes tipo 1. Mas mesmo entre as fileiras de seus colegas cientistas, seus métodos foram considerados questionáveis, e recentemente ele foi atacado por grupos de direitos dos vampiros que alegaram que ele estava matando e torturando vampiros desnecessariamente.

Nicole esfregou os olhos doloridos enquanto examinava os documentos do processo. Fraser havia agrupado as estatísticas médicas de cada mulher que concebera no laboratório e, em seguida, comparara os dados contra aquelas que não engravidaram. Curiosamente, a taxa de concepção no laboratório foi maior do que entre os vampiros em estado selvagem.

Fraser concluiu que ser amarrado e obrigado a copular aumentava as chances de concepção, mas não sabia exatamente por que.

Fraser era um idiota.

Um forte pulsar começou a perfurar dentro de sua cabeça, e oh, sim, ela ia gripar. Talvez quando Grant voltasse, ele pudesse lhe dar uma aspirina.

Nicole massageou as têmporas enquanto tomava notas em um bloco de papel. Só as mulheres que foram alimentadas com sangue retirado de machos na noite da lua nova ficaram grávidas, mas nem todas as que beberam o sangue conceberam.

Suor floresceu em sua testa. Por que estava tão quente aqui?

Limpou a testa e voltou para a pesquisa, achando curioso que as mulheres que engravidaram também lutaram o mais fortemente quando foram levadas à câmara de criação. A conclusão de Fraser foi que em seu estado natural, as fêmeas lutaram pelos machos, provocando aumento nos hormônios.

Nicole achou isso uma besteira. Não fazia sentido. Jogo duro... Talvez jogo de dominância poderia acontecer entre as espécies animais, quando as fêmeas eram receptivas aos machos, mas as fêmeas no laboratório não estavam *brincando*. Elas

estavam lutando por suas vidas. Isso não aconteceria na sociedade normal vampírica.

Mas, então, sociedade normal vampírica viu uma taxa de natalidade infelizmente patética.

Droga. Ela estava perdendo algo importante aqui. Mas sua cabeça girava, e as luzes escureceram até o ponto onde ela estava tendo dificuldade em ver a tela.

— Nicole? — A voz de Bastien veio de algum lugar atrás dela. — *Nicole.*

Algo a atingiu como uma batida de corpo inteiro por um ônibus. O chão. O piso saltara para cima e a atingiu. Ela não podia ver, e, de repente, mal podia respirar.

— Socorro! Alguém ajude! — Bastien estava mais perto, talvez até mesmo tocando em seu ombro.

Ela ouviu vozes mais altas, passos correndo, maldições, e então alguém a pegou. Palavras tocaram em seu ouvido. Ouviu, mas não poderia compreendê-las.

— É tarde demais. É tarde demais? — A voz de Grant, pensou.

— Merda. — Myne com certeza.

— Depressa, caramba, — Grant insistiu. — Ela está morrendo.

— Não deixe que ela morra! — Esse, ela tinha certeza, era Bastien.

A enorme explosão de dor fragmentou cada célula. *Meu Deus*, era como se cada osso estivesse quebrando e cada fibra muscular estendesse até o seu limite e, em seguida, encaixasse. Agonia como ela nunca conheceu tornou-se todo o seu mundo, até que felizmente, a vida como ela conhecia... terminou.



VINTE E OITO

Myne correu pelo complexo, coxeando com a fêmea inconsciente em seus braços. Grant teve que segurar Bastien, o menino ficou louco, expôs as presas, raivoso quando Myne tentou tirar Nicole do laboratório. Nada que Myne disse convenceu Bastien que ele não ia ferir Nicole. O garoto foi longe demais com o instinto de proteção, como um cão de pé perto do corpo do seu dono, defendendo-o mesmo contra os paramédicos que vieram para ajudar.

Myne só esperava que ele pudesse ajudar. As manchas prateadas se formando nos olhos de Nicole era um sinal claro de que ela estava no meio da mudança de humano para vampiro, mas ele nunca viu isso acontecer tão de repente, e definitivamente não depois de uma semana sem nenhum sintoma. Normalmente, os seres humanos mostravam sinais dentro de horas após serem apresentados ao vírus, e ficavam doentes por semanas enquanto seus corpos mudavam. Inferno, a transição completa poderia levar até um mês.

Nicole parecia estar no meio do caminho, e, tanto quanto sabia, ela só esteve doente durante horas. Isso poderia ser ruim. Realmente ruim, merda.

Seu primeiro instinto foi a de entregá-la a Hunter, mas antes de Riker se oferecer ao líder do Shadowspawn, ele pediu a Myne para cuidar de Nicole. Myne teria recusado, mas como ele poderia recusar um cara que salvara sua vida?

E quem estava caminhando para a morte certa.

Merda.

Dirigiu-se para seus aposentos, mas quando chegou à porta, mudou de ideia. Ela precisava da melhor chance de sobrevivência que ele pudesse dar a ela, e mantê-la em algum lugar estranho era uma ideia pobre. Neste momento, ela precisava de Riker, então ele daria a ela a coisa mais próxima do melhor.

Ele entrou nos aposentos de Riker e a colocou cuidadosamente sobre a cama. Ela gemeu e rolou para o lado, enrolando em uma posição fetal. Ela estava queimando, sua pele tão quente que nem sequer suave.

Debruçando na cama, ele curvou o lábio superior e expôs os caninos dela. Suavemente ele tocou a ponta do dedo em cada um. Eles sacudiram sob seu toque, afrouxando conforme as presas de vampiro crescendo por trás substituíam o dente humano.

— Nicole? Você pode me ouvir?

Ela soltou outro gemido, e seus olhos se abriram. As íris verdes se nublaram e os brancos ficaram vermelhos quando os vasos sanguíneos dentro deles explodiram.

Era neste ponto que os humanos infectados, caso fossem deixados sozinhos, morriam ou se juntavam o suficiente para atacar qualquer coisa que se movesse, a fim de beber seu sangue. Poucos sobreviviam caso encontrassem apenas animais. Mais sobreviveriam se bebessem de seres humanos. A melhor chance de sobrevivência era beber de um vampiro, e melhor de tudo se fossem as plaquetas poderosas de um vampiro nascido.

Isso não era algo com o que Myne estava confortável. Se Nicole sobrevivesse, ele estaria ligado a ela para sempre, quando ele nunca se associou a ninguém, apenas a seu irmão. Se ela morresse, ele teria falhado com Riker, a única pessoa que já considerou um amigo.

Expirando em uma maldição, ele a despiu, deixando de sutiã e calcinha, em parte para ajudar a esfriar seu corpo e em parte porque seu corpo mudaria, e a roupa poderia restringir o fluxo de sangue. Nua seria melhor, mas ele percebeu que poderia ir por esse caminho mais tarde, se necessário.

Ele só esperava que não chegasse a esse ponto. Se Nicole sobrevivesse, ela não teria a necessidade de passar o resto da sua vida sabendo que ele a viu nua. Embora não soubesse se vê-la assim fosse melhor. O sutiã preto foi feito para caber na palma da mão de um macho, e sua calcinha azul, embora não a coisa mais sexy

que ele já viu, cobriu um fundo arredondado que ele admitiu admirar cada vez que a viu nas calças jeans com o buraco sob o bolso de trás.

Ele sempre foi um homem bunda, e Nicole tinha uma espetacular.

Myne desviou o olhar com outra maldição. Ele não era especialmente nobre, nem sequer teve que fingir respeitar sua modéstia, mas Riker era seu amigo, e Myne não comeria com os olhos a fêmea impotente de seu único amigo.

— Riker, seu bastardo de sorte, — ele murmurou enquanto colocava seu pulso na boca e rasgava a veia com os dentes de titânio; então ele embalou a cabeça de Nicole em uma mão e colocou a ferida na boca dela.

Ela recuou, golpeando-o.

— Vamos lá, — ele pediu a ela, mas sua luta só ficou mais feroz. Ela deu uma joelhada na virilha dele, e filho da puta, isso dói.

Ele estava tentado a revidar. Não mais o Sr. Cavalheiro. Ele nunca era bom no que faz, de qualquer maneira.

Com um grunhido, ele caiu em cima dela e rolou os dois para que ele estivesse atrás dela, as pernas apertadas em torno de suas coxas, os braços prendendo o dela de forma a segurar enquanto ele forçava seu punho contra a boca dela.

De repente, ela empurrou e parou de lutar. Graças aos espíritos dos deuses. Seus lábios se fecharam em seu pulso, e ela começou a tomar seu sangue.

Excelente. Agora ele precisava ficar com ela, alimentá-la quando ela precisasse de sangue, segurá-la enquanto passava por mudanças agonizantes. Ele só esperava que ela não exigisse seu corpo, bem como o seu sangue. Ela era bonita, apaixonada, inteligente... tudo o que ele sempre quis em uma mulher.

Ela também era de Riker. Não importava que Riker não estivesse aqui. Não importava se nunca mais o visse.

Esta era a mulher de Riker, ele tendo a reclamado ou não, e Myne a trataria dessa forma.

E isso significava mantê-la viva e intocada.

— Beba, — ele murmurou no ouvido dela.

Gemendo, ela se contorceu para mais perto dele, colocando-se na curva de seu corpo. Ele amaldiçoou quando seu corpo endureceu, reagindo à consciência de uma fêmea linda esfregando-se contra ele, e amaldiçoou mais forte quando o seu peito apertou com uma sensação ainda pior: a solidão.

Ele não deveria gostar da sensação de proximidade, de prender alguém que não pertencia a ele, mas, caramba, isso era bom. Ele não ficava com as fêmeas muitas vezes, não quando sua mordida causava uma dor insuportável, e ele definitivamente não chegou a salvar uma vida... nunca. Nicole estava dependendo dele para sobreviver, e ele começou a tremer com a magnitude de tudo.

Riker, ele sussurrou. Se você voltar e não acasalar com esta fêmea antes do próximo amanhecer, eu mesmo vou matá-lo.

Claro, isso era se Riker não o matasse primeiro por ficar furiosamente excitado pela sua fêmea.

Nicole estava morrendo de fome.

Ela rolou, gemendo com as dores em seu corpo. Nossa, ela esteve em algumas rodadas em um ringue de boxe? Se assim for, ela perdeu a luta.

O cheiro de couro terroso de Riker a cercava, tanto para consolá-la e deixá-la ainda mais com fome. Seu estômago roncou, e no fundo, outra fome pulsava, uma sexual, que pulsava mais quente entre suas coxas.

As duas necessidades entrelaçadas, tornando-se uma entidade monstruosa que exigia satisfação. Era como se nove décimos de seu cérebro estivessem operando apenas por instinto, e ela precisasse lutar para conseguir o décimo restante para focar o pensamento racional.

Através de uma névoa de fome e luxúria, ela estendeu a mão para Riker, encontrando-o ao lado dela. Ela abriu os olhos, mas só viu escuridão, breu. Ela provavelmente deveria ter medo, mas a lasca racional do cérebro estava sendo rapidamente engolida por compulsões primitivas. Ela queria subir em cima de Riker, fechar a boca sobre a garganta dele, e...

— Ai! — Uma agulhada de dor picou seu lábio. Ela enxugou o ponto com o dedo, sentindo a viscosidade morna distinta de sangue. Ela lambeu a punção antes de tocar na ponta da língua para a ponta, a ponta de seu dente canino. Em seguida, a outra.

Eram... Oh, Deus, sim, eram.

Ela tinha presas.

Sua respiração prendeu em sua garganta. Seu coração, que teria quase dobrado de tamanho durante a sua transformação, bateu de forma irregular contra uma caixa torácica que ela sabia que também se expandiu, e cresceu um conjunto extra de ossos.

Putá merda, *ela era uma vampira*.

Uma mistura confusa de emoções caiu sobre ela em uma onda violenta: o medo do desconhecido, o alívio de ter sobrevivido à transformação, e tristeza por cortar a última ligação com a humanidade que lhe restava. Não importava que ela tinha os olhos abertos para o mundo dos vampiros. Ela nasceu humana, mas morreria uma vampira, e esse era um conceito difícil de entender, especialmente quando uma nova onda de fome esmagou sua capacidade de pensar.

Necessidade que se tornou uma sacudida de dor riscou de sua barriga para os dentes. Chorando, ela enrolou em si mesma. Mãos desceram sobre ela, e de repente, era como se soubesse exatamente o que fazer.

Ela mergulhou na garganta de Riker, arranhando seu caminho até seu corpo. Um grunhido gutural ecoou em seus ouvidos. Dela? Ela estava realmente rosnando?

— A sua língua, — ele murmurou. — Toque sua língua atrás de suas presas.

Sobre o que ele estava tagarelando? Ela não se importou. Ela precisava de comida. Assobiando, ela abriu a boca, pronta para perfurar com suas presas qualquer coisa que viesse a pouca distância.

Dedos se fecharam em sua mandíbula, forçando o rosto e apertando com força suficiente para fazer seus olhos arderem.

— Sua língua, — ele repetiu com firmeza. — Faça, ou você não come.

Comida. Ela precisava comer. Ok, espere, a coisa da língua. Apressadamente, ela sondou atrás de suas presas, e há, logo atrás de cada uma, um ponto fraco. Ela pressionou e gemeu quando um formigamento erótico propagou ao longo de seus dentes.

— Boa menina, — ele murmurou, encostando-se e lhe permitindo atacar.

Como se tivesse sido alimentada assim toda a sua vida, ela mordeu profundamente na carne. A corrida quente, inebriante de líquido encheu sua boca e deslizou em sua garganta como seda. Seu corpo sacudiu como se tivesse ligado ela mesma a uma tomada elétrica, e conforme sua fome de sangue começava a diminuir, outra a fome a inundou.

Não importava que Riker não a quisesse. Agora, tudo o que importava era satisfazer os impulsos insanos que torciam suas entranhas.

Alcançando entre seus corpos, ela espalmou o grosso vulto atrás do zíper. Ele sugou o ar e se arqueou, pressionando-se em seu toque. Um segundo depois, ele rosnou uma maldição vil e prendeu o pulso dela com os dedos.

— Não.

Não? Ela choramingou, não entendendo por que ele lhe negaria algo que ela tanto precisava, que ela não conseguia parar de balançar seu sexo contra o dele. O deslocamento, a energia inquieta dentro dela exigia liberação. Exigia uma fusão de corpos e sangue.

Freneticamente, ela se contorcia em busca de alívio, que estava apenas há duas barreiras finas de roupas. Ele gemeu quando ela aterrou em cima dele, e então, de repente, ela estava de costas, e ele se foi.

— Riker? — Sua voz soou como se tivesse sido arrastada atrás de um carro em uma estrada de cascalho. Sentando-se, ela inalou, mas ao lado do cheiro terroso de Riker tinha um cheiro distinto de grama do prado e pele quente almiscarada. — M-Myne?

— Sim. — Ele estava ofegante, e ela podia sentir tanto o cheiro de desejo quanto de angústia vindo dele em ondas alternadas. — Riker não está aqui.

Confusa, ela se sentou ali, tentando juntar as peças deste quebra-cabeças bizarro. Por que estaria no quarto de Riker, quarto escuro, ela tinha certeza, com Myne? E... Ela estava de calcinha? Tocou-se, confirmando a calcinha e sutiã de vovó, e foi inundada com mortificação.

— O que está acontecendo? — Ela finalmente conseguiu.

Ela ouviu o som distinto de botas arranhando o chão de madeira. — Você desmaiou no laboratório. Esteve apagada durante quatro dias.

Ela franziu a testa. — Mas... Riker?

— Shadowspawn, lembra?

Tudo voltou em uma corrida vertiginosa, nauseante. Riker estava com problemas, e ela precisava ajudá-lo. Era por isso que ela estava no laboratório. E merda, quatro dias se passaram? Tanto tempo... ele poderia estar morto agora.

Ela se debateu sobre o colchão em uma corrida descoordenada, tateando por suas roupas. Onde elas estavam? Ela precisava encontrá-las, precisava ajudar Riker...

— Ei. — Os braços de Myne vieram ao redor dela. — Quieta. Você não pode se mover muito rápido até que se acostume com seu novo corpo.

Novo corpo. Ela congelou quando a sua nova realidade afundou. Era realmente uma vampira, e este era o início de uma nova vida. Um novo conjunto de regras.

Abrandando com tudo que se aproximava dela, forçou-se a relaxar, mas só um pouco. Precisava encontrar o rumo se fosse se recuperar rapidamente e salvar Riker.

— Como isso aconteceu? — Ela resmungou. — Eu estava livre de sintomas por alguns dias.

Myne se afastou dela, e um momento depois, ele colocou um cobertor de lã sobre os ombros. — Grant acha que a imunização de Chuck atrasou os sintomas, mas acelerou a processo. Ou isso, ou o que fez você reagir tão mal à vacina original que recebeu quando criança também reagiu à recente. — Sua voz abaixou, quase a um sussurro. — Houve duas vezes que pensamos que íamos perder você.

Ela engoliu em seco, ainda o provando na sua língua. — Você esteve comigo o tempo todo?

— Sim. — Sua respiração ainda estava difícil, e agora ela entendeu o porquê.

Ela praticamente o atacou. Gemendo, ela caiu no colchão e cobriu os olhos com o braço. — Sinto muito, — ela murmurou.

— Tudo bem. — Ela o ouviu embaralhar ao redor do quarto. — Você não pode ver ainda?

— Não está escuro aqui? — Apoiando-se sobre um cotovelo, ela olhou para a escuridão. Um tom de cinza provocava as bordas de sua visão, e, gradualmente, ela podia distinguir sua forma sombria perto da cômoda. — Posso ver formas agora.

— Bom. Sua visão virá totalmente em breve, dentro de meia hora ou assim. — Moveu-se para a porta. — Eu trouxe comida para você. Está na cozinha. Irei pegar se quiser. Vou deixar meu número de celular sobre o balcão. Você precisará de alguém para ajudá-la a atravessar estas próximas semanas. Se precisar de uma fêmea para... coisas de fêmeas, Katina vai ajudá-la.

Ela sabia que ele estava desesperado para fugir dela, e não o culpava. — Obrigada Myne. Agora, eu só quero um banho.

Silêncio mortal. Em seguida, um estridente — Quer ajuda? Você estará tão desajeitada como um potro recém-nascido por um tempo.

Calor cobriu o rosto com o pensamento de Myne ajudando-a no chuveiro. —
Eu dou conta. Mas, Myne? Obrigada por tudo que você fez.

— Eu fiz isso por Riker, — ele disse asperamente. — Devia ter sido ele.

Ela concordou. Mas ela se perguntou se Riker se sentiria da mesma maneira.



VINTE E NOVE

Ser uma vampira estava tomando um monte de tempo para se acostumar. Principalmente porque, na medida em que Nicole poderia dizer, não havia muitas desvantagens, e isso a incomodava. Ela não tinha certeza do que esperava.

As presas eram incríveis. Então, também era a energia extra, velocidade e força que veio com se transformar em uma vampira. Nicole ainda não estava acostumada com os olhos prateados ou ter que beber sangue humano, mas supunha que viria com o tempo.

Ela esperava. Estava tendo dificuldade em aceitar o fato de que a mera visão de sangue a deixasse com água na boca. Era uma coisa não ser incomodada, era outra completamente diferente atacar um pacote de sangue e alimentar como um wolverine¹³ faminto.

Agora ela era a mesma coisa que desprezou por tanto tempo, e o que isso dizia sobre ela não se importar? Na maior parte, os membros do clã a aceitaram, mas ela percebeu que levaria tempo para ganhar totalmente a confiança deles. Ninguém estava mal-intencionado, mas alguns não a deixavam se afastar do seu papel como



CEO da Daedalus. Suas perguntas e comentários eram bruscos, mas não injustos. Ela respondeu com simples honestidade, não importando quão difícil fosse.

Quantos vampiros você matou?

Nenhum.

Quantos você disseçou?

Dezenas.

Quantos escravos que você possui?

Nenhum.

Você dormia bem à noite, sabendo o que a sua empresa estava fazendo?

Com exceção de alguns pesadelos, sim.

O que você fará se pegarmos o seu irmão? Você intercederá por ele?

Não vou vê-lo morrer, mas não ficarei no caminho de ninguém.

Você tem algum arrependimento?

Sim.

Você está orgulhosa de si mesma?

Na verdade, sim. Eu curei o câncer. Desenvolvi tratamentos que salvaram muitas vidas humanas. E agora, eu pretendo usar o que aprendi na Daedalus para ajudar vampiros. Então me morda.

Morder você? Agora ou na próxima lua cheia?

Ok, então ela precisava aprender que os vampiros levavam coisas como *me morda* muito literalmente, e ela teria que observar o que dizia. Mas, caso contrário, ninguém poderia dizer que ela estava se encolhendo para longe de ambos, o bem ou o mal, que ela havia feito. Todo mundo no clã era bem-vindo para interrogá-la sobre seu passado, e quanto mais cedo melhor. Ela queria que o ar aliviasse para todos, incluindo ela, para poder seguir em frente.

Mas seguir em frente pode não ser tão fácil com Myne. Ela não foi capaz de encará-lo desde que ele a deixou sozinha na casa de Riker há dois dias. Ele não fez um esforço para vê-la, tampouco. Pelo menos, Katina foi de inestimável ajuda para navegar no novo mundo que Nicole acabara de entrar.

Amanhã, Katina planejava ensinar Nicole como caçar seres humanos.

Com alguma sorte, Nicole não estaria disponível para aprender. Pelo menos, não tão cedo.

Ela ficou diante de Hunter no quarto dele, perguntando-se como o cara reagiria ao anúncio dela. Ele realmente não gostava dela quando era humana, e ela

ainda não poderia obter uma leitura dele. Especialmente porque, no momento, ele estava deitado em seu sofá de couro, o controle de vídeo game na mão, xingando o dragão roxo que voava pela tela da TV. Estranho, embora ele estivesse imerso em um jogo de desenho animado, a aura vibrante de poder e liderança que sempre o cercava não diminuiu, nem um pouco.

— Spyro está voando como se estivesse bêbado, — ele murmurou. — Que porra é essa, cara. *Através* dos anéis, não sobre eles.

Ela olhou para a tela. — É um jogo infantil?

— É classificado para *todas* as idades, — ele disse na defensiva. — Por que você está aqui?

Direto, então. — Quero ir para Shadowspawn.

A cabeça de Hunter levantou, fazendo com que sua cortina de cabelos negros como a seda balançasse sobre os ombros largos. — Você o que? Você não pode simplesmente passar de um clã para outro como seres humanos se deslocam de cidade para cidade. E se isto é para ficar com Riker, confie em mim, você não ficará com ele.

Não, não era para ficar com ele. Ele deixou bem claro que não queria ficar com ela. Mas isso não significa que ela não queria ajudá-lo. Deus a ajude, ela o amava. — É para salvar os dois. Riker e Lucy.

Ela não podia acreditar que Shadowspawn se recusassem a desistir da garota. O que eles poderiam querer com ela?

— Porra. Agora eu estou morto. — Ele deixou a manete cair. — Estou trabalhando em uma maneira de tirá-los de lá.

— Sério? Porque parece que você está jogando vídeo game enquanto Riker e Lucy poderiam estar feridos, sofrendo ou mortos.

Uma veia na têmpora de Hunter pulsou, e quando falou, seu tom era glacial. — Eu deixarei passar, já que você é um bebê em nosso mundo. Mas você deve saber que eu penso melhor quando estou jogando vídeo game. — Ele se levantou, forçando-a a esticar o pescoço para olhar para ele. — Agora, o que a faz pensar que você pode ajudar Riker?

A maneira como ele disse, como se brincasse com uma criança que queria curar o mundo com uma festa de chá, a irritou. Muito. — Qual é a única coisa que perturba a sua raça? — Ela perguntou um pouco impaciente, se seu olhar

fulminante fosse qualquer indicação. — Além dos seres humanos matando e escravizando vocês, de qualquer maneira.

— É a sua raça agora também, — ressaltou.

Quanto tempo seria necessário para ter isso em sua cabeça? Ela precisava começar a pensar como uma vampira se quisesse sobreviver. E se quisesse provar a si mesma para todos aqueles que têm dificuldade em ver além de suas raízes Daedalus.

— Ok, *nossa* raça. O problema que a aflige?

— Baixa taxa de natalidade, — ele disse.

— Exatamente. Quanto você acha que bebês valeriam para os Shadowspawn?

Hunter estreitou os olhos de ébano para ela. — Onde você está querendo chegar?

— Grant e eu temos nos debruçado sobre os arquivos que tirei do laboratório... Há muito mais, mas acredito que Daedalus descobriu por que vampiros têm dificuldade em conceber e dar à luz. É sobre isso que tem sido as experiências de reprodução.

— Eles *querem* que os vampiros concebam? — O ceticismo dele soou claro como um sino.

— Não. Bem, sim, porque o objetivo é domesticar completamente vampiros. Tornando-os dóceis, criaturas inofensivas e, em seguida, criá-los como gado. — Ela observou suas mãos abrirem e fecharem em punhos mais e mais, e se perguntou se ele imaginava apertar qualquer ser humano, ou a particular vampira recentemente entre eles. — É muito trabalho e muito caro pegar vampiros selvagens e escravizá-los. Risco muito grande quando as coisas vão mal. E só os ricos podem pagar pelos escravos vampíricos.

— Mas se eles criam seus próprios bonecos covardes irracionais, eles poderiam produzi-los em massa e fazer uma fortuna vendendo para o cidadão médio.

— Exatamente.

Hunter rosnou. — Eu odeio os seres humanos.

Não muito tempo atrás, ela se sentiria insultada. Agora, ela estava bem ali com ele.

— Então, qual é o seu plano? — Hunter perguntou todo negócio e impaciência.

— Prometo aos Shadowspawn tantas gravidezes eles desejem em troca de Riker e Lucy. E não se preocupe, eu garantirei que Grant tenha todas as informações que

ele precisa para ajudar MoonBound a fazer bebês também, apenas no caso de alguma coisa correr mal com Shadowspawn e eu também... não seja capaz de voltar.

— Não.

Ela soltou uma maldição exasperada. — Como você pode dizer não? Esta é a melhor oportunidade que temos de conseguir que Riker saia de lá vivo, e você sabe disso.

— Ele não iria querer isso, Nicole.

— Não me importa o que ele quer. Ele não está aqui para tomar a decisão, não é? — Ela se virou, andou alguns passos, e voltou, mais determinada do que nunca. — Esta é a minha escolha. Se não concordar, eu encontrarei uma maneira de fazer isso. Não sou nada se não engenhosa, Hunter. Saí daqui antes, e posso fazê-lo novamente. Então, ou eu faço isso com o seu apoio, ou irei sozinha. Qual vai ser?

Hunter pensou nisso por um longo tempo, seu olhar astuto nunca a deixou. Finalmente, ele disse calmamente: — Quando você quer ir?

— Preciso de um dia para obter tudo.

Houve uma batida na porta, e Hunter latiu, — Entre.

Myne apareceu na porta. Ele não encontrou o seu olhar. — Nicole me deixou uma mensagem para encontrá-los aqui.

Hunter cruzou os braços sobre o peito e lhe lançou um olhar acusador. — Ela deixou?

Ela assentiu com a cabeça. — Quero que Myne me leve. — Por alguma razão, Myne sacudiu como se tivesse sido preso com um marcador de gado.

— Levá-la? — A voz de Myne parecia estrangulada.

— Para Shadowspawn, — Hunter disse, e Myne soltou um suspiro aliviado antes de enquadrar sua postura, como se preparando para o perigo. — Mas vocês não vão sozinhos. Eu vou com vocês.

— Isso é sobre Riker e Lucy? — Myne perguntou.

Nicole fechou os olhos, aliviada e feliz por ser capaz de ajudar. — Eu acho que posso salvá-los. — Ela abriu os olhos para descobrir que Myne estava finalmente olhando para ela, mas suas bochechas estavam rosadas. — Também tenho algo que eu acho que você pode usar. — Ela se deu cinco segundos para mudar de ideia, e, em seguida, disse muito deliberadamente, — Chuck está sempre no Daedalus Ridge Golf Course às quintas-feiras.

Frio. Dor. Fome. Riker era um amigo pessoal próximo com todos eles. A maioria das pessoas os chamaria de inimigos, mas Riker sabia o que era um inimigo, e em comparação com os vampiros Shadowspawn, mesmo inanição parecia amigável o suficiente.

Grilhões mordiam os pulsos crus enquanto ele afastava os joelhos para sentar contra a parede de rocha com as pernas esticadas diante dele. Essas eram as duas únicas posições disponíveis para ele, e não era confortável, uma vez que seus braços foram amarrados atrás das costas. Ele foi despojado e espancado, mas no segundo dia de seu cativeiro, uma das filhas do chefe, aquele com o coxeador, lhe trouxe uma calça de pijama de flanela. Era muito curta, mas ele estava grato.

Claro, também ficou tremendamente suspeito, mas não importava quantas vezes ele perguntasse a fêmea, Aylin, por que ela estava lhe dando roupas, ela não respondeu. Sua irmã gêmea, no entanto, o deixou sangrando e quase cego apenas duas horas mais cedo.

Rasha era uma verdadeira cadela.

Perguntou-se como iam Bastien e Nicole. Ele lamentava não ter tido mais tempo para passar com o garoto, mas talvez essas poucas horas que passaram juntos antes de tudo isso acontecer deixassem Bastien com memórias positivas. A ideia de que tudo o que ele conheceria dos pais fosse dor e abuso era horrível demais para suportar.

E Nicole... *Jesus*.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça contra a parede. Ela esteve no encontro dos dois clãs. Ela o viu acorrentado e arrastado. Ele a ouviu. Sentiu-a. E tudo o que podia pensar era como ele deixara as coisas entre eles.

Ele havia gritado com ela para sair de sua cama, em um lugar onde ela deveria ter sido bem-vinda. Em vez disso, ele a assustou. Ele estava tão cheio de culpa sobre como Terese viveu e morreu que não foi capaz de deixar alguém se aproximar.

E se ele não pudesse amar alguém da maneira que ela merecia ser amada? E se não marcasse a fêmea que ele queria? E se ela morresse pensando que era nada além de um fardo para ele? Uma obrigação?

Nicole foi um fardo em primeiro lugar. Definitivamente uma obrigação, nada mais do que parte de sua missão que deu errado. E ele a tratara como exatamente isso.

Mas em algum momento, seus sentimentos em relação a ela mudaram. Ele descobriu que ela não era o figurão mal da Daedalus que ele acreditou que ela fosse, e se alguma coisa, ela tinha um coração maior do que muitos vampiros que conhecia.

Os vampiros Shadowspawn, mais notavelmente.

Idiotas. Eles não poderiam simplesmente matá-lo e terminar com isso, poderiam? Não, eles arrastariam sua humilhação e morte pelo maior tempo possível. Nem uma hora se passava sem alguém vir ao calabouço para torturá-lo. E todas as noites, eles o arrastaram para a sala comum, onde o acorrentavam a um pelourinho para algum saudável entretenimento familiar. Enquanto todo o clã observava, ele foi espancado, cortado, esfaqueado, chicoteado, mijado, sim, era tudo muito divertido. Ele gostava especialmente quando eles jogaram comida estragada para ele e tentava forçá-lo a comer.

Aylin sempre entrava no calabouço após a diversão, os eventos noturnos da sua família, para limpá-lo, mas ela nunca falou. Não que ele estivesse com disposição para conversar nesse ponto. Normalmente, ele não podia ver, e muito menos falar, através do sangue e inchaço.

A porta da câmara se abriu. Apertando os olhos para a luz brilhante fluindo através da abertura, ele se preparou para o que viria a seguir.

Um homem atarracado, que foi construído como um tijolo encheu a porta. — Você tem cinco minutos, — disse o Tijolo, falando com alguém de fora.

Riker cheirou Nicole antes de vê-la, e seu coração guinchou tão rápido que deve ter deixado marcas de derrapagem em suas costelas. Tomado pelo choque, ele só conseguiu ficar boquiaberto quando ela entrou na masmorra.

— Oh, meu Deus. — Ela correu para ele e se ajoelhou ao seu lado, tomando seu rosto entre as mãos. — O que fizeram com você?

Seus ferimentos não eram importantes. O fato de estar aqui e olhando para ele com olhos prateados eram.

— Puta merda, Nicole... você é uma vampira. — Sua voz estava tão estragada quanto seu corpo. Sua mente parecia estar igualmente no lixo, porque não conseguia concentrar suas perguntas ou pensamentos. E como um tolo, ele

também apenas disse a ela algo que ela já sabia. — Por que você está aqui? Como? — Ele engoliu em seco. — Quando se transformou?

— Shh. As primeiras coisas primeiro. — Ela acariciou seus polegares sobre as bochechas dele, seu toque extremamente leve e suave em suas contusões. — Estou aqui para libertar você e Lucy. — Ele puxou os punhos inutilmente atrás das costas, desejando poder tocá-la. — Eles deixaram você ir. Lucy já está com Hunter e Myne.

Graças a Deus, Lucy estava segura. Mas sua situação era um pouco mais séria. — Isso não é possível, — ele disse. — Kars quer torcer cada gota de vida fora de mim.

— Eu tenho algo que ele quer mais do que você morto. — Ela sorriu, revelando suas novas presas brancas imaculadas. — Oh, e, obviamente, a vacina que Chuck me deu não funcionou.

Riker não conseguia parar de olhar para sua boca e a maneira como as pontas de suas presas espiavam por entre seus lábios entreabertos.

— Você está bem? — Ele perguntou asperamente. — Eu sei que você não queria isso...

Ela pressionou o dedo contra os lábios dele. — Estou bem, eu juro. Ainda estou me acostumando com isso, mas estou realmente bem. E se nada mais, isso curou meu hábito de morder o lábio. — Ela lhe deu um sorriso tímido. — No final do primeiro dia eu tinha um lábio super inchado.

Ele puxou suas correntes, desesperado para se aproximar. Meras polegadas os separavam, e ele mal conseguia se mover. Ele precisava tocá-la, precisava sentir por si mesmo que ela estava saudável e inteira. Kars pensou que estava sendo tão inteligente com seus métodos de tortura, mas esta... Esta era de longe a pior coisa da qual Riker foi privado completamente.

— Você está maravilhosa, — ele disse, amando o rubor escuro que se espalhou pelas bochechas dela.

Antes, ele a achava linda, mas a reforma dental, juntamente com a nova energia sensual que vibrava o ar entre eles, a transformara de um elegante gato doméstico a um poderoso tigre muscular. Ele gostaria de poder abraçá-la. Desejava poder levá-la para longe, pegá-la, e fazer amor com ela até que ela jurasse nunca mais deixá-lo.

— Uau, — ela sussurrou. — Posso sentir o seu desejo. — Ela lambeu os lábios, e seu corpo, abusado como estava, disparou como o confiável motor no antigo Land

Rover que comprara após a graduação na formação básica do Exército. — Posso realmente sentir o cheiro. Esta coisa de vampiro é... incrível. — Um escuro brilho astuto manifestou em seus olhos uma fração de segundos antes que ela capturasse sua boca com a dela.

Um gemido de prazer e um rosnado frustrado por ele não poder tocá-la misturou em sua garganta. Ele se inclinou para ela o melhor que podia, encontrando seu beijo apaixonado com igual entusiasmo. Ele dançou a ponta da língua sobre os dentes, testando a nitidez, fantasiando sobre como eles se sentiriam quando afundassem em seu pescoço.

Ele a respirou, deleitando-se com a nova Nicole. Ele venderia a alma para ser capaz de tomá-la ali mesmo. Esticando as restrições ao limite, ele a beijou mais forte, acariciando sua língua sobre suas presas em um ritmo descaradamente sexual. Ele foi recompensado com um gemido que vibrou todo o caminho para sua virilha.

— Oh, meu, — ela suspirou em sua boca. — As presas são...

— Sexys, — completou.

— Eu quero...

— Eu sei.

Ela estremeceu e se afastou, arfando tão forte quanto ele estava. Perguntou-se se seus olhos ficaram azuis da maneira que os dela ficaram verdes incandescentes. — Eles voltarão por mim em um minuto. Eu só queria ver você antes de começar a trabalhar.

— Diz-me o que está acontecendo. O que você tem que eles querem?

— Bebês. — Ela passou o dedo sobre uma laceração na bochecha, cortesia de Fane uma hora atrás. — Eu sei como engravidar vampiros. Posso ajudá-los a conceber.

Droga, isso era enorme. Agora entendia por que Kars negociou. Ele esperou vinte e cinco anos para colocar as mãos em Riker, ele esperaria outros vinte e cinco anos se fosse preciso. Garantir a sobrevivência do clã e toda a raça vampírica valia a pena.

Mas... — Qual é o problema?

— Preciso ficar aqui até que cinco fêmeas estejam grávidas, — ela disse, como se não fosse grande coisa ser mantida pelo Shadowspawn por Deus sabia quanto tempo. — Esta noite é a lua nova, assim, se eu puder conseguir terminar a fórmula

nas próximas seis horas, é possível que nós possamos saber amanhã. Gravidez em vampiros é detectável dentro de horas após a relação sexual.

— É muito arriscado, — ele disse. — Não posso deixar você fazer isso.

— É definitivamente arriscado, — ela disse, e ele se perguntou se ela aperfeiçoou seu tom rápido e eficiente em salas de reuniões Daedalus. — Mas não sei o que lhe deu a impressão de que você tem algo a dizer sobre isso.

Justo. Mas isso era muito perigoso para alguém que era um vampiro durante centenas de anos, muito menos para uma vampira recente.

— Nicole, e se as concepções não acontecerem? Você poderia ficar aqui por anos.

— Vai acontecer, — ela assegurou. — Como Hunter tão gentilmente apontou, eu sou um bebê no mundo de vocês, mas quando se trata disso, eu sou uma especialista. Sei o que estou fazendo. Por este tempo, amanhã, se cinco fêmeas derem positivo, eu estarei livre.

Ele encostou-se à parede, ficando confortável. — Não vou embora até que você faça. Definitivamente não deixarei você se alimentar de qualquer um desses Neandertais.

— *Deixar?* — Ela apontou o dedo em seu esterno. — Você desistiu do direito de ter qualquer contribuição na minha vida quando escolheu uma mulher morta acima de mim, então vamos parar com o ato He-Man. Além disso, eu não planejo me alimentar de qualquer um deles. Vampiros podem pular uma alimentação da lua ou duas.

Ele balançou a cabeça. — Não é bom para você, especialmente durante os primeiros meses após se transformar.

— Isso não é negociável, — ela disse. — Pense em Bastien. Ele precisa de você. Você precisa ir para casa.

— Você também.

Ela sorriu, uma expressão amarga em seus lábios. — Minha casa não é a sua. Você deixou isso muito claro.

— Nicole...

Ela o cutucou novamente. — Agora não é o momento para isso.

— Agora é talvez o único momento para isso.

A porta se abriu, e Nicole, foda-se, se agachou na frente dele como um cão de guarda feroz. Rasha estava na entrada, um demônio enganosamente atraente

delineada pela luz. Tudo o que faltava eram chifres e cascos. Talvez os cascos estivessem escondidos em suas botas de cano alto.

— Hora de ir fêmea, — ela disse.

Nicole voltou-se para ele. — Não se ofereça para ficar. Deixe-os levá-lo para Hunter.

Tudo o que podia pensar era em Nicole presa aqui durante a febre da lua, seu novo corpo desejando sangue de macho, e seu interior He-Man começou a bater no peito. — Você não se alimentará está noite de outro macho.

Ela se levantou, toda a graça e elegância andando de mãos dadas com sua altivez — Eu me alimentarei de quem eu quiser.

Raiva possessiva o fez ver vermelho. — De quem você se alimentou durante a transformação?

— Myne.

Escuridão engoliu a súbita imagem, de Nicole deitada espontaneamente com Myne em sua cama, seus dentes na garganta dele, sua expressão gravada em prazer. Isso já era ruim o suficiente, mas as coisas foram ainda mais longe?

Ciúme territorial queimou em suas veias. Myne agora esteve lá tanto para Bastien como Nicole. Deveria ter sido privilégio de Riker ajudar seu filho a integrar o clã, e Nicole a sobreviver a sua transformação. Deveria ser grato, ele sabia disso. Mas não achava que superaria o fato de que Nicole e Myne estariam ligados para sempre de uma forma que Riker nunca estaria.

— Apresse-se, — Rasha estalou. — Você tem bebês para fazer.

Nicole se encaminhou para a porta, mas Riker não estava pronto para ela sair. Ele duvidava que alguma vez estivesse.

— Espere. — Ele se lançou contra suas restrições, e sangue fresco escorreu de seus pulsos quando as algemas cavaram em sua pele. — Você fez mais com ele? Quando ele te alimentou? — Ele odiava a si mesmo por perguntar isso. E por soar como se a resposta errada fosse destruí-lo.

Nicole virou; seu corpo tenso como uma corda de arco. — Mais uma vez, não é da sua conta. Mas vá se ferrar, Riker, por pensar que eu o beijei após deixar a cama dele. — Ela desapareceu, deixando-o com os seus arrependimentos, sua má atitude, e a cadela Shadowspawn.

Rasha entrou, sua carranca aparentemente permanente gravava sulcos profundos no rosto dela. — Preciso levá-lo para o seu líder.

— Vou ficar.

— Pela fêmea? — Ela bufou. — Você é um tolo. — Suas malditas botas até o joelho estalavam sobre os pavimentos enquanto ela passeava. — Eu darei até amanhã. — Ela pisou na corrente que ligava os pulsos à parede, puxando os ombros com tanta força que ele viu luzes atrás de suas pálpebras. — E você fica nas correntes.



TRINTA

Descobriu-se que apesar de ser uma vampira era geralmente impressionante, o que não era incrível era as emoções de vampiros serem muito mais intensas do que as de um ser humano. Coisas que poderiam ser apenas ligeiramente irritante, agora tinha Nicole lutando para não quebrar objetos contra a parede. Grant e Katina avisaram a ela que o ajuste não seria fácil, e se alguma coisa, eles subestimaram o problema.

Porque entre o espetáculo ridículo de ciúme de Riker e sua situação atual, Nicole estava pronta para rasgar algumas cabeças.

E, como um vampiro, ela tinha a força para fazê-lo.

— Não posso acreditar que estou tentando fabricar um tratamento de fertilidade com paus e pedras em um laboratório que é pouco mais do que um armário de suprimentos, — ela murmurou.

A vampiro designada a ajudar Nicole, Aylin, encolheu os ombros, se desculpando. — Não temos muita utilidade para a ciência aqui. Meu pai diz que a ciência é para os fracos que não podem sobreviver no mundo real.

Nicole lançou um olhar para a mulher loira, que, exceto por seu coxear pronunciado, era quase idêntica a sua irmã gêmea de olhos azuis, Rasha. As semelhanças terminavam na aparência delas, no entanto. Aylin era quieta e reservada, onde Rasha era arrogante e bruta. E ela vestia como uma prostituta.

Após a reunião com Kars, pai das gêmeas e líder do Shadowspawn, Nicole entendeu a personalidade de Rasha, e de onde veio. Aylin, por outro lado, era um mistério.

— Você acredita no que seu pai diz? — Nicole olhou para Aylin do outro lado da mesa improvisada, construída de uma folha de madeira compensada, e se encontrava no topo de dois cavaletes, mantendo-se estável por pedras maciças.

Estacas. E. Rochas.

— Não. — Aylin brincava com os botões de sua camisa vermelha, para combinar seus tênis. — Acho que sobreviver não é tudo sobre ser fisicamente forte. Se fosse, eu teria morrido há muito tempo.

Nicole não podia imaginar Aylin sendo considerada fraca, de qualquer forma. Ela parecia em forma e saudável, e definitivamente era inteligente.

— O que aconteceu com sua perna? — Nicole despejou uma colher de sopa de pó de pimenta habanero na base do líquido que preparou a partir de itens retirados da cozinha, do laboratório e da enfermaria em MoonBound. Bem, os dois últimos eram um e o mesmo, realmente. — Você foi ferida?

— Nasci assim.

Estranho. Nicole nunca ouviu falar de nenhum vampiro que sofresse de um defeito de nascença. Na verdade, a total ausência de defeitos de nascimento foi estudada em várias universidades em todo o mundo. — Onde está sua mãe?

Aylin empurrou uma tigela de aspirina em pó para Nicole. — Ela morreu durante o parto.

— Sinto muito, — Nicole disse, sabendo quão insuficientes eram as palavras.

Aylin deu de ombros. — Nunca a conheci. Meu pai não fala muito sobre ela. — Aylin baixou a voz, mesmo que elas estivessem sozinhas. — Foi meio que um escândalo. Ela era humana quando ele a levou de um acampamento da estrada de ferro no final de 1800. Ela se destinava a ser comida, mas eu acho que ele ficou obcecado por ela. Ele a transformou em vampira, e na próxima vez que eles tiveram relações sexuais, ele a marcou.

Tolamente, Nicole estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelo loiro da impecável pele de porcelana de seu rosto. — Você deve parecer com ela. Não parece nada como o seu pai.

Ela assentiu com a cabeça. — Ele é um vampiro de segunda geração de uma tribo Comanche. De acordo com ele, o meu bisavô era um dos chefes sobre quem lutaram a gralha negra e o corvo.

Nicole mal conteve um revirar de olho nisso. Não só era uma lenda ridícula, mas a afirmação de que Kars era descendente da referida lenda era além de ridícula e repleta de egoísmo.

— Acho que ele está cheio de merda, — Aylin disse, e Nicole riu. Gostava desta vampira.

Nicole adicionou uma colher de chá de pó de aspirina à mistura da fertilidade. — O nome do seu pai é estranho. O que significa?

— Aparentemente, a minha mãe não conseguia pronunciar seu nome Comanche, Karshawnewuti, então o encurtou. Ele não deixa ninguém chamá-lo de qualquer outra coisa agora.

Soou como se Kars se preocupasse com a mãe de Aylin à sua maneira doentia.

Aylin esticou o pescoço para espiar a mistura que Nicole mexia. — Está quase pronto?

— Acho que sim. — Ela só esperava que funcionasse. Sua confiança com Riker foi exclusivamente para o benefício dele. Por dentro, ela estava tão nervosa que seu intestino estava chacoalhando.

Se isso falhasse, Kars a forçaria a ficar até que cumprisse sua promessa, ou ele a mataria.

Manteve o silêncio para Hunter e Myne sobre Kars ameaçar sua vida. E definitivamente não deixaria Riker saber disso.

Aylin abanou-se. — Pode sentir isso?

— Sentir o quê?

— A lua. — Uma tendência erótica infundiu a voz rouca de Aylin. — É quase hora para se alimentar.

Nicole tentou não pensar nisso. Quando chegou com Hunter, Rasha assegurou a eles que um homem adequado estaria disponível para ela se alimentar. No momento, Nicole não se permitiu estressar sobre a ideia de se alimentar de um macho Shadowspawn, sem dúvida, seria escolhido a partir do mais vil dos guerreiros do clã.

Agora, ela começava a estressar.

O calor que vinha crescendo durante todo o dia se intensificou sob a pele, e seus dentes formigavam. Isso era parte da necessidade da lua? Provavelmente, uma vez que seu estômago estava rosnando, mas não desejava por comida. O que ela desejava era Riker.

Idiota.

Ela observou Aylin marchar e se agitar e, finalmente, ela não podia aguentar mais. Ela pegou uma folha de papel dos montes dispersos aleatoriamente pela sala.

— Deixe-me mostrar uma coisa. — Ela acenou para Aylin. — É chamado de origami. — Embora mal tivesse tempo para isso, ela mostrou a Aylin como fazer uma flor e um pássaro.

O largo sorriso de Aylin fez o tempo perdido valer a pena. Nicole teve a impressão de que sorrisos eram raros por aqui.

— Eles são lindos, — Aylin disse. — Posso tentar?

— Vá em frente.

Aylin era uma aprendiz rápida. Ela dobrou o pássaro sem qualquer ajuda. Quando Aylin começou uma flor, os pensamentos de Nicole se voltaram para Riker. Ele foi como deveria? É melhor os desgraçados dos Shadowspawn não terem batido nele antes de o escoltarem até Hunter. O que eles já fizeram a ele foi horrível o suficiente. Nicole tentou esconder seu choque com a extensão de seus ferimentos, mas por dentro, ela estava fumegando.

Mesmo agora, só de pensar nisso, suor frisava em sua testa, e não conseguia parar a mão de tremer enquanto misturava e media vinte doses iguais do medicamento líquido em copos de dose.

Nicole enxugou a testa e olhou para Aylin. Você se certifique que estes sejam dados para as mulheres participantes? Elas devem tomar quinze minutos antes da alimentação e as relações sexuais. — Ela cheirou um dos conteúdos dos copos e fez uma careta. — Tem um gosto horrível. E queimará como o inferno. Vocês realmente precisam de uma máquina para encapsular.

Aylin deu os últimos retoques em sua flor de papel. Ficou perfeita. Nicole precisou de várias tentativas para fazer corretamente essa flor quando foi ensinado a ela. — Farei um pedido.

Nicole piscou surpresa. — Sério?

— Não. — Um canto da boca de Aylin inclinou-se em um sorriso travesso. — Meu pai acredita que se não podemos matar, fazer ou roubar, não vale a pena ter.

E isso inclui um senso de humor. — Ela sorriu. — Bem-vinda à vida em um clã que segue o caminho da gralha negra.

— A gralha negra? — Nicole franziu a testa. — Como na história do corvo e da gralha negra?

— Você deve ser recém-transformada. — Aylin bateu contra o tampo da mesa de madeira compensada, quase derrubando os copos da mistura de gravidez. — Droga, — ela suspirou. — E sim, a maioria dos clãs se identifica tanto com o corvo quanto com a gralha negra. É tudo uma completa besteira. — Ela lançou um olhar disfarçado para a porta. — Não que eu dissesse isso em voz alta.

— Qual é a diferença?

— Você sabe a história básica, certo? Dois chefes lutaram, e, em seguida, um corvo e uma gralha negra lutaram sobre os corpos moribundos, e o sangue deles se misturaram, criando os primeiros vampiros? — Quando Nicole assentiu, Aylin continuou. — Supostamente, o corvo traiu a gralha negra, e quando eles lutaram sobre os chefes, a gralha negra teve que lutar sujo. Portanto, aqueles que se identificam com a gralha negra fazem da sobrevivência e guerra contra o corvo uma prioridade sobre tudo o mais. Para lutar duramente, você deve viver duramente. Eles veem os seguidores do corvo como inferiores e suaves. — Ela endireitou todos os copos de dose em fileiras sobre a bandeja. — Alguns clãs têm interpretações mais rigorosas da lenda do que outros. Shadowspawn é o que eu gosto de chamar *ravengelial*¹⁴.

Nicole riu, embora, na verdade, não fosse motivo de riso. Com a aparente exceção de Aylin, vampiros Shadowspawn eram exatamente o tipo de vampiros que os seres humanos temiam, e davam aos outros um mau nome.

— Suponho que é outra coisa que você não diz muito alto?

— De jeito nenhum. Como regra geral, eu tento evitar o pelourinho.

Um nó se formou na boca do estômago de Nicole. — O pelourinho é onde Riker estava... — ela não podia dizer isso. Não precisava. Aylin sabia, e balançou a cabeça.

— Ele foi muito corajoso, — Aylin disse. — Não importa o que faziam com ele, ele não gritava.

Desgraçados. Desesperada para mudar de assunto, ela empurrou a bandeja de copos de dose em direção a Aylin. — Você vai tomar um?

14 Junção das palavras Raven+Angelical. Gralha negra é a tradução de Raven.

— Mesmo se eu estivesse autorizada a produzir, — disse Aylin, — Eu não faria. Nenhuma criança deve crescer neste clã.

— Você não tem *permissão*?

— Eu sou defeituosa. Nasci em segundo lugar, e tenho isso. — Ela bateu na perna direita. — Somente as fêmeas e os machos mais fortes são permitidos reproduzir.

Nascida em segundo lugar? Que tipo de estupidez era essa? Nicole gostaria de enfiar uma estaca no coração do líder Shadowspawn. — Você pode deixar o clã? Ir para outro lugar?

— Tentei uma vez. — Ela estremeceu ao pegar a bandeja, fazendo os copos chocalharem e tilintarem. — Estou presa aqui até a minha irmã estar acasalada. Então eu serei enviada para o líder do clã de NightShade.

— Para ser seu companheiro?

— Um dos muitos. — O tom enojado de Aylin disse a Nicole o que a fêmea pensava da situação.

E Nicole pensava que era ruim *seu* destino ter sido planejado. — Suponho que não é por escolha?

— Escolha não é algo que a prole de um líder tenha.

Nicole entendia isso mais do que queria. — E quanto a Rasha? Ela deveria casar com alguém?

— Uma vez que ela é considerada um prêmio valioso, meu pai será muito seletivo sobre com quem ele quer que ela se acasale.

Rasha era um *prêmio*? Nicole sentia pena por qualquer pobre idiota que teria de se relacionar com ela para o resto de sua vida.

Aylin se aproximou um pouco mais perto. — Assim... qual é a sua habilidade especial?

Estranho, Nicole esteve tão ocupada desde que se tornou uma vampira que não notou. — Não encontrei a minha ainda. E você?

Soaram passos do lado de fora da sala, sons suaves que Nicole não teria ouvido quando era humana. A voz de Aylin abaixou em um tom conspiratório.

— Eu não tenho um também, — ela sussurrou. — Na verdade, não.

Na verdade, não? Nicole não teve tempo de perguntar mais, porque a porta de madeira deteriorada se abriu, e o líder do grupo de machos que Nicole e Riker encontraram na floresta os perseguindo entrou na sala. Com exceção do manto de

pele ao redor dos ombros, ele não parecia diferente de quando ela o viu antes. Suas roupas ainda estavam manchadas de sangue, e ele parecia poder usar um chuveiro.

— Você está atrasada, — Fane disse. — A alimentação tem de começar. — Seu olhar passou por ela, e ela teve que lutar para não vomitar. De jeito nenhum, ela iria beber dele.

Seus dentes formigaram com o pensamento, porque, claramente, eles não se importam de onde o sangue vinha. Mesmo um canto escuro de seu cérebro dizia a ela que comida era comida e um macho era um macho. Felizmente, os pensamentos mais claros cancelaram os outros. Mas quanto tempo isso duraria? Quando a febre lua chutasse, ela poderia ser levada a tomar o que estivesse disponível.

— Os remédios estão prontos, — ela disse a ele. — Aylin vai distribuí-los.

Fane pegou um dos copos da bandeja e estendeu para ela. — Beba.

Ela não pôde deixar de recuar de suas mãos sujas. O que em nome de Deus estava sob suas longas unhas, de qualquer maneira? — Eu não preciso de...

— Beba, — ele repetiu, menos educadamente neste momento. — Faça ou eu farei isso para você. — Ele mostrou os dentes brancos perolados. Imaginou que seria a única coisa limpa em seu corpo. — Quero ter certeza que você não está tentando envenenar ninguém.

— Vocês são seriamente paranoicos. — Maldição, ela pegou o copo da mão dele e bebeu. E sim, isso queimou. Vaca sagrada, era como se tivesse engolido um pedaço quente de carvão.

Depois que terminou, tossiu, a fome voltou dez vezes mais. O calor na garganta e barriga espalhou por todo seu corpo, concentrando-se em seus seios e pélvis.

— Oh, uau, — ela sussurrou. — Não sei se alguém irá engravidar, mas este material fará querer tentar.

— Não estou servindo uma fêmea hoje à noite. — Fane estendeu a mão e segurou a parte de trás do pescoço dela. — Eu serei voluntário, minha veia e meu pau.

O toque dele era horrivelmente elétrico em suas terminações nervosas, o que provocou pequenas explosões de êxtase ao longo de todas as fibras. Mas ela não estava tão desesperada. Nunca estaria tão desesperada.

Por favor, que eu nunca esteja tão desesperada.

— Solte-a, — Aylin latiu, e embora Fane lhe desse um olhar de desprezo, ele obedeceu. Obviamente, ser a filha do líder vinha com regalias. — Nós temos um homem para ela.

O intestino de Nicole apertou. — Quem?

— Seu homem MoonBound. — Aylin empurrou Fane de lado, ganhando outro olhar. — Ele se recusou a sair.

Os joelhos de Nicole ficaram elásticos com tanto alívio de não ser forçada a se alimentar de um homem bruto e sujo como Fane, e irritação por Riker ficar em vez de ir com Hunter e Myne.

Assim... o que agora? Oh, ela não tinha nenhum problema de se alimentar de Riker, mas sexo? O sexo não seria uma boa ideia se ela *não tivesse* acabado de tomar algo que poderia deixá-la grávida. Ainda assim, seu corpo vibrava com a necessidade, e ela tinha sérias dúvidas se poderia se controlar enquanto se alimentava. Se o toque de Fane a despertou, um que ela desprezava, o que o toque de Riker faria?

— Nicole? — A mão de Aylin caiu sobre seu ombro. — Você quer ir até ele? Você não precisa. — Ela apertou suavemente. — Mas você deve saber que Rasha está de olho nele.

— Ela o *quê*?

— Não é porque ela o quer, — Aylin disse apressadamente. — Ela quer humilhá-lo.

Um grunhido possessivo subiu de dentro Nicole, de um lugar que ela nem sabia que existia. — E que melhor maneira de humilhar um inimigo do que tirar alguma coisa dele enquanto está indefeso?

— Exatamente.

Agora ela entendia. Agora compreendia por que Riker havia ficado com tanta inveja com a ideia de Nicole se alimentar de outro macho. Porque agora, o ciúme como nunca antes experimentou a queimou de dentro para fora. Ciúme, fúria, fome e luxúria fez um inferno de um coquetel potente, e com um grunhido gutural, ela se virou para Fane.

— Leve-me a Riker. Agora.

Os odores inebriantes de sangue e sexo atingiram Riker, mesmo dentro da câmara úmida, onde ele ainda estava acorrentado. O ar zumbia com a emoção familiar de uma tempestade erótica quando a febre da lua tomou conta do clã. Riker apertou os dentes, lutando contra os impulsos que tomavam seu corpo e amaldiçoou seu pênis errante. Normalmente, depois de ter se alimentado de Benet, ele passava o resto da noite sozinho, com uma garrafa de bebida, ou caçando.

Riker estava sozinho, sem álcool, e ambas as mãos estavam amarradas atrás das costas. *Excelente*. Outra forma de tortura Shadowspawn.

E onde diabos estava Nicole? Ele sabia quão difícil a primeira lua nova era para fêmeas recém-transformada, como não podia controlar sua necessidade de sangue, como era difícil para elas diferenciarem fome de sangue e fome sexual. Novos vampiros eram muitas vezes irracionais, sentindo como se as duas fomes tivessem se instalado.

A ideia de que Nicole pudesse saciar sua sede com um macho Shadowspawn comia seu cérebro como ácido corrosivo. Ele não tinha ninguém para culpar além de si mesmo por afastá-la, mas ele jurou que encontraria esse macho e iria desmembrá-lo. Lentamente.

A porta se abriu, e ele se atirou contra as correntes, na esperança de que elas se quebrassem, mas não, os otários mantinham, e...

Seu coração pulou uma batida. Talvez uma centena.

Nicole estava na porta, banhada em luz como um anjo. Um anjo com presas e brilhantes olhos prateados. Sem dizer nada, ela fechou a porta e veio para ele com um rosnado. Ela lhe acertou com força total, derrubando-o para cair de bunda no chão. Sua coluna bateu na parede e a força contra seus ombros o deixou tonto.

Ele não dava a mínima. Não quando Nicole montou suas coxas e afundou suas presas em seu pescoço. Ele gritou em êxtase abrasador, e em algum lugar em seu cérebro encharcado de desejo sexual, ele se lembrou de ser grato a ela por se lembrar de ativar as glândulas de prazer.

Meio sem jeito, ele moveu as pernas debaixo dele. Ela gemeu quando ele se moveu, esfregando seu sexo contra sua ereção. A coisa decente a fazer, dado a última discussão deles, seria dizer a Nicole para relaxar, tomar o sangue, mas ignorar a luxúria.

Mas ele nunca foi decente, então quando ela estendeu a mão sob o cós de sua calça de pijama e levou seu pênis em sua palma, ele engasgou. — Ah, porra, sim.

Ela se contorcia em seu colo, acariciando-o com o punho fechado com o ritmo de sua boca chupando sua veia. *Tão bom. Assim. Malditamente. Bom.*

Um gemido urgente rompeu o peito quando ela pegou o ritmo, esfregando fortemente contra ele.

— Nicole, — ele gemeu. — Você precisa tirar as calças. Pare de alimentar...

Ela rosnou; um som básico, selvagem, que ouviu de lobos cuja comida foi ameaçada.

— Será apenas por um segundo, — ele assegurou a ela. — Você pode tomar a minha veia novamente assim que estiver nua.

Com um grunhido puramente animal, ela se afastou e abriu a calça jeans. Porra, ela estava linda em seu frenesi, tão selvagem como o lobo que ele a comparou. Quando ela deslizou as calças jeans, seu cabelo caiu em ondas indomáveis ao redor de seus ombros, e seus lábios inchados e vermelhos estavam separados apenas o suficiente para revelar uma pequena amostra de presas brancas como a neve.

Fez um grande esforço em suas correntes, sabendo que se estivesse livre, ele estaria nela e dentro dela em cerca de meio segundo.

— Levante-se. — Ele encontrou seu olhar febril. — Enganche em minhas coxas. Deixe-me colocar a minha boca em você.

— Sim, — ela respondeu asperamente quando se levantou.

Suas pernas longas e tonificadas deram lugar a um monte delicado, gordo, coberto por cachos cor morango claros. Ela plantou um pé de cada lado de suas coxas, colocando seu centro exatamente onde ele queria.

— Mais perto, — ele murmurou, inclinando o rosto para satisfazer sua carne enquanto ela se aproximava. Sua boca molhada para ela, seu corpo ansiando por ela, e no momento em que língua escorregou entre as dobras dela, ambos gemeram.

Com o apetite fervoroso de um homem que ficou tempo demasiado sem uma mulher para amar, ele a lambeu, rodando a língua ao redor do clitóris inchado e, em seguida, chupando, bebendo seus sucos doces. Ele engoliu em seco e lambeu, trabalhando-a em um acesso de gemidos apaixonados que fez seu sangue vibrar em seus ouvidos.

— Não, — ela disse em um suspiro estrangulado.

Ela bombeou contra sua boca, tomando o que ela queria, e caramba, ele nunca viu nada tão sexy em sua vida. De repente, ela ficou rígida e soltou um grito estrangulado. Ele arrastou a língua pela sua fenda lentamente, querendo fazer isso durar, mas ela não teria nada disso. Ela caiu de joelhos, cravou os dentes em sua veia, e sentou-se duramente em seu pênis.

— Cristo! — ele gritou. Seu calor escorregadio o cercou, mais quente do que quando fizeram amor anteriormente. Seu novo corpo vampírico era mais forte, mais rápido, mais flexível, e ela estava usando tudo isso.

Seus dedos cravados em seus ombros quando ela se levantou até que a ponta do seu pênis quase conseguiu sair do corpo dela, e, em seguida, mergulhou para baixo, levando-o profundamente dentro dela. Bebendo longamente em sugadas fortes de sua veia, ela fez novamente, mais rápido, então mais rápido ainda, até que seus quadris martelavam o dele. Ela soltou um gemido e ele desfez.

Suas bolas apertaram e pulsaram, e em um jato se fundiu a ela. Ele gritou seu nome uma e outra vez quando as ondas de euforia intermináveis derramaram sobre ele. Ela resistiu, seu corpo inteiro se apertou em torno dele, e seu clímax a levou.

— Nicole, — ele sussurrou. — É isso aí, baby. — Ele arqueou as costas da melhor maneira possível, encontrando seus golpes brutais.

Ela empurrou, mordendo com força. Ele suportou a dor com orgulho, pensando que ele ficaria feliz em passar por isso todos os dias.

Aos poucos, ela se aliviou, libertando os dentes. Ele sorriu para o golpe suave de sua língua sobre a ferida da mordida. Ou Myne lhe ensinara bem, ou o instinto era forte nela. Ele cometeu uma dúzia de erros antes de seu instinto de cura despertar.

Ela caiu contra ele com um suspiro. Ele desejou poder abraçá-la.

— Sinto muito, — ela murmurou contra o peito dele.

— Por quê? — Cara, sua voz estava uma merda.

Ela moveu, e seu pau escorregou de seu calor. — Atacá-lo. Usar você assim.

— Você está brincando? — Ele inalou uma respiração instável, imaginando quanto tempo levaria para se recuperar. Ela o *usou* bem. — Isso é muito normal.

O que não era normal era quão poderoso foi seu orgasmo. Ou quantas emoções ela despertou. E espera, a palavra *amor* realmente passou pela sua cabeça? Sim, ele achava que sim.

Ele esperou que o remorso sobre a vida e a morte de Terese descesse como uma mortalha molhada. Nada. Por alguma razão, a ausência da culpa o incomodava. Ele esteve tão cheio disso por tanto tempo que se sentia quase... desolado. Como se a culpa fosse um membro. Um membro canceroso, talvez, mas algo que era útil, no entanto.

Isso o manteve preparado para a vingança. Assegurou que ele mantivesse a sua mente focada e suas habilidades de luta afiadas, porque a única coisa que ele tinha para viver era fazer as coisas direito para Terese.

— Normal? — Nicole se aninhou na curva entre o pescoço e o ombro. — Uau.

Bem, não completamente normal, pelo menos, não para ele. Sexo com Nicole, a última vez foi facilmente o sexo mais incrível que ele já teve. Mas isso... isso empalideceu o último encontro. — Bem-vinda ao novo mundo.

Preguiçosamente, como se estivesse pronta para um cochilo, ela se afastou para olhar para ele com olhos de pálpebras pesadas. — Isso não acontecerá novamente. Quando eu voltar para MoonBound, eu arranjarei um parceiro de lua.

Tanto para a sensação aconchegante. — O diabos que você vai.

— Nós não faremos isso de novo, não é? — Ela suspirou. — Não posso ficar com você desse jeito.

— Isto, — ele rosnou, — Foi malditamente ótimo.

— E seria ótimo em seus aposentos. Em sua cama. Certo?

Ele hesitou, mais uma vez, esperando que a culpa insana o pegasse pelo maxilar e o desfiasse em pedaços. O pequeno atraso lhe custou.

— Isso é o que eu pensava, — ela disse friamente. — Você provavelmente deve saber que eu fiquei em seus aposentos durante a minha transformação. Com Myne. Na sua cama.

Um atizador escaldante de fúria o empalou do topo de sua cabeça até a base de sua espinha. — Por que você está me contando isso?

— Porque o mundo não acabou, Riker. O fantasma de Terese não veio matar qualquer um de nós. — Ela colocou a mão diretamente sobre seu coração. — Eu sei que você não quer ouvir isso, mas eu te amo. Não sei se eu teria passado pela transformação se não estivesse rodeada por seu cheiro. Quando estava sofrendo e delirante, eu pensei que você estivesse lá comigo, e lutei para ficar. — Ela trancou seu olhar com o dele. — Então, sim, eu te amo, mas vivi toda a minha vida ligada a uma empresa que não quer ou precisa de mim. Não farei isso de novo. Nós

estaremos sempre ligados, porque você me transformou. Mas o que você e eu queremos são duas coisas diferentes.

A raiva drenou abruptamente, deixando em seu lugar um sentimento de medo e uma queimadura estranha perto de seu osso do quadril. — Nicole, eu quero você.

— Você quer *partes* de mim. Quer o que está em minhas veias e entre as minhas pernas, — ela disse, e ele se chutou por fazê-la acreditar nisso. — Não estou te julgando, e acredite, é tentador se contentar com o que você está disposto a dar. Mas eu valho mais do que isso. Joguei fora os grilhões da Daedalus, mas se você não pode fazer o mesmo com Terese, se não pode olhar para mim sem ver um Martin que destruiu sua vida, não temos para onde ir, senão caminhos separados. — Ficando de pé, ela vestiu seus jeans, e ele estava impotente para detê-la. — É melhor eu ir. As fêmeas que receberam doses começarão a vir para o laboratório-armário-de-abastecimento para alguns testes. Você será levado para Hunter agora.

— Eu não vou sair. Não até que você saia. Precisamos conversar, Nicole. — A queimação em seu quadril se intensificou, e ele se moveu para se sentir confortável.

— Nós acabamos de fazer isso, e já passamos por isso, — ela disse, parecendo cansada. — Eu preciso que você vá. Se estiver preocupada com você, eu não posso trabalhar. — Estendendo a mão, ela beliscou a ponte de seu nariz como se tentasse evitar uma dor de cabeça. — Por favor.

Por mais que ele odiasse a ideia de deixá-la aqui sozinha, ele não queria prejudicar o seu trabalho ou suas chances de sair daqui o mais rápido possível.

— Eu deixarei o complexo, — ele concordou. — Mas não vou longe.

— Prefiro que você volte para MoonBound.

— Não sei o que lhe deu a impressão que você tem algo a dizer sobre isso, — ele disse, jogando suas palavras de mais cedo de volta para ela.

Ela levantou uma sobrancelha. — Touché. — Girando, ela se dirigiu para a porta.

Uma sensação de esfaqueamento se juntou a queimadura, e seriamente, que porra? Ele olhou para baixo, com certeza alguém havia fincado uma agulha em brasa em seu abdômen. Mas não, havia uma espécie de marcação avermelhada. Esticou o pescoço um pouco mais, e... *droga*.

Uma pena foi esculpida em sua pele. A Marca do Corvo. Ou a Marca da Gralha negra, se o indivíduo se inscreveu nesse canhão em particular. Riker realmente nunca acreditou nas lendas e superstições dos vampiros, e a fanfarrice de muitos

de sua espécie, especialmente os mais velhos e os que nasceram vampiros, mas agora que ele estava passando por isso, pode ter que reconsiderar a sua posição.

Porque enquanto olhava para a definição do glifo em sua pele, suas linhas ficaram mais escuras e mais distintas, não havia dúvida sobre o fato de que ele não a colocou lá. Definitivamente não havia nenhuma dúvida do que era: a marca de acasalamento que todos os machos tanto temiam e queriam.

Nicole parou na porta, mas não se virou para olhar para ele. — Por favor, não se preocupe. Eu ficarei bem.

Ele estremeceu, a marca esquecida. Ele ouviu essas palavras antes.

Riker não podia evitar, mas sentiu como com Terese novamente. Ele estava deixando Nicole com o inimigo, exatamente como deixou Terese, que também lhe assegurou que ficaria bem.

A diferença foi que desta vez ele não só amava a mulher que estava prestes a perder... ele foi marcado por ela.



TRINTA E UM

De todas as coisas que os Shadowspawn fizeram a Riker, ser vendado e arrastado de sua cela para o acampamento de Hunter vários quilômetros de distância o irritaram ao máximo. Ter sua pele arranhada durante o arrasto não era sequer o pior de tudo. Não, o que Riker odiava era estar cego.

A forma como os outros sentidos tornaram-se excessivamente agudos o deixou muito reativo e combativo, por isso, quando os capangas Shadowspawn o abandonou aos pés de Hunter, ele era uma massa de lacerações, abrasões e contusões, e tinha certeza que seu nariz foi quebrado por dois punhos diferentes.

Após uma breve espera que incluiu um monte de palavras duras e pontapé nas costelas, alguém abriu as correntes em torno de seus tornozelos e pulsos. Ele se levantou com um salto e arrancou a venda dos olhos.

Eles estavam à beira de uma clareira enluarada, com guerreiros MoonBound flanqueando o prado, armas em punho, arcos mirando os machos Shadowspawn. Seja qual for o confronto que teve lugar enquanto Riker era vendado e arrastado, havia terminado, e enquanto ele revirava os ombros para aliviar as dores, o clã inimigo desapareceu nas sombras que lhes davam o nome.

Hunter, vestindo apenas calças de camuflagem e botas, apesar do fato de que o cheiro de neve estava no ar, puxou Riker em um raro e desajeitado abraço. — É

bom ter você de volta e inteiro. — Recuando, ele revisou sua impressão inicial. — *Quase* inteiro. Acho que você deixou alguns pedaços de si para trás.

— É sempre bom ver você também, Hunt, — Riker murmurou. Ele levantou a mão em saudação aos guerreiros e seu protetor místico em pé e silencioso na floresta. — Onde está Myne?

Riker devia ao cara muitos agradecimentos e uma vida de dívida. Riker poderia ter perdido sua merda por ciúme algumas vezes, mas ele sempre soube que Myne estava em suas costas.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. — Hunter fez um gesto para que Riker andasse com ele até o acampamento. — Ele veio com a gente, mas... você sabe.

Sim, Riker sabia. Myne não era alguém que saía com Hunter, e definitivamente não gostava de passar algum de tempo com um grupo. Sem dúvida, ele estava nas proximidades, mas não negociaria histórias de fantasmas e assaria marshmallow em torno de uma fogueira tão cedo.

Ou a qualquer momento.

Hunter ajustou o cinto de arma que atravessava seu peito nu. O cara sempre ficou mais confortável na batalha quando se sentia sem restrições. Riker ficou surpreso por não estar com os pés descalços também. — Você viu Nicole?

Riker assentiu. — Por que você a deixou fazer essa troca idiota?

— Você já chegou a conhecê-la? — Hunter disse ironicamente. — Ela faria isso, eu a deixando ou não. — Isso era provavelmente verdade. Fêmea teimosa. Por alguma razão, esse pensamento o fez sorrir. — E odeio dizer isso, mas foi uma boa ideia, com pouco risco. Se ela conseguir, sua empresa realmente fará algo bom. Acidentalmente, mas eu aceitarei isso.

Agora, Riker não dava a mínima para o que Nicole estava fazendo para o bem da população vampírica. Ele apenas a queria de volta. — Não posso deixá-la com eles.

Fechando os olhos, Hunter virou o rosto para as estrelas. — Eu tinha medo que você dissesse isso. — Ele abaixou a cabeça e atrelou Riker com os olhos tão negros quanto o céu. — Você sempre foi extremamente leal.

— É mais do que isso. — Riker empurrado o cós das calças de pijama desfiado e expôs a asa carmesim acima do seu osso pélvico.

— Oh... maldição. — Uma coruja piou na distância, distraindo Hunter por um segundo. — Isso é uma coisa boa?

Boa? Poderia ser, mas dado o seu último encontro, isso também poderia ser um desastre. — Eu a amo.

— Mas? — Hunter perguntou. Riker deveria ter feito *Eu a amo* soar como um infortúnio total.

— Ela não sabe. — Riker enfiou a mão no cabelo. — Porra, eu não sabia até hoje. Todo esse tempo, eu estive tão preso a Terese e tudo o que aconteceu com ela. — Uma dor bateu em seu peito, logo atrás de seu esterno. — Pensei ter superado isso, mas quando Bastien veio, inferno, ele trouxe toda essa merda de novo.

— Deixe-me adivinhar. — Hunter fez uma pausa para sinalizar a Jaggar e Baddon, e os dois sumiram na floresta para uma patrulha de rotina. O místico protetor, Sabre, esfregou ervas em suas mãos e começou a reforçar as alas defensivas que ele teria criados em torno do acampamento. — Você queria Nicole, mas não podia se comprometer por causa de quem era a família dela, o que eles fizeram a Terese e Bastien, e porque ela era humana. Como estou indo até agora?

Bem no alvo. — Como uma ponta de flecha entre os olhos, — Riker admitiu.

— Então, você finalmente superou isso e decidiu que pode se comprometer, mas agora que ela é uma vampira e foi marcado por ela, se disser que a ama, ela pensará que você só a quer porque ela não é mais humana e porque está marcado.

Claramente, Hunter tinha uma melhor compreensão sobre a situação de Riker, e ele assentiu com tristeza. — Depois da maneira como a tratei antes de se transformar, ela não acreditará que eu iria querê-la se as coisas não tivessem mudado.

Hunter considerou isso. Finalmente, ele deu de ombros. — Cara, você está ferrado.

— Obrigado, chefe, — Riker disse, sem rodeios, — Por indicar o óbvio, porra.

Hunter deu de ombros. — Eu deveria ter sido um terapeuta de relacionamento, ou algo assim.

Sarcasmo à parte, Hunter tinha um ponto. Riker estava ferrado. Não havia como Nicole olhar o passado e achar que ele a queria se ele não estivesse biologicamente ligado a ela. Ele a chutou para fora do quarto dele, pelo amor de Deus.

Talvez ele pudesse implorar por seu perdão. Ele considerou a ideia, mas a rejeitou quase imediatamente. Mesmo que o perdoasse por sua idiotice, ela sempre

questionaria no fundo da sua mente se a marca foi a razão para seu pedido de desculpas e atenção.

De alguma forma, ele deveria convencê-la de que a amava e que não tinha nada a ver com o fato de que ela não era mais humana e ele foi marcado.

A resposta o atingiu como um dos socos de baixo para cima de Hunter, deixando-o atordoado e um pouco abalado. A fim de ganhar Nicole, ele teria que correr um risco enorme e, embora ele sempre jogasse confortavelmente com sua vida, isto era diferente. Desta vez, ele não estava apenas colocando sua vida em risco, ele estava colocando em risco sua sanidade e seu coração.

Nicole passou as próximas vinte e quatro horas no inferno. O enorme complexo de Shadowspawn estava imundo e escuro, e aqueles que viviam nele eram desconfiados e brutais. Os machos tinham pouco respeito pelas mulheres, e enquanto as fêmeas não pareciam ser abusadas e certamente não encolhiam do confronto, elas definitivamente eram tratadas como cidadãs de segunda classe.

Ela não podia esperar para voltar para MoonBound, mas primeiro, ela precisava analisar os quinze testes de gravidez restantes das dezenove fêmeas que tomaram a mistura para a concepção que ela criou.

Bem, dezenove... além dela.

Ansiedade vibrou através da possibilidade improvável de que ela poderia estar grávida de Riker. Até agora, dos cinco testes que verificou, apenas um deu positivo. Sim, uma taxa de sucesso de 20 por cento, especialmente em uma raça que raramente concebia, foi fabuloso, mas também significava que as chances de que ela não estava grávida eram muito boas.

Sua mão tremia quando usou uma seringa limpa para tirar sangue de um frasco que tirara de uma fêmea puro sangue chamada White Fox e injetou sob a pele no dorso largo do Fane. A Daedalus havia determinado que os corpos dos homens reagem aos hormônios da gravidez da fêmea, o que fazia sentido, uma vez que mesmo antes do final do primeiro trimestre, os machos poderiam prová-lo no sangue.

Instantaneamente, uma mancha prateada floresceu em um círculo ao redor do local da injeção. — Positivo, — ela anunciou, e Kars, espreitando com alguns de

seus capangas perto da porta, soltou um grunhido de satisfação, como se ele fosse responsável por fecundar White Fox.

Com a ajuda de Aylin, ela repetiu os testes mais e mais. Negativo. Negativo. Negativo. Positivo. Negativo. Teste número dezanove foi o quarto positivo. Faltava apenas um.

Com o estômago revirando ela injetou a amostra na pele de Fane. Garganta tão apertada que mal podia respirar, ela esperou. Os outros demoraram tanto para revelar positivo ou negativo? Ela estava dividida sobre o que queria ver. Negativo significava que ela não estava grávida e que não conseguiu obter as cinco gravidezes necessárias para sair daqui. Um resultado positivo significava liberdade.

E um bebê que a amarraria a um homem que claramente não quer estar ligado a ela, de qualquer maneira.

Ela ficaria feliz, apesar de tudo. Ela sempre quis ter filhos, ainda que não tivesse pensado que realmente aconteceria. Não com seu horário de trabalho. Não quando os únicos homens que alguma vez conheceu eram empregados Daedalus.

A pele de Fane no local da injeção escureceu... e virou prata.

— Positivo, — murmurou, e depois cortou o grito de júbilo de Kars, acrescentando: — Eu estou grávida.

No silêncio repentino, ela se deu um momento para se recuperar, mas não ia pirar. Havia tempo para isso mais tarde. Neste momento, ela teve de prosseguir e dar o fora daqui.

— Isso é cinco. — Ela olhou para a porta. — Mantive minha parte no trato. Agora é hora de você manter a sua.

Kars veio para ela como um touro, apoiando-a contra a mesa com o equipamento e material que havia trazido com ela.

— Você não vai a lugar nenhum.

Ansiedade e desespero formaram um nó na garganta e a deixou mal conseguindo falar. — O negócio foi por cinco mulheres grávidas. Cinco estão grávidas.

— Não cinco de nossas mulheres, — ele gritou. — O negócio está desfeito. Estamos mantendo você e seu filho.

— O quê? — Ela empurrou contra ele. — Você não pode fazer isso!

— Posso fazer o que eu quiser. — Sua mão apertou a garganta dela. — Você é nossa agora. — Seu desprezo desagradável irradiava malevolência. — Aylin, por que

você não ajuda a nossa mais nova membro do clã a ficar confortável em sua nova casa?



TRINTA E DOIS

Não havia nenhuma maldita maneira de que Nicole se hospedaria neste buraco. De jeito nenhum, ela passaria sua gravidez e parto no que se constituiu um antro de animais selvagens. Claro, o parto seria perigoso se ela estivesse aqui ou em MoonBound, mas o pensamento dessas criaturas lhe prestando cuidados era inaceitável. E se ela morresse, mas o bebê sobrevivesse?

Ela estremeceu com a ideia de seu filho crescer sozinho com esses monstros.

Assim que Kars e seu alegre bando de idiotas saíram, ela começou a trama. Até o momento em que ela e Aylin estavam a meio caminho da cela que Fane atribuiu a ela, ela havia formulado um plano para escapar. Infelizmente, isso envolvia enganar Aylin, a única pessoa que foi gentil com Nicole.

Mas ela precisava sair daqui. Ela faria qualquer coisa para proteger seu filho, mesmo que isso significasse trair Aylin.

— Você está bem? — Aylin perguntou ao se aproximarem da linha de celas que as fêmeas não acasaladas chamavam de casa. Elas eram mais agradáveis do que as de *convivado* que foi atribuída a Nicole anteriormente, mas isso não dizia muito. Uma cama, um cobertor, um travesseiro, e uma caixa de madeira para os pertences não tornava um ambiente caseiro.

— Eu ficarei bem. — Seu estômago roncou, e o som vibrou através da passagem úmida e apertada.

— Você deve visitar a sala de alimentação, — Aylin disse, e Nicole teve náuseas.

A sala de alimentação estava cheia de seres humanos que se voluntariaram para viver no complexo a fim de alimentar qualquer um que viesse a eles, mas Nicole não tinha vontade de se alimentar de ninguém, apenas de Riker. Ela teria que aprender a se alimentar de seres humanos, eventualmente, mas por agora, ela estava bem com o sangue empacotado.

— Eu vou passar. — Ela planejava estar fora daqui em cerca de cinco minutos, de qualquer maneira.

Aylin abriu a porta da cela de Nicole. — Não culpo você. Se eu pudesse caçar, eu faria.

— Seu pai não permite que você cace?

O cabelo loiro de Aylin roçou em sua cintura quando ela balançou a cabeça. — Não sou forte o suficiente. Ele tem medo que eu poderia ser capturada por outro clã e mantida como refém ou algo assim.

— Perdoe-me, mas seu pai é um idiota.

Aylin riu. — Esse é o consenso geral.

Nicole se perguntou se todos não gostavam de Kars, por que o clã não o derrubava. Não que isso fosse da conta dela. Ela gostava de Aylin, e odiava não só o que estava prestes a fazer, mas que ela devesse deixá-la aqui com esse maldito pai.

— Sinto muito, Aylin, — Nicole disse suavemente.

Ela franziu a testa. — Por quê?

Nicole respirou fundo, se preparando. — Por isso. — Ela empurrou Aylin dentro da cela e fechou a porta, ativando o bloqueio. O desapontamento na expressão da fêmea a devastou. — Eu precisei. Sinto muito, mas preciso sair daqui.

— Eu sei. — O tom de Aylin era triste, mas ela sorriu. — Eu esperava que você não fizesse isso, mas esperava isso. — Seu sorriso ficou travesso. — Também espero que você me solte e me deixe ajudar.

Tomada de surpresa, Nicole a soltou, — Por que você quer me ajudar?

Um músculo saltou no maxilar de Aylin, e seus olhos brilharam com desafio. — Posso não ser uma guerreira ou uma caçadora, mas isso não significa que eu seja inútil. Posso fazer mais do que consertar roupas e lavar canecas. — Ela estendeu a mão através das barras como um raio e pegou a mão de Nicole. Suas unhas morderam a pele dela, mas não arranhou. — Não tenho a chance de fazer

qualquer coisa importante, muitas vezes, então aproveito as oportunidades quando elas vêm. Eu posso tirar você daqui.

Rompendo do aperto de Aylin, Nicole pesou a resposta, que parecia genuína. Mas Nicole poderia arriscar não apenas sua vida, mas a de seu futuro bebê na palavra de uma fêmea Shadowspawn? — Eu gosto de você, Aylin, mas...

— Mas eu sou o inimigo, e você não pode confiar em mim, — Aylin terminou. — Eu sei. Mas se não fizer isso, você não sairá daqui. Eu lhe prometo isso. E uma vez que você for pega, eu garanto que nunca terá outra chance de sair. — Ela colocou as mãos em torno das barras de ferro e se inclinou. — Eu entendo por que você não confia em mim, mas nem todos são maus.

Não muito tempo atrás, Nicole disse algo semelhante a Riker sobre os humanos. E ela aprendeu o mesmo sobre o seu povo.

Ela olhou para as celas que duplicavam como quartos privados e pesou os riscos de viver aqui permanentemente. Não havia dúvida. Ela precisava sair daqui, e se Aylin poderia ajudar, ela deveria correr o risco. Afinal, mesmo se isso fosse um truque, quanto pior poderia ser seu tratamento?

Uma imagem de Riker, espancado e sangrando na masmorra, surgiu em sua cabeça, e bem, poderia ficar pior. Mas qualquer bebê era precioso para este clã, realmente, e enquanto ela não duvidava de que seria maltratada, duvidava que eles realmente a ferisse.

Pelo menos, não até que o bebê nascesse.

Estimulada mais pelo medo do que seria de seu filho do que o que seria dela, ela abriu o mecanismo de bloqueio na porta da cela.

— Ok, — ela disse para Aylin. — Vamos sair daqui.

Riker não podia suportar isso. Ele esteve plantado do lado de fora do campo MoonBound por um dia inteiro, e agora, com o sol da tarde começando a se pôr atrás das montanhas, eles ainda não ouviu se o plano de gravidez de Nicole foi bem-sucedido. Os Shadowspawn não deviam ter trazido uma mensagem até agora?

Ele sugeriu que todos voltassem para a sede, mas cada guerreiro, incluindo Hunter, olhou para ele como se ele fosse um idiota.

— Um dos nossos está em apuros, — Hunter disse. — Até que saibamos seu estado, nós ficamos.

Nos dois primeiros anos depois de ser transformado, Riker havia sentido falta do posto militar. Oh, ele não sentia falta de ser humano ou ser traído pelos próprios militares a quem ele dedicou sua vida, mas definitivamente sentia falta da camaradagem, da fraternidade que tinha com sua equipe.

Ele conseguiu essa fraternidade de volta quando aceitou o seu lugar com os MoonBound. As palavras de Hunter agora só lhe lembraram o que ele tinha aqui. E o que ele estava prestes a perder se algo tivesse acontecido com Nicole.

Depois de vinte anos da sensação de vazio, Riker começou a se sentir completo de novo, e foi tudo graças a ela. Mesmo que não pudesse fazer um relacionamento funcionar, ele precisava dela em sua vida. Precisava dela em MoonBound, segura e lá para Bastien.

Ele olhou para o mapa bruto que havia desenhado com uma vara no chão da floresta úmida perto da fogueira. Buracos rasos que indicavam áreas baixas entre o acampamento MoonBound e a sede dos Shadowspawn. Pequenas pedras representavam árvores ou escarpas, onde os arqueiros de MoonBound foram posicionados. O terreno alto que favoreceria os MoonBound em uma batalha foi marcado por um X, e as posições das sentinelas foi atribuído com um O.

Havia muito pouco de tudo.

— Vou patrulhar, — Riker disse para ninguém em particular. Hunter, Takis, e Aiden estavam caçando, Myne estava sumido, e Jaggar foi verificar os batedores que ele designou para monitorar a área ao sudeste, onde Shadowspawn foram localizados. Apenas Baddon, Katina, e meia dúzia de seus guerreiros estavam ao redor do acampamento, e nenhum deles estava prestando atenção nele.

O seu jogo aparentemente era uma situação de vida ou morte.

Ele decolou em direção ao sudeste e fez cerca de meio quilômetro antes de Myne aparecer, vestido da cabeça aos pés de preto e silencioso como uma coruja caindo de uma árvore.

— Como diabos você faz isso? — Riker perguntou.

Myne permaneceu agachado, como pousou. — Eu nasci incrível.

— Você nasceu um pau. — Riker olhou. — Onde você esteve?

— Estive por aí. — Ele se levantou devagar, mas não parava de olhar para o oriente. — Não sentindo vontade de ouvir as besteiras de Hunter.

— O que aconteceu entre vocês dois, de qualquer maneira? — Riker fez a mesma pergunta tantas vezes, sempre com a mesma resposta.

Armas tilintaram quando Myne deu de ombros. — Somente não gosto dele.

Sim, mesma resposta. Havia mais na história, Riker tinha certeza, mas como de costume, o cara não queria falar sobre isso. — Ei, ah... eu queria te agradecer. — Seu rosto aqueceu. Realmente, não há nada mais desconfortável do que dois caras ficando sentimental.

— Pelo quê?

— Por cuidar de Bastien. — Ele forçou sua mandíbula desbloquear o resto, porque, tão grato como Riker estava a Myne, ele não conseguia se livrar completamente da sua inveja sobre Myne estar lá para Nicole. Na cama de Riker. — E ajudar Nicole através de sua transformação.

Finalmente, o olhar de Myne encontrou Riker. — Não aconteceu nada.

— Eu sei.

— Sim? Você também sabe que você é um idiota?

Okkkk. — Isso é uma pegadinha?

Myne soltou um suspiro frustrado e se virou novamente. — Você precisa acasalar com ela.

— Essa decisão é dela.

— Então, a faça escolher você, porque se não o fizer, alguém o fará.

Riker ficou tenso. — O que você quer dizer?

— Idiota, — Myne estalou. — Eu não. Eu nunca vou vê-la como qualquer coisa, senão sua. Mas há um monte de machos não acasalados no clã, e ela é...

— Especial. Eu sei.

Myne articulou, muito lentamente. — Você também sabe que alguém está vindo? Duas pessoas. Fêmeas ou machos jovens.

Merda. Riker pegou um punhal quando Myne puxou suas espadas gêmeas das bainhas em suas costas. Ele ouviu o som de dois conjuntos de pés batendo no chão da floresta, e, em seguida, aproximando-se rápido, o ruído de mais dezenas de pés.

Ele viu Nicole antes que ela o visse. Ela estava correndo, mas a fêmea com ela, Aylin, ele estava certo, estava retardando-a. Ele e Myne correram na direção delas em alta velocidade. Nicole finalmente o viu, mas quando ela gritou seu nome, ela e Aylin foram cercadas por guerreiros Shadowspawn.

Raiva anulou a capacidade de Riker de pensar em algo, senão proteger Nicole. Berrando furiosamente, ele lançou uma lâmina, acertando um dos guerreiros inimigos na garganta. O cara caiu duro, mas mais de três o substituíram. Uma flecha passou pela cabeça de Riker. Ele se abaixou de outras enquanto corria em direção à linha inimiga.

No espaço de cinco segundos, ele e Myne foram envolvidos na batalha, em menor número, e profundamente em apuros.

Nicole gritou o nome dele, mas mal saiu da boca quando o grito de Aylin soou. Ele não podia ver as fêmeas, não poderia ajudá-las, e não quando ele estava lutando contra cinco caras ao mesmo tempo. Ele se esquivou e girou entre os inimigos, enterrando um punhal em uma barriga e, em seguida, girando e cortando peitos e gargantas no retorno. O sangue jorrou, um pouco dele enquanto ele tomava mais do que a sua quota de danos.

Uma pancada na cabeça fez com que visse em dobro, quando ele vacilou em seu eixo, algo cortou seu ombro e o enviou girando em uma árvore. Quando um machado veio em sua cabeça, ele caiu no chão e rolou. Ele curvou atrás de um toco para evitar outro golpe, e o machado afundou na árvore com um ruído surdo que poderia ter pertencido ao crânio de Riker.

Quando o portador do machado puxou a lâmina da madeira, Riker explodiu de pé e jogou um soco duplo no rosto do homem, seguido por uma rodada de pontapés no intestino. O cara caiu, mas havia mais dez guerreiros para tomar o lugar dele.

De repente, gritos de guerra encheram o ar, e em um instante, todos, menos dois dos machos Shadowspawn se espalharam, focados em alvos frescos.

Hunter e o resto dos guerreiros de MoonBound chegaram.

Nova energia cantarolava através de ossos de Riker. Ele congratulou-se com a adrenalina, congratulou-se com o cheiro de sangue, dor e medo que alimentavam seu desejo de rasgar os machos que maltratavam Nicole. A batalha reduziu-o a uma arma de puro poder enquanto ele lutava, abrindo caminho em direção ao último lugar em que viu Nicole, cortando guerreiros de Shadowspawn com um punhal e estrelas de arremesso.

Avistou Nicole enquanto ela lutava contra dois homens que estavam arrastando-a para longe da batalha. Ele gritou o nome dela e tropeçou em um guerreiro Shadowspawn caído, mas ao pousar, ele levou um golpe contundente no

rim. O impacto o fez cambalear, e a dor o fez grunhir em agonia, mas continuou, sem tirar os olhos de Nicole.

Ela amaldiçoou violentamente e afundou as presas profundamente em um dos bíceps do guerreiro. Ele gritou quando ela balançou a cabeça como um cachorro com um coelho, rasgando a carne até o osso. O outro homem com eles trouxe o braço para trás, mão enrolada em um punho. Antes que ele o lançasse na mandíbula de Nicole, Riker bateu o cara por trás e trouxe-o para baixo em um emaranhado de pernas.

Riker levou um soco no rosto, mas o outro homem não foi páreo para as presas de Riker. Ele as afundou profundamente na garganta do rapaz, apertou o cerco, e arrancou a artéria carótida do desgraçado de seu pescoço.

— Riker...

Ao grito cortante de Nicole, Riker meio girou, meio desmembrou o corpo em espasmos do vampiro morrendo a tempo de ver Kars com a mão emaranhada no cabelo de Nicole.

O líder impiedoso do Shadowspawn a empurrou de joelhos e enfiou uma adaga contra a garganta dela. — Abaixе as armas! — Ele gritou. — Ou a cadela morre.



TRINTA E TRES

Nicole engoliu a sensação da lâmina fria pressionada no ponto fraco que dividia sua mandíbula e sua veia jugular. O agulhão disse a ela que havia cortado a pele, e o ódio nos olhos de Riker disse a ela que ele sabia também.

Hunter caminhou em direção a eles, sua parte superior do corpo nu uma massa de cortes, os nós dos dedos cortados. Enquanto as botas trituravam folhas mortas e galhos caídos, ela se perguntava quão difícil era para ele evitar olhar para os mortos e feridos deitados em poças de sangue no chão enquanto passava. Ela ainda não conhecia a maioria deles, mas a visão a rasgou. Ela não podia imaginar o que isso devia ser para ele.

— Que porra significa isso? — A voz de Hunter estava distorcida, deformada com algo perturbador. Malévola mesmo. Raias vermelhas cortavam o negro em seus olhos, e Nicole se encolheu, de alguma forma com mais medo do que estava dentro de Hunter do que da faca em sua garganta. — Nós tínhamos um acordo.

Kars rosnou. — E mantivemos nossa parte no trato. — Ele puxou o cabelo de Nicole, levando-a de pé ao lado dele. — Esta cadela não.

Com o rosto contorcido em uma expressão que prometia dor, Riker se lançou para Kars. Fane o interceptou, abordando Riker pelo flanco e levando ambos para o chão. A fantasia de deixar cair uma bomba de ácido bórico em cima dos desgraçados Shadowspawn passou pela cabeça de Nicole.

Por favor, não os enfrente Riker. Ela chamou sua atenção enquanto ele lutava com Fane. *Por favor.* Se ele se machucasse, ou pior, ao tentar salvá-la, ela nunca se perdoaria.

Ele a entendeu, graças a Deus, e tirou a palma da mão do punhal que estava a ponto de arrancar do bolso da perna da calça militar. Quando ele levantou as mãos, ela observou para se certificar de que ele não ia para uma das armas que ele teria escondidos sob seu moletom preto.

— Ela nos deu apenas quatro gestações e usou minha filha para ajudá-la a escapar. — Kars a puxou novamente, desta vez de forma tão virulenta que seus olhos lacrimejaram. Onde estava Aylin, de qualquer maneira? Aylin manteve sua palavra, e Nicole devia a ela mais do que poderia pagar. — Nicole trouxe esta guerra para vocês. Não eu. — Ele sinalizou para seus homens. — Matem todos.

Oh, Jesus. — Espere! — Ela gritou. — Sabemos que o tratamento funciona. Vou dar-lhe mais no próximo mês...

— Sim, você vai. — Ele sinalizou novamente, mas desta vez, Hunter gritou para a suspensão da matança.

— Pare! — Ele levantou as duas mãos, dedos abertos em um gesto que ela não reconheceu, mas era de clara importância para Kars. — Nuh-hun esu... vedi.

O silêncio caiu sobre a floresta. Até mesmo os insetos e pássaros mantiveram uma trégua estranha, e todos os olhos se voltaram para Hunter. Mas parecia que só Kars entendia o que Hunter havia dito. Tensão estalou no ar quando um raio caiu e Nicole jurou sentir o cheiro de ozônio.

Kars falou, com a voz baixa, mas enroscada com uma corrente elétrica. — *Estaltias en flori esu. Vedi ak'nya.*

Nicole olhou para Riker, mas o seu encolher de ombros quase imperceptível lhe disse que ele não fazia ideia do que estava acontecendo, tampouco. Hunter não fez um movimento. Não por um longo tempo. Quando ele finalmente fez, foi para inclinar a cabeça em um aceno lento de aceitação. Mas a aceitação de quê?

Os dois líderes do clã falaram mais na língua que só eles pareciam saber. O tom da conversa variou de calma para irritado, e por duas vezes pensou que a batalha iniciaria novamente. Depois do que pareceu uma eternidade, as estrias vermelhas desapareceram dos olhos de Hunter, e Kars se afastou dela. Ambos os chefes fizeram sinal para seus guerreiros.

Quando as duas partes embainharam suas armas, ela agarrou o braço grosso de Kars. — Onde está Aylin? O que você fez com ela?

Seu sorriso era arrepiante quando a empurrou para longe. — Ela não é sua preocupação.

Riker chegou a ela quando Kars se afastou, deixando seus guerreiros para recolher seus feridos e mortos.

— Nicole. — Riker engasgou seu nome quando a pegou nos braços e a esmagou contra ele com tanta força que ela ofegou. — Graças a Deus. Oh, graças a Deus.

Ela o abraçou com força, nunca tão feliz em ver alguém em sua vida. — Sinto muito, — ela sussurrou. — Eu sinto muito.

— Pelo quê?

— Por isso. — Ela apertou os olhos fechados contra todo o sangue, morte e sofrimento. Quantos morreram hoje? Quantos sofreriam em agonia enquanto se curavam? — É tudo culpa minha. Se eu não tivesse tentado escapar...

Ele a interrompeu com um beijo tão apaixonado que tirou o fôlego dela. Quando ele interrompeu o beijo, ela estava atordoada. — Você está segura, e isso é tudo que importa.

Olhou para Hunter, que estava ajoelhado, a cabeça abaixada ao lado de um macho MoonBound, morto que ela reconheceu, mas não conhecia. Tudo ao redor, os membros do clã sobreviventes tentavam remendar os gravemente feridos ou reunir aqueles que não sobreviveram. O clã levava um duro golpe, e seria um longo tempo até se recuperarem.

— Que língua era aquela que Kars e Hunter falaram? O que eles falaram?

— Foda-se se eu sei. Nunca o ouvi falar essa língua antes. E nunca o vi assim. — Riker soou tão abalado quanto ela enquanto suas mãos percorriam o rosto, o pescoço, os braços, como se não pudesse acreditar que ela estava viva e inteira. Ela conhecia esse sentimento, porque não conseguia manter suas mãos longe dele, também. — Soou como uma negociação, mas o que quer que fosse, tenho a sensação de que não ganhamos a batalha.

Ela tinha esse sentimento também. E não tinha nada a ver com o fato de que muitos foram feridos ou mortos. Seja o que for que Hunter fez, as consequências estariam com eles por um longo tempo.

Hunter veio a eles, sua expressão grave. — Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça. — Sinto muito, — ela disse. — O que Kars disse sobre eu quebrar o acordo... Não era tão simples. Isso foi...

Hunter a silenciou com um gesto. — Eu sei. Ele é um desagradado sem senso de honra. Ele não deveria ter tentado mantê-la... ou qualquer coisa que pertence a você. — Ele deu-lhe um olhar carregado de sentido, e ela sabia que ele estava consciente da vida que levava em seu ventre.

Riker a colocou na curva do seu braço, e ela se acomodou contra ele como se tudo estivesse bem com o mundo. Não estava, mas por agora, ela precisava disso, mesmo que durasse apenas alguns minutos.

— O que você fez para acabar com a batalha? — Riker perguntou.

— O que eu precisava fazer, — Hunter disse com uma voz cortada que pingava com uma *queda* de vibração.

Nicole nunca foi muito boa em abandonar qualquer coisa, mas neste caso, havia assuntos mais urgentes. — Você trouxe suprimentos de primeiros socorros? Posso ajudar com os feridos.

Hunter sacudiu a cabeça. — Jag está lidando com os cuidados médicos. Quero você fora do caminho. — Ele atirou um olhar afiado para Riker. — Leve Nicole para o clã, e tenha Grant vendo suas feridas. Estou enviando alguns guerreiros com você.

As feridas de Riker estariam curadas quando chegassem lá, mas Nicole manteve a boca fechada. Hunter estava tentando levar sua bunda grávida para a segurança, e ela sabia disso.

— Hunt... — Riker começou, mas o chefe do clã virou para ele com um assobio.

— Não era uma sugestão.

Riker bateu uma saudação sarcástica. — Indo para casa como ordenado, senhor. Saindo agora. — Quando Hunter se afastou, Riker soltou uma maldição. — Tudo o que aconteceu entre ele e Kars vai voltar para morder nossa bunda.

— Estou pensando a mesma coisa. — Ela olhou na direção que ela e Aylin vieram, esperando que a fêmea Shadowspawn estivesse bem. Quanto Aylin arriscou para trazer Nicole para MoonBound? Nicole duvidava que Kars deixaria as ações de sua filha impune. A questão era: quão grave seria a punição?

— Vamos. — Riker pegou a mão de Nicole e se dirigiram para a sede MoonBound.

Imediatamente, vários membros do clã caminharam com eles. A maioria dos guerreiros se manteve atrás, mas alguns olhavam para frente e para os lados em uma manobra tática bem coordenada. Nicole não perdeu a forma como Riker observou todos eles, acenando com aprovação e, uma vez, berrou uma ordem para um homem que ficou para trás um pouco longe demais.

Por um longo tempo, ninguém disse nada, e quanto mais eles se afastavam do local da batalha, mais distante Nicole e Riker estavam. As coisas que eles deixaram inacabada eram como um pé de cabra invisível erguendo-os, até que não estavam mais de mãos dadas.

— Eles te trataram bem? — Riker finalmente perguntou, embora mantivesse sua atenção focada em todos os lugares, menos nela, enquanto falava.

— Eles não me machucaram, se é isso que você está perguntando. — Um esquilo a repreendeu quando passou por cima de uma ravina, dispensando a oferta de Riker para ajudar. — Você viu o Bastien?

— Não desde que saí de Shadowspawn.

Ela pulou outro riacho, amando quão fácil essas coisas eram com seu novo corpo vampiro. Mesmo em uma corrida leve cobria quase o dobro da quantidade de terra que um humano poderia em uma corrida. — Eu senti falta dele.

— Eu também, — Riker admitiu. — Tenho um monte de tempo para recuperar com ele.

— Tenho certeza que você desenvolverá um relacionamento incrível com ele.

— Espero que sim. — Ele diminuiu a velocidade ao se aproximarem de uma pedra gigante, coberta de musgo que ela reconheceu. Eles estavam perto de sede. Pela sua estimativa, eles viajaram 240 quilômetros em pouco mais de três horas, e eles não se moveram a toda a velocidade. — Quem sabe que tipo de dano foi feito a ele, apesar de tudo.

Esperava que Myne tivesse usado a informação para fazer Chuck pagar pelo que ele havia feito. Ela não se desculparia com Riker, por isso. De novo não. Se ele não sabia quão profundo era seu pesar até agora, ele nunca saberia.

Um zumbido baixo e constante vibrou através de seus ossos conforme se aproximavam da sede, e ela percebeu que o zumbido esteve lá o tempo todo, como um sinal de um farol de regresso a casa que ficava mais forte quanto mais perto ela chegava a MoonBound.

— Posso sentir o clã, — ela murmurou. — Uau.

Riker sorriu; um espanto que a fez acelerar o coração. — Significa que você associa o clã com casa. Ajuda a encontrar o caminho de volta.

Emoção a agarrou com tanta força que ela se esqueceu de respirar. Ela não tinha uma casa desde que era criança. Ela teve casas, mas não casa. Agora, ela tinha algo que valia a pena encontrar o seu caminho de volta.

Falando de encontrar o caminho de volta... — Como Lucy está? — Nicole perguntou. — Shadowspawn não a machucaram, não é?

— Não tanto quanto sabemos, — Riker disse sombriamente. — Ela não fala sobre isso. — Os pensamentos de Nicole foram para lugares realmente ruins. Riker parecia saber, e ele parou do lado de fora da sede. Ele acenou a todos, deixando-os a sós sob a luz da lua crescente. — Ela está bem. Mas não sei se você está. Inferno, eu não sei se eu estou.

Algo estava diferente em Riker, mas ela não poderia nomear isso. O que ela sabia com certeza era que ela queria dizer a ele sobre a gravidez e pedir para ele levá-la para a cama. Mas uma criança não mudaria nada. Oh, ela sabia que ele seria um pai incrível, e não havia nenhuma dúvida de que estaria ao lado dela. Mas se ele não terminou com Terese, ele não receberia Nicole em um dois-por-um com o bebê.

— Se você está falando sobre a minha saúde, eu estou bem.

— E se eu estiver falando sobre suas emoções?

— Não tão bem. — Ela suspirou. — Nada mudou, não é?

— Muita coisa mudou. Você estava certa sobre a minha culpa por Terese. — Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e falou rapidamente, como se tivesse medo de esquecer o que ele tinha a dizer caso não falasse logo. — Eu culpava você, e isso não era justo, porque nada disso foi sua culpa. Eu me culpava, mas não queria, e você era um alvo fácil. Eu nunca senti como se Terese teve a vida ou o companheiro que merecia enquanto ela estava viva, porque não importava o quanto eu tentasse, eu não poderia amá-la. Não como eu te amo.

Na admissão, Nicole mal podia formar um pensamento coerente. — Você... o que?

— Você me ouviu, — ele disse ríspidamente.

Ela pensou em voltar no dia em que ele a chutou do quarto dele. Ele esteve tão cheio de veneno. Algo deve ter alcançado a ferida. — O que mudou?

Uma brisa moveu através dos ramos de árvore, e um único floco de neve derivou para o chão entre eles. Riker virou o rosto para o vento, e ela tinha a sensação de que ele procurava uma desculpa para não encontrar o seu olhar. — Eu percebi que fui um idiota.

— Quando? — Ela perguntou, de repente suspeita. — Depois que eu me transformei?

— Antes.

Ela não viu como isso era possível. Ele a havia chutado do quarto dele, e na próxima vez em que a viu, ela era uma vampira. — Mentira.

— É verdade.

— Então por que você não disse nada?

Ele se voltou para ela, seu cabelo loiro despenteado da brisa, e seus dedos coçaram para penteá-lo. — A coisa com Bastien e Chuck. O quarto. Tudo veio em cima de mim de uma vez, e eu me apavorei. Em vez de ceder a minha necessidade de você, eu a afastei. Fui um grande idiota. Um bastardo total. Não tenho orgulho disso, mas é isso.

O que ele dizia fazia sentido, mas havia algo mais acontecendo aqui. Nicole não tinha certeza de como sabia disso, mas seus novos sentidos de vampiro estavam formigando. — Ah.

— Você não acredita em mim?

Ela queria. Deus, ela queria. Como seria fácil dizer sim, aceitar a palavra de Riker. Ela sequer se sentiria tola em fazê-lo, desde que ele não foi nada senão honesto com ela desde o início.

Mas se aprendeu alguma coisa ao longo das últimas duas semanas, era que ela nunca deveria ignorar seus instintos. Ela ignorara seus sentimentos sobre Daedalus, confiara em outros muito facilmente, e os resultados foram desastrosos.

— Nicole? — Riker a chamou, e ela estremeceu com a ligeira fenda na voz dela. Ele sentiu sua dúvida, e ela odiava que sua hesitação o machucasse.

— Eu quero acreditar em você, — ela resmungou.

— Mas não acredita. — Sua expressão se fechou tão completamente que ele parecia uma pessoa diferente. Um estranho. — Então não há mais nada a dizer.

Jogando as palavras do dia em que ele a chutou do quarto dele de volta para ela, ele era bom nisso, ele se afastou, deixando-a parada na entrada da sede.

Com o coração doendo, dor deixando-a congelada no chão frio, ela esperou um longo tempo antes de entrar... mas para que, ela não tinha ideia.

Após se certificar que seus guerreiros sobreviventes estavam sendo cuidados, Hunter caminhou para seus aposentos. Ele foi para o bar antes de fechar a porta, embora o som suave de ar sinalizasse que estava a meio caminho de fechar. Num único movimento fluido, pegou uma garrafa de vodca e um copo em uma mão e deixou-se cair no sofá.

Cegamente, ele despejou a vodca no copo e bebeu três goles enormes. A poderosa queimação não chegou nem perto de lavar os ecos dos mortos.

Ele perdeu seis guerreiros hoje. Mais seis ficaram gravemente feridos. Mais de uma dúzia passaria dois dias miseráveis se recuperando.

Então houve a conversa que ele teve com o líder do Shadowspawn enquanto esperava conseguir Nicole de volta.

Hunter fizera um pacto com o diabo, e o pagamento seria cobrado em breve.

Apropriado, ele supôs, uma vez que um pacto com um demônio foi o que levou à criação de vampiros em primeiro lugar.

Hunter esparramou contra a extensão do sofá, pernas e olhos fechados. Ele não falava a língua antiga dos Anciãos há quase um século, desde a última vez que ele viajou através dos vórtices místicos para Boynton Canyon a fim de se encontrar com Elders. Toda vez que ele falava a língua inerente que ele, e todos os vampiros de primeira e segunda geração nasceram sabendo, isso o sacudia. Drenava-o. Lembrava-lhe que ele era muito diferente de todo o resto do clã.

Ele se perguntou se Kars agora se sentia da mesma maneira. Não que Hunter desse a mínima se Kars estava tão esgotado como ele estava. Seria apenas legal saber que ele não estava sozinho.

Havia momentos em que Hunter gostava de ser um dos poucos da raça que conhecia a verdadeira história dos vampiros, mas esse não era um deles. Que sorte aqueles que como Grant, Riker e Myne acreditavam que a maldição vampírica era cientificamente explicada por vírus ou dois chefes tribais que receberam o sangue de uma gralha negra e um corvo.

Poucos vampiros sabiam a verdade, graças a lendas e meias-verdades fabricadas pelos vampiros de primeira e segunda geração, todos os quais fizeram o juramento do silêncio para o demônio que concedeu o dom do vampirismo.

Como uma segunda geração, Hunter havia jurado segredo, mas cada vez que ele bebia, ele se perguntava por que se incomodava com isso. Por que ninguém se preocupava com isso. Todos, menos dois dos Originais foram mortos, e mais da metade dos vampiros de primeira geração já se foram. Neste ponto, ninguém acreditaria na verdade, de qualquer maneira.

Demônios? Até mesmo Hunter não estava convencido. Pelo menos, ele não estava convencido de que eles ainda existiam. Talvez os demônios das crenças nativas americanas tivessem desaparecido, vítimas de uma falta de educação das velhas formas e deuses. Se ninguém acreditava, como poderia existir demônios?

Ele começou a derramar mais vodka no copo, mas dane-se. Uma garrafa era de vidro, certo?

Jogando o copo de lado, ele colocou a garrafa aos lábios e bebeu. Antigas maldições e juramentos, demônios e diabos, nada disso era importante. O importante era o negócio que ele havia feito hoje. Um acordo que salvou Riker de enlouquecer com a necessidade de sua fêmea que o marcara, e que também poderia salvar a vida de Nicole e seu feto.

Mas também era um acordo que amarraria MoonBound e Shadowspawn juntos para sempre. Kars finalmente conseguiu o que queria, o que ele pressionava Hunter para fazer durante décadas.

Esu Nuh-hun... vedi.

Eu vou acasalar com sua filha.



TRINTA E QUATRO

Algo estava errado. Nicole não sabia o que era exatamente, mas algo estava fazendo seu peito doer. Ela foi a Grant para um check-up, mas foi inútil. Ele poderia realizar os primeiros socorros avançados, mas quando era para examinar o corpo da mulher, ele ficava todo confuso e inquieto. Mal conseguia ouvir seu coração através de um estetoscópio sem hiperventilar. E isso só piorou depois que ela disse que estava grávida.

Ele finalmente foi buscar Katina, mas tudo que Nicole e a outra fêmea fizeram foi beber as misturas Kool-Aid de Grant. Nicole decidiu que gostava de qualquer sabor, azul e roxo.

— Então. — Katina sentou na cadeira de rodinha. — Você rompeu com Riker e seu peito dói. — Ela encolheu os ombros. — Não sou nenhuma cientista, mas até mesmo eu posso ver que essas duas coisas estão relacionadas.

Nicole bufou. — Não é um coração partido. — Sim, ela tinha isso também, mas a dor em seu peito era física. — Há alguma coisa... esquisita. Talvez seja a gravidez?

O sorriso apaziguador de Katina fez com que Nicole se preparasse para o sarcasmo da outra mulher. — Querida, eu sei que você é algum tipo de fisiologista vampírica, mas você deve ter perdido a aula sobre bebês que crescem em sua barriga, e não no peito.

Nicole olhou para Katina antes de fazer o mesmo a Grant, que estava sentado em um computador por perto e riu. — Vocês dois não são de nenhuma ajuda. Eu poderia estar morrendo.

— E eu poderia estar dormindo. — Katina bocejou. — Sua crise ainda não terminou?

— Não. — Nicole cutucou Katina com o pé. — Acorde. Este é o troco por querer me comer.

— Você costumava ser comida, — Katina apontou sem um pinga de arrependimento.

Nicole jogou a cabeça para trás e soltou um som de frustração. Ela não estava realmente chateada com Katina e Grant, ela estava chateada consigo mesma. Ela estava grávida, seu peito doía, e provavelmente ela arruinou seu relacionamento com Riker. Ele tentou dizer a ela que a amava, e ela duvidou dele. Não admira que cada vez que ele a via, ele virava e ia para o outro lado. Ou, pior ainda, ele passava por ela com nada mais do que um aceno educado. Um idiota aceno educado.

Eles se beijaram. Eles se alimentaram um do outro. Eles tiveram relações sexuais contra uma parede. E em um calabouço. Ele usou sua língua sobre ela de uma forma que lhe deu ondas de calor só de pensar.

E ele estava *acenando educadamente* para ela.

— Sabe, — disse Grant, — Riker está bastante miserável, também.

— Poderia ter me enganado, — ela murmurou.

— É verdade. — Katina abateu um tubo de ensaio cheio de líquido de cor laranja. — Esse é desagradável. — Ela arremessou o tubo em um suporte de madeira vazia. — Discuti com ele esta manhã. Ele está mal-humorado e infeliz, como um daqueles vampiros emo da TV que eram populares há algum tempo. Tão fraco.

— Bem, ele nunca foi um cara de risos, — Grant entrou na conversa. — Mas sim, ele está ainda menos jubiloso do que o habitual.

Jubiloso? Quem usava essa palavra? — Ele disse que me amava antes mesmo de eu me transformar em um vampiro, e eu não sabia se deveria acreditar nele ou não.

Katina pensou nisso por um segundo. — Sim, sabe, eu ficaria cética também. Ele tinha muitos motivos para odiar humanos como você.

— Acho que você deveria ter acreditado nele, — Grant disse.

Katina e Nicole se viraram para ele. — Por quê? — Nicole perguntou.

Grant voltou para o que estava fazendo no computador. — Porque os machos não dizem coisas bobas como essa, a menos que queiram dizer isso.

— Então por que ele foi tão rápido em se afastar de mim?

Houve um suspiro alto, e, em seguida, Grant se afastou da mesa. — Ok, vamos dizer que você aceitasse a palavra dele, ainda que tivesse alguma dúvida. Então, mais adiante, os seres humanos fizessem algo estúpido e odioso para os vampiros, da maneira como sempre fazem, e ele se irrita. Começa a discursar sobre quão terríveis são os humanos. Quão autoconsciente você estará? Você saberá se no fundo ele ainda pensa em você dessa maneira? Mesmo você não se preocupando com isso, ele vai. Ele precisa que você saiba que isso é passado, e que ele te ama por quem você é. Não é *o que* você é.

Nicole olhou para o cientista, confusa que ele estivesse tão em sintonia com relações quando estava tão fora de sintonia com praticamente todo o resto.

— Droga, — Katina disse enquanto o olhava de cima a baixo. — Às vezes, você realmente faz sentido.

— Eu sempre faço sentido. — Grant se levantou, puxando a parte inferior de sua jaqueta para endireitá-la. — Todos vocês precisam ouvir melhor.

Nicole o observou juntar os tubos de ensaio vazios. Pessoas acusavam Grant de não ser mentalmente são, mas ela começava a suspeitar que ele era completamente são, ele apenas jogava um jogo diferente.

— Ele sabe sobre o bebê? — Katina perguntou.

— Não contei a ele.

Katina estalou. — Você precisa. E se você acredita no que ele disse, é preciso dizer isso para ele também. — Ela se inclinou e bateu no joelho de Nicole. — Isso fará o seu peito se sentir melhor.

Tantas emoções perto da superfície, deixando Nicole prestes a gritar alto, descuidada. Amor por Riker. Tristeza por machucá-lo. Raiva por ele demorar tanto tempo para se aproximar. E a alegria por ele dar a ela a chance de encontrar uma verdadeira casa entre as pessoas menos prováveis que ela jamais poderia ter imaginado.

Ela devia a ele. Não por causa de todas as coisas horríveis que sua família fez para ele e sua raça. Mas porque sua família havia feito todas aquelas coisas horríveis e ele a amava, apesar disso.

Agora ela só precisava esperar que não fosse tarde demais.

Riker não viu Nicole, exceto de passagem, durante quatro dias.

Isso estava matando-o. Ele a deixou escolher o próximo movimento, deixando-a se decidir se poderia acreditar que ele havia se apaixonado por ela quando ela ainda era humana.

Aparentemente, ela não acreditava nele.

Ele continuou brincando com os pequenos animais de origami que ela fizera, sorrindo ao se lembrar dela, delicada e complexa, bonita e ainda capaz de cortar profundamente. A figura do dragão cortou o dedo dele, mas ela cortou o seu coração.

— Nicole me mostrou como fazer pássaros. — Sentado no balcão da cozinha, Bastien tocou seu dedo na asa de uma borboleta de papel que Nicole havia deixado perto da torradeira.

Hoje foi o terceiro dia consecutivo que ele veio ao quarto de Riker depois que eles lutaram na sala de ginástica. Myne ensinara bem a Bastien, o garoto era um rápido aprendiz, e começava a ter o controle de sua capacidade de ficar brevemente invisível. Uma vez que ele dominasse isso, o poder de ficar invisível, saindo do caminho de um ataque, compensaria sua falta de experiência de combate. Bastien seria um inferno de um ativo para o clã algum dia.

— Eu gostaria que você fizesse um pássaro para mim em algum momento, — Riker disse.

— Eu vou *esculpir* um de madeira para você. Baddon me mostrou. — Riker teve que abafar um sorriso quando Bastien saiu do banco do bar. O menino cresceu, não só fisicamente, mas emocionalmente. — Vou tomar banho e ajudar a Grant no laboratório. Você me ensinará a ler o vento amanhã?

— Pode apostar. Você estará acertando o alvo com as flechas em ventos fortes antes que perceba.

Houve uma única batida na porta e Myne entrou com uma caixa de cerveja. — Furtada do acampamento de um caçador. — Ele apontou para Bastien. — Se vocês estão ocupados, eu posso voltar outra hora.

— Eu estava de saída. — Bastien foi até a porta, mas virou para Riker no limiar. — Até mais tarde, pai.

Bastien desapareceu, deixando a boca de Riker seca e seu coração batendo. — Você ouviu isso? — Ele perguntou a Myne, esperando que seu amigo tivesse ouvido também, e isso não fosse tudo em sua cabeça.

Sorrindo, Myne atirou uma cerveja para ele. — Sim. Muito legal. Acho que ele está avançando sobre os seus problemas com o pai.

Riker não elevou muito suas esperanças, mas foi um bom começo. — Ouvi que você não encontrou Chuck.

— O filho da puta está praticamente trancado desde que Nicole foi levada. — Myne afundou-se na cadeira estofada no canto do sofá. — Vai demorar um pouco antes que possamos fazer um favor ao mundo removendo a cabeça dele.

Riker olhou para sua cerveja, perguntando como Nicole se sentiria sobre isso. Uma coisa era dizer que não ligava para o que acontecesse com seu irmão e a outra era experimentar.

— E Bastien? Você o sondou sobre isso?

— Ele diz que não se importa com o que acontece com Chuck. — Myne bateu sua garrafa contra a de Riker. — Pessoalmente, acho que devemos pegar o bastardo, atirá-lo na sala da prisão, e deixar Bastien tê-lo. Vamos chamá-lo de terapia alternativa.

Riker sempre acreditou na terapia alternativa. Mesmo quando era humano ele sabia que uma bala bem colocada no peito de um terrorista poderia curar a mente e o espírito.

— Como está Lucy? — Ele plantou sua bunda no sofá, pensando que eles conversariam por um tempo. — Não a vi desde que voltei.

— Ela está fazendo amizade com Bastien. Ele lê para ela como um irmão mais velho. — Myne recostou-se na cadeira, segurando a cerveja como um amante. Os terapeutas de Myne sempre tinham nomes como Henry Weinhard e Capitão Morgan. — Agora, o que há com Hunter? Ninguém o viu em dias. Ele esteve encerrado em seus aposentos. Sequer deixa entrar quaisquer fêmeas.

— Nenhuma fêmea? — Riker franziu a testa. — Isso é perturbador. — Quase tão perturbador quanto ver a mudança em Hunter quando ele falara com Kars. Ambos os chefes irradiavam certa energia sinistra que levantou os cabelos na nuca de Riker. Em seguida, houve o brilho vermelho nos olhos deles. Era quase como se tivessem batido em um poço de poder tão forte que seus corpos não poderiam contê-lo.

Myne contraiu um ombro em um meio encolher de ombros. — Estou feliz o suficiente por não vê-lo todos os dias. — Ele tomou um gole de sua cerveja. — Você já falou com Nicole?

O nome dela era uma lâmina no peito. — Eu estava esperando que ela falasse primeiro. Acho que subestimei como se sentia sobre mim.

— Então você quer vê-la?

Riker inalou irregularmente. — Eu venderei minha alma se ela passar pela minha porta.

— Oh. — Myne terminou sua cerveja e bateu a garrafa sobre a mesa de café. — Preciso ir. — Tudo que Riker podia fazer era olhar enquanto seu amigo levantava e saía. Antes que Riker pudesse sequer processar o fato de que Myne foi embora, ele estava de volta, puxando Nicole com ele.

— Que diabos você está fazendo? — A marca formigou, Riker parou, sem saber se Nicole precisava de ajuda ou se estava completamente bem ao ser arrastada para seus aposentos.

— Ela estava esperando no corredor. — Myne a empurrou para frente. — Ela não quis entrar, caso você não estivesse disposto a falar com ela. Desde que você disse que venderia sua alma eu levei isso como um bom sinal. Agora, vocês dois vão me desculpar, mas estou saindo daqui.

— Bem, — ela disse, após a porta se fechar, — Isso não terminou como imaginei.

— Tenho certeza que Myne tem um distúrbio que faz com que ele seja completamente alheio à etiqueta social.

— Hmm. — Nicole sorriu ironicamente. — Percebi isso quando nos conhecemos. Não achei que ele foi educado ao matar o Sr. Altrough depois de conhecê-lo apenas sessenta segundos.

Riker quase gemeu. Essa conversa não ia bem. Absolutamente. — Ah sim. Há algumas coisas em ambos os nossos passados que provavelmente devemos abandonar.

— Eu concordo. — Nicole olhou para a porta do quarto. — Mas se você não está pronto para abandonar tudo, eu posso sair...

— Não! — Ele a interrompeu, sem vontade de deixá-la ir agora que ela estava aqui. Dane-se, ele não perderia mais um minuto quando esperou que ela viesse até ele. Deixá-la ir foi um erro estúpido, e ele ia corrigir isso. Ele queria agarrá-la. Puxá-la contra ele e nunca soltar.

— Você fala realmente sério?

Ele a agarrou. Puxando-a contra ele. Não a soltaria até que ela o obrigasse. — Deus, Nicole, — ele murmurou em seu cabelo, — Já estava com vontade de vê-la há alguns dias. Eu não comi. Não tenho dormido.

Ele respirou profundamente, se confortando com o cheiro dela, que parecia mais forte, mais picante do que antes. A marca, talvez? Fosse o que fosse, sua fragrância feminina penetrou seus pulmões, um ingênuo senso de calma se apoderou dele, como se tudo estivesse certo no mundo.

Braços apertados ao redor dele, ela escondeu o rosto em seu peito. — Sinto muito, Riker. Eu sinto muito.

— Pelo quê?

O tremor na voz dela quebrou seu coração. — Por não acreditar que você.

Ele se afastou para olhar nos olhos dela. — O que você está dizendo?

— Estou dizendo que eu acredito que você me ama, e não quero mais me separar. — Ela limpou a garganta. — E levou apenas vinte doses de sabores Kool-Aid que nunca deveriam ser misturados, uma dor imaginária no peito, e uma conversa de menina com uma vampira e um vampiro que joga Go Fish¹⁵ quando todo mundo está jogando Five-Card Stud¹⁶.

— Não estou entendendo nada disso, mas se tenho você aqui, isso é tudo o que importa. — Ele deslizou uma mão ao redor da parte de trás do seu pescoço para acariciar a pele quente, acetinada, só para congelar com algo que ela disse. — E espere... dor no peito?

— Imaginária, — murmurou. — Mas parecia real.

— Quando isso passou?

Ela encolheu os ombros. — Poucos minutos atrás, eu acho. Por quê?

Ele não estava pronto para compartilhar sua teoria ainda, então pegou uma página de seu manual de táticas favoritas, que era uma manobra de distrair e evadir.

Emoldurando o rosto dela em suas mãos, beijou-a profundamente. Demorou um colossal dois segundos para o seu corpo endurecer e aquecer, e com um rosnado baixo, ele a pegou e levou-a para o quarto.

15 Jogo de cartas de baralho

16 Five-card stud é a primeira forma do jogo de poker, originário durante a Guerra Civil Americana, mas é menos comumente jogado hoje.

Em seus braços, ela ficou tensa. — Você está realmente bem com isso? — Ela sussurrou.

— Você pertence aqui. Você pertence a minha cama e na minha vida. Todos os aspectos do mesmo. — Ele a colocou suavemente no colchão. — Mas tenho uma confissão.

Ela sorriu timidamente. — Eu também.

Deixou-se cair na cama com ela e cuidadosamente deitou de costas. — Você primeiro.

Ele colocou um travesseiro sob a cabeça e se estendeu ao lado dela. O que ele realmente queria fazer era esticar-se em cima dela, mas eles estavam em uma junção crítica na relação deles, e ele não queria mover muito rápido.

Ansiedade praticamente sangrou de seus poros e ele ficou realmente nervoso, muito rápido, porra. — Nicole? O que é?

— Estou grávida, — ela desabafou.

Todos os músculos do corpo de Riker endureceram. — Você está... — ele engoliu em seco. Limpou a garganta. Lembrou-se de respirar. Não podia pensar. — Quando?

— No Shadowspawn.

Shadowspawn? Escuridão se fechou ao redor dele, e ele começou a ofegar. *Nicole... oh, Jesus...*

Ela se empurrou sobre um cotovelo. — Não, oh, Riker, — ela respondeu asperamente. — Não é o que você está pensando. Ninguém me tocou. Eu juro. — Estendendo a mão para ele, ela segurou seu rosto na palma quente. — Foi a noite em que fui para a sua cela. Fane me fez tomar a droga de fertilidade. Aparentemente, ela funciona.

— Nós teremos um bebê? — Seu coração enlouqueceu, batendo loucamente contra seu peito. Excitação e medo sugou o ar de seus pulmões. Não havia nada que ele queria mais do que uma família, mas o parto era extremamente perigoso, e sem parteira para ajudar ele poderia perder tanto Nicole e o bebê.

— Posso sentir o seu medo. — Ela o beijou levemente nos lábios. — Mas por favor, não se preocupe. Quando pesquisei o tratamento de fertilidade, descobri que Daedalus não perdeu uma única fêmea ou criança durante o parto. Acredito que a fertilidade e o parto estão relacionados. Tenho nove meses para descobrir. Não é o

momento ideal, mas... — ele a esmagou em um abraço de urso. — Ok, ok, — ela disse com uma risada. — Qual é a sua confissão?

Lentamente, ele a libertou de seu aperto. A curiosidade gravada na expressão dela o fez se contorcer. Ela estava aqui porque o amava, mas ela acreditaria que ele a amava depois que ele dissesse sobre a marca? Ele hesitou, querendo esticar isso, porque esse poderia ser o último momento íntimo e feliz que teriam.

— Bem? — Ela solicitou, e a pressão se construiu em seu peito.

Ele limpou a garganta, tentando ganhar mais tempo. Finalmente, quando ela começou a bater o pé no colchão, ele perguntou: — Você acredita que eu me apaixonei por você antes de se transformar, certo?

— Acredito.

— Tem certeza?

Ela afastou, olhando-o com cautela, e ele odiava fazer isso com ela. — Isso é sobre o quê?

Segurando a bainha da camisa, ele a puxou sobre a cabeça. O olhar dela caiu imediatamente para o seu peito, e teve que admitir que gostou da forma como seus olhos ficaram famintos. Ele abriu a braguilha e puxou uma aba de lado para revelar o novo glifo de pena que pulsava em sua pele.

Franzindo a testa, Nicole se inclinou, e então ela se endireitou tão rápido que quase caiu da cama. Poderia, se ele não a tivesse agarrado.

— Meu Deus... — sua boca trabalhou silenciosamente por um momento. — Isto é... uma marca impressa?

— Foi na noite em que ficou grávida, — ele disse apressadamente, estúpido, porque quando mais poderia ter acontecido? Eles só tiveram relações sexuais uma vez desde que ela se transformou em vampira. Tentando parecer um pouco menos estúpido, acrescentou, — Acho que é por isso que você sentiu dores no peito. Vampiros podem sentir emoções de outras pessoas através de aromas ou manifestações físicas, mas eles têm que estar em estreita proximidade... a menos que o macho seja marcado. É raro, mas às vezes, a fêmea pode realmente sentir as emoções fortes do macho, mesmo quando eles estão a milhas de distância.

— Então, você está dizendo que eu estava sentindo...

— Minha dor, — completou.

Seus longos cílios negros voaram para cima enquanto seus olhos se arregalavam. — Meu Deus. Se eu soubesse antes o quanto você estava sofrendo, eu teria vindo antes.

Ele se inclinou e a beijou, indo novamente para a estratégia de distrair e evadir. — Eu acho que temos mais tempo para compensar, então.

— Estou sendo manipulada, não é? — Ela murmurou contra seus lábios.

Rindo, ele ergueu ambos do colchão, ansioso para tirá-la de suas roupas. Ela parecia a bordo com esse plano, estendendo a mão para a braguilha. Mas em vez de ir onde ele pensava que ela ia, seus dedos encontraram as salientes linhas vermelhas que definiam sua marca. Um choque intenso, quase orgástico, atirou diretamente para sua virilha, e ele assobiou com prazer. Um sorriso travesso se contraiu no canto da boca dela.

— Acredito que eu poderia me divertir com isso, — ela murmurou.

Ele também pensou que ela poderia. — Todas as vezes que quiser.

Ela mordeu o lábio enquanto traçava o glifo de pena em cada curso do seu dedo, fazendo-o respirar mais rápido. Entre as pernas, sua ereção doía, querendo a mesma atenção.

— Também acredito, — ela disse, em uma voz rouca, íntima, — Que tomarei o tempo de sua marca e minha gravidez como um sinal.

— Um bom?

Ela deslizou a mão para seu pênis, e ele gemeu. — O que você pensa?

Pensar? Essa habilidade desapareceu. Extraíndo o ar dos pulmões tão estreitados que pareciam punhos, ele tirou a blusa dela. Ela estava gloriosamente sem sutiã, e ele beijou cada peito antes de abrir caminho com os lábios e a língua para seu abdômen, onde seu filho estava crescendo.

— Estou tão feliz por ter encontrado você, — ele disse contra a extensão suave da pele entre os ossos do quadril. — Desisti de viver quando Terese morreu, mas você me devolveu isso. Você também me deu um filho, e agora me dará outro filho, ou uma filha. Não posso agradecer o suficiente.

— Isso de novo? — Ela brincou. Ela enfiou os dedos pelos cabelos e forçou sua cabeça para que seus olhares se encontrassem. — Eu deixarei você me agradecer repetidamente, várias vezes ao dia. — Seu sorriso ficou perverso. — Talvez eu vá exigir.

— Sim?

— Sim.

Era sua vez de ser impertinente, e ele arrancou a calça jeans. Ela não estava usando calcinha.

— Cansei da calcinha da vovó, — ela disse. — Achei que você não se importaria.

Ele soltou um ronronar de aprovação e puxou as calças pelas suas pernas. — Você está pronta para alguns sérios agradecimentos? — Ele perguntou, girando para que seu corpo ficasse aos pés da cama.

— Oh, sim, — ela respirou. — Agradeça-me. Agradeça-me forte e rápido. E, em seguida, forte e devagar.

Ele fez. De novo e de novo. E depois, quando estavam deitados juntos em um emaranhado de braços e pernas, ele sabia, sem dúvida, que ele nunca poderia agradecer o suficiente.

Mas ele se certificaria de agradecer todos os dias.



EPILOGO

Hunter estava do lado de fora da tenda cerimonial que ele ergueu perto da sede de seu clã décadas atrás, com o coração acelerado. Todos os anos, em seu aniversário, ele vinha a esta enseada rochosa para buscar a orientação do demônio que começara tudo isso. E todos os anos ele saía do refúgio do búfalo sem respostas. Ele nunca viu o lendário demônio, e pouco a pouco, a dúvida erodia suas crenças.

Desta vez, precisava ser diferente. Não era o seu aniversário. E isso não era sobre respostas ou provar a existência do demônio. Era sobre uma maldição que seria ativada no momento em que ele tomasse uma companheira. Uma maldição que ele sabia que não era forte o suficiente para sobreviver.

Baddon e Myne o ladearam, punhais em punhos, esperando pelo sinal dele. Myne era o mais cabeça dura, desobediente filho da puta no planeta, mas nem mesmo ele se esquivou do dever cerimonial. Ele era um vampiro nascido, e Nez Perce, a honra fluía espessamente em suas veias. Ele respeitava a tradição e ritual.

Ele também gostava de fazer Hunter sangrar. Então, sim, esta era sempre uma grande diversão para ele, e a única vez que Hunter poderia contar com ele para aparecer quando ordenasse.

Revigorado da cerimônia de acasalamento de Riker e Nicole, Hunter acariciou os ombros e deixou o manto cerimonial cair aos seus pés, deixando-o nu no meio

da fria noite cortante. Sinal dado, Baddon virou na frente dele. Sua lâmina de prata brilhou ao luar quando ele fez um corte superficial no peito de Hunter. O aguilhão da faca de Baddon foi fugaz, mas de Myne não seria.

Baddon se afastou, e Myne tomou seu lugar, um sorriso ansioso curvando seus lábios enquanto apontava a ponta da adaga no esterno de Hunter. A dor fez Hunter apertar os dentes conforme Myne tomava seu tempo esculpindo um corte profundo por todo o caminho até o umbigo de Hunter.

Myne era um idiota.

Ciente de que Hunter estava sangrando bastante, Myne recuou. — Que sua busca do espírito lhe traga boa sorte, — ele murmurou, o sentimento genuíno atrás das palavras deixou Hunter ligeiramente espantado.

Baddon abaixou a cabeça. — Que o espírito esteja com você.

Hunter reconheceu ambos com acenos. Mas não estava aqui para falar com o seu totem animal ou entrar em contato com qualquer espírito. Como vampiros nascidos de terceira geração, eles não saberiam sobre o demônio, e Hunter não poderia dizer a eles. Eles provavelmente não acreditariam, de qualquer maneira.

Às vezes, até mesmo Hunter não sabia no que acreditar.

Ele caminhou dentro da tenda, os pés descalços, tocando as macias peles de animais que cobriam o chão. No centro da tenda, o pequeno fogo que Baddon havia preparado crepitava, suas chamas chamando-o mais perto.

A energia nervosa fez a mão de Hunter tremer quando arrastou a palma da mão em seu peito sangrando e, em seguida, reuniu algumas ervas e gramíneas da caixa de madeira colocada perto do fogo.

Ajoelhado, ele jogou as ervas revestidas no seu sangue nas chamas. Quase instantaneamente, a tenda se encheu com uma névoa perfumada que provocou suas narinas. Hunter fechou os olhos e respirou fundo, levando a fumaça em seus pulmões.

— Vinde a mim, — ele sussurrou.

Uma névoa acinzentada nublou sua mente, e o chão cedeu debaixo dele. Pressão construiu em seu peito, um esmagamento, uma sensação de espremer que transformou cada respiração em um chicote ardente de agonia. Ao mesmo tempo, um zumbido intenso vibrava em cada célula de seu corpo. Ele sentiu como se pudesse desmaiar a qualquer momento. Odiava essa parte do ritual, quando estava dividido entre a vontade de vomitar e querendo gritar com o êxtase. Este era o ponto

onde o seu animal totêmico, um urso pardo, que muitas vezes aparecia para ele, mas não foi para isso que ele veio, e através de uma espessa névoa de cores rodando em sua cabeça, ele gritou novamente.

— Samnult. Mostre-se.

Maldito seja, demônio, se você existe, agora é a hora de provar isso.

Através de um zumbido nos ouvidos, ele ouviu uma voz. Chamou a ele, e então ele gritou quando uma onda de maré de euforia tomou conta dele. Era como se flutuasse, embalado pelo calor enquanto um milhão de mãos acariciavam, dentro e por fora. Ele era sexo. O ar o tocando era sexo. O fumo que respirava era sexo.

— Hunter. — A voz incrivelmente profunda rolou por ele como um orgasmo, e ele gemeu com o prazer. — Abra seus olhos.

Hunter obedeceu, encontrando um homem envolto em peles parado do outro lado da tenda. Anéis de ferro circulavam a pele marrom-avermelhada de seus braços. A pintura carmesim raiava o rosto até os cantos de sua boca, por onde desaparecia no cabelo tão negro que absorveu a luz do fogo, deixando o homem cercado em uma roda, pulsando sombra.

O mundo em torno de Hunter deu uma guinada.

Demônio. E não apenas qualquer demônio. Este era o demônio.

Como se uma porta secreta dentro da cabeça de Hunter fosse desbloqueada, centenas de anos de história folheou seu cérebro como um filme avançando rapidamente. As origens da raça dos vampiros vieram a vida vibrante em sua mente. Tudo o que ele aprendera sobre os doze chefes originais era exatamente como foi dito.

Os chefes, guiados por visões de guerra entre tribos e uma invasão de homens brancos, havia convocado um demônio que eles acreditavam ser um deus. Samnult lhes prometeu força incomparável, velocidade e imortalidade, em troca de lealdade, obediência e a criança primogênita de todos os vampiros acoplados da primeira e segunda geração.

Chamas brilharam nos olhos de ébano do demônio. Chamas reais que chamuscaram tudo o que tocava. Incluindo a pele de Hunter. — Você me chamou. — Não era uma pergunta.

Nos recessos sombrios da mente de Hunter, ele sabia que deveria estar mais chocado e aterrorizado do que estava. Deveria estar angustiado por isso ser real. Mas, como a fumaça de ervas girando em torno dele, nada parecia fora do comum.

— Eu chamei, — Hunter disse, inclinando a cabeça uma fração de polegada. — Como tenho tentado fazer todos os anos desde o meu vigésimo aniversário, Samnult.

— Me chame de Sam. — Sam descobriu a boca cheia de dentes que seria mais adequado para uma orca. — E não tente me envergonhar novamente. Não se você gosta de ter seus órgãos dentro do seu corpo.

Certo. Sam. E sim, Hunter prefere não ser virado do avesso. — Anotado. Chamei porque estou tomando uma companhia...

Sam o interrompeu com um gesto afiado. — Estou ciente. A união com Shadowspawn. A mais velha das filhas gêmeas de Karshawnewuti. — Ele bocejou, como se tudo isso fosse muito chato para ser incomodado. — Você sabe o negócio.

Os primeiros sinais de medo e raiva quebraram através da névoa de agonia/êxtase do ritual. — Não entregarei meu filho primogênito para você.

Hunter preferia cortar sua própria garganta a entregar um bebê nas mãos de um demônio.

A voz de Sam degenerou em um rosnado serrilhado. — Então, você e sua companhia verão seu filho sofrer antes de morrer uma morte horrível e miserável.

Hunter realmente queria dar a Sam uma *morte horrível e miserável*. — Não se você retirar a maldição.

— Poucos fizeram esse pedido. — Sam cruzou os braços sobre o peito. As peles, algumas das quais não pareciam ter vindo de qualquer animal que Hunter já viu, se separaram, revelando um caminho para as escamas pretas sobrepostas em seu peito. — E por que você acha isso?

— É porque quem não lhe pediu para retirar a maldição é um imbecil que não merece ter filhos. — Hunter se aproximou; determinado a fazer o demônio entender quão sério ele estava sobre isso. — Eu farei qualquer coisa.

Um sorriso maníaco de dentes afiados de Sam era como algo saído de um filme estrangeiro, e Hunter foi o personagem idiota que pensou que negociação seria uma boa ideia.

— Então, — Sam disse em uma voz que deixou o cabelo de Hunter em pé, — Se lhe pedisse para se ajoelhar diante de mim e chupar meu pau, você faria isso?

Hunter caiu de joelhos. Ele teria de se afogar em vodka mais tarde, mas não estava mentindo quando disse que faria o que fosse necessário para salvar a vida de seu filho.

O sorriso de Sam desapareceu quando desviou o olhar para o fogo, que deflagrou como se ele tivesse jogado gasolina.

— Se você quer ser liberado do trato que fiz com os doze chefes, você deve primeiro passar por uma série de testes. — Sam fez um gesto para Hunter se levantar. — E um deles é não chupar o meu pau.

Graças aos espíritos. Hunter não se afogaria em vodca e cuidaria de uma resseca do tamanho de um urso mais tarde. Ele se levantou. — Eu aceito.

— Tolo. — A sombra em torno do demônio fervia como uma coisa viva, e Hunter perguntou se era uma medida da irritação de Sam. — Você não sabe sequer o que envolvem os testes.

— Não me importo com o que eles envolvem.

Sam estendeu a mão e arrastou um terrivelmente longo prego preto sobre o corte que Myne havia feito. Hunter sugou ar quando o sangue fresco escorreu da laceração recém-aberta.

— Antes que seu julgamento comece, você deve escolher uma das gêmeas para acompanhá-lo. Você não pode passar através da membrana para o meu reino sem a sua companheira pretendida ou a irmã dela. Não importa qual, uma vez que nas veias delas correm o mesmo sangue. Mas considere isto. — Ele fez uma pausa na trajetória descendente do prego um pouco acima do umbigo de Hunter. — Não importa qual você escolher, você vai morrer.

Hunter recuou, e se afastou do demônio. Morrer? Sua escolha era nunca ter filhos com sua companheira ou morrer?

— Se eu vou morrer nesta porra de missão, qual é o ponto de fazer esses testes?

O fogo rugiu dez vezes o seu tamanho original. As chamas lambiam os suportes da barraca de madeira. O calor bateu em Hunter, provocando bolhas em sua pele e carbonizando seu cabelo. O cheiro de carne queimada encheu o ar, mas Hunter se manteve firme, sofrendo a agonia abrasadora com os dentes cerrados.

— O ponto é que, mesmo que você não vá nessa missão, você vai morrer. — A mão de Sam estalou para fora para pegar Hunter pela garganta. Baba escorria dos dentes do demônio orca, que parecia muito maior do que ele era um momento atrás. — Antes que o inverno termine, você estará morto.

— Novamente, — Hunter disse entre dentes, — Por que eu deveria ir a seu teste estúpido?

O demônio gargalhou, um som sinistro e ressonante que transformaria a medula de um caçador em gelo. — Porque ir com uma das fêmeas Shadowspawn é a sua única esperança de sobrevivência. Ambas as gêmeas seriam a sua morte. — Em uma lufada de ar, ele se virou para névoa, sua forma torceu com a fumaça do fogo. Enquanto as chamas se apagavam e a fumaça se dissipava, a voz do demônio ecoou na cabeça de Hunter. — Mas apenas uma delas escolherá trazê-lo de volta.